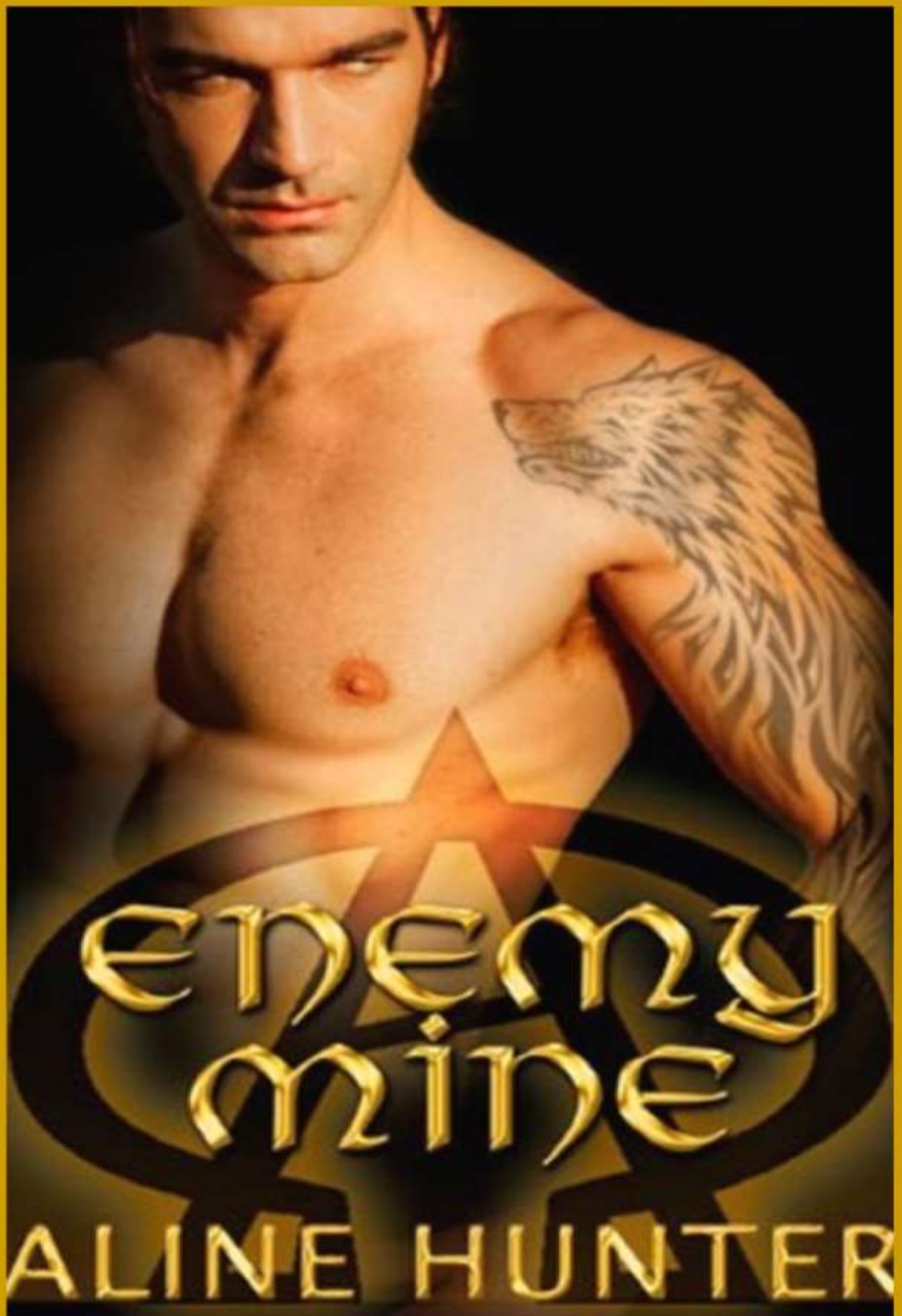






MIEU INIMIGO

ENEMY MINE

SÉRIE

ALPHA E ÔMEGA

LIVRO DOIS



ALINE HUNTER



ENVIO: *Soryu*

TRADUÇÃO: *Silas*

REVISÃO INICIAL: *Silas*

REVISÃO FINAL: *Joy Lorelano*

LEITURA FINAL: *Chayra Moom*

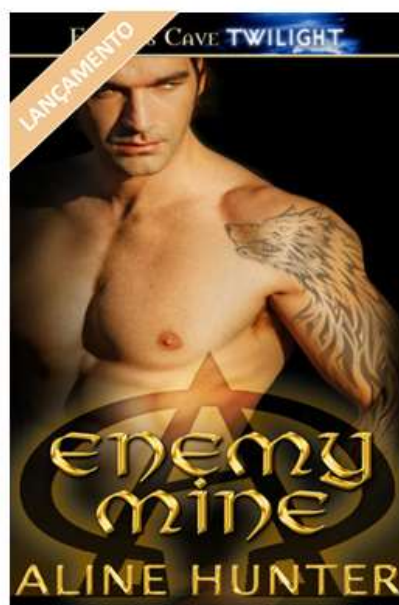
FORMATAÇÃO: *Chayra Moom*

PEGASUS APRESENTA



SOBRE A SERIE

SÉRIE ALFA E ÔMEGA - BY ALINE HUNTER





Aviso

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo *Pégasus Lançamentos* de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Favor Não Publicar Nossos Arquivos No Facebook

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
Se Você gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo
de forma desnecessária

Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original

*Pégasus
Lançamentos
Equipe Pegasus Lançamentos*

SINOPSE

Separados pelo sangue. Unidos pelo destino.

Emory é um shifter vivendo no limite. Durante anos ele lutou contra a sua natureza Alfa. Em seguida, ele encontra a única mulher capaz de acalmar sua besta selvagem, Mary, que incita a fome carnal que o deixa ansioso e ardente. Doce, gentil e incrivelmente bela, Mary é tudo o que falta para completar a ele e ao seu lobo. Infelizmente, ela também é algo mais, um Pastor, grupo de caçadores determinados a destruir a sua espécie.

Emory descobre que ganhar a confiança de Mary é a menor de suas preocupações. Os parentes de Mary a querem de volta. Se Emory não entregá-la, eles vão fazer tudo que estiver em seu poder para resgatá-la da matilha. Enquanto o perigo se aproxima, a paixão que existe entre eles arde em um vínculo que se recusa a ser quebrado.

Se Emory quer manter a sua companheira, ele terá que protegê-la, a qualquer custo.

DEDICATÓRIA

Esta história não teria sido possível sem a ajuda dos meus parceiros de crítica, leitores beta, amigos e familiares. Obrigado por fornecer tanto informações e conselhos. Para os fãs que gostaram de Omega Mine, seu apoio significa o mundo para mim. Eu não posso agradecer o suficiente para espalhar a palavra e pedindo mais. E, como sempre, eu tenho que mencionar o meu editor, que faz tudo o que eu criar muito melhor. Ann, você é a melhor.

PRÓLOGO

O cheiro de fogo e morte se misturou, a combinação desagradável de aromas queimava o nariz de Emory Veznor como pimenta vermelha. Apesar dos cheiros, o lobo dentro dele se deliciava com a glória de matar, deleitando-se com o gosto metálico do sangue em sua língua. Ele levantou a cabeça da garganta de sua presa - observando o olhar vazio do homem morto que mirava o céu azul da meia-noite - e estudou a carnificina ao redor dele.

Seus companheiros de matilha estavam trabalhando em dois outros Pastores, mostrando-lhes os dentes afiados enquanto emitiam rosnados guturais. Eles giravam em torno dos homens em um lento círculo. O único humano no bando – Caden Stone – estava afastado do grupo, do lado esquerdo. Ele estava ocupado remodelando o rosto de um Pastor caído no chão, socando-o várias vezes no nariz. Quando a matilha atacou haviam seis Pastores prontos para interceptá-los. Agora esse número estava reduzido a três. Emory estava tentado se juntar à briga, rosnando e mordendo os assassinos que vieram destruí-los, mas não foi para isso que ele viajou centenas de quilômetros.

Finalmente a viagem estava chegando ao fim.

Mary.

Ele começou a mudança para a sua forma humana, consciente de que sua companheira teria medo se ele fosse ao seu encontro em sua forma de lobo. Inferno, ela já estava com medo do que ele era. Ela já tinha visto o que habitava sob sua pele e isso tinha feito com que

ela fugisse. Na época, ele não pode ir atrás dela para explicar. Ele esteve muito ocupado se esquivando dos tiros que os seus parentes sedentos de sangue disparavam, e tentando se manter vivo. Eles o haviam desafiado ao ameaçar sua companheira, e destruíram qualquer esperança que ele tinha de fazer Mary entender quem e o que ele era. Por causa disso ele teve que voltar para sua matilha em Nova York. O que não ajudou. O perigo veio bater na sua porta, trazendo destruição e perda para aqueles que amava. A destruição de tantas vidas da matilha em uma explosão foi o que trouxe Emory para este momento.

Não pense sobre isso agora. Concentre-se no que você veio fazer.

Ele terminou a mudança e passou as costas da mão sobre os lábios. A pele ficou suja de sangue, a mancha era vermelho vivo contra seus dedos bronzeados. Nada bom. Ele teria que limpar seu rosto, no mínimo, antes de procurar sua companheira. Ir até Mary nessa condição só iria piorar as coisas. Ela era muito jovem e inocente para compreender plenamente o que ele queria dela. O tempo não estava ao seu lado, mas ele estava determinado a fazer tudo ao seu alcance para facilitar a transição, para ajudá-la a aceitar o seu futuro, juntos.

-Ela não está no prédio, Emory.

Emory olhou para cima e encontrou o olhar de seu irmão.

Trey tinha voltado para sua forma humana, mas seus olhos dourados brilhantes revelavam que ele estava sob o domínio da sede de sangue de um lutador. Não foi um choque. À medida que a matilha se aproximava do local de onde Mary vivia – adentrando no território

dos Pastores na região nordeste do Colorado - o controle de Trey parecia diminuir. O ex-Alfa lamentou as mortes de seus companheiros de matilha da única maneira que ele sabia - rastreando os responsáveis e fazendo-os pagar. Seu temperamento estava por um fio e seu desejo de matar estava fora de controle. Se não fosse a presença de Gerald Night - o Alfa lobisomem da área - Trey provavelmente teria se desintegrado em loucura. Trey foi forçado a desempenhar o papel de um Alfa respeitável para manter as aparências, mesmo que fosse do conhecimento de todos que ele tinha perdido o controle necessário para orientar corretamente o grupo que tinha viajado com ele para executar essa vingança.

Levantando-se suavemente, Emory olhou para a casa à distância. A porta da frente foi destruída e ele podia ver as sombras dos lobos enquanto eles se moviam dentro. Barulhos de objetos quebrando chegaram aos seus ouvidos, uma melodia arrepiante de vidro e madeira sendo estilhaçados. Os ruídos indicavam que os lobos estavam demolindo tudo em seu caminho, como se tivessem farejado um perfume e estivessem procurando a fonte.

Isso significava que alguém estava lá dentro.

Mary.

Merda.

Emory decolou em uma corrida mortal, o sangue pulsando em seus ouvidos, medo e adrenalina inundando seu sistema. Malditos Trey e seu pavio curto. Era uma vez o seu irmão responsável. Agora, ele era uma bomba-relógio. No momento em que chegaram, Trey ordenou ao grupo que cercassem a casa e o prédio na parte de trás do imóvel, e atacassem ao seu comando. Não foi um planejamento muito

inteligente. Foi mais como imprudente e estúpido. Gerald tinha tentado argumentar com Trey, mas não tinha funcionado. Não quando o ódio de Trey tinha uma motivação tão nobre.

Emory voou através da varanda e entrou na casa, puxando uma baforada de ar quando ele entrou. O pânico fez seu coração bater em sua garganta. O perfume de Mary estava presente, mas desaparecendo. Se ela tivesse sido mantida aqui a fragrância única de lavanda e linho estaria mais forte, mais fácil de identificar. Seu nariz o guiou pela casa saqueada até que ele chegou ao cômodo onde o cheiro de Mary era mais forte. Dois lobos estavam em frente a um armário, arranhando e rosnando para a madeira que os impedia de chegar ao seu prêmio.

-Afastem-se! - ele ordenou, andou a passos largos e segurou a maçaneta para abrir a porta. A mulher se escondendo dentro era mais velha, com o cabelo puxado em um coque. Embora em pé, suas costas estavam pressionadas contra a parede, como se ela pudesse desaparecer através do gesso. Ela tinha um telefone celular contra sua orelha, o brilho da tela iluminando um lado de seu rosto.

-Eles estão aqui. É tarde demais, - ela sussurrou com voz rouca, os olhos quase negros focados em Emory. Seu braço abaixando quando ela deixou cair o telefone e pisou nele, destruindo o dispositivo.

Emory agarrou a mulher pelo pescoço e puxou-a do armário. - Onde está Mary? Que porra você fez com ela?

Ela comprimiu os lábios e permaneceu em silêncio. Emory rosnou e puxou-a para si, invadindo seu espaço pessoal.

-Rápido ou devagar. - Ele baixou a voz e revelou as presas que tinham se alongado. -Diga-me o que eu quero saber, ou eu vou ter certeza de que você vai sofrer por horas. De qualquer maneira, você vai me responder.

-Vá para o inferno, onde você pertence, feto de Satanás. - Ela cuspiu em seu rosto e lutou contra seu aperto.

O lobo dentro dele gritou em fúria e ele teve que segurar seu instinto animal para impedi-lo de atacar a cadela e colocá-la em seu lugar. Lutando pelo controle, ele rosnou, -Então que seja devagar.

Ele não limpou o rosto, apenas virou-se e arrastou, e arrastou, a mulher junto com ele. Seus companheiros de matilha saíram do seu caminho quando ele invadiu o corredor, atravessou a sala e saiu para a varanda.

Trey estava onde ele o tinha deixado, falando com os outros que já haviam retornado a sua forma humana e estavam amarrando os Pastores com uma corda. Emory não tolerava a ideia de torturar a mulher para obter as respostas de que precisava - não havia nenhuma maneira que ele pudesse olhar Mary nos olhos e dizer-lhe o que tinha feito - mas Trey podia. Seu irmão, desesperado por sangue, teria prazer a cada segundo.

-Ela não vai me dizer onde Mary está. - Emory empurrou a mulher para o grupo. -Faça-a falar.

Trey agarrou a mulher pelo braço e sacudiu-lhe o pulso, e Emory se controlou para não estremecer quando ouviu um estalo do osso. Ela gritou em agonia, seu gemido estridente ecoando na noite.

-Há tantos ossos do corpo humano... - Trey disse ameaçadoramente e agarrou-lhe o braço ileso, - ...tão finos e frágeis como palitos de dente.

Emory viu quando os dedos de Trey escorregavam pelo braço e se fecharam apertados quando chegaram ao pulso. As juntas de seu irmão ficaram brancas enquanto ele continuava aplicando pressão, esmagando os ossos. Os joelhos da mulher tremeram e ela caiu no chão, chorando.

-Ela se foi, - ela choramingou entre as respirações irregulares. - Ela partiu há semanas.

-Partiu? - Emory perdeu o controle de seu temperamento, caiu de joelhos e passou os dedos em volta do pescoço da mulher. Ele a obrigou a olhá-lo nos olhos quando ele disse: -Vocês não a deixariam partir mesmo que ela quisesse. - Sua mão tremia quando ele cavou suas unhas na pele dela. -É melhor ela estar na mesma condição de quando eu a deixei. Se vocês a machucaram, então alguém me ajude por que...

-Você o quê? - A bruxa perguntou com uma pontada de despeito quando ele não terminou. -Vai me matar?

Emory respirou fundo várias vezes, mal segurando seu lobo. A besta dentro dele ordenava que deixasse o homem de lado e permitisse que sua parte feral assumisse. Seria tão fácil deixar suas presas crescerem e apertar os dentes em torno da garganta da mulher. Ele a morderia até sentir a dureza do osso contra seus incisivos. Então ele esperaria, segurando-a no lugar, certificando-se de que ela morresse lentamente. Com ela imobilizada, ele apreciaria o sabor enferrujado do seu sangue contra sua língua, iria se deliciar

com sua tentativa de lutar até que ficasse fraca e entendesse que seu tempo neste mundo estava no fim. Não haveria golpe de misericórdia, não usaria suas garras para facilitar a passagem. Ele não iria quebrar seu pescoço e acabar com seu sofrimento. Ele faria isso depois, quando o cheiro da morte estivesse ao seu redor, como um cobertor aconchegante.

Ele quase podia sentir o cheiro de sua morte, o gosto do sangue que pulsava contra sua língua. Sua pele começou a queimar e ele sentiu o lobo se aproximar da superfície.

Cai fora, ele ordenou em silêncio, lembrando ao animal dentro dele quem estava no comando. A acentuada veia que latejava nas têmporas o ajudou a afastar-se dessa linha de pensamento, deixando a fúria decrescer, permitindo-lhe pensar com clareza. Encontrar Mary era a coisa mais importante. Esta cadela não era nada mais do que um meio para esse fim.

-Onde ela está? - ele repetiu, esforçando-se para manter a calma.

Quando ela não respondeu Trey colocou a mão sobre o bíceps da mulher e outro estalo foi ouvido. Desta vez o grito dela foi tão alto que o som ecoou nos ouvidos de Emory. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e se fundiram com a secreção que escorria do alto de seu lábio superior. Parecia que estava engasgada, mas ela não parou de gritar quando implorou.

-Pare, pare, pare!

-Você quer que eu pare? - Trey baixou o rosto até que ele e a mulher estavam com os olhos no mesmo nível. -Responda. A. Porra. Da. Pergunta.

-Eu não sei se ela está viva ou morta. - O pânico e a miséria em sua voz eram genuínas e seus olhos estavam arregalados e horrorizados. -Ela fugiu.

-Fugiu para onde? - Trey rosnou.

-Você acha que ela iria nos dizer para onde estava indo? - Depois que Trey segurou seu ombro, ela acrescentou rapidamente: - Ela esperou uma oportunidade para escapar e se foi. Ela matou um parente da própria família. - A lembrança pareceu ter feito a velha mulher esquecer a dor que estava sentindo.

Matou seu parente? A Mary que ele conhecia não mataria uma mosca.

Que diabos aconteceu desde a última vez que a viu?

Os olhos da mulher se estreitaram quando ele processou a informação e declarou: -Se ela ainda não morreu, ela morrerá. Quando Elijah encontra-la, ele vai matá-la.

-Elijah está atrás dela? - o lobo de Emory rugiu em fúria. Seu tio já havia afirmado que iria mata-la. Se ele estava atrás dela agora, ela estava em perigo. -Ela está sendo perseguida?

-Ele disse o que aconteceria se ela não se arrependesse. Ele a avisou repetidamente. Ela não escutou.

-O que quer dizer com ele a avisou? O que diabos ele fez? - O temperamento de Emory estalou quando ela permaneceu em silêncio e ele rosnou. -Responda-me, maldita!

-Eu não vou dizer mais nada. Você já conseguiu tudo de mim, semente de Satanás. Tome minha vida, mas você nunca vai tocar minha alma. - Ela desviou o olhar de Emory, olhou para frente e começou a recitar a oração do Pai Nosso.

Porra de fanáticos religiosos.

Trey pressionou seus dedos no ombro da mulher – usando força mais que suficiente para esmigalhar a clavícula - mas Emory o impediu de infligir mais danos ao flexionar a mão e quebrar o pescoço dela. Ela tombou para frente e quando ele e Trey a soltaram seu corpo pousou imóvel no chão.

-Por que diabos você fez isso? - Trey olhou para seu corpo com brilhantes olhos cor de âmbar, com os cabelos em desordem ao redor de seu rosto. -Eu estava apenas começando.

-Nós não teríamos conseguido mais nada dela, e o que ela não disse nós podemos presumir. - Emory levantou-se e encarou o irmão furioso, tentando manter a calma. Se ele ia ter sangue nas mãos, seria pelas razões certas. -Mary fugiu e ela está sendo perseguida. Nós temos que encontrá-la antes de Elijah.

-Boa sorte. - Trey bufou. -Ela pode estar em qualquer lugar.

-Não necessariamente. - Gerald gritou quando ele se separou dos membros de sua matilha. Ele e seus lobos os guiaram até o local onde os Pastores viviam e permaneceram por perto. Eles estavam dispostos a lutar, mas compreendiam que a vingança pertencia a Trey

e aos shifters que os acompanhavam. Os membros da matilha de Nova York foram os únicos que tinha sofrido a perda real. E muitos nunca poderiam se recuperar.

-Como assim? - perguntou Trey.

-Pegamos um fraco cheiro de felino no edifício do armazem.

-O que isso tem a ver com alguma coisa? - Trey replicou. -Eles mataram shifters aqui, caso você tenha esquecido.

Os olhos castanhos de Gerald começaram a mudar para laranja e Emory esperou que não tivesse que impedir os dois Alfas de se atacarem. Gerald tinha sido paciente com Trey, considerando tudo que seu irmão havia perdido, mas sua generosidade tinha limite.

-A mulher disse que sua companheira fugiu há semanas. - O tom de Gerald foi seco. -O que acontece é que uma jovem shifter gata desapareceu meses atrás. Seu Alfa espalhou a notícia entre as matilhas e os bandos, esperando que alguém tivesse informações para localizá-la. Quando ela reapareceu algumas semanas atrás, ela disse que uma jovem mulher a ajudou a escapar. As datas combinam.

-Você acha que foi Mary? - Emory tentou imaginar Mary resgatando um shifter. Ela estava com medo dele quando ele mudou na frente dela. Ele não teve outra escolha, precisou defendê-la de seus familiares, meses antes. Ele tinha visto o horror em seus olhos, a repulsa. Ela conseguiu superar o seu medo? Seria possível que ela não iria correr quando ele a encontrasse, dissesse o que ela significava para ele e iniciasse o vínculo de sangue para amarrá-los juntos como companheiros?

Gerald pegou seu telefone. -Eu vou fazer uma chamada e ver o que posso descobrir.

-Faça isso. - Trey passou por Gerald e colocou a mão no ombro de Emory. -Se ela está sendo perseguida teremos que obter todas as informações que pudermos dos Pastores que não matamos. Eles podem saber alguma coisa.

Emory olhou atrás de Trey e estudou os homens amontoados no chão. Elijah era o líder desta seita particular. Considerando que Elijah havia jurado matar Mary se ela desobedecesse, Emory sabia que tinha que encontrar sua companheira se quisesse protegê-la.

Ele permitiu que seu lobo subisse à superfície. Ele respondeu imediatamente, melhorando sua visão e mudando suas unhas em garras quando se moveu para os homens que nasceram e foram criados para destruir a sua espécie. Matar não era algo que ele gostava, mas ele não tinha escolha. Não quando isso significava colocar um fim à sua miséria e uni-lo à única pessoa que poderia dar-lhe paz.

A única mulher no mundo, sem a qual ele não poderia existir.

Mary.

Os homens se debatiam enquanto ele se aproximava, mas ele não hesitou. Seus companheiros de grupo os cercaram enquanto ele se ajoelhou na frente de sua primeira vítima e agarrou um punhado de cabelo do homem.

-Eu quero saber onde está Elijah. - Ele rosnou, mostrando seus caninos alongados e sorriu diante da expressão alarmada do Pastor. - E você vai me dizer.

CAPÍTULO 01

-Filho da puta! - Mary Shepherd amaldiçoou e se ajoelhou para esfregar o dedo que tinha sido vítima de uma caixa cheia de latas de feijão verde. Ela tinha certeza de que a pancada nas latas deixaria um inferno de uma contusão desagradável. Pena que a Food Town¹ não tinha um plano de saúde para cuidar de situações como essa. A menos que ela caísse no chão molhado e machucasse suas costas, ela não receberia qualquer indenização ou tratamento.

O machucado em seu dedo mindinho provocou uma dor latejante e ela ficou em pé, olhando para as caixas cheias de latas empilhadas ao lado dela. As prateleiras precisavam ser abastecidas. Isso significava ter que trabalhar à noite, de modo que ela nunca via o sol. O salário era ridículo, mal dava para sustentá-la com a cafeína do Starbucks². E havia pouca ou nenhuma interação com seus colegas de trabalho, então ela costumava falar sozinha. Ela olhou ao redor e, como de costume, ninguém estava por perto para testemunhar o acidente. Pensando bem, também não havia ninguém por perto para fazê-la se sentir ridícula.

Girando em um círculo que lembrava uma coreografia de Michael Jackson, ela criou um falso microfone com a mão e sussurrou, -Food Town. Sempre pague menos, por isso você pode comprar maaais.

¹ Rede de supermercados.

² Starbucks é uma empresa multinacional com a maior cadeia de cafeterias do mundo, tem sua sede em Seattle,EUA.

-Brincando no horário de trabalho, Sra. Stone?

Oh merda.

Agora havia testemunhas.

Ela foi coberta pela vergonha. Queria afundar no chão e morrer, quando ouviu a reprimenda na voz do dono da loja.

Abaixando a mão, ela se virou. -Não, senhor. Eu só estava...

Apenas o quê? Tirando sarro do lema da loja? Provocando o idiota da única maneira que podia? Agindo como uma tola porque se visse mais uma lata de legumes iria jogá-la fora?

-Eu estava apenas alongando para me manter flexível. - Ela levantou os braços acima da cabeça e se esticou ficando na ponta dos pés. -É muito bom para relaxar.

Hermer Montrose abaixou a cabeça e olhou para ela sobre o aro dos óculos. Imaginou que era o mesmo olhar que ele dava a seus bisnetos quando queria repreendê-los. Embora ele fosse tão antigo quanto Roma e sofresse de artrite em ambas as pernas, ele se recusava a contratar alguém para fazer o seu trabalho. Ele praticamente morava na Food Town.

Quem você está tentando enganar? Ele vai morrer na Food Town. Isso aqui é tudo que o velhote tem. Eles poderiam muito bem enterrá-lo no corredor dos cereais e erguer um maldito monumento. Aqui jaz Hermer Montrose: pai, avô e idiota de proporções épicas.

-Você normalmente canta quando você alonga, Sra. Stone? - ele perguntou bruscamente e bufou em desdém. -Ou você estava apenas tentando... como você disse... ficar relaxada?

Que rato bastardo. Fazendo insinuações de duplo sentido.

-Estou treinando para o American Idol³. - ela murmurou, esperando que ele não percebesse a mentira. -O canto me vem facilmente de vez em quando.

-Bem, é, obviamente, um veneno para o cérebro. Caso ninguém tenha tido coragem de lhe dizer, você não sabe cantar. - Ele colocou a prancheta que sempre carregava em frente ao rosto e começou a lê-la. Sem dúvida estava fazendo um inventário de tudo o que ela precisava colocar nas prateleiras. -Eu sugiro que você guarde essas palhaçadas para o seu tempo livre. Quando você está aqui, você tem um trabalho a fazer.

Ela estava tentada a pegar uma lata e jogá-la em seu rosto, mas lembrou-se que precisava do trabalho para continuar segura, para ficar fora do radar. Ela não podia se dar ao luxo de dizer ao velhote para ir para o inferno. O Sr. Montrose costumava pagar as horas extras de seus empregados por debaixo do pano, para não precisar se preocupar com os impostos. Se ela perdesse esse trabalho teria de começar a usar o dinheiro que ela tinha recebido de seus queridos pais já falecidos. Para piorar a situação, ela também teria que encontrar um novo apartamento, já que no momento ela vivia em um prédio logo atrás do supermercado – que pertencia ao velhote cretino. O maldito lugar deveria ter sido condenado, mas ela não estava reclamando. Lá ela se sentia segura. Depois de sobreviver ao inferno, ela não estava disposta a voltar. Mesmo que isso significasse morar em um lugar onde as paredes tinham rachaduras e precisavam de pintura, no chão havia vários pisos faltando e as janelas emperravam.

³ American Idol é uma competição americana de calouros.

Engula isso, princesa. Ou você quer perder o estilo de vida com o qual já se acostumou?

Inconcebível.

-Sim, senhor. - disse ela alegremente. Prendeu a respiração e rezou para que sua atuação tivesse saído melhor do que o seu canto.

Ele bufou, virou as costas e saiu. Ela não respirou até que ele desapareceu ao virar da esquina. Voltando ao trabalho, ela refletia sobre sua triste existência. Uma vez ela teve sonhos de se tornar uma professora, casar, começar uma família e ter uma casa com uma cerca branca - mas a realidade não era tão atraente ou brilhante.

Não quando você estava relacionado com pessoas que queriam matá-la.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha ao pensar nisso.

Se o seu tio a encontrasse, ele faria com ela as mesmas atrocidades que fazia com os shifters, pois ele acreditava que Deus criou a ele e aos seus irmãos para destruir essas criaturas. Aos olhos do Pastor Elijah, ela não era nada mais do que uma ponta solta, alguém que precisava ser purificado da mancha de Lúcifer antes de conseguir uma passagem segura para o céu. Ele tentou convencê-la a obedecê-lo, acreditando que ele poderia fazê-la uma de seu rebanho. Ela só conseguiu escapar porque fingiu concordar com o que ele fazia – mas sua fuga tinha sido obtida com sangue.

A memória de atacar o homem que se tornou sua sombra constante – seu primo, um dos filhos preferidos de seu tio - brilhou em sua mente. Um bom impulso e uma pancada com um taco de beisebol selou seu destino. Ela sabia que teria apenas uma chance de

fugir, uma oportunidade. Embora ela não tivesse escolha, pois sabia que havia chegado o momento, uma parte dela esperava que não fosse preciso matar. Considerando que ela havia acertado John na base do crânio - e vendo que uma parte do osso branco ficou exposta - ela tinha certeza que ele nunca iria abrir os olhos novamente. Ele provavelmente morreu enquanto sangrava por todo o tapete, nunca recuperando a consciência.

Era ele ou alguém inocente. Lembre-se disso.

Ela empurrou as latas na prateleira e não se incomodou de verificar se os rótulos estavam perfeitamente alinhados. Matar John foi horrível, mas poderia ter sido pior. Elijah havia deixado claro que Mary deveria matar uma jovem não muito mais velha que ela - uma jovem cujo único crime foi ter nascido uma shifter - para provar a sua lealdade e cimentar um lugar na família. Ironicamente, seu ultimato tinha incitado Mary para a ação. Ela teve que escolher entre a vida de John ou a da menina shifter que seu tio mantinha presa em sua câmara de tortura. Se cabia a ela decidir quem vivia e quem morria, ela sabia que tomou a decisão certa.

Seu coração apertou quando ela se lembrou de Dara, a mulher que ela salvou da morte certa há várias semanas. Mary não esperava trocar nomes ou informações, mas a menina estava tão apavorada, quase tendo um ataque de pânico. Em um esforço para acalmar a shifter, Mary tinha perguntado seu nome. Dara lhe contou também sobre sua captura e as coisas que tinham feito com ela. Ouvir cada atrocidade era uma tortura, deixando o estômago de Mary embrulhado. Se Dara não tivesse conseguido fugir, a morte teria sido preferível. No início, os Pastores usavam a tortura física mas sem mutilar ou causar danos permanentes. Mas assim que perceberam

que os shifters se curavam mais rápido que os humanos, eles começaram a remover partes do corpo, arrancando os olhos e chegando até a matá-los.

Ela tomou uma respiração profunda e soltou o ar lentamente. Nada disso importava agora. Ela tinha dinheiro, caso precisasse fugir e, mais importante, ela tinha algo que seus pais haviam deixado para ela. Eles queriam que ela o recuperasse antes de seu vigésimo primeiro aniversário, para garantir que ela sairia do controle de seu tio antes que muito dano tivesse sido feito. O rito de passagem para se tornar um verdadeiro Pastor ocorria quando se atingia a plena maturidade, aos vinte e um anos, número mágico para os Pastores. Sua mãe e seu pai haviam lhe dado todas as informações que precisava para permanecer fora da vista e escondida dos loucos e dementes que queriam vê-la morta. O mapa detalhado com uma nota comovente sobre o passado de seus pais, porque eles fugiram, e por que era tão importante que ela fizesse o mesmo, foi um presente mais que precioso. Eles informaram a ela quais locais eram perigosos, quais eram seguros e como evitar ser encontrada pelos Pastores.

Já que não era possível enfrentar os Pastores, era preciso se esconder deles.

Essa foi a razão porque ela escolheu viver perto da fronteira da Flórida com o Alabama. Das inúmeras áreas que os Pastores escolheram para viver, eles sempre evitavam as fronteiras estaduais. Havia muito perigo, muitos riscos. Eles prosperaram em áreas rurais, onde suas práticas permaneciam ocultas, pois precisavam de isolamento para garantir que não seriam pegos matando shifters que se pareciam com homens e mulheres normais.

Uma onda de raiva fez com que ela batesse uma lata na prateleira. Tudo isso a irritava. Depois que sua mãe e seu pai se conheceram, se apaixonaram e decidiram se casar, eles não tiveram escolha a não ser fugir. Essa decisão tinha colocado um alvo em suas costas, algo do qual nunca conseguiriam escapar. Seus pais haviam tentado evitar o lado da família de seu pai desde o momento em que eles disseram 'sim' e embarcaram em uma nova vida juntos. Ela lembrou que eles costumavam ir de um lugar para outro constantemente - uma aventura, sua mãe costumava dizer, só para fazer a mesma coisa depois de um par de meses. Só recentemente é que ela entendeu a verdadeira razão porque seus pais estavam tão determinados a permanecer um passo à frente dos assassinos, pois com certeza estavam sendo seguidos.

Seu pai não queria criar uma família no estilo de vida louco que ele tinha sido forçado a experimentar quando criança. Em vez disso, ele tinha escolhido assumir um risco enorme. No dia em que ele deixou sua família, abandonando seus caminhos, uma recompensa foi colocada por sua cabeça. Você não abandona os Pastores. Você vive por suas regras ou você morre por elas. Sua mãe sabia tudo sobre a família de seu pai, o que significava que ela estava em perigo também.

Esse pensamento trouxe memórias ainda mais escuras e mais difíceis.

Mary muitas vezes se perguntou por que seus parentes fizeram tantas perguntas estranhas depois que seus pais morreram. Eles não pareciam preocupados com o incêndio que devastou sua casa, matou sua mãe e seu pai, ou com o fato de que o investigador suspeitava

que o fogo não havia começado por acidente. Em vez disso, queriam saber o quanto ela sabia sobre sua família distante.

O que sua mãe e seu pai disseram a ela sobre eles? Qual igreja eles frequentavam? Ela era religiosa?

As perguntas tinham sido estranhas, incrivelmente estranhas e, à luz dos recentes acontecimentos, faziam todo o sentido. Se seus parentes desconfiassem que ela sabia mais do que deveria, ela poderia ter se juntado a seus pais no outro mundo. Quando o tio dela descobriu que ela não tinha ideia sobre sua família ou suas crenças, ele a trouxe para casa e manteve tudo em segredo. Por cinco anos, ela não tinha ideia das atrocidades que ocorriam a vários metros de distância, em um prédio que foi cuidadosamente preparado para ser à prova de som. Ela tinha crescido como uma menina normal.

Talvez ela devesse ter notado os sermões estranhos aos domingos. A forma como o Pastor tinha ficado obcecado por demônios existentes a céu aberto, em plena vista.

Demônios...

Seus pensamentos se voltaram para o homem que Elijah afirmava ser um demônio, mais besta do que homem. Do lado de fora ele parecia normal - se ser alto, moreno e lindo puder ser considerado normal. Ele era mais velho do que ela vários anos, e sua confiança e a forma fácil como eles se relacionavam a fez se sentir de um jeito que nunca tinha experimentado antes. Sair de casa para cursar a faculdade significava que ela finalmente seria capaz de apreciar o sexo oposto. Durante muito tempo no entanto, os homens haviam permanecido um mistério para ela. Embora ela os tivesse visto antes, ela nunca tinha falado ou abordado seus colegas. Ela era muito

tímida, muito insegura. Até o dia em que ela entrou na lanchonete do campus e um homem se aproximou dela e sua vida mudou para sempre.

Fechando os olhos, ela imaginou seu rosto.

Emory Veznor.

A primeira coisa que notou foi a sua voz. O som era uma mistura de cascalho e cetim - profunda e gutural, mas exuberante como veludo - quando ele tocou em seu ombro e murmurou: - Desculpe-me.

Quando ela se virou para se dirigir a ele, ela tinha conseguido uma visão do mais belo exemplar de material masculino. Seu cabelo escuro era comprido apenas o suficiente para cobrir sua orelhas e cair um pouco sobre a testa. A sombra ao longo de sua mandíbula e queixo era quase como uma tinta preta. E seus olhos - da cor de uísque brilhando através do mais fino cristal - fez seu coração falhar uma batida. Ele era bonito o suficiente para ser um modelo, embora seu jeito rude a fez associá-lo a um motociclista usando couro.

No início, ela pensou que ela tinha entendido mal. Ela viu seus lábios se moverem, sabia que ele estava falando com ela, mas tinha tomado vários segundos para perceber que ele não estava pedindo-lhe para se afastar para que ele pudesse pegar seu café. Em vez disso ele perguntou se ela gostaria de compartilhar uma mesa e conversar. Ele sorriu quando ela não respondeu - e um estranho calor se formou em sua barriga. Ela pensou que estava sonhando até que ele pediu uma segunda vez, e tudo o que ela pode fazer foi acenar com a cabeça.

O primeiro cara a notá-la tinha sido um que ela nunca teria sonhado que estaria interessado em alguém como ela. Vestida com sua saia esvoaçante de costume, camiseta e tênis Keds⁴, ela não tinha comparação com o homem em jeans justos, botas pretas de motociclista e corrente que corria de seu cinto para a carteira no bolso de trás. Ela tinha deixado seu cabelo solto naquele dia e corria pelas costas em um emaranhado loiro, emoldurando um rosto sem maquiagem e totalmente natural. Normalmente, a combinação funcionava para ela, mas ao lado de Emory ela parecia uma loira aguada e sem graça.

Se ele sabia o quanto ela se sentia insegura, ele nunca deixou transparecer. Quando tiveram seus pedidos em mãos, ele foram até uma mesa e sentaram-se de frente um para o outro. Em poucos minutos, tinham começado uma conversa casual. Emory tinha sido educado, prestando total atenção em cada palavra que ela dizia. Ela corou com seu olhar intenso, que parecia deslizar de seu rosto e penetrar fundo em seu interior, como se soubesse algo do qual ela não estava ciente.

Uma conversa levou a outra, depois outra e, finalmente, resultou em um encontro – um encontro que tinha arruinado sua vida e, possivelmente, a dele.

O pensamento de que ele poderia estar morto machucava de maneira que ela não queria refletir muito profundamente, mas ela não se conteve.



Será que Emory estava vivo? Será que ele havia conseguido fugir antes de sua família matá-lo?

Humilhação e arrependimento tomaram conta dela. Ela tinha muito medo de que Emory tivesse sido capturado e agora estivesse implorando por sua vida. Quando ela viu as garras se estendendo de seus dedos e seu rosto mudar de forma, ela gritou, se afastou dele e então...

Você fugiu. Isso é o que você fez. Como uma covarde. E olha o que você conseguiu. Uma vida monótona, numa cidade sem nome, fazendo algo que você odeia. Se ele não morreu, ele com certeza a odeia. Ele disse que ele tinha segredos, coisas que ele não estava pronto para compartilhar. Você foi que insistiu em saber tudo sobre ele. No minuto em que ele mostrou-lhe o que ele realmente era, você virou as costas para ele.

Ela suspirou e balançou a cabeça. Emory pode tê-la assustado – tê-la aterrorizado - mas, no fundo, uma parte dela sabia que ele nunca iria machucá-la. Cada vez que pensava sobre a maneira como ela o tratou quando ele mudou diante de seus olhos, o jeito que ela olhou para ele, a forma como ela gritou de horror - ela morria um pouco por dentro.

Durante seu tempo na fazenda, quando seu tio tentou trazê-la para o seu doente rebanho de seguidores, ela aprendeu muito sobre shifters. Eles a observavam com olhares curiosos, como se soubessem que ela não era uma ameaça. Seu tio os tinha atormentado, mas ela sempre olhou para o lado, incapaz de assistir. Determinada a fazer algo, ela organizou um plano para libertar os shifters que estavam em cativeiro no grande edifício na parte de trás da propriedade da família.

Mesmo depois que ela os libertou, eles não a tocaram ou a agrediram. Eles simplesmente saíram correndo para salvar suas vidas.

Embora um deles tenha tomado uma decisão que a fez sofrer por tê-los ajudado a fugir.

Trancá-la em uma das gaiolas e deixá-la para trás tinha sido pior do que se eles a tivessem espancado até a morte. Quando seu tio descobriu o que ela tinha feito, havia dado a ela o castigo que julgou que ela merecia. Ela nunca tinha experimentado verdadeira dor até que Elijah decidiu marcar sua carne como castigo por suas ações. Ela nunca pensou que pudesse existir tamanha agonia.

Quando ela se esticou para colocar uma lata em seu devido lugar, ela sentiu o puxão perto de sua cintura, sua pele lutava para se esticar mas não conseguia fazê-lo. A vara com a qual Elijah havia batido nela deixou várias cicatrizes – cortes profundos que exigiram pontos. Algumas eram tão ruins que ela podia senti-las sempre que se mexia, um lembrete constante do que aconteceria se Elijah colocasse as mãos sobre ela novamente. Desta vez, ele não iria deixar cicatrizes.

Ele a colocaria sob sete palmos de terra.

Preso em suas reflexões, ela não notou a caixa de milho em conserva diante dos seus pés até que ela tropeçou e caiu de bunda. Reprimindo uma maldição, ela esfregou o local dolorido.

Olá, chão, já fomos devidamente apresentados? Não? Bem, prazer em conhecê-lo.

A noite foi rapidamente tomando um rumo descendente.

A estridente campainha ecoou por toda a loja, indicando que um cliente havia entrado no Food Town. Mary franziu a testa e olhou para o corredor. A loja só funcionava de sete da manhã às sete da noite. Todos na comunidade sabiam disso. Hermer nunca esquecia de trancar a porta depois do horário de funcionamento, mas isso não importava, já que as pessoas não estavam dispostas a aguentar o velho mal-humorado.

-Nós estamos fechados. - Hermer gritou de longe. -Vocês podem voltar quando a loja estiver funcionando no horário regular.

-Protejam as saídas. - uma voz profunda ordenou, como se não estivesse falando com Hermer. -Ela está aqui em algum lugar.

Um estranho barulho abafado foi imediatamente seguido por outro. Segundos se passaram e parecia que alguém estava baixando algo no chão. Rolando até que ficou deitada em seu estômago, ela colocou seu rosto contra o concreto frio e olhou pela abertura fina entre a última prateleira e o chão. Quando ela viu o rosto de Hermer com um buraco sangrento no centro de sua testa, o seu mundo se quebrou em um milhão de pedaços. Os pés posicionados a poucos centímetros de seu patrão agora morto usavam botas - Ropers - a marca de calçados que todos os Pastores usavam. O estilo podia variar, mas nunca a marca, e ela já tinha visto o suficiente delas para reconhecer as malditas coisas.

Os Pastores estavam aqui, e eles tinham acabado de meter uma bala no cérebro de Hermer.

Querido Deus, seja misericordioso.

Como é que a tinham encontrado?

Sua mente era uma confusão, e o pânico começou a dominá-la. Seus membros tremiam tanto que foi impossível ficar em pé, então ela começou a rastejar pelo corredor em direção à parte de trás do edifício. Ela havia se preparado para isso, tinha pensado sobre este momento tantas vezes que ela praticamente agia como se estivesse em piloto automático. Ela tinha uma mochila com todas as coisas que ela precisava para seguir em frente e começar de novo. Tudo o que tinha a fazer era manter a calma, seguir o plano e pensar com clareza.

-Ela está aqui.

Mary olhou por cima do ombro para o homem que tinha falado. Ele tinha uma arma na mão e estava olhando para ela. Poucos metros os separavam.

Esforce-se para ficar calma.

Uma vez que ela recuperou o controle de suas pernas ela correu para as portas traseiras que levavam para o depósito e o escritório da loja. Ela podia ouvir os Pastores atrás dela, e sabia que se eles a pegassem, era o fim do jogo. Agachando-se em uma parte mais baixa do telhado, ela deu um mergulho rápido. Assim que ela entrou na pequena sala usada como um abrigo para tempestades, ela fechou a porta, trancou-a e atravessou uma grossa tora de madeira nos ganchos de metal ao lado da porta para manter a barreira entre ela e os Pastores firmemente no lugar.

A porta vibrou ao receber pancadas que vinham do lado oposto. Sabendo que ela tinha pouco tempo, ela correu para a parede ao lado da porta. Uma das vantagens de não ser um empregado legalmente registrado era conhecer uma rota de fuga fácil, caso os fiscais do

Ministério do Trabalho fizessem uma visita inesperada. Ela abriu o painel escondido, deslizou para dentro e fechou-o silenciosamente atrás dela. Ela não sabia quanto tempo tinha, talvez um minuto, antes da porta do abrigo ser quebrada.

Ela pisou na ponta dos pés enquanto subia as escadas que a levariam para fora do prédio. Uma vez que ela chegasse ao telhado, correria o mais rápido que pudesse para a escada de incêndio. Seu corpo tremia e era difícil pensar com clareza, mas ela sabia que tinha de chegar ao seu apartamento. Apenas mais 15 minutos - ou menos - e ela teria suas coisas. Depois ela poderia decidir seu próximo passo.

Parecia que demorou uma eternidade para chegar ao seu prédio, subir as escadas e ficar dentro de seu apartamento. Pela primeira vez, ela não deixou o terror vencer. Suas coisas estavam esperando no armário. Roupas, dinheiro, identificação e os documentos de seus pais estavam todos dentro de sua mochila. Sabendo que ela podia precisar se disfarçar, ela pegou uma capa e guardou junto. Quando ela terminou e ficou olhando em volta para se certificar de que ela não precisaria de mais nada, grandes mãos seguraram seus braços.

-Mary.

Ela não reconheceu a voz, então ela fez a única coisa que podia - ela se livrou do agarre, segurou a mochila e correu para a janela. Ela lutou quando o homem estendeu a mão para ela novamente. Ele estava encoberto pelas sombras, mas ela podia ver partes de seu rosto. Seu cabelo escuro caia sobre a testa e a sombra em sua mandíbula indicava que ele não se barbeava há dias. Seu traje - casaco de couro preto, jeans desbotados e botas de motociclista -

disse-lhe que ele não era um Pastor, mas isso não significava nada. Seu tio poderia ter pago alguém para vir atrás dela, poderia ter contratado um mercenário para garantir que o trabalho fosse feito.

O aperto do homem em seus braços aumentou até que ela engasgou de dor. Ele afrouxou seu agarre e olhou nos olhos dela. - Acalme-se. Eu não vou lhe machucar.

O cômodo balançou do chão ao teto quando a porta de seu apartamento explodiu fora das dobradiças. O homem na frente dela soltou-a imediatamente, virou-se e enfrentou os invasores. Estes Pastores também tinham armas, e elas foram direcionados diretamente para o homem de pé entre ela e perigo.

-Saia pela janela do quarto, - o homem rosnou. -Saia. A ajuda está à espera. Eles vão encontrá-la.

Ela tinha perguntas prontas para serem feitas na ponta da sua língua, mas não havia tempo para isso. Os vidros foram quebrados - sem dúvida, pelo homem em seu apartamento - tornando mais fácil para ela sair completamente. Ela sentiu um golpe de mão na cabeça dela e pulou para o lado. Um rugido ensurdecedor fez o cabelo em sua nuca formigar e ficar em pé. Quando ela olhou para trás, os Pastores estavam muito ocupados tentando se proteger para conseguir usar suas armas contra o homem que estava chutando suas bundas.

A antiga mas firme escada de incêndio lhe permitiu deslizar para a parte inferior da estrutura, em vez de precisar descer cada passo. Apesar da velocidade de sua saída, os sons de luta estavam tão perto que ela sabia que ela não tinha a menor chance se ela não fugisse. Ela só estava adiando o inevitável. Sem outra opção, ela fez a única coisa que podia.

No momento em que seus pés tocaram o chão, ela começou a correr. E, enquanto fazia isso, ela soltou um grito horripilante.

O som estridente ecoou alto em seus ouvidos, e pareceria suspeito às três horas da manhã, quando todos no prédio ao lado do seu estavam dormindo. Se ela estava sendo caçada, ela não iria fazer isso fácil. Os idiotas sádicos em seus calcanhares teiam trabalho para explicar tanto sangue derramado.

Na verdade...

Ela mudou de direção, correndo para a estrada principal onde ficava o pequeno centro comercial. Por que se esconder quando podia gritar por ajuda a céu aberto? Era tarde e por isso ela não ficou surpresa quando não viu qualquer luz acesa ou pessoas transitando nas ruas. Mas isso não importava. Seus pensamentos estavam focados em chegar à estrada. Se a sorte estivesse do seu lado, alguém estaria viajando tão tarde da noite.

Talvez a sorte fosse continuar lhe acompanhando.

Qualquer esperança que ela tinha morreu quando algo agarrou um punhado de seus cabelos, um braço passou em volta da sua cintura e ela caiu. Ela bateu no chão, aterrissando em sua mochila e raspando o queixo ao longo da estrada. O peso do seu agressor prendeu-a no chão. Independentemente de suas chances de ganhar a liberdade, ela lutou. Ela não estava pronta para morrer. Havia tanta coisa que ela não tinha visto. Tanta coisa que ela queria fazer.

O peso desapareceu e a mão em seu cabelo apertou mais, fazendo com que seu couro cabeludo queimasse. -Fique em pé.

Foi estranho ser levantada por uma mão que puxava seus cabelos. Quando ela finalmente parou, agarrando as alças de sua mochila tão apertado como se quisesse fundir o material com a palma da sua mão, ela viu os homens diretamente em frente a ela. Seu coração bateu em sua garganta, impedindo o ar de entrar, dificultando a respiração. Pastores formaram um semicírculo ao redor dela, e ela sabia que sua hora havia chegado. Eles estavam todos vestidos com os mesmos sobretudos marrons, camisas e chapéus Stetsons que faziam sombra sobre seus olhos. Ela não reconheceu nenhum deles, então eles tinham que ter sido enviados de outra fazenda. Ela sabia que seu tio a queria morta. Ela só não tinha ideia sobre o quão longe ele iria para conseguir isso.

Será que ela devia correr? Gritar? Tentar lutar?

Tristemente, ela percebeu que as respostas foram não, não e não. Ela só iria conseguir que a matassem mais rápido. Seu coração batia no peito, a vontade de viver lutando contra sua compulsão para acabar com seu sofrimento antes de começar. Talvez fosse melhor se eles a matassem agora. Elijah não estava com eles, então, obviamente, eles planejavam levá-la ao seu encontro. Seu corpo tremeu de medo quando ela pensou em todas as maneiras que ele iria fazê-la sofrer. Ela sabia do que seu tio era capaz. Se ele quisesse, ele poderia estender sua agonia por dias.

Uma van saiu da estrada e se dirigiu em direção a eles. Os Pastores na frente dela viraram-se e começaram a caminhar em direção ao veículo.

O transporte tinha chegado.

É isso, tinha acabado.

Ela levou a mão livre para a cabeça dela e apertou os dedos do homem que segurava seu cabelo. Quando ela tinha uma boa ideia de onde seu pulso estava localizado, ela enterrou as unhas em sua carne, arranhando como um gato de rua enlouquecido. Ele soltou seus cabelos e isso lhe deu a oportunidade que ela estava esperando. Ela correu tão duro e tão rápido quanto ela já fez em sua vida. Os únicos sons que podia ouvir eram gritos abafados atrás dela. Havia uma cerca barrando o seu caminho para um beco, mas ela já tinha feito escalada antes, e, quando ela chegou ao topo do obstáculo, ela estava malditamente agradecida por ter praticado aquela rota de fuga antes. Ela jogou a bolsa para o outro lado, ergueu-se e pulou sobre a cerca.

-Atirem! - alguém gritou. -Elijah vai entender por que não a levamos de volta. Sua alma está perdida. Ela é maldita.

Os mesmos ruídos abafados que ela tinha ouvido na loja zumbiram passando por ela quando pegou a mochila e saiu. Então, ela sentiu como se uma faca afiada corresse do lado de sua cabeça. Foi impossível correr quando ela desmoronou no chão. Ela teve que usar uma das mãos para manter o equilíbrio, colocando a palma no chão. Umidade quente revestiu o couro cabeludo e escorreu pelo rosto. Erguendo a mão livre, tocou na poça de sangue que escorria de sua cabeça. Tudo se tornou nebuloso quando o mundo começou a girar e distorcer, como se estivesse flutuando sobre uma nuvem giratória.

Ela caiu para frente, sobre a dureza implacável do asfalto. Calor floresceu a partir da ferida na cabeça, o sangue se espalhando densamente, quente, escorrendo através de seu cabelo. Ela não percebeu os gritos dos homens atrás dela ou os grunhidos estranhos

e rosnados que os acompanhavam. Tudo o que podia pensar era no quão fria a noite havia se tornado, em quão fraca de repente ela se sentia e no quanto ela queria fechar os olhos e dormir.

-Matem todos! - uma voz rouca trovejou. -Nós não temos tempo para persegui-los. Pegue sua mulher. Temos que sair.

Passos se aproximaram, mas ela não podia correr - não assim. Ela esperou pelo seu fim, iria encontrar a morte com seu orgulho intacto. Inesperadamente mãos suaves a viraram, de modo que ela já não estava de bruços no concreto sujo. Ela piscou várias vezes para trazer o rosto de um homem olhando para ela em foco, para obter um vislumbre da pessoa que iria ver a sua vida chegar ao fim.

-Mary, - ele sussurrou.

Ela fechou os olhos e se deleitou com o som dessas duas sílabas. Ela reconheceria essa voz em qualquer lugar, sempre iria reconhecê-la, não importa quanto tempo tivesse passado.

Emory.

Elijah não o tinha matado. Mas o que ele estava fazendo aqui? Por que ele havia aparecido agora? Como ele sabia onde ela estava? Que motivo fez com que ele aparecesse na mesma noite que os Pastores decidiram atacar? Havia tanta coisa a dizer, muitas perguntas, mas sua noção da realidade fugia rapidamente.

-Não me odeie, - ela implorou. Droga. Sua voz estava tão fraca, tão imprecisa. -Eu não queria que nada disso acontecesse.

-Eu nunca poderia odiá-la.

Ele acariciou as pontas dos dedos em sua bochecha e ela suspirou e fechou os olhos. A dor era menor agora, o rasgo queimando em sua têmpora tornou-se um pulsar irritante. Tudo o que ela queria fazer era dormir. A carícia cessou abruptamente e os dedos que antes apenas encostavam em sua pele apertaram firmemente quando seguraram seu queixo.

-Não faça isso, olhos de anjo, - Emory rosnou, mas foi medo e não raiva que ela detectou em seu tom. -Eu já passei por um inferno para encontrá-la. Não desista de mim agora. - Quando ele levantou-a em seus braços, ele gritou: -Doutor, eu preciso de você!

O som de pés arrastando sussurrou em seus ouvidos e, em seguida, alguém apareceu e brilhou uma luz em seus olhos – primeiro no esquerdo e depois no direito. Depois de alguns segundos o homem inspecionou o ferimento na cabeça. Seu toque era suave, os dedos levemente cutucando seu couro cabeludo. Vagamente, ela percebeu que as pessoas estavam falando, mas ela não conseguia entendê-los. Ela estava pairando acima de tudo, coberta por uma coisa que lhe dava paz.

Emory estava vivo.

Ela sempre teve esperança de que ele estivesse. Ela sempre acreditou que ele tinha sobrevivido aos tiros que tinha ouvido enquanto fugia dele. Não importa o seu horror ao saber o que ele era, ela nunca lhe desejou mal.

Ele a apertou contra ele, embalando sua cabeça no espaço entre o pescoço e o ombro. Embora uma vez ele tivesse gentilmente envolvido seus dedos longos e calejados em torno dos dela - ele nunca a tinha tomado em seus braços. Ela sempre se perguntou como seria

a sensação. Ele era muito maior do que ela, tão intimidante. Qual seria a sensação de ser aconchegada contra o seu peito? Senti-lo respirar contra sua boca antes de beijá-la? Ele a beijaria lento e suave? Agressivo e ousado?

Como se ele lesse seus pensamentos, ela sentiu o calor sedutor de seu hálito antes que seus lábios roçassem os dela. Então, suave e doce, eles se deslocaram lado a lado em uma carícia prolongada. Ele estava deliciosamente quente, os músculos dos braços flexionados enquanto inclinava a cabeça para obter um melhor acesso. Ele cheirava tão bem, como ela sabia que ele teria - um aroma limpo, amadeirado e masculino. A ausência de sua boca quando ele se afastou, a fez querer puxá-lo de volta e pedir para ele baixá-la novamente.

Seu primeiro beijo, algo que ela sonhava desde a infância, tinha acontecido assim. Enquanto ela sangrava e morria nos braços do homem com quem ela tinha fantasiado.

Não parecia justo.

Emory disse alguma coisa, mas ela não entendeu. Quando ela tentou compreender suas palavras, ela encontrou-se à deriva na escuridão. Seus pensamentos finais foram de estar nos braços de Emory, confortável, tão próxima, e então ela se sentiu triste por saber que nunca teria a oportunidade de conhecê-lo verdadeiramente.

-Mary? - Emory balançou sua companheira suavemente, tentando não entrar em pânico.

Ele a encontrou. Deus, ele tinha perdido a conta de em quantos capangas de seu tio ele bateu até conseguir sua localização. Quando

ele olhou para baixo e olhou para o rosto dela, ele notou os círculos escuros sob os olhos, o pequeno arranhão no queixo. Tinha perdido peso - muito peso - e parecia tão pequena em seus braços, tão frágil. Não é de admirar, considerando que ela tinha estado em fuga durante meses e vivendo em uma merda.

Um rugido subiu para sua garganta.

Quando ele tinha ido ao apartamento dela, tinha ficado chocado com o lugar onde ela vivia. Ela o matinha limpo, mas não ajudava. A mobília estava caindo aos pedaços, o piso estava quebrado em vários lugares e o papel de parede estava descascado. Ela devia viver em uma casa que havia sido construída especialmente para ela, com todas as comodidades e luxos que ele poderia proporcionar. Não em um paraíso para os viciados e vagabundos.

-Acorde. - Ele trocou seu peso, soltou um de seus braços e ergueu gentilmente sua cabeça segurando-a apoiada na palma de sua grande mão. -Olhe para mim.

-Deixe-a descansar. - Doc deslizou a lanterna no bolso e pôs uma mão no braço de Emory. -A ferida precisa de sutura, mas ela não tem uma concussão. Ela está tonta por causa da perda de sangue.

-Ela está em perigo? - O destino não podia ser tão cruel. Ele se recusava a acreditar que ele a tinha encontrado apenas para perdê-la.

-Não se conseguirmos que o corte seja suturado. - Doc fez um gesto em direção ao final do beco. -Depressa. Considerando que temos que mover nossas bundas, vou fazer um curativo até que seja seguro parar e eu possa costurá-la.

Droga.

Ele tinha estado tão preocupado com sua companheira que tinha esquecido completamente a polícia, que provavelmente já estava se dirigindo ao local. Ele seguiu o médico da matilha para um dos SUVs estacionado em um terreno baldio. Era hora de limpar a cena, cuidar da bagunça que tinham feito e ir embora. Normalmente shifters não se colocavam em perigo lutando em campo aberto, mas devido aos recentes acontecimentos, a política tinha mudado.

Ele olhou para os shifters que estavam ocupados jogando os Pastores mortos na parte de trás da negra van na qual eles haviam chegado. O tio de Mary não estava no grupo. Emory sabia porque. Ele tinha farejado o ar no momento em que chegou para socorrer sua companheira. O Pastor Elijah tinha enviado outros para capturar sua sobrinha, algo que fez com que a fúria de Emory crescesse. O bastardo demente de merda queria Mary viva.

Isso significava que ela ainda estava em perigo.

Embora ela tivesse se escondido como um profissional, evitando tudo o que a obrigasse a se identificar, Elijah – assim como Emory – tinha sido capaz de localizá-la. Foi um deslize, um erro, que fez ela ser localizada na cidade fronteiriça, onde ela esperava que ninguém iria encontrá-la.

Foi preciso apenas um simples telefonema.

O expert em computador da matilha, Wade, estava monitorando todas as chamadas para o advogado que Mary tinha ido visitar antes de desaparecer. Emory esperou por várias semanas, nervoso e inquieto, até que sua companheira finalmente fez a ligação que revelou sua localização. Ela ligou para verificar o andamento da abertura de uma conta bancária.

E se tornou um cordeiro à espera do sacrifício.

Doc abriu a porta do passageiro e se afastou para que Emory subisse com Mary ainda apertada contra seu peito. Depois que ele a colocou deitada sobre o banco e abriu espaço quando o lobo mais velho se posicionou ao lado dele e fechou a porta.

-Passe minha bolsa. - Doc estendeu a mão para o banco da frente, em direção ao motorista.

-Ela está bem? - Caden olhou para Mary quando se virou de sua posição atrás do volante e entregou a grande bolsa de couro. - Foda-se. - Ele exalou as palavras, seus olhos cinza escuro. -Ela está sangrando por todo o lugar.

-Há muitos vasos sanguíneos na cabeça e o cabelo dela é loiro.- Doc murmurou e abriu a bolsa. -Ela não está perdendo tanto sangue quanto você pensa. É normal.

Uma batida suave ao lado de onde estava sua cabeça colocou Emory em alerta total. Seus caninos estenderam e ele rosnou através da janela, ficando cara a cara com o irmão. Trey estava coberto de sangue, de seu queixo até seu estômago, e seus olhos pareciam pepitas de ouro brilhantes. Ele sorriu quando Emory apertou o botão no painel da porta e abaixou o vidro.

-Temos que ir. O apartamento dela estava queimando quando eu saí. Deve estar ardendo em chamas até agora.

-Você ateou fogo ao apartamento dela? - Era oficial. Trey definitivamente havia chegado ao fundo do poço.

-Não tive escolha. - Trey deu de ombros, imperturbável. - Quando ela correu para casa levou os Pastores atrás da sua bunda. Eu tive que improvisar.

-Filhos da puta. - Emory apertou seu abraço em torno da sua companheira. Ele queria ir ao encontro de Mary por isso deixou Trey naquele apartamento imundo. Não havia sido sua decisão mais inteligente. -Será que a machucaram?

-Eu estava lá esperando, lembra? Os bastardos não a tocaram.- Trey esfregou as costas da mão na boca e sorriu. -Eles morreram de modo lento, mas eu não tive tempo para destruir as provas. Eu tive que pensar rápido. O prédio estava condenado por uma boa razão. A fiação era de má qualidade e poderia iniciar um inferno de um incêndio a qualquer momento, os bombeiros nem vão perder tempo investigando. Eu tirei as armas dos Pastores, então eles vão pensar que os corpos eram de sem tetos que tinham invadido para passar a noite. Deixei tudo tão limpo quanto pude, dadas as circunstâncias.

-Eles não serão capazes de rastreá-la? - perguntou Emory, preocupado e frustrado com o rumo dos eventos. -Nenhuma evidência deverá apontar para Mary. Não podemos ter a polícia aparecendo e fazendo perguntas. Já é ruim o suficiente que os Pastores invadiram o supermercado.

Jesus, que fodida confusão.

Se Diskant - o Alfa e Ômega dos shifters de Nova York - descobrisse que eles tinham colocado as raças em perigo por que cometeram alguma estupidez, ele arrancaria as bolas de todos. Considerando que Emory pretendia se estabelecer com Mary em Nova York, sob a autoridade de Diskant, não seria sensato irritar o filho da

puta. Diskant não tinha certeza se Emory podia controlar seu lobo ou sua natureza Alfa, o que significava que ele tinha sido reintegrado à matilha em caráter experimental. Um pequeno deslize poderia arruinar tudo.

Porra inaceitável.

-As únicas pessoas que a polícia vai investigar são os moradores. - Trey falou lentamente, como se estivesse discutindo o que ele iria escolher para o jantar. -Vai parecer como se alguém tivesse tentado roubar o supermercado. Se Mary estivesse na folha de pagamento, Wade teria encontrado.

-E o apartamento?

-O fogo será atribuído à má fiação e à péssima condição do isolamento.

-Você tem certeza?

-Eu tenho, você não acredita?

-Ele acredita. - Caden interrompeu Trey e acelerou o motor. - Ponha sua bunda dentro do carro ou chame um táxi. Os outros estão prontos para se mover. Temos pouco tempo.

Trey girou e olhou para os shifters mais afastados. Um grupo havia removido os corpos dos Pastores e esperavam dentro da van. Os outros estavam acomodados nas SUVs ao lado. Emory levantou o vidro da janela quando Trey bateu com o punho no teto, acenou com a cabeça e começou a andar em direção à frente do carro.

-Isso é tudo por enquanto. - Doc acenou para o curativo na cabeça de Mary. -Fique fazendo pressão sobre ele até que possamos parar.

Emory estava se acomodando melhor para seguir as instruções do médico quando o viu pegar um frasco e uma seringa. Ele franziu a testa e perguntou: -O que você está fazendo?

-Se ela acordar e entra em pânico poderá ferir a si mesmo. Vou dar-lhe um sedativo. - Mary não despertou ou fez qualquer som quando a agulha perfurou seu braço e ele injetou a medicação. -Lá vamos nós. - Doc falou em um tom calmo que Emory tinha certeza era o mesmo que ele usava muitas vezes com seus pacientes humanos. -Descanse o quanto você puder.

Trey abriu a porta da frente e deslizou para o banco do passageiro. -Mexam-se, - ele brincou quando se acomodou. -Nós não temos a noite toda.

-Vá se foder engraçadinho. - Caden retrucou e colocou o veículo em marcha.

Eles se afastaram do local dirigindo devagar. Dentro de um minuto veículos da polícia e um caminhão de bombeiros passaram por eles.

-Bem na hora. - Doc suspirou e beliscou a ponta de seu nariz entre dois dedos. -Essa foi por pouco.

Muito perto, Emory pensou e olhou para a jovem em seus braços.

Mesmo com os cabelos e parte do seu rosto manchados de sangue, a loira era a mais bela mulher que ele já tinha visto. Seus traços eram perfeitos - lábios carnudos, nariz arrebitado e enormes olhos castanhos - como chocolate. A lembrança do sorriso dela fez seu pênis se remexer, voltando à vida contra o contorno arredondado de sua bunda. Ela não sabia o que seu sorriso fazia com ele, especialmente quando ele a pegava olhando e ficava envergonhada.

Deus, o cheiro dela.

Mesmo agora, o lobo dentro dele roçava sua pele só por sentir a fragrância – quente, doce e feminino perfume de lavanda e almíscar. Ele passou muitas noites fantasiando sobre as maneiras como iria tocá-la antes de apresentá-la às alegrias e prazeres do sexo. Ela nunca teve de confessar o quão pouco sabia sobre o assunto. Ele percebeu pela forma como ela reagiu a ele, como ela se esticava, estremecia e relaxava sempre que ele colocava a mão na pequena curva de sua cintura.

Ela era tão inocente – tão fodidamente inocente.

Ele sabia que Mary era jovem demais para ele quando se conheceram - apenas vinte anos - mas ele não tinha sido capaz de ajudar a si mesmo. Negar a necessidade dela era como existir sem uma razão, viver cada dia com nenhuma finalidade. Então, ele decidiu dar-lhe tempo, para permitir que ela o conhecesse como um homem e uma pessoa, dar-lhe a chance de confiar nele.

Então o impensável aconteceu e todos os seus planos cuidadosamente elaborados foram destruídos.

Nunca tinha sonhado que seria assim, com ele forçando-a a aceitá-lo. Pelo amor de Deus, a última vez que a tinha visto ela estava com medo dele. O jeito que ela olhou para ele, como se ele fosse um monstro maldito - doeu mais do que as balas que ele tinha tomado de sua família. Sim, ele podia ser um animal, no sentido literal, mas ele nunca a teria machucado. Ele nunca tinha dado qualquer motivo para ela acreditar que ele a machucaria. No entanto, ela correu, gritando como se tivesse visto o diabo em vez do homem que havia se apaixonado por ela.

Seu pênis não se intimidou com a lembrança, permanecendo firme contra o vinco de suas nádegas. Nenhuma quantidade de gelo poderia refrear o calor que corria através de sua corrente sanguínea, a necessidade de foder e reivindicar sua fêmea explodia dentro dele como um trovão.

A vergonha por sua luxúria o golpeou como um soco no estômago.

Lamentável. Você é como um cachorro farejando atrás de uma buceta.

E as coisas só iriam piorar.

Ele se manteve controlado enquanto podia. Sua paciência não era o que costumava ser. Se fosse possível, ele gostaria de ter feito as coisas da maneira certa com a sua companheira. Ele teria esperado mais tempo - não importa o quão difícil fosse para ele - para decidir o que eles iriam fazer no futuro. Eles poderiam ter sido amigos em primeiro lugar, poderiam ter se conhecido melhor antes de tomarem as decisões importantes. Aquelas decisões que mudariam suas vidas para sempre. Segurá-la, tê-la, finalmente, em seus braços não estava

sendo tão gratificante como ele tinha pensado que seria, porque ele sabia que ao despertar ela sentiria medo, incerteza e teria dúvidas.

Apesar do fato de que todos no veículo podiam ouvi-lo – e que ela não estava acordada para aceitar o pedido de desculpas - ele não era orgulhoso demais para sussurrar, -Eu sinto muito, olhos de anjo.

Ele fez uma oração silenciosa, pedindo para que ela lhe perdoasse, para que superasse seu medo e aceitasse construir uma vida junto com ele.

Mesmo que, no fundo, ele soubesse que o que estava pedindo era demais.

CAPÍTULO 02

Mary manteve os olhos fechados enquanto ela lentamente recobrava a consciência. Realidade e sonho se misturavam, o pesadelo de sua recente perseguição se confundia com flashes dos tormentos que sofreu com sua família meses atrás. Inesperadamente, Emory tinha aparecido. Ele não era tão assustador como ela pensava. Nesse sonho, ele era seu salvador, não seu inimigo. Ele a embalava contra seu corpo, sussurrando palavras que ela não entendia. Esse sonho era tão diferente do outro onde ela o via se transformar em uma criatura horrenda com presas e garras. Agora, ele era apenas um homem que olhava para ela como se ela fosse uma joia preciosa, algo que ele não queria deixar escapar uma segunda vez.

De alguma forma, ela encontrou a coragem para abrir os olhos.

Se a maciez do edredom e o colchão de penas que amortecia seu corpo não tivessem sido indícios suficientes para informá-la de que ela não estava em sua cama, o teto e as limpas cortinas de gaze balançando na janela a sua esquerda teriam feito. O quarto estava muito limpo, decorado principalmente em tons de branco, o papel de parede não estava descascado e não havia teias de aranha à vista. O quarto estava iluminado com uma cor alaranjada, e Mary soube que logo estaria escuro.

-Você finalmente acordou.

Mary levantou sobre seus cotovelos para enfrentar a pessoa que tinha falado, apenas para estremecer e tocar o ponto sensível ao lado de sua cabeça. A mulher sentada em uma cadeira do outro lado do quarto era pequena, com traços delicados e olhos azuis enormes. Seu cabelo loiro claro tinha um corte repicado e mechas em tom de rosa escuro estavam espalhadas nele todo. A estranha levantou-se e o movimento só enfatizou o quão pequena ela era, não devendo ter mais que um metro e meio de altura.

-Quem é você? - Mary se esforçou para fazer sua voz soar tranquila, apesar do fato de que ela estava tremendo. -Onde estou?

-Meu nome é Ava. - A pequena deusa loira sentou-se na beirada da cama. -E você está na minha casa. Ninguém vai machuca-la aqui, Mary. Você tem a minha palavra.

-Eu não lhe disse o meu nome. - O instinto de sobrevivência de Mary lhe dizia que ela devia fugir. Ela agarrou o edredom e se preparou para deslizar para fora da cama e começar a correr.

-Não, você não disse. - Ava sorriu.

-Então como você sabe? Você adivinhou?

Para a surpresa de Mary, Ava riu. -Eu poderia ter adivinhado, mas não. Emory me contou.

-Emory? - Ela lembrou partes do seu sonho - o rosto de Emory, o seu cheiro, a forma como ele se sentia com seus braços ao redor dela.

-Sim, Emory. - Havia diversão na expressão de Ava.

-Eu pensei que era um sonho. - Mary cutucou delicadamente a ferida na cabeça, correndo os dedos sobre a sutura. -Eu não consigo lembrar de muita coisa.

-Doc decidiu que era melhor mantê-la sedada. Ele estava preocupado que você pudesse se machucar, se entrasse em pânico.

-Doc?

Ava sorriu. -Nosso médico.

-Ele fez a sutura?

Ava assentiu. -Quatro suturas, para ser precisa. - Ela exalou lentamente e olhou para Mary através dos cílios. -Você teve muita sorte. Se a matilha não tivesse encontrado você a tempo, você não teria escapado.

Matilha. Essa palavra fez seu coração bater forte e as palmas de suas mãos ficarem úmidas. A verdade é que ela teve muito medo dos shifter, mas isso foi antes de descobrir que havia monstros de todos os tamanhos e formas, e nem todos cresciam pelos e garras. Mary olhou para Ava. De todos os shifters que tinha visto na casa de seu tio, nenhum tinha sido tão pequeno. Ava era uma espécie de roedor shifter?

Será que existia essa espécie?

Ava começou a rir e Mary mudou-se para mais longe, realizando manobras para a borda do colchão. Talvez a mulher fosse louca. Isso explicaria o cabelo rosa e um sorriso estranho no rosto. Ela certamente não agia normal. Apesar das garantias de Ava que sua casa era segura, era definitivamente a hora de começar a se mexer.

Para seu espanto, o riso de Ava morreu e seu rosto tornou-se sério. -Nem pense em tentar sair. Você não tem ideia do dano que você causou quando deixou Emory, mas acredite em mim quando eu digo que se você fugir, ele vai segui-la. Não há nenhum lugar onde você possa se esconder, ele vai encontrá-la. Você precisa aceitar que sua vida está prestes a mudar. Eu não deveria ter que lhe dizer dessa forma, mas eu não quero perder tempo convencendo você. Pegue tudo que você pensa que sabe e jogue pela janela. Nada é o que parece.

-E como você sabe? - Mary escorregou da cama e vacilou quando seus pés descalços tocaram o piso de madeira. -As coisas devem parecer bastante claras do seu lado da cerca.

Ava arqueou uma sobrancelha. -Meu lado da cerca?

-O lado shifter. - Mary olhou ao redor, à procura de suas roupas. -O que eu estava pensando? Eu não posso acreditar que você pretende me deixar ficar em sua casa. Não sabendo o que eu sou.

-E o que você é?

-Você está sendo intencionalmente estúpida? - Mary colocou as mãos nos quadris e tentou não se envergonhar por estar vestindo nada mais do que sua calcinha e uma camiseta. -Será que a palavra Shepherd faz os sinos soarem? Ou Emory deixou esse detalhe de fora?

E se ele me salvou, porque ele não está aqui? Por que não estava à espera no quarto quando eu acordei? Será que ele me deixou? Isso é algum tipo de vingança? Será que ele espera que eu pague por aquilo que eu fiz?

-Shepherd não é nada mais que um nome. As pessoas que nascem com ele escolhem o seu próprio destino. Você, de todas as pessoas, deveria saber disso. Eu não julgaria...

O que quer que Ava fosse dizer, ela não continuou. Era como assistir a uma cena de Além da Imaginação. Em um minuto a mulher pequenina tinha conselhos a dar, no minuto seguinte, ela se virou para a porta, como se esperasse alguém entrar.

Em poucos segundos, alguém entrou.

Emory.

Oh Deus.

Os joelhos de Mary quase cederam ao vê-lo em toda a sua glória, o seu corpo e rosto iluminados pela luz que irradiava pela janela. Como diabos ela tinha esquecido o quão grande ele era? Mais de 1,90 metros de puros músculos planos e rígidos. A sombra de uma barba dava um ar misterioso e sexy ao seu rosto, e combinava com seu cabelo que estava penteado para trás. Seus olhos castanho claros expressavam grande preocupação, bem como um calor que ela tinha visto uma ou duas vezes no passado. Ele andou em direção a ela - não, ele a espreitou - cada passo deliberado e tão suave como manteiga.

Ele franziu a testa ao vê-la. -Você não deveria estar fora da cama. Doc não deixou isso claro.

Quem se importava se um alerta interior gritava que ele não era inteiramente um homem? No momento, tudo no que ela podia pensar era no jeito que ele falou, a cadência rouca das suas palavras. A voz dele ainda era tão afrodisíaca quanto ela se lembrava, enviando ondas

de fogo que iam da sua barriga para áreas de seu corpo que ela nunca ousou tocar ou explorar. Seus mamilos formigavam, endurecidos e latejando, ao mesmo tempo em que um calor úmido crescia entre suas coxas.

Pare com isso! Ela apertou as pernas juntas enquanto se dirigia em direção à parede atrás dela. Você não o vê há meses. Depois da maneira como você o tratou, você não tem ideia se ele ainda está interessado. Ele a salvou. Ele não lhe prometeu o mundo.

O medo bateu nela enquanto ela lembrava como gritou na cara dele, aterrorizada quando seu rosto começou a mudar. A lembrança eliminou qualquer vestígio do desejo que tinha começado a sentir. E se ele guardou rancor? E se ele estava com raiva pelo que ela tinha feito? Talvez ele pensasse que poderia chegar até sua família através dela? Ele não tinha ideia dos horrores que ela tinha sofrido quando voltou para casa e descobriu no que o demente do seu tio e seus outros parentes estavam envolvidos. Embora ele a tivesse encontrado morando em outro lugar, algo que ela ainda não entendeu como aconteceu, ele não sabia que ela havia fugido e como tinha sido difícil escapar da fazenda no Colorado.

-Calma aí, olhos de anjo, - ele murmurou em um tom conciliador e deu a volta na cama, continuando em sua direção. - Ninguém vai lhe machucar.

Olhos de anjo.

Ela fechou os olhos, lembrando-se da primeira vez que ele a chamou assim. Ela argumentou que os anjos tinham olhos azuis, não castanhos, mas ele insistiu que seus olhos e rosto eram os de um anjo. Tinha sido o primeiro ataque em sua armadura emocional,

permitindo que ele percorresse todo o caminho para o coração dela. Não demorou muito para que ela se derretesse em suas mãos.

Quando ela sentiu os dedos entrelaçar delicadamente em torno de seu pulso, ela suspirou e seus olhos se abriram. Emory era ainda maior de perto. A camiseta preta cobrindo seu tórax estava apertada contra os músculos, revelando o contorno de seus peitorais, bem como seu abdômem definido. Ela manteve o olhar nivelado com o peito dele, com medo de encontrar seus olhos. A respiração dela estava irregular, mas ela ainda podia sentir o cheiro dele. Devia ser ilegal um homem cheirar tão bem - limpo, sedutor e inegavelmente Emory.

O medo correu através dela quando ele tocou seu rosto e ela se encolheu. Ela foi atingida no rosto tantas vezes que era instintivo se afastar, tentando manter uma distância segura.

-Ava... - disse Emory, a palavra saindo como um rosnado baixo, e Mary teve que empurrar o pânico, a fim de permanecer imóvel e passiva em suas mãos. -... é hora de você ir.

-Ok. - Ava não pareceu estar muito certa se deveria mesmo sair, o que só aumentou o medo de Mary. -Se você precisar de mim, eu vou estar lá em baixo.

Passos suaves, o rangido de uma porta abrindo e fechando e Ava tinha ido embora, deixando Mary sozinha com um inferno de um grande homem shifter que só podia querer vê-la morta.

Não se desespere. Não entre em pânico. Apenas respire.

-Shh. - Emory sussurrou e puxou-a para seu peito.

Ela não tinha certeza por que ele estava confortando-a até que ela percebeu que ela estava chorando. O som a deixou doente e a levou para lugares escuros que ela queria esquecer - memórias de dor, perda e terror. Lágrimas inundaram seus olhos, mas ela não permitiu que caíssem. Em vez disso, ela se pressionou contra o peito de Emory, apoiando-se em sua força, permitindo que ele a protegesse do mundo, mesmo que apenas por um curto período de tempo. Ele passou as mãos ao longo de sua coluna em um movimento suave, viajando de sua nuca até a curva acima de suas nádegas. Um pico de energia elétrica disparou através dela, seguindo o trajeto dos dedos dele.

-Ninguém vai machuca-la. - Havia raiva em sua voz e ela se perguntou o que poderia ter causado isso. -Eu juro.

-Nem mesmo você? - Ela queria engolir de volta o que ela disse assim que ela se ouviu falar. Os braços ao redor dela tornaram-se tensos e o peito de Emory ficou imóvel, como se estivesse segurando a respiração. Depois de alguns segundos ele relaxou, deu um passo para trás e colocou as mãos em cada lado do rosto dela. Ela congelou quando ele ergueu seu queixo e ela encontrou seu olhar. Suas íris eram hipnotizantes, no centro eram cor de âmbar rodeadas por um tom de marrom radiante.

-Eu não posso mudar o que sou, mas você não tem nenhuma razão para me temer. Nenhum de nós jamais vai lhe machucar – especialmente eu. Você é tão essencial para mim como o ar que eu respiro. Sem você, eu não sou nada.

A intensidade de sua expressão afugentou qualquer pensamento racional. Se ele estava mentindo, ele era um especialista

no ofício. A forma como ele a olhava fez com que ela acreditasse fielmente em suas palavras. Apesar do que havia acontecido entre eles, não importava o passado ou o que os esperava no futuro, os sentimentos dele, aparentemente, não tinham mudado.

Que os céus a ajudassem. Talvez ela estivesse enganando a si mesmo, porque ela queria acreditar que ele ainda a queria, que ainda ansiava por ela. Antes de saber que ele era um shifter, ela tinha se imaginado de joelhos diante dele, dando-lhe total controle, permitindo que ele lhe ensinasse todas as formas de dar e receber prazer. Sim, quando ela soube o que ele era - meio homem, meio lobo - ela ficou com medo dele. Quem não ficaria? A descoberta foi um choque, algo que ela não queria acreditar.

Mas agora...

Agora, não era medo que ela estava sentindo.

Ela sempre foi atraída por Emory, quando ficava acordada em sua cama, sozinha e inquieta, sempre se perguntava como seria passar a noite em seus braços. Os sonhos de menina tinham se transformado em desejos de uma mulher adulta. Se ainda mantinha sua condição de virgem era apenas devido à morte de seus pais e à educação rígida que recebeu depois. Agora, ela não era mais uma inocente estudante deslumbrada. Ela tinha visto e feito coisas que a fizeram crescer rápido e a fortaleceram.

O hálito quente dele acariciou seus lábios enquanto sua boca pairou sobre a dela. -Mary...

Não foi o desejo em seu olhar que a fez tremer, foi a maneira como ele disse o nome dela, como se estivesse se afogando em águas

tempestuosas e seu nome fosse a última palavra que ele iria partilhar com o mundo antes de afundar completamente. Ela esperou, tremendo em seus braços. Antes mesmo que ele percorresse a distância entre eles, e a beijasse, ela fechou os olhos. Havia mais do que desejo físico em suas expressivas íris em tons de âmbar. Algo que ela queria ver e, ao mesmo tempo, temia que fosse apenas uma invenção da sua imaginação.

Assim que ela se entregou a Emory, ela teve a sensação de que esse era um caminho sem volta – ao menos para ela. Apesar de saber sobre a existência de shifters, ela não sabia quais excentricidades estavam envolvidas quando eles namoravam, faziam sexo ou demonstravam afeto. Se Emory era mais besta do que homem, ela teria seu coração quebrado quando ele conseguisse o que queria e seguisse em frente.

E não haveria ninguém para culpar além de si mesmo.

O beijo foi uma união casta de seus lábios, um toque gentil. Ele moveu a cabeça de lado a lado - esquerda, direita, em seguida, de volta. Seus narizes encostavam com o movimento, a barba por fazer causando escoriações na pele dela. Ela gemeu com a sensação, se contorcendo nos braços dele.

-Abra para mim, - ele exalou um som rouco, gutural, levou a mão ao rosto e passou os dedos pelo cabelo na nuca dela. No instante em que ela obedeceu a ordem, a língua dele atravessou os lábios entreabertos e mergulhou dentro. Tudo ao redor dela tornou-se um borrão. O chão parecia se mover sob seus pés e ela agarrou os ombros largos de Emory para permanecer em pé. Seu peito vibrou

quando ele rosnou e enterrou os dedos em seu quadril, mudando seu toque de gentil para possessivo.

Era isso que fazia o homem à sua frente tão perigoso. Em sua presença, ela não se preocupava com o futuro, o passado ou as consequências de suas ações. Ao contrário dos outros shifter, com os quais ela sentia que devia ser cautelosa, ele despertava nela uma emoção que ela não compreendia totalmente. Com ele, ela se sentia segura - completa. Emory era como o sol, brilhante o suficiente para afugentar as sombras, até que toda sua atenção estava sobre ele e somente nele.

Emory terminou o beijo de repente, antes que ela pudesse piscar. Atordoada, ela engasgou e olhou para ele. Sua atenção não estava mais com ela, suas íris cor de uísque olhavam por cima do ombro, para a porta do quarto que abriu e fechou.

-Trey. - Emory se pressionou contra ela até que ela ficou presa entre seu corpo maciço e a parede. -Eu lhe disse para esperar por mim lá embaixo.

-Você sabe que eu nunca fui paciente, - uma voz profunda, obviamente masculina respondeu. -Você perguntou a ela?

Mary estava tentada a empurrar Emory para longe e cumprimentar o intruso no momento em que ouviu seus pés se arrastando pelo chão antes de parar. O barulho de tecido sendo remexido a informou que o homem tomou assento na cadeira do outro lado da sala. Emory permaneceu como estava, em pé, como um escudo entre ela e o homem que ele obviamente via como algum tipo de ameaça.

Ela sentiu o estiramento sutil de seus músculos sob seus dedos quando ele respondeu: -Eu estive com ela menos de cinco minutos. O que você acha?

-Eu acho que é por isso que eu o segui. Se eu tivesse dado a você dez minutos, você teria levado as coisas da parede para a cama.

O rosto de Mary queimou quando a vergonha bateu nela, e ela respirou fundo. Um completo estranho tinha entrado no quarto enquanto ela estava seminua e se esfregando em Emory como uma gata no cio. Ela considerou empurrar Emory longe até que ela percebeu que ele estava bloqueando a visão de seu corpo, diminuindo sua humilhação, e ela não queria que o homem que, obviamente, tinha perguntas para lhe fazer, conseguisse uma visão completa do que estava escondido.

Estranhamente, parecia que Emory estava ciente de seus sentimentos. Ele rosnou, um som baixo, mas grave, ameaçador o suficiente para fazê-la estremecer. -Saia.

-Não me provoque. Não hoje. - O homem voltou a rosnar com um tom igualmente ameaçador. -Pergunte a ela sobre a porra da mochila.

-Eu não vou dizer a você novamente. - Emory baixou os braços, forçando Mary a deixá-lo ir. -Eu não vou deixar você amedrontar a minha mulher por causa de algum dinheiro e um mapa esfarrapado. Se você não vai sair do quarto com seus próprios pés, eu vou arrastar seu traseiro.

O quarto girou, deixando-a tonta. Eles encontraram o mapa e seu estoque de dinheiro. Doce Jesus. Será que eles pensavam que ela

era uma espiã da sua família? Será que o irmão de Emory queria saber se ela planejava voltar para uma das fazendas para informá-los sobre a localização da matilha?

Isso não era bom. Definitivamente, não era bom.

Será que o homem chamado Trey daria a ela uma chance de se explicar ou ele iria matá-la? Emory a tinha empurrado para ficar entre a sua enorme estrutura e a parede - protegendo seu corpo com o dele - como se ele soubesse que teria de protegê-la do perigo. Certamente não poderia ser esse o caso. Os dois homens não atacariam um ao outro.

Ou atacariam?

Antes que ela pudesse contemplar suas opções, Trey rosnou, mas não da forma que os seres humanos estavam acostumados a fazer. Um arrepio correu-lhe pela espinha e o terror a manteve paralisada no lugar. Ela não podia ver quão perigosa era a aparência de Trey, mas ela podia sentir. A tensão permeou o quarto, palpável em sua intensidade.

-Você pensa que pode bancar o corajoso e me ameaçar, seu merdinha?

-Eu não penso qualquer coisa, - respondeu Emory. -Eu posso.

Mary estremeceu quando ouviu o raspar das pernas da cadeira seguido por um estrondo. Antes que ela pudesse perguntar o que causou o barulho, Emory tinha ido embora, deixando-a tão rapidamente que ela não teve tempo para cobrir seu corpo seminu ou fazer uma corrida louca para a cama.

Ela ficou boquiaberta, olhando em descrença para os homens que correram em direção do outro, colidiram e começaram a lutar como adversários em uma arena. Emory e o homem que estava em seu apartamento - o irmão de Emory, aparentemente - compartilhavam o mesmo tom de pele e a mesma constituição. Cada um deles tinha cabelo escuro, pele bronzeada e mais de 1,90 m de altura. Apesar do pouco que ela podia ver através da enxurrada de socos e murros, ela percebeu que Trey mantinha seu cabelo mais curto.

Trey agarrou Emory pelo ombro e o empurrou contra a parede, deixando uma enorme marca no gesso que antes era suave e sem falhas. Outro movimento repentino e eles fizeram a mesma coisa com o pedaço de parede ao lado, criando um conjunto ímpar de formas que eram quase idênticos.

Que os céus a ajudassem. Eles eram tão fortes, tão mortais. Sua família tinha avisado a ela sobre isso, tinha enchido sua cabeça com avisos de quão perigosos os shifters poderiam ser. Um tapa de um dos homens que lutava naquela sala provavelmente iria matá-la. Um golpe ou um soco deixariam mais que inchaço ou hematomas para serem cuidados. Se eles pusessem as mãos nela, ela teria muita sorte se conseguisse chegar com vida a um hospital.

Ela começou a se mover para o mais longe possível deles, até que suas costas estavam encostadas na parede oposta.

-Seu filho da puta ingrato. - Trey agachou e mudou seu peso de um pé para o outro. -Você não lembra como isso acabou da última vez? Não? Vamos relembrar. Eu chutei sua bunda e lhe expulsei da matilha.

-Eu já tive o suficiente dessa merda. - Emory correu para frente e derrubou seu irmão no chão. Trey tentou rolar, mas antes que ele pudesse Emory envolveu sua grande mão em torno da garganta de seu irmão e rosnou. -Eu não sou o shifter que eu costumava ser. - Então, com a mão que estava livre ele agarrou a virilha de Trey e apertou.

-Que porra é essa! - Trey uivou. -Tira essa maldita mão de mim!

-Ainda não. Não antes de ouvir o que tenho a dizer. Há algo que você deve saber, algo que eu deveria ter dito há muito tempo. - Emory manteve o aperto tanto na garganta quanto nas joias de Trey quando ele se inclinou para frente, olhando diretamente para os olhos do seu irmão. -Eu rolei. Eu deixei você ganhar. Você honestamente acha que teria sido assim tão fácil? Tive o cuidado de conceder um bom show, assim a matilha entenderia porque você deveria tomar uma decisão tão difícil. Eu não tinha a intenção de matá-lo quando o desafiei, eu nunca tive. Não importa o quão perigoso eu tenha me tornado, eu nunca machuquei meu próprio sangue. Eu estava usando você para acabar com o meu sofrimento.

-Besteira. - Trey bufou.

-Não é besteira, é a verdade.

-Eu não acredito em você.

-Essa é a sua escolha, - disse Emory. -Mas você realmente quer lutar contra mim uma segunda vez para provar que está certo? Será que vale tanto para você?

-Merda. - Trey se acalmou. -Trégua?

Emory soltou Trey e assentiu. -Trégua.

Mary soltou um suspiro de alívio, mas durou pouco. Sem aviso, a porta do quarto se abriu, quebrando as dobradiças e se chocando contra a parede. Antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, o maior homem que já tinha visto entrou na sala. Ele concentrou seu olhar sobre ela e ela congelou. O cabelo escuro dele estava puxado para trás e amarrado em sua nuca, chamando a atenção para os olhos que eram de ouro líquido. Olhos que praticamente brilhavam através da distância, contrastando completamente com sua pele bronzeada. Mas não foram os olhos o que mais chamaram sua atenção, foram as mãos grandes que ele apertava em forma de punhos.

Seu coração se afundou em seu estômago e ela se sentiu tonta.

Ela até poderia sobreviver a um golpe de Emory ou Trey.

Mas levar um golpe do homem que a encarava a deixaria estirada no chão.

Droga!

Emory pulou para longe de Trey, ignorou Diskant e dirigiu-se para Mary. O medo estava saindo dela em ondas, enchendo o quarto com o cheiro de terror. Os olhos dela permaneciam grudados em Diskant, duas piscinas marrons arregaladas. Quando chegou perto dela, Emory a puxou para seu peito, escondendo-a da vista de todos e cobriu a cabeça dela com a mão. Ela permaneceu rígida, com os braços caídos ao lado do corpo inerte.

Fodido Trey!

Mary tinha sido receptiva às suas investidas até que seu irmão mais velho tinha arruinado tudo. Agora ela estava tão apavorada como ele se lembrava que ela tinha ficado semanas antes, depois que ela o tinha visto mudar parcialmente. Cuidadosamente ele acariciava seus cabelos e murmurava palavras suaves para ela. Ela não lutou com ele, mas também não relaxou. Ele considerou gritar com seu irmão, fazê-lo ver o dano que ele tinha causado e exigir que Trey pedisse desculpas, mas ele não queria piorar as coisas. Em vez disso, ele continuou acariciando-a com seu toque, mantendo-a perto.

-Está tudo bem, - ele sussurrou. -Eu fiz uma promessa a você e não vou quebrá-la. Confie em mim, Mary. Tudo que você tem a fazer é confiar em mim.

-Ela está bem? - A voz de Diskant era mais suave do que o habitual - sem dúvida para aliviar o medo de Mary - embora Emory pudesse dizer que o Ômega estava furioso.

-Ela está em estado de choque. - Emory manteve o tom de voz suave enquanto passava seus dedos pelo cabelo dela. -Tudo ainda é muito recente.

-Eu disse-lhe para dar-lhes tempo sozinho. - Pela indignação na voz de Diskant, Emory sabia que ele estava dirigindo sua atenção para Trey. -Que diabos você fez?

-Se eu tivesse dado a eles mais tempo sozinho eles estariam indisponíveis até que tivessem completado o vínculo de sangue. - Para seu crédito, Trey teve a decência de parecer desconfortável. -Eu só queria uma resposta à minha pergunta. Emory foi quem se descontrolou.

-Ele acabou de recuperar sua fêmea, seu cretino. Eu permiti que você cuidasse da merda desse assunto com a condição de que não iria interferir no relacionamento deles. - Diskant parou, e Emory sentiu o peso do olhar do Ômega em suas costas. -E, pelo que eu vejo, você não apenas interferiu, mas se enfiou bem no meio, caralho.

-Não foi assim, D.

-Saia!

Emory não teve que virar para saber que Diskant encarava Trey, ele podia imaginar a cena. Apesar do fato de que Trey era mais velho que Diskant e tinha sido o seu Alfa uma vez, Diskant não era alguém que qualquer shifter quisesse desafiar. Não era de se admirar que Mary estivesse aterrorizada. Com mais de 1,80 metros de altura e mais de 90 quilos, Diskant Black geralmente era mais alto que a maioria dos homens de um lugar. E ele não pedia a alguém para fazer alguma coisa, ele mandava fazer. Se você fosse azarado o suficiente para receber a atenção negativa do bastardo, era melhor fazer o que ele mandava, e rápido.

-E a minha resposta? - perguntou Trey, procurando por um desastre.

-Vá até o porão e sirva-se de uma bebida, ou cinco. Ava convidou algumas mulheres para lhes dar as boas vindas, então, faça-me um favor e vá descarregar essa energia. Você precisa se livrar dessa merda. Conseguir respostas da minha convidada é meu problema. A matilha não é mais sua, é minha. Você está cruzando a linha comigo e eu não vou permitir. Se você não se preocupa com o bando, eu me preocupo.

Desta vez, Trey não respondeu.

Emory ouviu o crepitar da madeira como se alguém pisasse em um pedaço da porta quebrada e saísse da sala. Quando o cheiro de Trey enfraqueceu, Emory recuou e olhou para Mary. Parecia que alguma coisa estava apertando seu coração, aplicando uma forte pressão até o ponto de que era difícil respirar. A coitada estava tentando não entrar em pânico, puxando o ar com respirações curtas. Ela não olhou para ele e manteve o rosto para frente para que seu olhar permanecesse em seu peito.

-Minha Ava. - Diskant a chamou de sua companheira. -Nós precisamos de você, querida.

-Eu estou aqui. - Ava disse suavemente e Emory esperou enquanto ela se aproximava.

Era difícil de acreditar que Diskant estava acasalado a uma mulher que pudesse ler os pensamentos humanos e manipular emoções. Alguns dos mais velhos companheiros da matilha acreditavam que era uma bênção, uma maneira de manter a matilha a salvo daqueles que não tinham conhecimento de sua existência. Pessoalmente, Emory não tinha pensado muito nisso.

Até agora.

Se Ava pudesse aliviar o medo de Mary, ele ficaria feliz em aceitar qualquer ajuda que ela oferecesse.

Quando ele começou a se afastar, Mary de repente veio à vida e agarrou os braços dele. Suas unhas raspavam e perfuravam sua pele quando ela enterrou-as em seus bíceps e puxou-o para perto.

-Fique onde está, Emory. - Ava instruiu, estendendo a mão e colocando seus dedos na testa de Mary. -Ela não quer que você vá. Ela tem um monte de perguntas e dúvidas povoando sua mente. - Ava suspirou depois de um momento e olhou por cima do ombro. -Diskant conseguiu assustar a coitadinha. Da próxima vez eu vou ter que lembrá-lo que não deve quebrar as portas para cumprimentar os convidados.

Diskant caminhou e colocou as mãos sobre os ombros de Ava. - Eu pensei que eu deveria interromper a luta mais cedo ou mais tarde.

-Neanderthal, - Ava repreendeu.

-E você me ama.

Ava o ignorou e se concentrou em Mary. A pequena fêmea olhou para seu companheiro por mais de um minuto, suas íris mudando de dourado para azul escuro. Depois de um momento Mary piscou várias vezes, como se estivesse sacudindo uma bruma, e olhou para Ava.

-Nós estávamos conversando, mas não dissemos nada.

-Você está certa, - Ava disse encorajadora. -Nós estávamos conversando, mas nós não nos falamos.

-Como... - Mary estendeu a mão para a ferida cuidadosamente costurada perto de sua fronte. -É o trauma na cabeça, não é? Perdi meu juízo. Estou na terra do faz de conta.

-Você está bem. - Ava baixou a mão. -É um dom que eu tenho - telepatia. Eu a uso quando é preciso.

-Telepatia? - Mary repetiu incrédula.

-Telepatia. - Ava confirmou. -Veja.

Os olhos de Mary arregalaram e ela ficou boquiaberta olhando Ava. Elas olharam uma para a outra, com os olhos fechados e focados. Depois de alguns segundos a expressão de medo no rosto de Mary mudou para uma de admiração. Seus olhos se fixaram em Diskant.

-Sério? - Ela perguntou, olhando o Ômega. -Você pode?

-Oh sim. - Ava acenou e sorriu.

-Pode o quê? - perguntou Emory.

-Ela disse que pode controlá-lo. - Mary continuou olhando para Diskant, formando uma carranca em seu rosto expressivo. -Eu não tenho certeza se eu acredito nela.

-Ela me controla, hein? - Diskant ronronou e deslizou a mão apoiada no ombro de Ava pelas costas e colocou-a na bunda dela. -Foi isso que você disse a ela, companheira?

Ava limpou a garganta e Emory viu-a se contorcer contra mão de Diskant. -Fique de joelhos e mostre a Mary que você é tão gentil como um gatinho. - Ava murmurou com voz rouca. -Eu vou fazer valer a pena.

Rapidamente o Ômega estava de joelhos. Ele esfregou o queixo no braço de sua companheira e piscou para Mary. -Veja. - ele disse, em um tom de voz muito baixo, que Emory sabia tinha tudo a ver com a promessa sexual no pedido de Ava. -Inofensivo como um recém-nascido.

Então, como o sol que surge por trás das nuvens e dispersa toda a tristeza e melancolia, Mary sorriu. Foi um pequeno gesto, a ligeira elevação de seus lábios nos cantos, nada parecido com o sorriso cheio e pleno que ela lhe dava no passado. Mas, caramba, era um sorriso, merda. À luz do quão aterrorizada ela devia estar, era uma vitória.

-Você está satisfeita agora? - Diskant sorriu para Mary e inclinou a cabeça para o lado. -Ou eu tenho que me rebaixar mais do que já fiz?

-Estou s- satisfeita. - Mary gaguejou.

-Você tem certeza?

Mary não se esforçou para responder de imediato, mas quando o fez, estava mais confiante. -Eu tenho certeza.

-Bom. Tudo resolvido, então. - Diskant levantou-se e passou um braço em torno da cintura de Ava. -Vamos deixar vocês dois sozinhos. Eu vou levar esta pequena atrevida para que ela possa cumprir a promessa que me fez de fazer meu tempo valer à pena. Sintam-se em casa. - O desejo em seu rosto desapareceu quando ele olhou para Ava, encontrou o olhar de sua companheira e, em seguida, olhou para Mary. -Você é mais do que nossa convidada. - informou ele, sempre o Alfa, firme e suave. -Você é da família. Se alguém lhe causar problemas, venha a mim. Eles nunca vão incomodá-la novamente. Você tem a minha palavra.

Antes que ela pudesse responder Diskant girou Ava em seus braços, caminhou em direção à porta e falou por cima do ombro: -É

melhor você mudar Mary para o seu quarto, Emory. Vou providenciar uma nova porta amanhã.

O som do riso de Ava misturado com o de Diskant desapareceu quando o casal atravessou uma porta. Emory ouviu a porta do quarto do casal, no final do corredor fechar com uma batida. Mary ergueu o queixo e encontrou seu olhar. Ele sabia que estava atolado em problemas até o pescoço. A divertida tentativa de Ava para fazer Diskant parecer menos assustador e ganhar a confiança de Mary tinha dado resultado, mas também tinha provocado algo que, ele tinha certeza, não era a intenção da fêmea do seu Ômega. Quando Mary viu o casal juntos - sua atração mútua e afeto óbvio - uma centelha de excitação tinha atingido o nariz de Emory.

Excitação de Mary, para ser mais preciso, e o cheiro não estava desaparecendo.

Foda-se.

Ele queria fazer a coisa certa, mas não sabia se teria forças para resistir. A besta dentro dele estava empurrando-o para levar as coisas mais longe, para dar a sua companheira a primeira marca. Uma vez feito isso ela não podia mais dizer não. Inferno, ela não gostaria de dizer-lhe não. Ela teria fogo correndo por suas veias, teria o mesmo desejo ardente de acasalar. Nada poderia aliviar a queimadura, a não ser completar o vínculo de sangue. Uma vez que ela passasse por esse passo crucial em seu acasalamento, ela nunca seria capaz de deixá-lo.

Nunca.

-Você tem medo de mim, Mary? - Droga de lobo que o fez perguntar de modo tão rude, que tirou sua razão. Eles tinham que conversar. Eles não precisavam levar as coisas para o outro quarto, onde eles estariam completamente sozinhos. Seus dedos tremiam enquanto o lobo uivava dentro dele, exigindo que se aproximasse mais de Mary, exigindo que ele arrastasse sua língua ao longo da garganta dela, que saboreasse sua pele macia pela primeira vez e arrancasse as roupas de seu corpo.

Ele esperou muito tempo, caramba, e empurrou o animal para dentro com toda sua força. Cristo, ele era mais fraco do que ele pensava. O desejo de levantar sua bunda no ar, fodê-la por trás e segurá-la no lugar com os dentes era mais forte do que ele podia suportar.

-Não. - ela sussurrou, apoiando as palmas das mãos contra o peito dele.

-Tem certeza? - Ele tinha que saber, tinha que ouvi-la dizer isso. -Você fugiu de mim antes. Eu preciso saber que você entende quem eu sou - o que eu sou.

-Eu não tenho medo de você. - Ela abriu suas pequenas mãos e espalhou os dedos em seus músculos peitorais. Suas pálpebras abaixadas e os olhos castanhos tornaram-se nublados. -Eu sei quem você é... - ela continuou e apertou as pontas dos dedos em seu peito, - ...e o que você é.

-Quem sou eu então?

-Você é o homem que me acompanhou para a aula e carregou meus livros. - Um vinco se formou entre as sobrancelhas dela e ela

prendeu a respiração. Ela baixou o olhar para suas mãos. -Você é o homem que abriu as portas, puxou minhas cadeiras e agiu como um perfeito cavalheiro.

Agora, a pergunta difícil, a qual ele não tinha certeza se queria conhecer a resposta. -O que eu sou, olhos de anjo?

-Um homem. - Ela falou em voz tão baixa que, mesmo com a audição superior, ele teve que se esforçar para ouvir.

-Você tem certeza disso?

-Você pode ser capaz de se transformar em outra coisa, mas no seu interior você é um homem. Eu vi você. Eu sei que tipo de pessoa você é.

-Isso é uma coisa boa?

-É uma coisa boa, - respondeu ela, balançando a cabeça. -Há homens que não têm desculpa para suas ações, mas eles machucam as pessoas da mesma forma. Eles fazem coisas horríveis. Coisas más.

Ele acariciou o cabelo dela, entregando-se a seu desejo de tocá-la. -Que tipo de coisas más, querida?

-Eu não quero falar sobre isso, - ela respondeu no mesmo tom sem vida. -Eu fui tão estúpida, tão ignorante.

-Quem lhe disse isso? - ele retrucou, furioso com os insultos e só Deus sabe o que mais sua companheira havia recebido de seus parentes. Não era de se admirar que ela arriscou sua vida para fugir.

-Sua família? Seu tio?

-Disse-me o quê? - ela sussurrou e olhou para ele com seus grandes olhos como os de uma corça.

-Que você é estúpida e ignorante.

-Ninguém precisou me dizer. - Ela abaixou a cabeça, evitando o olhar dele. -Ninguém teve que fazê-lo. Eu percebi isso algum tempo depois... - Sua inalação foi suave, mas sua exalação áspera revelou seu nervosismo. -...depois do que aconteceu, depois que você se foi, - ela murmurou. -Eu sabia que tinha cometido um erro.

Um erro.

A esperança era uma emoção bastarda, e Emory sabia que era cedo para deixá-la ganhar vida. Infelizmente a maldita sensação tomou conta dele, aquecendo seu coração.

-O que foi erro?

-Fugir, - ela finalmente confessou, tremendo enquanto o fazia. - Tratar você como eu tratei.

-O que você fez é compreensível. - Obrigou-se a não pressioná-la demais ou pedir demais. -Você estava em estado de choque depois de descobrir o que eu sou, não foi uma situação fácil.

-Não foi, mas depois que eu juntei todos os fatos eu entendi que estava errada sobre um monte de coisas. - Ela fez uma pausa e perguntou: -Como você me encontrou?

Seu estômago deu um nó. Como diabos ele responderia essa pergunta sem assustá-la? Se ele mencionasse sua família, ela pode perguntar o que tinha acontecido com eles. Ele não queria ser o homem que revelaria que todos que ela tinha deixado para trás - com exceção de seu tio bastardo - estavam mortos.

-Depois que eu descobri que você não estava na fazenda de seu tio, eu fiz algumas pesquisas. Lembrei-me da nossa conversa sobre seus pais e a viagem que você disse que tinha de fazer para a Flórida para recuperar a herança que seus pais haviam deixado para você. Não foi difícil encontrá-la uma vez que eu sabia para onde você tinha ido. Eu descobri quem era o advogado que você devia procurar e um membro da matilha começou a monitorar as ligações telefônicas dele. A chamada que você fez para ele um par de dias atrás me deu a sua localização.

-Outro ponto na minha cartela de coisas estúpidas de se fazer, - ela murmurou.

-Você não é estúpida. - Ele não queria parecer tão zangado, mas era impossível ser carinhoso quando sua companheira parecia determinada a se colocar para baixo. -Você é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço.

Quando ela levantou a cabeça e seus olhares se encontraram, ele sabia que ela iria enfrentar seu medo de que um dos dois terminaria por correr por causa disso. Não havia nenhuma maneira de conter a parte feral dele, não agora. Ele sabia que seus olhos estavam brilhando, que seus caninos, embora não tão expostos, apontavam para fora de suas gengivas de uma forma não natural. Ela observou as mudanças, começando com os olhos antes de baixar seu foco para sua boca. Ele esperou, prendendo a respiração, se agarrando à esperança de que ela iria acabar com seu tormento.

Segundos passavam como horas, tão lentamente que ele chegou a pensar que ficaria louco. Então, Mary levou as mãos até seus ombros e pôs-se nas pontas dos pés. Ela franziu a testa, desceu

os pés e seus dedos fizeram cócegas na sua nuca, quando ela subiu sua mão direita e aplicou pressão para que ele baixasse a cabeça.

-Venha aqui.

Ele obedeceu, abaixando o queixo quando ele passou as mãos em volta da cintura dela. -Assim?

A resposta dela veio na forma de contato físico - um beijo roçando os lábios - que o deixou balançando em seus calcanhares. Nesse instante exato ele sabia que estava perdido. Sua companheira havia chegado a ele, sem pressão, sem medo e sem restrição. Ela tomou a decisão por conta própria, sem qualquer influência externa, e agora esperava por ele para fazer o próximo movimento.

-Eu não tenho medo de você, - ela sussurrou, o cheiro de seu desejo crescente acariciando o nariz dele. -Os outros me assustam, mas você... Eu sei que você não vai me machucar. - Ela gemeu quando ele a agarrou pela bunda e levantou os pés dela do chão, colando-os quadril com quadril, peito com peito.

Abra para mim, querida. Abra para mim.

Quando ela o fez, ele mergulhou sua língua dentro da sua boca. Ele planejou ir devagar, mas tudo estava acontecendo muito rápido. Mary ficou receosa no início, respondendo aos redemoinhos provocantes da língua dele com os cautelosos de sua própria. Ele rosnou e amassou os globos de suas nádegas em suas mãos, incentivando-a a deixar-se ir. Seu nariz lhe disse que ela estava excitada, o cheiro dela o tentava de tal maneira que seus músculos tremiam em antecipação. Era hora de colocar os seus sonhos de lado.

Quem precisava de fantasias quando o negócio real estava em seus braços?

Ele pensou que a batalha estava vencida quando ela envolveu suas pernas ao redor da cintura dele e sua buceta – protegida pela calcinha molhada – encaixou contra o seu pênis. A pressão em suas bolas foi imediatamente seguida pela sensação de molhado devido ao sêmen que escapava da cabeça de seu pênis agasalhado dentro de sua calça jeans. Mãozinhas ávidas se entrelaçaram em seu cabelo e puxaram mais ainda sua cabeça quando ela aprofundou o beijo e começou a imitar os movimentos da sua língua.

Apreste o inferno, ou você vai acabar antes dela começar.

Quando ele levou sua companheira para fora do quarto, ele mudou sua opinião. A esperança não era uma emoção bastarda. Ele estava mais que feliz de engolir as palavras e forçá-las para baixo em sua garganta.

Nesse exato momento - enquanto ele entrava em seu quarto e fechava a porta com um toque de calcanhar - a esperança era uma coisa foddidamente boa de fato.

CAPÍTULO 3

Mary não podia acreditar que ela estava agindo tão ousada e descaradamente, sem um pinga de vergonha ou timidez. Um minuto ela estava lutando contra seus desejos. No próximo ela decidiu que não tinha mais nada a perder.

Ela poderia ter morrido na noite passada.

Ela poderia ter morrido – morta e enterrada.

Mas ela não estava. Ela estava viva por causa de Emory.

Ela não sabia como ele a tinha encontrado ou o que ele queria, mas nada disso importava. A vida que ela teve uma vez, acabou. Ela não podia voltar, só podia seguir em frente. Se Emory decidiu que o relacionamento deles seria algo passageiro, ela aceitaria o sofrimento e a perda, quando chegasse o momento. Independentemente da forma como ele a encontrou, ou por quanto tempo ele pretendia mantê-la, ela agarraria o que pudesse ter.

Emory a fazia se sentir segura. Ele a fazia se sentir querida. E já fazia muito tempo que ela não sentia qualquer uma dessas coisas.

A garota tímida e envergonhada que tinha medo de parecer tola, no que dizia respeito ao sexo, por fazer algo errado, tinha desaparecido. Aparentemente, as coisas não eram tão difíceis como ela acreditava. Quem diria que uma virgem poderia deixar um homem tão excitado e ansioso a ponto de se entregar aos seus instintos, de

agarrar o touro pelos chifres, de permitir que seus hormônios assumissem o controle? Emory já não era o sujeito tranquilo que cuidava dela como se fosse uma criança. Ele havia se transformado em um homem que a beijava com tanta intensidade que ela se perguntava se ele iria devorá-la, tamanha era a sua fome.

Ele inclinou-a de costa e ela se encontrou com uma almofada macia e o edredon. Ela não pode deixar o contraste passar despercebido. Músculos rígidos em cima, penas e algodão macios por baixo. Assim que ela ficou totalmente deitada na cama, as mãos de Emory soltaram sua bunda e deslizaram para cima, ao longo de sua cintura e costelas até que seguraram seus seios. Ele apertou seus dedos, esfregando os polegares em círculos sobre seus mamilos. Um choque de eletricidade e fogo percorreu seu corpo, partindo do seu estômago e parando em seu sexo, tão forte que ela arqueou as costas e empurrou os montes nas mãos dele.

-Bonitos, Mary, - Emory gemeu contra seus lábios. -Tão suave.
- Ele puxou seus mamilos através de seu sutiã, arrastando outro gemido de sua garganta. -Tão sensível.

-Por favor. - Ela não tinha ideia do que ela estava implorando ou porque se contorcia embaixo dele. Tudo que ela sabia era que um incêndio corria por seu corpo, junto com um formigamento que foi lentamente se espalhando, a partir dos picos duros presos nos dedos de Emory e parando no calor úmido entre suas pernas. O toque de Emory sempre a fez formigar, mas nunca a tinha feito queimar ao ponto de não poder ficar parada.

-Eu vou cuidar de você. - Os lábios dele se afastaram da sua boca, percorrendo um caminho que serpenteava pelo seu queixo e

parou em sua garganta. -Eu vou agradá-la de muitas maneiras, mostrar-lhe tantas coisas diferentes. Eu vou fazer você se sentir tão bem, querida.

Ele liberou seus seios, arrastou seus dedos ao longo de seu abdômen e puxou a bainha de sua camiseta. Ela levantou os quadris, ajudando-o a trazer o material para cima e passá-lo sobre sua cabeça. O ar frio acariciou sua pele, espalhando arrepios ao longo de seu corpo. Emory jogou a peça de lado e passou os lábios ao longo de sua clavícula, lambendo e aquecendo a carne com a sua língua, enquanto seguia um caminho para baixo. Os músculos do seu estômago se apertaram quando ele roçou o queixo sobre seu mamilo direito, as cerdas ao longo de sua mandíbula prendendo na renda de seu sutiã. O toque de provocação não foi suficiente e ela arqueou as costas novamente, tentando levá-lo a dirigir sua atenção para onde ela mais queria.

-Fique quieta, companheira. - Emory rosnou, o som parecido com tambores ressoando em seus ouvidos.

Companheira? Ela se contorceu incontrolavelmente, incapaz de fazer o que ele ordenou, sentindo como se seu corpo estivesse sendo consumido pelas chamas. Diskant tinha chamado Ava de sua companheira. Talvez fosse um termo comum na matilha. Seu entusiasmo cresceu com o pensamento. Se Emory pensava nela nesse contexto, talvez houvesse mais entre eles do que atração física, algo que iria estender seu relacionamento além dos prazeres do sexo.

-Companheira? - ela perguntou, correndo os dedos ao longo dos músculos que se estendiam e se flexionavam em seus ombros.

Emory hesitou, sua boca pairando sobre o mamilo. Quando ele não continuou, ela colocou uma mão em seu pescoço, encorajando-o a continuar. -Por favor, - ela repetiu, desta vez mais alto, e gritou quando Emory afastou-se e olhou para ela. Seus olhos já não eram castanhos, estavam como ouro derretido.

-Quieta, Mary. Agora.

Ele era louco? Ela não podia ficar parada. Não assim. -Eu não posso ajudá-lo, - ela reclamou, tentando fazer o que ele pediu. -Eu nunca me senti assim antes.

A testa dele perdeu as rugas quando seu rosto se suavizou em entendimento, mas o brilho em sua íris não enfraqueceu. -Nem eu, mas temos que conversar. Eu a quero tanto. Eu não posso respirar, mas eu não vou tirar a sua escolha. Não podemos levar isso adiante até que você saiba de tudo. Você tem que entender para onde isso irá nos levar.

-Falar não é importante. - Ela arranhou suas costas quando ele tentou se afastar. Ela sabia exatamente onde isso levaria - para o sexo que ela sempre sonhou. Emory faria amor com ela tão completamente que ele iria deixar uma marca invisível, algo para lhe fazer companhia nas noites frias que ela sabia que viriam em breve. Amanhã ela estaria condenada. Para o inferno com as besteiras, o perigo e o desconhecido. Eletricidade pairava no ar, uma ligação direta entre os dois.

O que mais havia para discutir?

-Não há como voltar atrás. - Emory gemeu quando ela arqueou as costas e empurrou seus mamilos duros em seu peito, o corpo

tremendo contra o dele. -Assim que eu tiver você, eu nunca vou deixar você ir.

Muitos fatores impediram que ela prestasse atenção à declaração, ela preferiu empurrar suas dúvidas de lado, ficar cega a tudo, exceto ao homem em cima dela. Ações eram muito melhores do que palavras, especialmente quando uma carícia simples - como as pontas dos dedos arrastando ao longo de seu pescoço - faziam Emory fechar os olhos e rosnar baixo em sua garganta, o profundo zumbido vibrando contra seus seios. A sombra ao longo de sua mandíbula era a coisa mais sexy que ela já tinha visto. Quando ela levantou a mão e esfregou os dedos contra seu queixo, ela sentiu o pelo erigido, mas, surpreendentemente, também era suave.

-Eu estou tentando fazer a coisa certa, caramba. - Ele serpenteou seus dedos ao redor de seus pulsos e forçou os braços dela sobre a cabeça. -Mas você não está facilitando.

Eles olharam um para o outro, ofegando suavemente, os peitos se tocando. O cabelo dele tinha caído sobre a testa, alguns dos fios ao longo de seu pescoço ficaram presos nas cerdas em sua bochecha. Os olhos dourados pareciam olhar através dela, como se pudesse tocar sua alma. O momento era mais do que íntimo. Era como se algo encaixasse no lugar. A conexão era desconcertante, mas impossível de ignorar.

E não foi a primeira vez que ela sentiu essa conexão.

Pensando nos momentos que tiveram desde que se conheceram, ela já tinha sentido essa mesma emoção, como se algo dentro dela reconhecesse Emory como sua outra metade, aquela pessoa que completava sua vida.

Como isso era possível?

-Você sente isso, não é? - Emory murmurou.

-Eu não entendo. - E era verdade, ela não entendia, não completamente. Ela sentia como se fosse mais do que sexo, algo que iria mudar sua vida para sempre.

-Nós fomos feitos um para o outro. - Emory baixou a cabeça e apenas roçou os lábios nos dela. -A primeira vez que a vi, eu soube. Eu queria tanto você, que doía.

-Mas... - ela lutou para encontrar as palavras, -...você nunca disse nada.

-Eu queria, - ele sussurrou, quando ela inconscientemente mexeu seus quadris, pressionando sua grossa ereção contra a coxa. - Você não tem ideia de como era difícil manter minhas mãos longe de você.

-Então, por que você não me falou? - Deus sabe que se ele tivesse feito um movimento, ela não seria capaz de detê-lo.

-Eu não sabia o quão profundo eram seus vínculos com a sua família. Eu queria que você confiasse em mim antes de lhe dizer a verdade. Eu não queria que você tivesse medo de mim. - Um flash de dor atravessou seu rosto. -Você fugiu de mim quando soube o que eu sou.

-Eu sinto muito. - A dor na expressão dele fez seu peito doer, como se algo quebrasse dentro. -Quando a minha família... todas as armas... e então você... - Ela engoliu em seco. -Entrei em pânico.

-Compreensível. - Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. - Não há nada que possamos fazer para mudar o que aconteceu. Reviver o passado não vai fazer bem a qualquer um de nós. Só podemos seguir em frente. É por isso que é tão importante que eu seja honesto com você agora, que você entenda exatamente o que você significa para mim.

-Companheira, - ela sussurrou, lembrando que ele tinha colocado um ponto final no carícias quando ela disse a palavra. -É isso que você quer dizer? É isso que você quer que eu seja?

-Não, não é isso que eu quero que você seja. - Ela franziu a testa e ele corrigiu: -É o que você é. Minha. Minha companheira.

Então tudo fez sentido.

Não era apenas sexo casual. Ele não queria que ela para uma aventura.

Emory queria fazê-la sua.

Um vinco se formou entre as sobrancelhas de Mary quando ela processou a informação. Seu lábio inferior desapareceu entre os dentes e ele apertou a mandíbula, forçando para trás um grunhido de necessidade e desejo. Ninguém o tinha afetado como Mary e ninguém mais o faria. Isso era o que ela precisava entender e aceitar.

Finalmente, ela perguntou: -Esse é um termo shifter para namorada?

Ele sorriu por ela parecer perplexa. -Não, olhos de anjo. Significa que você é minha outra metade. A mulher com quem eu quero passar o resto da minha vida.

Os belos olhos castanhos dela se arregalaram. -Você não me conhece.

-Não? - Ele revirou os quadris para que seu pênis – preso no jeans - fizesse contato com sua vagina. Seus olhos se fecharam e ela gemeu.

-É química. - Mary suspirou, arqueando as costas. -Você não tem que conhecer alguém para compartilhar isso.

O lobo dentro dele rosnou, querendo provar o quão errada ela estava.

No inferno que não.

Ele não permitiria que ela pensasse que a química era a única coisa responsável por suas reações a ele. Ele se afastou dela, mas não colocou muita distância de modo que seus corpos ficaram separados por poucos centímetros. Ela abriu os olhos e olhou para ele, sua frustração sexual era aparente quando seus lábios franziram em uma careta sexy.

-Há mais do que química acontecendo aqui. Concentre-se em suas emoções, pense sobre a maneira como você se sente.

-Agora eu me sinto irritada, - ela resmungou.

-Mas você se sente segura também, não é? - Ele deixou seus pulsos livres e arrastou os dedos pelos braços dela. -Você está em um quarto comigo, sozinha na cama. Mas você não está com medo. Você não está fugindo. Na verdade, você está me queimando vivo com o seu cheiro, com o modo como você se encaixa contra mim, e com o fato de você estar ansiosa. - Suas narinas queimaram quando ele aspirou o

perfume dela. O cheiro perfumado do sexo dela flutuava no ar - quente, doce, toda Mary - e seu pênis pulsou quando ele se imaginou provando seu sabor pela primeira vez.

A careta dela desapareceu lentamente. -Eu sempre me senti segura com você, - ela confessou, as bochechas ficando um tom de rosa de tirar o fôlego. -Eu não sei por que.

-É porque no fundo você sabe o que significa para mim. - Ele encontrou seu olhar. -Você sabe que nós fomos feitos um para o outro.

-Isso não é possível. Amor à primeira vista só acontece em filmes de romance.

-O que temos é mais do que amor à primeira vista. - Ele deslizou seu dedo ao longo do ombro dela. -Na verdade, o que eu quero compartilhar com você faz o amor parecer ridículo em comparação.

Ela tremeu quando ele abaixou seu corpo para que eles se tocassem novamente.

-Você está tentando me dizer alguma coisa.

Ele riu. Cristo, a mulher deixava-o louco. Ele estava tentando lhe dizer alguma coisa desde que ele tinha jogado ela naquela cama. Os hormônios certamente tinham alguma responsabilidade por aquela confusão. Mary não era uma tarada, ou o tipo de mulher que procurava sexo sem compromisso. Sua inteligência superava a de muitas pessoas que conhecia, incluindo membros de sua matilha que tinham diplomas em áreas que exigiam muita inteligência.

-Eu já disse a você, mas eu vou repetir para que você não tenha dúvida. - Seu dedo mergulhou para baixo, para o centro de seu peito e ficou lá, fazendo círculos preguiçosos na área entre os seios. -Assim que eu possuir você, eu nunca vou deixá-la ir. Depois de fazer amor, um vínculo será formado e ele nunca poderá ser quebrado.

-Você está falando que eu vou me transformar? - Ele pegou o medo em sua voz e viu a forma como o lábio inferior dela tremeu. -Eu não acho que você poderia fazer isso.

-Você está certa. Eu não posso transformá-la. Não da maneira que você pensa. - Tentando acalmar seus nervos, que estavam obviamente agitados, ele levou as mãos às têmporas dela e brincou com seu cabelo. -Mas eu posso compartilhar uma parte do que eu sou com você.

-Como? - Ele podia ver que ela estava com medo, embora tentasse escondê-lo.

E o momento da verdade chegou. -É chamado vínculo de sangue.

-Vínculo de sangue, - ela repetiu, como se para ter certeza que ouviu corretamente, deslizando sua tentadora língua rosa ao longo de seu lábio inferior, igualmente rosa.

-Quando fizermos amor, o lobo dentro de mim irá iniciar o processo de fusão com você.

-Uma fusão comigo? - Ela parecia duvidar. -Como isso vai me transformar exatamente?

Ele hesitou antes de revelar: -Uma parte do meu lobo permanecerá dentro de você.

O cheiro de pânico – fortemente apimentado – chegou até ele no mesmo instante em que ela empurrava o peito dele, forçando-o para longe. Ele suspirou, mas deu a ela o que ela queria, apesar do protesto do seu animal interior. Rolando para longe dela, ele levantou-se e sentou-se ao lado da cama. Ela se empurrou para a cabeceira da cama com os cotovelos e os pés firmados contra o colchão. Então, ela olhou para ele e passou a mão trêmula pelo cabelo.

-Vai ser uma parte de mim?

-É uma maneira de falar. - Palavras doces e bonitas não iriam ajudar, então ele não se incomodou. -Ele vai se fundir com você, ficar com você e nos unir como um só.

-Será que eu... O que eu quero dizer é...

-Se você seria capaz de mudar? - ele perguntou, descobrindo sua pergunta com bastante facilidade. -Não, você não faria isso. Você teria a alma do lobo dentro de você, e não a sua forma.

-Isso é um monte de informação para processar. Eu não sei o que dizer.

-Você não tem que dizer nada. - Ele reprimiu uma maldição quando ele estendeu a mão para ela e ela se esquivou de seu toque.

-Eu preciso pensar.

Seu estômago revirou e ele sentiu como se seu coração caísse aos seus pés. Ele sabia que ela poderia reagir desta maneira, mas

uma parte dele tinha esperança de que ela iria aceitá-lo imediatamente, apesar de tudo - um estúpido sonho arrogante.

-Eu entendo.

Ela não o impediu quando ele se levantou da cama, pegou a camisa e entregou a ela, e caminhou até a porta. Ele fez uma pausa quando ele agarrou a maçaneta, esperando para ver se ela iria dizer algo. O silêncio era tão profundo que era ensurdecador, um grito vazio em seus ouvidos que só foi interrompido pelo som do farfalhar da peça de roupa que ele entregou a ela. Sua companheira estava tão perto, mas tão longe. Ele soube no momento em que ela se afastou dele que um muro havia sido levantado entre eles.

-Você está segura aqui, - ele finalmente disse, incapaz de sair sem dizer alguma coisa, qualquer coisa. Ele olhou por cima do ombro e viu que ela estava olhando para as mãos que ela tinha colocado no colo, os dedos enrolados juntos para formar um grande punho. -Vou voltar mais tarde com Doc para que ele possa se certificar de que está tudo bem.

Ela assentiu com a cabeça, mas não olhou para ele. A rejeição bateu forte no peito dela. De tudo o que ele tinha considerado, a única coisa que ele não contava era com o quão vulnerável ele se sentiria se ela o afastasse. Sua vida não tinha sentido até que ele conheceu Mary. Sem ela não havia razão de existir, não haveria luz na escuridão que era o seu mundo.

Apesar do uivo agonizante do lobo em sua cabeça, ele saiu do quarto e fechou a porta - mas ele não se afastou. Em vez disso, ele esperou do lado de fora, protegendo-a da única maneira que podia, e dando a sua companheira o espaço que ela pediu.

CAPÍTULO 04

Sadie Durmus permaneceu nas sombras enquanto estudava o objeto de sua obsessão. Trey estava reclinado em uma espreguiçadeira no pátio de trás da estação de bombeiros, afogando suas mágoas com uma garrafa de Jack Daniels. Ele estava espetacular, mesmo parecendo uma merda, seu cabelo escuro uma confusão em sua cabeça, uma sombra escura em seu maxilar, espessa o suficiente para ser considerada uma barba. A última vez que o tinha visto, ele tinha uma aparência bem melhor do que essa.

Agora parecia que ele não se importava mais.

Ela estendeu a mão para ele com sua telepatia, ouvindo seus pensamentos. A fúria que o dominava quase quebrou seu escudo - a única coisa que impedia os shifters e todos os outros ao seu redor de detectar sua presença. Ela empurrou a fúria de volta, antes que a cossumisse, quebrando sua conexão com Trey. Ele era uma absoluta bagunça, cheio de autopiedade e miséria. O álcool ajudava a amenizar um pouco da sua dor. Mas não era o suficiente, nunca era o suficiente. Ele estava muito distante do homem orgulhoso que já foi um dia, capaz de ser poderoso num minuto, e brincalhão no próximo. Em seu lugar estava um homem que buscava apenas vingança, morte e retaliação.

O sentimento de culpa bateu nela como um golpe duro e direto.

A culpa por ele estar assim pesava sobre seus ombros.

Se ela soubesse que ele iria se destruir, ao ponto de ficar nesse estado, teria tomado decisões diferentes. Tal como confiar em seu coven para proteger a cidade, entregando-lhes o comando daquela missão. Mas não. Em vez disso, ela focou toda sua atenção em Aldon Frost - o vampiro sedento de poder que era uma ameaça para toda a humanidade - e colocou suas responsabilidades acima de suas emoções. O pior é que ela não tinha descoberto qualquer coisa sobre Aldon. Ele cobria seus rastros muito bem, fazendo que fosse impossível prever suas ações.

O macho humano, que recentemente tinha sido aceito pela matilha, aproximou-se de Trey, seus movimentos quase tão graciosos quanto os de um shifter. Sadie sabia que devia evitar ler seus pensamentos, devido ao grande sofrimento que ele havia sofrido. As mortes de sua esposa e de seu filho - que sequer havia nascido - deixaram seu coração tão duro e frio como gelo. Ela sempre acreditou que era possível enxergar a morte em algumas pessoas, e Caden Stone era a personificação de um mortal e cruel matador, ele era capaz de matá-lo apenas com o olhar. O homem bem poderia cortar a garganta de alguém, deixar seu corpo jogado em qualquer lugar, e dormir como um bebê quando voltasse para casa, horas depois.

-Boa noite, Cade. - Trey cumprimentou seu convidado apontando-lhe o queixo, suas palavras saindo um pouco arrastadas.

-Sério? Eu não percebi. - Cade respondeu e sentou-se em frente à Trey, apoiando em seu joelho a garrafa de cerveja que estava em sua mão. -Não me parece que você está no clima para uma reunião de família.

-Não, - respondeu Trey e tomou outro gole de uísque.

-Não posso dizer que o culpo. - Ele olhou para a garrafa na mão de Trey. -Mas eu não tenho certeza que beber seja a solução para os seus problemas.

-Ê mesmo? Engraçado, eu não me lembro de pedir a sua opinião.

Cade sorriu. -Quando foi que isso me impediu?

Trey deu de ombros e olhou para as árvores alinhadas ao longo da propriedade. -Um dia você pode levar um tiro.

-Quer discutir o que aconteceu lá em cima? - Cade perguntou casualmente e tomou um gole de sua cerveja.

-Briga de irmãos. - Trey murmurou, remexendo-se na cadeira. - Acontece.

-Meu entendimento é que você ameaçou a menina que trouxemos aqui. - A voz de Cade mudou, tornando-se profunda, um aviso evidente. -Você a deixou apavorada, assim me disseram.

-Então, o seu entendimento é uma merda e você precisa de melhores informantes. - Trey bufou. -Eu só queria fazer algumas perguntas.

-Ela tem o suficiente para lidar sem precisar que você a pressione. - Cade se inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos braços da cadeira. -Você vai ter que esquecer quem é a família dela e pensar sobre o que ela significa para Emory.

-A merda de um Pastor como membro da nossa matilha. - Trey riu de modo cínico. -Um lembrete constante do que perdemos. Isso vai ser muito fácil de esquecer.

-Todo mundo vai se espelhar em você sobre como tratá-la. - Cade disse calmamente. -Se você virar as costas para ela, eles também o farão.

-Que porra você sabe sobre isso?

-O suficiente.

-Não se preocupe tanto. - Trey acenou distraidamente para a casa. -Diskant e Ava já a acolheram. Ela é oficialmente um membro da nossa grande família feliz. Nenhum dos membros da matilha ousaria ofender aquela fêmea. Não se eles souberem o que é bom para eles.

-Talvez não, - Cade concordou, balançando a cabeça lentamente. -Mas apenas porque eles são educados, não significa que eles vão aceitá-la ou fazer a transição mais fácil.

Trey sacudiu a cabeça e estudou Cade, sorrindo com aquela maneira presunçosa que Sadie detestava. -Olhe só para você, todo protetor e chateado por causa de uma mulher. Eu não sabia que você era tão cavalheiro. Talvez eu deva avisar o meu irmão que ele tem concorrência. Regra shifter número um: nunca confie em um homem humano perto da sua companheira. Eles não entendem o conceito de manter suas mãos longe.

Os olhos cinzentos de Cade se estreitaram. -Ela é humana, uma de minha espécie. Se você acha que eu vou deixar você transformar a vida dela num inferno porque você está revoltado contra o mundo, pense melhor.

-Isso é uma ameaça?

-Você quer que seja?

O coração de Sadie acelerou. Ela observou os homens, sentindo a tensão crescente entre eles. Embora Trey fosse um shifter, Caden teve anos de treinamento físico extensivo. As imagens que ela viu na mente do humano eram um aviso do quão perigoso ele era, alguém que não seria derrotado facilmente. Pela forma como Trey estava se comportando, assim como o seu atual estado de embriaguez, as coisas poderiam ir de uma briga para um banho de sangue em poucos minutos.

Trey jogou a garrafa de uísque nos arbustos próximos e se levantou da cadeira. -É isso aí. Largue a cerveja. Vamos ver se o seu fodido rabo é tão duro quanto as suas malditas palavras.

Cade não se mexeu. -Eu não vou brigar com você. Você não merece a satisfação de obter o seu traseiro chutado.

-Você? Chutar a minha bunda? Eu vou gostar de fazer você comer essas palavras. - Trey estalou o pescoço e balançou os braços de um lado para o outro, sem equilíbrio, obviamente afetado pelo álcool que ele consumia. -Eu vou chutar suas bolas com tanta força que você não será capaz de andar por vários dias. Você vai ter sorte se não rachar como uma castanha e chorar como uma menina quando eu terminar.

-Você está tão bêbado que seria muita sorte se conseguisse ao menos encostar em mim. - Cade ergueu a cabeça, encontrando o olhar de Trey. -Vá encontrar um quarto e dormir. Você não quer que sua família o veja assim.

Trey rosnou e deu um passo em direção ao humano, quando risos femininos o fizeram parar. Ele ergueu os olhos, narinas dilatadas, e estudou o pequeno grupo de shifters que se aproximava - todas do sexo feminino.

-Por que você não aproveita essa energia de modo mais prazeroso? - Uma das mulheres andou para frente, usando calças de couro apertadas, um espartilho do mesmo material e botas com saltos altíssimos. A bebida na mão dela derramou um pouco pela borda do copo quando o líquido vermelho balançou de um lado para o outro.

-Estou fora, - Cade levantou-se, evitando o contato visual com as mulheres enquanto caminhava em direção à casa.

-Não tão rápido. - Outra mulher entrou na frente do Cade, vestida com o melhor traje ao estilo vadia. Seu cabelo loiro era liso e escorregadio pelas costas, com o rosto coberto de maquiagem. Ela colocou a mão sobre o peito dele, bateu os cílios e olhou para ele. - Que tal ir a algum lugar privado?

Sadie estava na posição perfeita para ver que o rosto de Cade endureceu, enquanto ele passava seus grandes dedos em torno do pulso da mulher, forçando-a a afastar sua mão. Ele deu um passo para trás, com o olhar duro. Seu desinteresse ficou evidente quando ele respondeu: -Que tal não?

-Foda-se! - a fêmea shifter xingou.

-Eu acho que não. Por que não volta para dentro e tenta encontrar alguém para coçar sua coceira?

-Você acha que é melhor que eu?

-Eu não acho nada, Andrea. Eu sei. - Quando ela se afastou dele, Cade abriu um sorriso e olhou para Trey. -Você vem?

-Eu não tenho certeza ainda. - O olhar de Trey viajou de cima abaixo pelo corpo da mulher que estava parada na frente dele. O gesto foi a coisa mais rude que Sadie já tinha visto e ela sentiu que ele estava calmo quando perguntou: -Estou vindo⁵, docinho?

-Definitivamente, - a mulher sussurrou, sorrindo. -Mais de uma vez se você tiver sorte.

Cade balançou a cabeça e murmurou: -Para o inferno com essa merda, - e deu as costas para Andrea. Ele se afastou e não olhou para trás, seu casaco de couro movendo-se a cada passo, exibindo os músculos rígidos que estavam debaixo. Andrea olhou para trás, para Cade, seus olhos azuis mudando para um tom mais claro deslumbrante. Ela fechou as mãos em punhos, os braços tremendo, e começou a rosnar.

A fêmea na frente de Trey se aproximou até que eles estavam quase se tocando. -Vamos sair daqui.

Trey sorriu, olhando para os seios da shifter. -Mostre o caminho.

Nem no inferno!

A raiva e o ciúme fizeram-na ver tudo vermelho, perdendo qualquer fio de racionalidade. Sadie não percebeu que havia se movido até que virou a bebida na mão da shifter e enviou o conteúdo

⁵ O verbo *to come* pode significar *vir* ou *gozar* (coming = vindo ou gozando). Cade perguntou se Trey iria com ele e, este, ao responder, fez um trocadilho, perguntando à fêmea se ele iria gozar. Não tem como traduzir o real significado porque, em português, os verbos são totalmente distintos.

do copo sobre o espartilho da mulher. O líquido vermelho espirrou na pele bronzeada, espalhando-se e escorrendo pelo peito da mulher.

Tome isso, puta.

A shifter engasgou, atordoada e indignada enquanto encarava Trey de boca aberta. -O que você pensa que está fazendo, idiota? - ela rosnou, passando a mão suja por cima do couro preto. -É couro legítimo!

-Você ia tirá-lo de qualquer maneira. - Trey deu de ombros e passou os dedos pelo cabelo, dando-lhe um sorriso antipático. - Compre outro.

-Eu não quero outro. - A shifter parou de correr a mão sobre o peito e deu a Trey um sorriso odioso. -Pensando bem, esta não é sua noite de sorte. Você vai ter que se virar com seus cinco amiguinhos. - Ela virou-se e olhou para Andrea. -Vamos dar o fora daqui.

-Você não tem que me dizer duas vezes. - Andrea olhou para Trey. -Os homens aqui são só conversa e nenhuma ação.

Sadie permaneceu onde estava, ao lado de Trey - observando como Andrea liderava as mulheres para longe - delirantemente satisfeita com o que ela tinha feito. O ciúme e o sentimento amargo da vitória evaporaram quando o cheiro de Trey bateu em seu nariz. Apesar do cheiro de uísque em seu hálito, o cheiro amadeirado da masculinidade dele foi suficiente para fazer seus joelhos fraquejarem. Deusa, ele cheirava bem. Ao contrário de qualquer macho que ela já encontrou. Era difícil ficar zangada quando tudo o que podia pensar era em ter um contato - um pequeno toque - do homem ao lado dela.

-Fodidas vagabundas. Já vão tarde. - Trey resmungou e girou nos calcanhares para voltar à sua cadeira. Uma rajada de vento saiu dele, trazendo essa deliciosa fragrância de pinho e couro, homem e lobo, direto para ela. A fragrância se espalhou da cabeça aos dedos dos pés, em torno dela, formando um casulo sexual, tornando-a quente e necessitada em todos os lugares certos.

Oh, Deusa!

Ele tinha um gosto tão bom. Ela sabia que tinha. Todo o poder que possuía estaria impregando no sangue que lhe dava vida, algo que ele iria transferir para ela. Açucarado e doce, picante e masculino.

Perfeição.

Ela fechou os olhos e se imaginou lambendo sua garganta, banhando a área com a língua, criando um caminho sinuoso ao longo de sua jugular. Ele agarraria seus quadris e colocaria sua perna entre as coxas dela, fazendo pressão contra seu sexo para aumentar seu apetite sexual. Ela sentaria em seu colo, provocando-o, adiando o momento do êxtase tanto tempo quanto possível. Quando suas gengivas queimassem, ela rasparia a garganta dele com suas presas, tendo cuidado para que elas não furassem a carne. Ele diria a ela para beber, para levá-lo em seu corpo, para alimentar sua vida com a dele. Em seguida, ela daria a ele o que ele pediu, levando-os ao prazer extremo que só a mordida de um vampiro poderia trazer. Eles alcançariam o clímax juntos, apesar de não juntarem seus corpos, mas haveria outras vezes, outras oportunidades.

Outra fantasia substituiu a primeira, uma que já era recorrente e a deixava sem fôlego, lembrando-a, constantemente, do muito que ela vinha sendo negligente consigo mesmo.

Desta vez, eles estavam nus na cama, com as mãos de Trey agarrando os lençóis, flexionando seus músculos debaixo dela, sua pele corada de desejo. Logo depois de chupar seu pau duro, drenando até a última gota de sua semente, ela perfuraria a veia em sua coxa, reinvidicando-o inteiramente como dela. Em seus sonhos, ela sempre deixava uma cicatriz, uma marca permanente para que ele lembrasse como ela foi feita – e da mulher que a fez. Trey era um homem que iria arruiná-la para todos os outros homens, por isso era justo que ela devolvesse o favor.

Ela lambeu os lábios, perguntando-se exatamente que gosto ele teria, sabendo que a descoberta poderia mudar toda a sua vida. Uma vez que ela provasse a doçura de seu sangue, nenhum outro serviria.

O lembrete a fez enrijecer suas costas, despertando-a de seu devaneio, trazendo-a de volta à realidade. A sensação foi um choque - como se água gelada tivesse sido despejada sobre sua cabeça - removeu todos os traços de desejo, deixando apenas a dura realidade em seu lugar. Que diabos ela estava pensando? Trey havia voltado para casa tinha apenas uma noite e ela já estava pensando em mordê-lo, pensando sobre como sua vida sexual seria. Ela tinha esquecido por que algo assim nunca poderia acontecer.

Porra, você sabe que não pode ter isso! Você quer morrer lentamente? Valeria à pena prová-lo e correr o risco de morrer de fome lentamente? Você sacrificaria tudo o que tem por um homem que não vai querê-la quando descobrir o que você é?

Caramba, doía demais saber que ela nunca poderia ter o que ela mais queria. Ela dizia a si mesmo que podia se acostumar com a dor da solidão, mas ela sabia que, apesar de seus melhores esforços, ela nunca conseguiria isso. Afinal, vampiros também acasalavam, embora fosse de uma forma diferente dos shifters. Uma vez que eles encontravam a pessoa destinada a eles, tudo mudava. Em seu interior, eles mudavam. A pessoa ligada a um vampiro se tornava seu único propósito. Eles podia negar, rejeitar e fugir dessa pessoa - mas eles nunca poderiam escapar.

Estou tão fodida.

Quando ela recuou, tropeçou no caminho de tijolos que havia no gramado. Olhando espantada para Trey, ela prendeu a respiração, tentando controlar o pânico e, ao mesmo tempo, se concentrando em manter o véu que a encobria. Ele levantou a cabeça e seus olhos radiantes, de cor âmbar, se fixaram sobre ela, apesar do fato de que ela estava invisível. Suas narinas alargaram e ele congelou, deixando-a ainda mais assustada.

-É você, - ele sussurrou, e se levantou de seu assento, com as mãos segurando os braços da cadeira com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas. Este era o perigo de procurar Trey, de observá-lo das sombras. Cada vez, ela corria o risco de ser descoberta, e hoje ela se arriscou demais.

Merda.

Ele deve ter sentido o cheiro do seu medo. O cheiro estava em todo o lugar, inundando o ar. Ela tinha ficado tão preocupada em esconder sua forma física que esqueceu o fato de que Trey poderia localizá-la com seu faro. Mover-se era impossível. Ele podia descobrir

exatamente onde ela estava. A única coisa que podia fazer era desaparecer para um local que ele não pudesse segui-la, colocar muita distância entre eles.

Por favor, deixe-me pensar com clareza. Eu só tenho uma chance para fazer isso. Se ele puser suas mãos em mim...

Ela estremeceu com o pensamento, com medo de provocar a fúria dele. Ele precisava de uma válvula de escape para sua raiva, ansiava por isso. Em seu estado atual não havia como dizer o que ele faria. Se ele não a machucasse e, ao invés, levasse as coisas na direção de suas fantasias, ela experimentaria, em primeira mão, a razão pela qual shifters e vampiros não podiam acasalar.

Ele poderia muito bem matá-la.

Respirando fundo, ela se preparou para fugir, mentalizando a casa de seu clã. Seus olhos se abriram quando Trey rosnou e pareceu olhar diretamente nos olhos dela, enquanto falava: -Não tente correr. Eu posso sentir seu maldito cheiro, - e se lançou para ela.

Ela estava aqui - o seu fantasma. Um produto de sua imaginação que ele pensava tinha desaparecido, abandonando-o em sua hora mais sombria e obrigando-o a suportar tudo sozinho, quando ele deixou Nova York. Tantas noites ele ansiou por seu toque, pela sensação suave de seus dedos roçando suas têmporas antes de descerem até a garganta. Quando essas carícias nunca vieram, ele aceitou que, finalmente, havia perdido o juízo, depois de ter saltado para o fundo do poço, sem um colete salva-vidas. Agora, seus pensamentos eram sempre caóticos. Talvez sua mente estivesse tão instável que começou a acreditar que havia uma mulher que cuidava dele, que o acalmava, que lhe dava algo mais do que a raiva para

viver. Ele realmente começou a acreditar que ele tinha imaginado tudo.

Até agora.

O cheiro dela era algo que ele nunca iria esquecer - flores silvestres, incenso e uma pitada de algo que despertava sua memória. Algo de seu passado que, se lembrasse, iria conseguir identificar seu fantasma. Ao longo dos meses, tudo o que tinha experimentado eram toques fugazes, nunca havia tido algo de concreto que, como shifter, pudesse detectar. O que já não era o caso. Agora ele tinha o cheiro dela, poderia identificá-la quando e onde quisesse. O que significava que, se ela estivesse perto, ele iria encontrá-la. Não haveria escapatória.

Na primeira vez que ele a farejou, sua memória se esforçou para lembrar de onde conhecia aquele cheiro. Infelizmente, ele não podia perder tempo pensando nisso. Ele podia ver a marca do seu fantasma na grama, a impressão de sua bunda e mãos bem visíveis. O álcool que ele bebeu em um período tão curto de tempo o fez mais lento do que ele gostaria de estar, mas ele foi rápido o suficiente para apanhar a sua presa. Apesar de sua incapacidade de ver a mulher, ele conseguiu colocar suas mãos em contato com os ossos frágeis de uma caixa torácica. Ele ficou lá, esperando, com os braços dela presos ao lado do corpo.

Outra novidade o assaltou - o som da voz dela - quando ela ordenou: -Deixe-me ir.

E então ele foi atingido por uma onda instintiva, como o primeiro raio de sol no céu da manhã trazendo o mundo para a vida. Nesse instante algo dentro dele mudou. Seu lobo acordou e subiu

para a superfície de sua pele, escovando contra a carne pelo lado de dentro, mas não havia nenhuma fúria em suas ações. Um apetite sexual que ele nunca tinha conhecido, que ele nunca pensou que existisse, o consumiu. Ele queria a mulher em seus braços por baixo dele, presa por seu corpo enquanto ele a reinvidicava por trás, fodendo loucamente enquanto enterrava os dentes em seu ombro. Ele queria provar seu sangue, e marcá-la de forma absoluta, para sua matilha ver, sentir e reconhecer.

Ele encontrou-a, depois de todo esse tempo, quando ele não tinha nada a oferecer.

Minha companheira.

O pequeno pacote em seus braços se debatia e lutava, com uma força que ele não teria pensado possível. Ele amaldiçoou sob sua respiração e tentou lutar com a mulher no chão. Para seu espanto, ele viu um lampejo, como se a forma da mulher presa em seus braços estivesse começando a perder o que quer que fosse que lhe permitia proteger-se dele. Então, ela estava lá, olhando para ele com os olhos azul-claro mais extraordinários, que ele só tinha visto semelhante cor em águas-marinhas. Longos cílios enquadravam as esferas deslumbrantes, intensificando o tom sombreado.

Oh merda.

Flashes de uma noite, meses antes do ataque, o golpearam como uma transmissão eletrônica, permitindo-lhe recordar tudo com grande clareza.

Liminality Club.

A lembrança que ele tinha tentado recordar tão insistentemente, voltou, preenchida com a visão da beleza que estava embaixo dele – uma visão de tirar o fôlego em couro preto, botas de cano alto até os joelhos, e uma expressão no rosto que dizia *meta-se comigo e vai se arrepender*. Lembrou-se de seu esvoaçante cabelo loiro claro. A forma como os fios exuberantes eram cacheados nas pontas, na altura dos ombros, e caíam com uma grossa cascata pelas costas. Ele não teve escolha, precisava se aproximar dela, ele ficou tão atraído por ela, de uma forma que não conseguia entender completamente. À mediada que se aproximou, foi como se uma parte dele, que estava adormecida há muito tempo, de repente, retornasse à vida, provocando um incêndio em seu sangue.

Mas, então, ela tinha feito o inesperado e desapareceu diante de seus olhos. Em um momento estava lá, no seguinte, não estava mais. Apenas uma criatura poderia fazer uma coisa dessas, uma criatura que se alimentava da vida dos outros. Agora que ela estava em seus braços, a verdade que ele não queria acreditar deu-lhe um tapa firme no rosto. Sua mente se rebelou, um urro horrível de fúria fez sua cabeça doer, enquanto seu lobo rosnou de contentamento.

Não podia ser. O destino não poderia ser tão cruel.

-Um maldito vampiro? - ele rosnou, pego de surpresa pela descoberta, enojado que seu pênis estava duro como um taco de beisebol.

Inesperadamente a cor em suas bochechas desapareceu, deixando-a pálida, muito pálida. Era como se algo vital tivesse sido arrancado de sua mão, seu escudo protetor havia caído, deixando-a nua, aberta e exposta. Seus olhos se arregalaram, grandes e cheios

como seus lábios – que eram de um tom cereja, adoravelmente beijáveis. Houve surpresa, então a aceitação, seguida por dor visível em seu rosto angelical quando suas palavras soaram.

-É isso mesmo, shifter, - ela sussurrou, encarando-o com igual repulsa. -Um maldito vampiro.

-Não pode ser. - Ele enterrou os dedos nos braços de sua jaqueta de couro, usando força suficiente para fazê-la inalar bruscamente de dor. Consciente de que ele a estava machucando, ele diminuiu seu aperto, mas não a soltou. -Não é possível.

-Não seja grosseiro. - Suas sobrancelhas arquearam quando ela olhou com raiva para ele. -Eu sugiro que você me solte. - Ela olhou-o nos olhos, demonstrando por ele uma hostilidade explícita que queimou sua alma. -Não me obrigue a fazer algo que vai se arrepender.

Ele baixou os olhos para que sua atenção repousasse sobre o seu nariz e boca. Era um truque. Tinha de ser. -Não tente seus jogos mentais comigo. Eles não irão funcionar.

A risada dela soou amarga. -Você acha que eu preciso de jogos mentais para foder você? Oh shifter... - ela ronronou. -Você não tem ideia.

Em um piscar de olhos sua expressão mudou, tornando-se sedutora, as pálpebras baixando para revelar menos de suas íris. Ela se acalmou debaixo dele, a suavidade de sua barriga esfregando contra seu pênis. Ele queria ser forte, resistir. Ao contrário, ele gemeu, preocupado que pudesse gozar em suas calças como um

garoto ansioso com a sua primeira mulher. Ela podia ser forte e magra, mas ela também era suave em todos os lugares certos.

Ela revirou sua pélvis, aumentando o contato com o pênis dele, e abriu a boca. Dentes minúsculos - muito menores que os dele em sua forma de lobo - eram visíveis. O visual devia tê-lo enjoado, mas em vez disso, suas bolas ficaram duras e sua calça de couro tornou-se escorregadia quando uma gota de pré-sêmen escapou da cabeça de seu pênis.

-Entende o que eu quero dizer? - Ela parou de se mover, o fascínio sedutor de sua voz rouca foi substituído por um tom arrogante que ele não gostou. -Agora, eu sugiro que você saia de cima de mim. Vamos nos separar e esquecer essa noite, ela nunca aconteceu.

-Esquecer? - Ele odiou repetir essa palavra, amaldiçoando a mulher em seus braços por apenas fazer tal sugestão. -Você acha que eu posso esquecer isso?

-Por que não? Eu certamente posso. - Ele não conseguiu lê-la, foi impossível determinar se ela quis dizer o que disse, ou se ela estava blefando. -Não se preocupe, - ela continuou, desta vez com uma ponta de pânico, suas palavras soando instáveis. -Depois de hoje, você nunca vai me ver de novo. Você tem a minha palavra.

O pensamento de ela o deixando rasgou uma ferida em seu peito. Ele havia sobrevivido sem ela, e quase conseguiu esquecer a sua existência, durante o seu tempo longe de Nova York. Durante esse tempo, ele havia perdido uma parte de si mesmo, que ele nunca esperava encontrar de volta. O seu lado humano constantemente escorregava entre seus dedos, como grãos de areia fina.

Não mais.

-Então é assim, - ele murmurou, e olhou para a boca dela, sabendo que estava eternamente condenado. Ela podia ser um bebedor de sangue - uma porra de um sanguessuga - mas caralho, ele se importava uma merda. -Você não deve fazer promessas que não pode manter, querida. Você vai voltar para mim de novo e de novo, e nós dois sabemos disso.

Seus belos olhos mudaram de cor, indo do azul-claro para azul quase branco, quando ele abaixou a cabeça e beijou-a com força. Alguns segundos se passaram e ela relaxou, abrindo os lábios, permitindo-lhe entrar. Ele não tinha certeza do que devia esperar daquele contato - talvez sentir o gosto metálico de sangue e lembrar que ela sobrevivia bebendo de outras pessoas, ou talvez algum sabor estranho devido ela ser vampiro – mas, certamente, não era a doçura que ele experimentou quando deslizou sua língua pelos lábios dela, explorando a caverna quente que era sua boca.

O toque experimental da língua dela contra a sua, quase o fez gozar. Ele soltou os braços dela e correu os dedos por seu peito, deslizando os dedos sobre os seios fartos. Muito suaves, os montes redondos encaixavam perfeitamente em suas mãos. Ele fazia círculos com a língua, um jogo de provocação que ele mantinha enquanto apertava e manipulava os mamilos que endureceram sob seus polegares. Ele sentiu pequenas picadas e, então, percebeu que ela deslizou os braços sob o casaco e estava cravando suas pequenas garras em seus ombros.

Ele separou os lábios dos dela, determinado a saber uma coisa antes de recomeçarem. -Seu nome. Diga-me seu nome.

-Sadie, - ela respondeu, sem pausa, a respiração falhando e o rosto corado.

Sadie. Combinava com essa sensual atrevida. Única, adorável - ela.

Erguendo a cabeça, ele olhou para a casa de Diskant. Demorou alguns segundos para se concentrar, sua visão um pouco embaçada graças ao seu amigo, o Sr. Daniels.

Isso não é uma merda? Foda, foda, foda.

Ele não conseguiria levar sua fêmea para um dos quartos de hóspedes. A matilha já o considerava louco, todos falavam sobre sua instabilidade quando pensavam que ele não estava escutando. Trazer um vampiro para o meio deles seria como martelar um prego em seu caixão. Ele não apenas seria evitado, ele seria expulso da matilha. Eles o jogariam para fora com um sincero *foda-se e nunca mais volte*.

Leve-a para outro lugar, idiota. Um lugar onde você não seja visto.

-Eu posso não ser capaz de reivindicá-la na frente da matilha, - ele murmurou para si mesmo, sem saber que estava falando em voz alta, -Mas eu, com certeza, posso fodê-la na privacidade da minha própria maldita casa.

Ele caiu de joelhos, começando a envolver seus braços em torno das costas e pernas dela, quando um golpe mandou-o vários metros longe. Ele caiu de bunda no chão, desorientado e confuso, olhando para o céu. Uma forma apareceu, lançando sombra sobre ele. Mechas loiras, compridas, emolduravam o rosto de Sadie – um rosto que demonstrava muita raiva.

-Eu sabia que você não seria melhor, - disse ela, a voz profunda, suas palavras cortando o ar como uma rajada de vento frio no inverno. -Que a Deusa ajude você, Trey Veznor. Eu esperava... eu pensei... - Ela balançou a cabeça, o carnudo lábio inferior tremendo. - No final, você vai ficar sozinho. Quando chegar a hora de enfrentar seus demônios, eu espero que você seja forte o suficiente para sobreviver.

Ele estendeu a mão para ela, tentando agarrar o casaco, mas era tarde demais. A única coisa que agarrou foi um punhado de nada. Olhando para o espaço onde ela sumiu, ele se perguntou se ela era apenas um sonho, algo que ele tinha criado para fazê-lo sair da cama todas as manhãs. Talvez ele estivesse ficando louco. Talvez ele, finalmente, tivesse enlouquecido de vez. Ele correu a língua ao longo de seus lábios, encontrando um vestígio do sabor da sua mulher. Então, ele soube que ela não era uma invenção da sua imaginação.

Sadie.

O lobo dentro dele ameaçou escapar, arranhando suas vísceras, com o coração partido pelo que ele tinha acabado de fazer. Ele rosou furioso com o seu comportamento. Se fosse possível, ele tinha certeza que seu lado bestial teria rasgado sua idiota forma humana. Ela se foi, assim como antes. Estava aqui e, em um segundo, partiu. Tudo porque ele era um bêbado, irresponsável e queria manter seu orgulho.

Orgulho? Pensou com raiva. Que orgulho?

Qualquer dignidade que ele tivesse, acabou faz tempo. Ele era um lobo solitário agora. Um proscrito. Uma anomalia entre sua espécie. Mas ele não tinha que continuar sendo. Algo - seja o destino,

sorte ou o acaso - tinha trazido sua fêmea para ele, e ele a tratou como se fosse apenas um caso de uma noite.

Depois de hoje, você nunca vai me ver de novo, ela disse. *Você tem a minha palavra.*

A advertência dela fez sua mente ferver, recordando-lhe que se havia algo que devia ser temido, era o fato de que algumas coisas estavam totalmente além de nosso poder para controlá-las. Quando ele se levantou e foi em direção da casa, ele sabia que era hora de começar a retomar sua vida. No último par de meses, ele se afundou em autopiedade, permitindo que a miséria o consumisse.

Esses dias acabaram.

-Sadie, querida, eu avisei você, - ele murmurou, caminhando em direção ao seu futuro com um novo propósito e firmeza em seus passos. -Não faça promessas que não pode cumprir.

CAPÍTULO 05

Conviver com pessoas insanas havia ensinado algo a Mary: uma fuga devia ser planejada cuidadosamente. Não era tão simples como fazer a mala e pegar a estrada. Cada decisão trazia consequências, e algumas delas eram mais perigosas do que outras. O mais importante era que a pessoa que estivesse fugindo para salvar sua vida não hesitasse. Uma vez que ela começasse a fuga, essa ação não poderia ser desfeita.

Não haveria uma segunda chance.

Minutos depois que Emory tinha deixado o quarto, ela começou a pensar sobre o que ele disse. E cada vez que ela encontrava uma razão pela qual eles deveriam ficar juntos, ela encontrava outra que a fazia recuar. Ele poderia pensar que ela era sua companheira, mas ele tinha que estar errado. Eles não estavam mais vivendo aquelas tardes de doces mentiras, quando se encontravam na cafeteria e conversavam sobre o que planejavam fazer no futuro. Ela não era mais aquela garota deslumbrada, com esperanças e sonhos. Ela agora mantinha os pés no chão e, para isso, precisava ser firme e pensar com clareza.

Os Pastores tinham destruído tantos da espécie dele - quase destruíram ele próprio - e não iriam parar, enquanto eles continuassem recrutando mais Pastores. Seu estilo de vida era uma forma repugnante e macabra de tradição, transmitida de uma geração para a seguinte. Por causa disso, ela nunca seria livre. Ela sempre

seria caçada, sempre estaria em perigo. Se ela ficasse, apenas traria miséria para Emory.

Ela desceu da cama pisando na ponta dos pés, e começou a formular um plano. O banheiro do quarto tinha uma enorme banheira com garras. Se deixasse a água correndo, isso iria abafar qualquer barulho que ela fizesse enquanto remexia na cômoda e no armário. Ela não tinha certeza para onde iria, mas ela sabia que seria um lugar frio. Em qualquer lugar fazia frio em novembro. Por isso ela precisava encontrar roupas adequadas, que iriam mantê-la aquecida para que pudesse chegar ao cofre. Então, ela poderia descansar e tomar algum tempo para resolver as coisas.

Ela congelou, revendo seu planejamento e abafando um gemido.

Um hotel. Inferno!

Girando em um círculo, ela procurou sua bolsa, dizendo uma oração silenciosa. Emory tinha mencionado o dinheiro e o mapa, de modo que sua mochila tinha que estar em algum lugar. Ela inspecionou o armário, a cômoda, o chão - e parou no grande armário em frente à cama. Mesmo sabendo que sua bolsa não estaria lá, ela verificou de qualquer maneira, esperando que desta vez ela estivesse errada. Uma grande televisão de tela plana estava lá dentro, junto com um controle remoto. As demais patreleiras estavam vazias. Soltando um suspiro firme, ela tentou pensar em um novo plano, tentando imaginar onde sua bolsa estava.

-O outro quarto, - ela murmurou.

Droga, droga, droga!

Passos soaram do lado de fora da porta do quarto e Mary rapidamente fechou o armário e correu para o banheiro. Ela não chegou a tempo, interrompida a meio caminho de seu destino, pega no ato pela própria dona da casa da qual ela estava tentando escapar.

-Uh... - Mary tentou pensar em algo para dizer que não iria fazê-la parecer culpada.

Ava acenou com a mão e fechou a porta. -Nem tente. Você poderia contar a melhor mentira do mundo e eu ainda saberia que é uma mentira. - Ela levantou a mão e tocou sua têmpora. -Eu posso ouvir o que você está pensando, lembra?

Falando sobre invasão de privacidade. O medo desapareceu, substituído por aborrecimento. Mary caminhou em direção a Ava e parou a centímetros de distância da pequena mulher. Ela era pelo menos cinco ou seis polegadas mais alta - possivelmente mais.

-Você não acha que é um pouco rude? - ela perguntou, colocando as mãos nos quadris.

-Definitivamente. - Ava disse, imperturbável, cruzando os braços sobre o peito. -E se Emory não tivesse interrompido Diskant e eu, me pedindo para ter certeza que você estava bem, quando ouviu você remexendo em tudo por aqui, eu não teria feito isso.

Mary olhou para Ava - realmente olhou para ela. Seu cabelo loiro e rosa curto era uma bagunça, os fios saindo em múltiplas direções. Seus jeans estavam com o zíper levantado, mas não estavam abotoados, e sua camisa estava toda para o lado de fora. Como Ava tinha uma pele clara, Mary podia ver uma grande mancha vermelha

ao redor de seus lábios inchados, e uma mordida de amor de tom vermelho vivo em seu pescoço.

Oh Deus.

Emory tinha interrompido Ava e Diskant enquanto eles estavam fazendo sexo.

Ela nunca tinha ficado tão envergonhada, nem mesmo quando sua mãe decidiu que era hora de falar sobre pássaros e abelhas, quando ela completou quatorze anos. Mary desejava que o chão se abrisse e a engolisse.

O semblante de Ava mudou de frustrada para compreensiva. - Não se preocupe com isso. Diskant é o Alfa e o Ômega de Nova York. Não foi a primeira nem a última vez que fomos interrompidos. Na verdade... - Ava sorriu e continuou, -...foi bom ter que refrear a ação antes que ela se concluísse. Ele precisa de um gostinho do que é ser deixado com necessidade. Se você sabe o que quero dizer.

Mary ficou mortificada, a ponto de querer murchar e morrer. Ela e Ava não iriam discutir ou partilhar seus momentos íntimos. Durante a faculdade algumas meninas em sua classe se gabavam de suas vidas sexuais sem um pingô de pudor ou decência. Sempre que ela ouvia os relatos, ficava admirada, e um pouco enojada, por elas tornarem público um momento de intimidade que só pertencia a duas pessoas.

-Oh menina. - O sorriso de Ava permaneceu intacto, mesmo quando Mary a olhou, deixando claro que aquilo a incomodava. -Você vai ter que superar isso. Timidez não tem nenhum significado para

shifters. Você está prestes a ser cercada por pessoas que acham que intimidade é algo que deve ser orgulhosamente aberto para exibição.

-Pare de fazer isso. - Mary baixou a cabeça e beliscou a ponte de seu nariz. Já era ruim o suficiente que Ava soubesse que ela estava envergonhada. -Eu não gosto da ideia de você na minha cabeça.

-Desculpe, eu não queria. É só que... - Ava suspirou. -Eu sei que você está pensando em fugir, por isso não é tão fácil deixar de utilizar minhas habilidades. Eu tenho que proteger os interesses da matilha. Ao contrário do que se poderia pensar, você não é um perigo para nós, a menos que você fuja. Os Pastores já eram uma ameaça antes de você aparecer aqui, e sempre serão uma ameaça. Sua ausência não vai mudar isso. Acredite em mim quando eu digo que você está mais segura aqui do que você poderia estar em outro lugar. Você é a companheira de Emory, e pela lei da matilha, você é nossa responsabilidade. Nós cuidamos dos nossos.

Sua responsabilidade? -O que é que isso quer dizer?

-Isso significa que nós não somos tão diferentes quanto você pensa. Não faz muito tempo eu estava na mesma situação que você. Fugi, e isso só trouxe problemas. Uma vez que você pertence a um deles, é isso. Eles não vão parar de procurar até encontrá-la.

De repente Mary compreendeu, e viu-se realmente inspecionando Ava. A mulher era muito menor do que qualquer shifter que ela já tinha visto. Tão frágil.

-Você é humana, - afirmou em silêncio, achando o fato difícil de entender.

-Quase que totalmente. - Ava respondeu, sua resposta soando vaga.

-Nada disso, - disse Mary, encontrando o olhar de Ava. -Se você espera que eu acredite no que você diz, você vai ter que parar de ler minha mente e me dizer a verdade, mesmo se você acha que eu não quero ouvir isso. Já ouvi mentiras suficientes por uma vida inteira. Honestidade seria uma mudança refrescante.

-Se eu concordar com isso, você vai ter que ser honesta comigo também.

-Feito. - Neste momento, Mary não poderia lidar com muito, mas ela pegaria o que fosse possível. Se Ava queria falar, elas falariam.

Ava foi até a cama, sentou-se no colchão e fez um gesto em direção ao espaço em frente a ela. -Por que você não se senta?

Por que não? Mary caminhou para o outro lado da cama e sentou-se, dezenas de perguntas correndo pela sua mente. Ava não era um shifter, mas Diskant era. O que Ava quiz dizer ao afirmar que era quase totalmente humana? E não vamos esquecer toda aquela conversa de Emory sobre acasalamento e vínculo de sangue.

-Vá em frente e pergunte.

Mary estreitou os olhos, franzindo a testa para Ava. -Eu lhe disse para parar de ler minha mente.

-Eu não estava lendo sua mente. - Ava a corrigiu com uma longa expiração, como se sua paciência estivesse se esgotando. -Eu só pensei que você ia ter um monte de perguntas.

-Oh. - Foi como receber um tapa de mão aberta, ela estava se sentindo um lixo. Tentando se livrar da sensação, Mary deixou escapar sua primeira pergunta. -Você disse que é quase totalmente humana. O que quiz dizer?

Ava fez uma careta. -Eu tinha medo que você pulasse as questões fáceis e fosse direto na jugular. - Ela estudou Mary e perguntou: -Você disse para lhe contar tudo, mesmo que eu achasse que você não fosse querer saber, certo?

Mary acenou firme com a cabeça, mas suas entranhas balançavam como gelatina. -Certo.

-Então você sabe o que é acasalamento?

-Não. - Ela pigarreou, esperando que sua voz soasse mais confiante do que ela realmente estava. -Não de verdade.

-O acasalamento é como o casamento, em muitos aspectos, só não existem divórcios. Um casal permanece junto, não importa o que aconteça. É um daqueles negócios *you can have what you want, but you can't have it all*. Uma vez feito, está feito.

-Parece... - ela internalizou a informação, tentando fazer seu cérebro trabalhar em torno do conceito. -...aterrorizante.

-Não é tão assustador quanto você pensa. A conexão tem que existir de ambos os lados. Eu não acreditava nisso no início, mas é verdade. Uma vez que o vínculo for criado, você nunca vai pensar em outro homem. E você com certeza não vai querer outro. Tudo o que você é – tudo o que você fizer – vai ser decidido levando em conta o quanto poderá afetar seu companheiro. - Ava a observou de perto

quando ela perguntou: -Será que Emory falou sobre o vínculo de sangue? Ele disse-lhe exatamente o que está envolvido?

O que ele disse a ela não era a principal preocupação de Mary. O que a preocupava foi o que ele disse sobre as consequências.

-Ele disse que uma parte de seu lobo se tornaria uma parte de mim. - Ela não conseguia disfarçar o tremor em sua voz. -Ele disse que vai continuar a ser uma parte de mim para sempre. - Desviando o olhar, ela formulou a pergunta mais difícil, a que ela tinha vergonha de perguntar. -Minha família disse a verdade? O lobo é realmente um demônio disfarçado?

-Absolutamente não! - Ava agarrou e segurou a mão de Mary. Quando Mary olhou para o rosto de Ava, sua respiração ficou presa. Os olhos de Ava, normalmente uma bela safira azul, começaram a mudar de cor - de verde para amarelo, depois para azul claro.

-Isso é uma mentira, - disse Ava. -Uma invenção incrivelmente odiosa e infundada de informações que sua família tem usado como uma arma. Quando as pessoas não entendem completamente alguma coisa, elas estão mais propensas a temê-la. Todos os shifters tem um toque de selvagem em si, mas eles são mais humano do que animal, mais homem do que animal.

-O que isso faz de você? - Com íris que mudavam de cor, Ava não poderia ser humana. Nem mesmo quase totalmente.

-Uma telepata que está acasalada ao Alfa e Ômega da cidade.

Quando ela não disse mais, Mary murmurou: -E isso significa o quê, exatamente?

-Eu sou humana, mas eu não sou. Eu não vou envelhecer, eu não sou fácil de matar e eu sou mais rápida do que eu costumava ser. Eu posso ver, cheirar e provar coisas melhores do que os humanos. Minha força está bem acima da média e eu sei um inferno de muito mais sobre o mundo do que eu costumava saber. Mas eu ainda sou eu. Essa parte não mudou.

-Como você pode dizer que não mudou? - Todas as coisas que Ava listou gritavam que ela era uma criatura sobrenatural. -Você ouviu o que você disse?

-Estou mais habilidosa, mas eu não estou diferente aqui. - Ava soltou a mão de Mary e bateu na têmpora duas vezes. Então ela abaixou a mão e colocou-a sobre seu coração. -Ou aqui.

Os lugares mais importantes, Mary observou - onde realmente contava.

-O que fez você decidir acasalar com um shifter em primeiro lugar? - Mary sentiu suas bochechas aquecerem lembrando o que havia acontecido entre ela e Emory poucos minutos antes. Talvez fosse tudo sobre a atração entre um casal, a química sexual.

-Não é só sexo, se é isso que você pensa. Mas é definitivamente um bônus. - Ava hesitou por alguns segundos, brincando com um fio desfiado no edredom. -Você já teve momentos em que se deparou com algo tão perfeito que você não podia ver qualquer outra coisa? Talvez fosse uma flor em um jardim, ou um pôr do sol colorindo o céu de vermelho. Qualquer coisa especial o suficiente para fazer você se sentir em paz. O acasalamento é assim, só que mais intenso. Os casais humanos se separam mesmo quando ainda se amam, não importa o quão dedicado um é para o outro. Seus interesses e

preocupações mudam ao longo do tempo, o que é compreensível, porque eles são indivíduos. Um casal acasalado é uma unidade - um todo - e tudo o que eles fazem é de um para o outro. É uma emoção totalmente diferente e muito mais poderosa do que algo que você possa descrever com palavras.

-Eu não sei o que fazer. - Era a primeira vez que ela se abria com outro indivíduo, além de Emory, e ela sentiu como se tirasse um enorme peso dos ombros. -Eu não sei o que pensar.

-Como você se sente sobre Emory? - perguntou Ava. -Quando você está perto dele, como ele é diferente dos outros homens?

Ela se contorceu, sentindo-se, de repente, estranha. -Eu me sinto segura, satisfeita... - Fale de uma vez! Ava não vai julgá-la. -Eu me sinto... uh... excitada.

-Tem mais alguém que a fez se sentir assim antes?

Será que Ava realmente tinha que perguntar? -Não, - Mary sussurrou. -Ninguém.

-Há uma razão para isso. Se há uma coisa que eu aprendi depois que eu conheci Diskant, é que eu estava certa em confiar nos meus instintos e emoções. - Ava sorriu brincalhona, apesar da gravidade da conversa. -Ele pode ser um Neanderthal, um valentão e um bebê chorão quando ele não consegue o que quer, mas ele cuida de mim em um nível que nenhuma outra pessoa no mundo foi capaz de fazer. O mesmo vai valer para Emory quando se tratar de você. Uma vez que um shifter encontra sua companheira, é isso. Nada é mais importante. E é uma conexão compartilhada. Você tem que sentir isso também. Não vai funcionar de outra forma.

Mary sabia a resposta para a pergunta que ela se preparou para fazer, podia ver a adoração brilhando nos olhos de Ava. -Você realmente acredita nisso?

-Eu não tenho que acreditar. É a minha vida.

O nervosismo a fez buscar algo de normal naquilo tudo, e ela não resistiu a fazer uma piada enquanto falavam sobre futuras mudanças em sua vida. -Então, o que você está me dizendo é que você não é diferente do Homem-Aranha? - Foi uma coisa estúpida de se dizer, uma maneira horrível de quebrar o gelo, mas se encaixava perfeitamente na situação. Em toda a sua vida, Mary nunca teria pensado que ela iria ter uma conversa como essa. Surreal não chegava nem perto de descrever. -Você tem todas as habilidades especiais, nenhum dos efeitos colaterais, e Diskant é a sua testosterona – uma versão mais encorpada de Mary Jane?

-Sim, isso é exatamente o que estou lhe dizendo. - Os olhos de Ava brilharam e ela deu um sorriso travesso. -E com o grande poder vem grande a responsabilidade.

Não era o momento adequado para rir, nada em sua vida era engraçado, mas ela não pode segurar. Pela primeira vez em meses, Mary deu uma risadinha. Logo ela se desfez em um ataque de riso, bufando de uma forma muito atraente quando Ava se juntou a ela. O mundo inteiro tinha ido para o inferno como uma bola de basquete arremessada contra a cesta, e ela não sabia como voltaria para a superfície. Mas incluir o Homem-Aranha em uma conversa sobre shifters, demônios e tudo mais?

A expressão ‘filho da puta’ acabava de ser lançada a um novo nível na escala.



Elas estão rindo?

Mas que diabos?

Emory se sentiu um tremendo cretino por bater na porta do quarto de Diskant e Ava, mesmo depois de ouvir os gemidos e grunhidos vindos de dentro, mas ele tinha feito isso porque sentiu a aflição de Mary, e ouviu sua inquietação enquanto ela caminhava ao redor do quarto. A intuição lhe disse que não era prudente deixá-la sozinha. Ela podia prejudicar a si mesma, ou pior ainda, pensar demais sobre os acontecimentos e complicar as coisas. Ava não pareceu se importar, embora Diskant tenha apontado para Emory o dedo do meio, enquanto ele segurava a porta aberta para sua companheira sair.

O que havia acontecido nos poucos minutos que Ava havia permanecido dentro do quarto? O que elas achavam tão engraçado?

Ele decidiu não esperar para descobrir, segurando as alças da mochila de Mary, ele bateu na porta. Deu-lhes um segundo para se preparar para sua intrusão e entrou. Doc estaria chegando a qualquer minuto, para verificar as suturas de Mary e ele precisava estar perto dela, para protegê-la e acalmar seus temores. O riso parou quando ele cruzou a soleira, mas os sorrisos nos rostos de Mary e de Ava permaneceram.

-Doc está a caminho, - ele informou-as, sentindo-se como um intruso quando andou até a cômoda e colocou mochila de Mary sobre ela.

-Acho que eu deveria ir. - Ava gemeu e desceu da cama. - Diskant não é conhecido por sua paciência.

Emory estava prestes a pedir desculpas, mas Mary se adiantou a ele. -Eu sinto muito.

-Não se desculpe. - Ava fez um gesto desdenhoso no ar. -Eu já lhe disse que vai ser bom ele saber como se sente. - Ela girou e enfrentou Emory. -Você pegue leve com ela. Ela tem um monte de coisas com as quais se preocupar, como o fato da família estar procurando por ela. Ela tem fugido por muito tempo. - Ava piscou. - Você não pode culpá-la por querer protegê-lo.

Ava - dissimulada como sempre. Ela estava compartilhando algo que ela tinha apanhado dos pensamentos de Mary, algo que ela sentia ser importante. Emory ouviu alto e claro o significado oculto na mensagem.

-Eu entendo, - disse ele, olhando para Mary, que parecia fascinada por uma linha solta no edredom debaixo dela, seu sorriso havia desaparecido.

-Você vai ficar bem? - Ava perguntou a Mary. -Você precisa que eu fique?

Mary olhou para ele, as bochechas ficaram rosadas e ela desviou o olhar. -Não, eu estou bem.

-Bom. Fico feliz que está tudo resolvido. Acho que vou deixar vocês dois sozinhos... de novo. - Ava sorriu enquanto caminhava em direção à porta, abriu-a para sair e, depois, fechou-a.

Emory tentou pensar em algo para dizer, uma forma de quebrar o silêncio sem causar mais sofrimento. Mary estava, obviamente, tensa, apesar de dizer o contrário para Ava.

-Então, onde estamos? - ela perguntou e ergueu a cabeça, encontrando seu olhar. -Tenho a sensação de que não estamos na Flórida ou no Alabama, e eu sei que você não correria o risco de me levar de volta ao Colorado.

-Lembra que me disse que sempre quis visitar a Costa Leste? - Ela assentiu com a cabeça e limpou a garganta. Era melhor ele ser honesto, mesmo que fosse forçar um pouco as coisas. -Nós estamos em Nova York, no Upper East Side⁶.

-Nova York? - Seus olhos se arregalaram. -Pensei que você odiava essa cidade.

-Não a cidade, apenas os problemas que deixei para trás. - Ele rapidamente mudou de assunto quando ela lhe dirigiu um olhar interrogativo. -Agora que você está aqui, poderá visitar todos os lugares que você falou. Diga-me aonde você quer ir e eu vou levá-la. Nós vamos passar o dia passeando.

-Você está escondendo alguma coisa. - Como sempre, Mary detectou sua tentativa de esconder algo dela. Era algo que ele tinha percebido na primeira vez em que tinham se encontrado para tomar uma xícara de café, uma habilidade que sua companheira possuía, mas que ele poderia viver sem. -Não se incomode tentando negar. Com tudo o que aconteceu no passado... - Ela parou, franzindo as sobrancelhas. -Há quanto tempo estou aqui? Quanta droga o seu médico enjetou em mim?

⁶ *Upper East Side* é um bairro nobre do condado de Manhattan, em Nova York, entre o Central Park e o Rio East.

-A viagem até aqui demorou dezesseis horas. - O queixo dela caiu e ela o encarou. -Não olhe para mim desse jeito, - ele murmurou, envergonhado por permitir que Doc a mantivesse drogada por tanto tempo. -Tudo o que ele tinha para manter seu sangramento sob controle eram bandagens borboleta⁷, ele se preocupou que você pudesse se machucar e voltar a sangrar caso acordasse em uma van cheia de homens estranhos. - Quando o olhar dela expressou uma advertência, ele perguntou: -O que você teria feito se as circunstâncias fossem diferentes? Você pode me dizer honestamente que não teria feito a mesma coisa?

O olhar dela se transformou em uma carranca – e ele sorriu. Foi o olhar mais adorável que ele já viu, uma mistura de irritação e atitude. -Eu acho que eu teria feito a mesma coisa, - ela reconheceu amargamente. -Mas isso não quer dizer que estava tudo bem você me trazer todo o caminho para Nova York sem perguntar.

-Você teria preferido que eu a deixasse com os seus parentes? As pessoas que a teriam matado se tivessem a oportunidade? - Ele odiava o jeito que as palavras saíram rosnadas, mas ele sabia que não poderia se impedir de fazê-lo, mesmo que tentasse. O pensamento de sua companheira ser baleada - quase morrer – o fazia reagir sem controle. -É isso que você quer de mim?

O choque no rosto dela, o fez mergulhar na culpa. Ela imediatamente desviou os olhos, olhando para a cama. -Não, - ela sussurrou com voz rouca, torcendo as mãos. -Claro que não.

-Mary... querida... - Ele atravessou o espaço lentamente até a cama, passo a passo, tomando seu tempo. Ela estava sobrecarregada,

7 

ela estava confusa, e pelo que Ava disse quando saiu do quarto, Mary estava com medo do que sua família poderia fazer com ele. E como ele reagiu a isso? Como um idiota maldito, foi assim. Colocando mais pressão sobre ela, forçando-a a aceitar as coisas antes que ela estivesse pronta.

-Eles não vão me deixar ir embora, você sabe. - Ela falou tão baixinho que ele teve que se esforçar para ouvir. -Tio Elijah me disse que preferia me ver morta antes de permitir que eu caísse na cama com um shifter. Ele jurou que era o seu dever proteger a minha alma da condenação.

Ele se sentou em frente a ela, mantendo um espaço intencional entre eles, não querendo pressioná-la. -Você sabe que ele é louco, não é? - Esperava como o inferno que ela soubesse. Caso contrário, ele estaria condenado. -Ele não está bem da cabeça. Nenhum deles está.

-Eu sei que ele é louco, e com um certificado. - Ela respirou fundo, o som foi irregular. -Mas isso não muda o fato de que ele acredita que o que está fazendo tem um propósito. É por isso que eu não posso ficar aqui. Você tem que saber que ele vai aparecer em algum momento. Ele não vai deixar isso passar. Ele não vai me deixar ir.

-Deixe-me ver se entendi, assim não vou ultrapassar os limites. - Ele levou os dedos ao queixo dela, obrigando-a a olhá-lo nos olhos. - Você quer ir embora porque você está preocupada com o que vai acontecer se seu tio vier aqui. É isso mesmo?

-Foi o que eu acabei de dizer.

-Não é por minha causa? - Ele a segurou firme quando ela tentou desviar o olhar. -Você não quer ir embora porque você está com medo de mim e do que discutimos anteriormente?

Finalmente, como se doesse admiti-lo, ela disse: -Não, não é por causa disso.

Ele se inclinou para perto e roçou o nariz contra o dela. -Eu não posso dizer o quanto isso me deixa feliz. - Afastando-se, ele olhou em seus olhos castanhos. -Já que todas as suas preocupações são por causa da sua família, eu estou feliz em poder aliviá-las. A matilha vem se preparando para um novo ataque dos Pastores durante meses. Eles nos atacaram não faz muito tempo, e nós aprendemos a nossa lição. Confie em mim quando eu digo que eles não vão querer cruzar com nossa matilha novamente. Se eles fizerem isso, eles vão se arrepender. Você entendeu?

Ela baixou os olhos. -Vocês vão matá-los?

-Sim.

Uma resposta simples, direta e objetiva. Ele se preparou para sentir o aroma de seu medo, mas, surpreendentemente, nada chegou. Ele observou Mary silenciosamente, desejando que eles tivessem concluído o primeiro estágio do vínculo de sangue, para que ele pudesse estar consciente, em algum nível, do que ela estava pensando. Ela endireitou os ombros e ergueu a cabeça, como um soldado se apresentando para o serviço.

-Estou cansada de ter medo, Emory. Estou cansada de fugir.

Essa é a minha garota.

Ele se levantou da cama para pegar a mochila dela. Agora ele precisava ir com calma, certificando-se que ela estava confortável e se sentia segura. A melhor maneira de conseguir isso era mantê-la satisfeita em seu novo lar. Assim que pegou a mochila, ele voltou para o lado dela e colocou-a na sua frente.

-Então eu sugiro que você desempacote suas coisas. - Ele tomou-lhe a mão, passando o polegar ao longo de seus dedos e olhando diretamente em seus olhos. -Eu não vou deixar você correr em nenhuma outra direção que não seja para mim - só para mim.

Uma batida na porta arruinou o momento, mas Emory conseguiu pegar o calor no olhar de sua companheira, o jeito que ela respirou fundo e sua mão tremia. O leve aroma de sua excitação atingiu-o como um caminhão, batendo nele, fazendo seu pênis endurecer em seus jeans. Logo ele iria aliviar a dor de ambos, e levar Mary para lugares que ela nunca vislumbrou em qualquer mapa.

-Estou aqui para checar a paciente, - Doc gritou através da porta.

-Se você não quer ser vista apenas de camiseta, eu sugiro que você vá para debaixo dos lençóis, - Emory disse, segurando um sorriso.

Ela ficou da cor de beterraba e recuou para a cabeceira da cama, amaldiçoando enquanto ele ria. Depois da visita de Doc ele poderia ficar sozinho com sua companheira.

Finalmente sozinhos.

Apenas os dois...

A intromissão anterior de Trey o obrigou a parar. Emory não poderia esperar muito tempo para perguntar a Mary sobre o que tinha encontrado em sua mochila. Se ele queria provar a inocência de sua companheira em relação a qualquer comportamento suspeito, ele tinha que fazer isso logo, mais cedo ou mais tarde. Além disso, quem realmente se importava com o dinheiro e o mapa que ela guardava junto com suas roupas? Ela, obviamente, tinha se preparado para fugir, algo que provava que ela era tão inteligente como ele se lembrava. Ele tinha certeza que ela estava se protegendo, tentando ficar um passo à frente de seus inimigos.

Você está focando os aspectos positivos e não os negativos.

A dúvida irritante o estava corroendo, agitando a sua ira.

E daí se o mapa que ela trazia tinha um enorme círculo em torno de New York? Mary disse que sempre desejou vir para cá. Coincidências aconteciam o tempo todo. Só porque a área estava marcada não significava que ela tinha alguma coisa a ver com o ataque que aconteceu meses antes. Ela nunca prejudicaria alguém ou alguma coisa, ele estava certo disso. Foi por isso que ele pediu que Ava não invadisse a mente dela, tentando descobrir a verdade, pois ele mesmo queria perguntar a ela.

Mesmo tentando se convencer do que dizia, ele ainda sentia um calafrio na espinha sobre o assunto.

Mas, primeiro, eles passariam algum tempo a sós, e então, ele buscaria suas respostas.

Ele só esperava que fossem as respostas que ele queria ouvir.

CAPÍTULO 06

Caden Stone não estava com vontade de falar com ninguém, muito menos com um dos membros da matilha que o havia acolhido meses antes. Um humano vivendo entre shifters lobos – quem poderia imaginar uma coisa dessas? Foda-se, ele certamente não. Ele estava grato por que tinham descoberto a verdade sobre a morte da sua esposa, mas isso não significava que ele gostava de socializar ou passar o tempo com o resto da matilha. Ele vivia com eles simplesmente porque era mais cômodo aos seus interesses, não porque ele estivesse procurando companhia ou porque considerava a matilha como sua nova família.

Família. Apenas uma palavra. Mas tão cheia de miséria sem fim.

Ele já teve uma. E se viu obrigado a enterrá-la sete palmos abaixo da terra. Uma dor profunda apertou seu peito. Ficou difícil respirar por causa da angústia pesando sobre ele...

Ele forçou a emoção de lado, concentrando-se em seus pensamentos, lembrando-se porque ele estava sentado no interior da casa de um dos shifters mais poderosos do mundo. Diskant queria matar os Pastores que aniquilaram uma boa parte da sua matilha. Caden queria encontrar o paradeiro do homem responsável pela morte de sua esposa, homem que estava ligado aos Pastores.

Duas pessoas diferentes com o mesmo objetivo - uma combinação mortal.

Apesar do fato de que os Pastores encomendaram a morte da esposa de Cade, ele queria o homem que tirou a vida dela, e que ele conhecia apenas como Mr. Pink. Ele pretendia fazer o filho da puta sangrar antes de matá-lo, para que ele pudesse desfrutar do momento. Mr. Pink tinha gostado de fazer Andrea sofrer. Cade tinha visto isso na memória que Ava lhe mostrou, como se estivesse parado dentro de sua cozinha, junto com os assassinos, na noite que sua esposa morreu.

Acalme-se. Não perca a razão. Você tem um plano a seguir.

Como se ele pudesse esquecer.

Havia um rigoroso conjunto de leis que deveriam ser seguidas se você quisesse sobreviver entre os shifters, um código de conduta para manter sua cabeça sobre seus ombros. Não era como se ele pudesse ir e vir à vontade - oh não. Ele tinha que pedir permissão como se fosse uma criança, e ainda seguir ordens. A matilha gostava de ser comandada, portanto, havia regras. Montes e montes de regras. E a regra número um era simples: não brinque com Diskant Black.

A primeira vez que ele se encontrou com o Ômega, decidiu atacá-lo como se ele fosse apenas outro shifter - grande erro. Diskant decidiu usar uma das suas muitas formas shifter e invocar o tigre dentro dele, limpando o chão com a bunda de Cade. Caden não tinha tido sua bunda chutada desde que era um garoto franzino e resolveu defender a honra de sua paixão secreta de infância, no recreio da escola primária: uma jogada que o deixou sangrando no chão,

enquanto o primeiro amor de sua vida saía de braço dado com o valentão que puxou seu cabelo e a chamou de estúpida.

Seus pensamentos pularam de um momento sombrio no tempo para outro – o atual.

Ele tentou agir como se não desse a mínima quando Diskant entrou na cozinha e sentou-se em frente a ele. D não gostava de conversa fiada. Se ele chamou Caden para conversar, ele queria alguma coisa.

Minha vida estava muito fodida.

Ele realmente não estava com vontade de conversar, mas teria que fazê-lo. Este não era um mundo que lhe permitia ter o que ele queria. Era um mundo de ‘aceite o que lhe damos e cale a boca’. Unicórnios atravessando arco-íris só existiam em contos de fadas, na decoração do quarto de meninas pequenas e naquele filme que Neil Patrick Harris fez depois de consumir cogumelos alucinógenos⁸.

-Nós precisamos conversar, - Diskant disse em uma voz tão profunda que era possível sentir o ar agitado.

-Eu meio que percebi isso. - Cade colocou sua garrafa sobre a mesa, cruzou os braços sobre o peito, reclinou-se na cadeira e esperou.

-O que eu vou dizer a você não sai daqui. Isso não é assunto da matilha, é pessoal.

Pessoal. Não era necessariamente uma coisa boa. -Estou ouvindo.

⁸ *Dr. Horrible's Sing-Along Blog*: curta de 2008, tragicômico musical, produzido exclusivamente para a Internet. Ele conta a história do Dr. Horrible, um supervilão, do Capitão Hammer, seu inimigo, e de Penny, o interesse amoroso de ambos.

Diskant se inclinou para frente, as palavras saindo suaves. - Você está ciente de que, em certas circunstâncias, eu compartilho informações com o Villati.

Oh merda. Não era mesmo uma coisa boa. -Eu estou ciente.

Oh sim, ele sabia.

O Villati era um grupo de pesquisadores que se interessavam por todas as coisas sobrenaturais. Trey tinha ficado furioso quando ele descobriu que Diskant havia se encontrado com o todo poderoso da organização, Craig Newlander, após ele ter concluído o vínculo de sangue com Ava. Ninguém da matilha sabia o que tinha ocorrido entre Craig e Diskant, por isso todos estavam muito nervosos. Se informações sobre a matilha vazasse, ou a mídia descobrisse que sua sociedade, além dos crimes comuns, também estava infestada por lobisomens, vampiros e bruxas, eles provavelmente declarariam o fim do mundo.

-Recentemente o Sr. Newlander me contactou sobre algo importante - algo que ele não sabe como tratar. - Pela primeira vez desde que Cade tinha encontrado Diskant, ele viu o medo no rosto do shifter, e ficou assustado também.

-Que tipo de coisa estamos falando?

-Uma catástrofe de grande escala, que poderia acabar com uma grande parte dos Estados Unidos.

Cade teve vontade de fazer o sinal da cruz. Realmente seria o fim do mundo.

Minha vida estava duas vezes fodida.

Diskant baixou os olhos, encarando a mesa. -Você já ouviu falar de Pompéia, Caden?

Cade revirou sua memória e encontrou-se lembrando de uma aula de história há muito esquecida, sobre uma cidade parcialmente enterrada em algum lugar perto de Roma - o resultado de uma erupção vulcânica. -É a cidade que foi destruída por um vulcão?

-Sim, - Diskant disse, seus olhos agora mirando um ponto cego a sua frente. -Essa mesma.

O silêncio se estendeu por muito tempo, tornando Cade desconfortável. -O que tem isso?

Diskant não respondeu, como se ele não tivesse ouvido.

-Terra para D. - Cade estalou os dedos na frente do rosto do shifter. -Acorde.

Ele reprimiu um grito de dor quando Diskant agarrou seu pulso e levantou a cabeça. Os olhos do Ômega estavam selvagens, mudando de cor, como se ele não pudesse controlar suas emoções. Por um momento, Cade considerou chamar por Ava. Se alguém pudesse controlar o idiota antes que ele pudesse causar danos irreversíveis, era a companheira de Diskant. Antes que ele o fizesse, Diskant o soltou, respirando profundamente.

-Lá fora! - ele rosnou, levantou-se da cadeira e virou-se para a porta que dava para a garagem.

Cade não discutiu, embora seu senso de lógica lhe dissesse que era um idiota. Algo estava errado. Diskant nunca perdia o controle.

Ele não podia. Sua posição como o Alfa e Ômega da cidade significava que ele tinha que manter a calma, pensar sobre as coisas.

O que era tão importante que tinha feito ele se descontrolar?

Diskant odiava ter que se proteger de Ava. Porra, ele odiava. Especialmente quando ele teria de responder às suas perguntas, quando se encontrasse com ela em seu quarto, mais tarde - um encontro que ela tinha conseguido exigir pouco antes dele erguer uma parede mental entre eles. Como é que ele contaria a ela sobre o telefonema que recebeu enquanto ela estava com Mary? Como poderia explicar que algo que ele achava que era apenas uma história contada aos shifters filhotes, para assustá-los um pouco, era realmente real?

Maldita magia.

Droga, ele deveria ter mandado Craig Newlander para o inferno, quando ele pediu para sua matilha cuidar do problema. Shifters evitavam bruxas e feiticeiros por um motivo. Uma magia bastante forte tinha a capacidade de controlar suas formas animais, fazendo o animal comandar o homem. Quando isso acontecia, o shifter se tornava um animal de estimação em tamanho real. Ficar longe era necessário para garantir a segurança de sua espécie, e ele certo como a merda não estava enviando um membro de sua matilha para escoltar aquela mulher para seu conclave em Nova Orleans. Era muito perigoso, e havia muito ressentimento entre shifters e aqueles que já os usaram como mascotes. Havia apenas uma pessoa em sua matilha que ele poderia confiar para fazer o trabalho - o ser humano que ele tinha tomado sob sua proteção.

O rosto marcado de Caden - geralmente impossível de ler - estava visivelmente transtornado. A cicatriz que corria ao longo de

seu queixo estava esticada de uma forma atraente, a sombra escura ao redor da mandíbula fazia sua fisionomia parecer ainda mais sinistra, bem como seus olhos cinza, como aço. O grande homem não se incomodou em colocar o casaco enquanto andava para a saída, chegando à garagem em um piscar de olhos, suas tatuagens enormes cobrindo seus braços volumosos como mangas. Embora ele não estivesse usando um casaco, ele trazia consigo suas armas favoritas - punhais – guardados em coldres presos em seus bíceps.

-Eu preciso que você faça uma coisa.- Diskant odiava usar sua posição como líder, mas em algumas circunstâncias era necessário. - Não é um pedido.

-Droga, - Cade fez uma careta, apertamento da mandíbula. -Eu sabia que não devia ter vindo aqui esta noite. Eu sabia disso.

-Não importa, - disse Diskant, um pouco aliviado por saber que Cade faria o que ele ia pedir. Então, toda essa confusão poderia ser deixada para trás. -Você tirou a sorte grande. Então, é hora de receber seu prêmio.

-Prêmio minha bunda. - O grande filho da puta abriu as pernas na largura dos ombros. -Fale.

-Eu preciso de você para bancar o guarda-costas. Não é uma viagem longa. Apenas um passeio de carro daqui até Nova Orleans.

-Passeio de carro? Por que não de avião?

Diskant quase sorriu. Ele fez a mesma pergunta. Foi então que Craig lembrou das coisas horríveis que poderiam acontecer enquanto estivessem no ar, como o surgimento de um tornado. Tudo era possível com a encomenda que Caden estaria protegendo.

-Ela fica enjoada quando voa.

-Ela? - Se Caden tivesse cabelo, Diskant tinha certeza de que eles estariam de pé. -Você está me dando permissão para sair, mas só para que eu possa escoltar uma maldita mulher até Nova Orleans?-

-Não! - Diskant rosnou a palavra e deu um passo na direção de Caden. -Eu quero que você escolte uma mulher - muito importante, devo acrescentar - até Nova Orleans. Você precisa ficar fora do radar e evitar qualquer atenção desnecessária. Quanto mais rápido você levá-la para onde ela deverá estar, mais rápido você pode poderá trazer seu traseiro de volta para cá.

-Por que outro não pode fazer isso?

-É complicado.

-Eu lhe dei a impressão de que tenho algum outro compromisso? Explique isso para mim.

Droga. Seres humanos estúpidos, sempre forçando a barra. - Mas eu tenho outro compromisso. Desculpe, Cade, não tenho tempo agora.

-Você não vai me dizer nada, não é?

Esse era o grande problema. Ele não podia dizer nada a Caden. Era muito perigoso. Era muito importante que o homem não mantivesse qualquer relação com a mulher que estaria escoltando, só assim poderiam ficar totalmente seguros. A distância física e emocional era necessária, e todo mundo sabia que Caden ainda lamentava a perda de sua esposa, que ele continuava a amá-la.

Na verdade, Diskant estava apostando nisso.

-Por que ela é tão importante? - perguntou Cade, impaciente e mal-humorado. -Será que você pode pelo menos me dizer isso?

-Não importa, - Diskant encolheu os ombros. Ele tinha dado a sua palavra, ele não podia revelar a ninguém do que a menina era capaz. Se a notícia se espalhasse, criaturas sobrenaturais em todo o mundo estariam lutando para colocar suas mãos sobre ela. -Ela vai chegar em duas semanas. - Diskant levantou a mão quando Caden tentou interromper. -Eu sei que isso significa que você não pode ir na próxima missão com a matilha, mas estou considerando isso um favor pessoal. Algo que eu vou ficar lhe devendo. Quando você voltar, eu lhe darei a localização de onde os outros estão. Você poderá se juntar a eles imediatamente. É apenas um par de semanas, alguns dias da sua vida que eu estou pedindo. É isso.

Caden olhou para ele, os olhos apertados. -Prossiga.

-Eu vou providenciar um veículo, armas e dinheiro. - Quando Caden aqueceu uma sobrancelha, Diskant acrescentou: -Você só deve ter que parar por uma noite – duas no máximo. Eu não estou esperando nenhum problema, mas nunca é inteligente viajar com uma carga preciosa desarmado.

-Foda-se. Carga preciosa? - Caden rosnou, não recuando, mostrando-se imprudente em face do perigo. -Você espera que eu fique para trás – por causa de um favor pessoal - para transportar uma mulher que você considera como ‘carga preciosa’ para a Louisiana? Eu não sou uma maldita babá. Encontre outro.

Diskant sentiu suas feras responder ao desafio, lutando por um lugar na fila para atacar. -Melhor calar a boca enquanto pode, - ele retrucou. -Minha companheira não está de bom humor e eu não

tenho tempo para lidar com a sua merda agora. Eu disse que ficava lhe devendo e isso é uma coisa muito importante. Como um membro da matilha, eu lhe dei informações mais do que suficientes.

Caden abriu a boca para falar e Diskant rosnou: -Se eu disser para você bancar a babá, você, porra, vai fazê-lo. Eu não estou mais pedindo, eu estou mandando. Acabou. Sem argumentações. Fim da discussão.

-Tudo o que você quiser, chefe. Não é como se eu pudesse dizer para você ir se foder. - Caden deu a volta, marchando em direção à porta da casa. -Eu já tive o bastante da sua estúpida coisa de shifter de qualquer maneira. Sempre misterioso, mau humorado por nada. Eu vou dar um tempo. Estou desligando meu celular e tirando uns dias de folga. Estarei de volta em uma semana. Vocês todos me deixam louco.

-Fico feliz em ouvir isso, - Diskant gritou para as costas do outro homem. -Ligue-me em alguns dias. Eu vou lhe dar todos os detalhes.

-Sim, obrigado. - Cade ergueu a mão no ar, mostrando orgulhosamente o dedo médio enquanto se afastava. -Foda-se.

Diskant soltou um longo suspiro quando a porta se fechou e tentou acalmar seus animais, na esperança de que ele tivesse tomado a decisão certa. Ele balançou os ombros para aliviar a tensão nos músculos, contando até dez em um esforço para acalmar seu temperamento. A matilha já tinha problemas suficientes sem precisar se envolver com bruxas. Emory precisava acasalar com sua fêmea. A matilha estava em alerta máximo para a presença de Pastores na

vizinhança. E Trey não parava de reclamar sobre o mapa que Mary tinha em sua bolsa.

Já era o suficiente.

Ele podia contar com Caden. Ele sabia que podia. Ele trouxe um ser humano para a matilha e precisava confiar que ele faria as escolhas inteligentes. Caden levaria a mulher para Nova Orleans em um par de semanas, a deixaria no seu destino e poderia retomar sua vida.

Mesmo quando Diskant tentou convencer a si mesmo que o que ele tinha feito era certo, ele sentiu um peso estranho no ar, como se algo o estivesse avisando de que as coisas não eram exatamente como pareciam. Todos os shifters tinham instintos fortes que os guiavam na direção certa. Neste caso, o que ele estava sentindo não era propriamente seu instinto. Era mais como uma sensação ruim, ou talvez fosse apenas o fato de que, pela primeira vez ele estava confiando em Caden como se ele fosse, de fato, um membro da matilha.

De qualquer modo, por que ele se sentia como se tivesse ferrado seriamente com o destino?

CAPÍTULO 07

O médico examinou o ferimento na cabeça, brilhou uma luz em seus olhos e constatou que Mary estava bem. Ele disse que ela poderia tomar um banho e lavar o cabelo, desde que tivesse cuidado para não romper a sutura. A palavra banho fez suas entranhas agitarem. Seria tão bom afundar em uma banheira de água quente e relaxar pela primeira vez em dias. Ela prometeu ser cuidadosa e deixou Emory no quarto, enquanto pegava sua mochila e rumava para o banheiro, ansiosa para começar a encher a grande banheira. Sentia-se suja, suada e nojenta. Seu cabelo tinha se tornado pegajoso e emaranhado e ela tinha certeza que estava começando a feder.

Depois de retirar um pijama e roupa íntima limpas da mochila, ela foi para a banheira, virou as torneiras e deixou a água quente cair. Vapor rapidamente encheu o cômodo, envolvendo-a em calor. Depois de tirar a camiseta e a roupa de baixo que usava, ela entrou na banheira. A água estava perfeita – sua pele se acostumou logo com o toque quente. Ela descansou a cabeça na beirada da banheira e fechou os olhos.

-Mary? - a voz de Emory a fez sentar, passando os braços sobre os seios.

-Sim? - formigamentos de excitação se espalharam por seu corpo, começando na barriga e descendo para sua vagina. Ele parecia tão másculo - tão incrivelmente sexy - quando ele pronunciava o nome dela assim.

-Doc disse que eu deveria ajudá-la a lavar o cabelo. Ele não quer correr o risco dos pontos começarem a sangrar.

-Ah. - O médico não tinha dito nada a ela sobre isso. Provavelmente ele sabia que ela iria discordar.

-Eu não vou tirar proveito, - ele riu. -Por mais difícil que possa parecer, eu posso ser um cavalheiro.

Ela levantou as pernas contra o peito e deslizou seus braços ao redor de seus joelhos. Emory não tinha que dizer a ela que ele era capaz de ser um cavalheiro. Ela já sabia que ele era. Ainda assim, isso não impediu a corrente de eletricidade que percorreu seu corpo. Borboletas vibravam em seu estômago, seus mamilos eram dois pontos duros e sua vagina estava molhada. Eles tinham começado algo que não puderam terminar mais cedo, algo que ela sabia que Emory tinha toda a intenção de levar até o fim. Olhando para baixo, ela percebeu que estava coberta o suficiente. A água chegava ao seu peito e os joelhos o impediriam de ver seus seios.

-Tudo bem, - ela conseguiu forçar as palavras, embora sua voz soasse tensa.

Ele riu de novo e o som fez seu coração disparar e seu pulso acelerar. Os passos dele soaram como tambores, enquanto caminhava em direção ao banheiro, avisando-a que ele estava quase lá, quase na linha de chegada. Quando a porta do banheiro se abriu, ela prendeu a respiração e olhou para frente, incapaz de encará-lo.

Maldita timidez. Ela não teve coragem de olhar para Emory quando ele caminhou ao lado da banheira, foi até uma prateleira e pegou shampoo. Ela enterrou as unhas em suas mãos, tentando

parar as sensações que corriam dentro dela, mortificada com o quanto seus mamilos estava duros e como doíam. Então, de repente, seu sexo começou a latejar, batendo como um martelo.

Ela sobressaltou-se, como se tivesse sido atingida por um golpe, quando ele tocou seu ombro. Instantaneamente, ela se sentiu como uma tola. -Eu sinto muito, - ela desabafou e começou a balbuciar. -Eu não queria me assustar. Eu sabia que você estava aí. Estou nervosa e...

-Mary, - Emory saiu da parte de trás da banheira, ajoelhado-se ao lado dela e colocou um dedo sobre seus lábios. -Está tudo bem. Não precisa se desculpar. - Quando ela encontrou seus olhos e acenou com a cabeça, ele abaixou a mão. -Basta sentar e relaxar. Isso não é uma tortura.

Então, ele sorriu.

O efeito que ele tinha sobre ela era alucinante, derrubando os muros que ela tentou erguer em torno de si mesmo. Uma bola de demolição não teria o mesmo efeito, poderia até atingir a superfície, mas seria incapaz de quebrar as barreiras existentes em seu interior, como faziam aqueles lindos olhos brilhantes, gloriosos em sua cor âmbar, combinados com aquele rosto impressionante...

Eu sou um caso perdido.

-Eu vou buscar algumas coisas para tornar isso mais fácil, - ele murmurou, como se pudesse ler os pensamentos dela.

Embora ele tivesse saído, ela ainda sentia a presença dele. O fogo em sua corrente sanguínea a deixou tão quente que o vapor de água que preenchia o banheiro não era mais tão reconfortante. Uma

vez que conseguiu tudo o que iria precisar, Emory pediu que ela inclinasse para trás. Ela obedeceu e ele cuidadosamente afastou o cabelo de suas costas e ombros, impedindo-o de tocar a água. Quando ela estava acomodada, ele começou cuidadosamente a desembaraçar os fios, ficando satisfeito quando ela relaxou contra a borda da banheira e fechou os olhos.

-Eu sempre amei o seu cabelo. É tão macio e longo.

Ela não respondeu, relaxando enquanto ele continuava o processo de escová-los com os dedos. Depois de vários minutos, ele a ajudou a reclinar na banheira para molhar os fios, evitando a área suturada em sua têmpora. Ela se lembrou da posição em que ele estava, sabia que ele podia ver tudo, mas ela se sentia tão bem que não se importou.

Ele ajudou-a a sentar-se reta quando os fios já estavam molhados, então ele se inclinou de volta na banheira e começou a lavar seu couro cabeludo, trabalhando através das longas madeixas. Quem diria que ela iria se sentir tão bem por ter alguém lavando seu cabelo? Isso não era nada parecido com as idas ao salão de beleza local, onde a mulher esfregava sua cabeça de forma apressada, torcia seu cabelo para tirar a água e jogava uma toalha sobre a bagunça que ela tinha criado.

Isso era... era...

Sedução.

-Agora precisamos lavar isso. - A voz de Emory era grave, um sussurro pesado perto de sua cabeça. -Sente-se e incline-se para trás.

Ele segurou a cabeça dela quando ela fez o que ele pediu, mantendo a lesão acima da água. Ela ouviu um barulho estranho e percebeu que Emory havia trazido um copo com ele, para ajudar a lavar o shampoo. Repetidamente ele encheu o copo com água e despejou o conteúdo sobre o cabelo dela. Na área perto de seus pontos ele usou um pano para limpar, um olhar de concentração absoluta em seu rosto.

-Acabei, - ele sorriu novamente e beijou a ponta do nariz dela. - Sente-se melhor?

-Oh, sim, - ela suspirou e levantou a cabeça, segurando os lados da banheira.

Felizmente ele não reclamou de sua modéstia. Emory começou a limpar a bagunça em torno dele, retornando as coisas para seus devidos lugares. Ela se perguntou se ele tinha considerado fazer algo mais, imaginou que ele fosse beijá-la como tinha feito antes. A ideia agradava bastante seu corpo. Uma onda de calor se espalhou sobre ela, aquecendo-a de dentro para fora.

Tentando manter seus pensamentos longe de sexo, ela se sentou e estendeu a mão para seu cabelo. Espremendo os fios, ela tentou retirar o máximo de água possível. Seu cabelo demorava a secar, por isso era importante retirar o máximo de água que pudesse, senão ela teria que gastar uns 30 minutos com o secador de cabelo.

Um baixo, mas horrível rosnado preencheu o banheiro, e Mary congelou. Seu coração acelerou, o medo tomou conta dela, levando-a de volta a um momento em que o menor passo em falso poderia trazer o inferno sobre dela. Incapaz de se proteger, ela olhou por cima do ombro. Emory estava estudando suas costas e seus olhos - oh meu

Deus, seus olhos – estavam com um brilho amarelo tão intenso, como ela jamais havia visto.

-Emory?

-Quem? - a palavra saiu mais como um grunhido.

-Acalme-se, por favor. - Ela manteve sua voz suave e calma, movimentos lentos e não ameaçadores. -O que quer dizer com quem?

Seu movimento inesperado a fez gritar, o medo dominando-a. Ele foi gentil quando agarrou seu ombro e levantou-a na sua frente, deixando-a de costas para ele. Quando ele deslizou o dedo sobre as costas dela, ela entendeu o motivo de sua fúria e fechou os olhos.

Às vezes - em momentos como estes, quando ela se permitia ignorar o resto do mundo - ela esquecia que elas estavam lá.

-Você me despiu, - ela sussurrou, com vergonha das cicatrizes que cruzavam sua pele. Ela odiava como ela eram feias, como elas sempre iriam ser uma lembrança do que ela tinha sofrido. -Você deve tê-las visto antes.

-Ava tomou conta de você. - O profundo e aterrorizante som que ele fez anteriormente havia sumido quando ele falou dessa vez. Agora, ele parecia quase triste. -Eu não queria tirar proveito da situação. Eu quiz respeitar a sua privacidade. - Ele parou o dedo sobre uma das piores cicatrizes – uma que vivia sangrando mesmo depois de costurada e manchou várias de suas camisetas. -Ela deveria ter me contado. Ela deveria ter me avisado.

-Ela provavelmente sentiu que eu deveria lhe contar a história.
- Embora não fosse uma história que ela queria relembrar, mesmo

sabendo que deveria fazer. -Elijah me puniu logo depois que eu libertei um grupo de shifters que estavam presos em um galpão que ficava na propriedade. Ele decidiu que uma vara me ensinaria melhor.

O dedo de Emory parou de se mover. -Você fez o quê?

Ela virou-se para que ela pudesse ver seu rosto. Ele parecia tão furioso, como se quisesse arrebentar com alguma coisa.

-Não demorou muito tempo para colocar dois e dois juntos. Eu descobri o que meu tio estava fazendo e me recusei a ser uma parte daquilo. Um dia, eu fui até o galpão e libertei os shifters que ele mantinha enjaulado.

-E você ficou? - ele estava com raiva de novo. -Por que diabos você não fugiu?

-Eu não consegui. Os shifters que eu libertei não confiavam em mim, eles me prenderam em uma das jaulas antes de fugirem. - Ela passou os dedos sobre o queixo de Emory, diretamente sobre a área onde os músculos estavam tensionados. Lembrar daqueles acontecimentos não estava fazendo bem a nenhum dos dois. Ela precisava acalmar Emory, não provocar sua ira. -Acabou. Eu nunca vou voltar. Eu fiz o que tinha que fazer e caí fora.

-Eu quero começar o vínculo de sangue com você - hoje à noite. - O olhar intenso que Emory dirigiu a ela avisou que ele quis dizer exatamente o que ele disse. Ela tentou não tremer diante da determinação em seu rosto. -Eu não quero esperar. Eu não quero correr riscos. Eu quero saber que nada mais poderá prejudicá-la. Que você vai estar segura.

Ele deve ter percebido a apreensão que ela sentia, porque ele baixou a voz e inclinou-se para que sua respiração acariciasse o rosto dela. - Eu vou lhe dar tudo o que eu sou. Eu juro. Se você confiar em mim, você nunca vai ter nenhum motivo para se arrepender. Comece uma vida comigo, Mary. Vamos deixar o passado para trás e criar um novo futuro juntos. - Os dedos dele entrelaçaram no cabelo molhado em sua nuca, de modo que ela teve de inclinar o queixo para manter o contato visual. -Deixe-me amar você, olhos de anjo.

Amar você. Olhos de anjo.

Palavras simples que significavam tudo.

Todas as suas reservas, todas as suas dúvidas, todos os seus medos e incertezas desapareceram. Não havia nada além de Emory com suas íris brilhantes, queixo sombreado e um olhar aberto de esperança em seu rosto. Um olhar que estava lá por causa dela. Um olhar que - se Ava estivesse dizendo a verdade - ele nunca daria a qualquer outra mulher para o resto de sua vida.

O coração dela acelerou. Memórias do tempo que passaram juntos quando se conheceram vieram a sua mente. De sua natureza gentil, de como ele estava atento em todos os momentos, do jeito que ele a olhava, como se ela fosse algo precioso, para ser protegido. Ela pensou que era porque ele era cavalheiro, o último entre tantos idiotas que conheceu.

Agora ela sabia a verdade.

Tudo isso era para ela - só para ela.

Não é isso o que ela sempre desejou? Uma família como a que ela tinha perdido? A chance de começar de novo? Sim, sacrifícios

precisariam ser feitos, ela teria que aceitar muitas mudanças. Mas, por vezes, uma pessoa tinha que se agarrar à chance que lhe era dada e ter fé de que os riscos fossem recompensados.

Ela chegou tão perto dele quanto podia, até que seus seios pressionaram contra a borda da banheira, e colocou as mãos em seus ombros. Sua família nunca iria parar de procurar por ela, mas eles nunca parariam de procurar por shifters também. Ela tinha certeza disso, sem sombra de dúvida. Mas com Emory ao seu lado, nada parecia impossível.

Aposte alto e dobre o prêmio.

-Me ame.

Água espirrou por todo o chão quando ele a levantou da banheira, molhando sua camisa no processo. Ela abriu a boca para protestar, e ele a silenciou com um beijo profundo, possuindo sua boca como se quisesse que ela guardasse esse beijo na memória para sempre. Lentamente, ele a baixou no chão, interrompendo o beijo apenas o tempo suficiente para pegar uma toalha e enxugá-la. Começando com o cabelo dela, ele se aventurou mais para baixo até que se ajoelhou aos seus pés. Seu olhar vagou sobre seus seios e seu estômago e parou em sua vagina.

-Eu vou começar aqui, - disse ele e espalmou seu monte, fazendo-a ficar na ponta dos pés. -E depois eu vou subir. Eu vou fazer você se sentir tão bem, querida. Tão fodidamente bem.

Ele ergueu o olhar, encontrando os olhos dela enquanto se levantava. Ele era tão alto, tão intimidante. No entanto, ela nunca se sentiu mais segura em sua vida. Passando suas mãos pelos joelhos e

costas dela, ele a tomou nos braços. Ela enterrou o rosto em seu peito, aspirando o cheiro dele, segurando firme enquanto ele a carregava do banheiro para o quarto.

Tinha passado o tempo para pensar sobre as coisas. Emory ia se unir a ela, reivindicá-la como sua companheira e mostrar-lhe os prazeres com os quais ela sonhava há muito tempo.

E ela iria se entregar.

Vá devagar. Aceite o que ela estiver disposta a oferecer e receba como um presente. Não estrague tudo.

Emory tremia quando ele colocou Mary na cama. Seu pênis tinha ficado duro desde o momento em que a viu nua na banheira, chegando a ficar com inveja da água que acariciava seu corpo. Ele sabia que tinha que levar as coisas devagar, para que ela pudesse relaxar. Mas o lobo tinha outras ideias. A parte primitiva dele queria desaparecer entre as coxas de Mary e lambe seu mel até que ela gritasse seu nome. Ele queria colocá-la em suas mãos e joelhos, fodê-la por trás enquanto lhe dava a primeira marca e iniciava seu acasamento.

Foder - duro e rápido – era tudo no que o animal pensava.

Cai fora, ele rosnou para a besta. Você vai conseguir o que deseja em breve.

Ele deu um passo para trás e estendeu a mão para a parte de trás de sua camisa, puxando o tecido sobre sua cabeça. Ele continuou vestido em sua calça jeans, afinal, precisava levar as coisas um passo de cada vez. Primeiro, ele iria mostrar a ela quanto prazer

sua boca poderia proporcionar. Então, quando ela estivesse pronta, ele iria apresentá-la ao prazer que só seu pênis poderia proporcionar.

Ela recuou na cama, até que os ombros repousaram sobre os travesseiros. Mesmo sem ser experiente, ela havia se colocado na posição perfeita para dar a ele todo acesso que precisava. Ele caminhou para ela lentamente, consciente do momento exato em que ela percebeu o quão exposta estava e se tornou envergonhada de sua nudez. Ela levantou os braços até os seios e fechou as pernas, tentando se esconder dele.

-Não faça isso, - ele murmurou e parou diante dela, passando as mãos para cima e para baixo de suas panturrilhas. -Você é linda. Deixe-me vê-la.

Suas bochechas ficaram vermelhas como cerejas, quando ela separou as coxas, permitindo-lhe vê-la totalmente, o contorno de seus lábios e a capa de seu clitóris claramente visíveis. Um monte de cachos loiros descansava no topo da sua fenda. A visão acelerou o desejo em seu sangue, fazendo seu membro saltar. Ele podia sentir o cheiro da excitação dela, e ela estava muito excitada, os lábios de sua vagina estavam molhados. Suas dobras eram rosa, contrastando lindamente com a palidez cremosa de suas pernas. Ele queria dizer a ela o quão duro aquela visão o deixava, o quanto ele queria transar com ela de forma enlouquecida, mas ele se conteve. Ele gostava de falar obscenidades enquanto fodia, mas ela era nova para esse nível de intimidade. Ele teria que esperar pelo momento certo para lhe ensinar essas coisas, e não era agora.

Chegando mais perto, ele abaixou-se em direção ao estômago dela. O cheiro dela, tão perfumado, cheiro de excitação misturado

com sabonete, o fez fechar os olhos e puxar uma respiração profunda. Uma lambida não seria o suficiente. Ele a provaria com a língua até que ela pedisse para ele parar, mas ele continuaria até que ela pedisse por mais, então, ele a levaria às alturas.

Ao primeiro toque de sua língua - um movimento suave, uma pequena provocação contra seu clitóris - ela engasgou. Ele repetiu o movimento, em seguida, baixou a cabeça, lambendo as dobras exteriores de sua vagina, mantendo o toque gentil enquanto provava seu creme. No início, ela ficou tensa, os músculos esticados como um arco. Então, lentamente, com cada lambida seguida por um beijo, ela relaxou.

-Oh ceus, - ela sussurrou, levantando seus quadris em direção à boca dele. -Emory!

Ele continuou, movendo-se para cima e para baixo, girando e girando, evitando o contato com as dobras internas e seu clitóris. Quando os joelhos dela caíram no colchão, deixando-a totalmente aberta para o olhar dele, ele levou as mãos ao ápice de suas coxas e separou os lábios vaginais com os polegares. Ela estava tão molhada e cheirava tão fodidamente bem, mas isso não era nada comparado ao sabor que ela tinha. Quando lambeu novamente, ele se demorou um pouco mais, pressionando intencionalmente sua língua enquanto a lambia de cima para baixo, dando pequenos golpes que quase o fizeram gozar em seu jeans.

-Eu quero... eu preciso... - Ela empurrou sua vagina contra o rosto dele, revirando os quadris para combinar os movimentos com a língua dele.

Soprando contra o clitóris, ele sussurrou: -Eu sei o que você precisa. Eu sei exatamente o que você precisa.

Desta vez ele não foi devagar ou a tratou com cuidado. Ele foi para ela como um animal, lambendo e mordendo, manipulando seu clitóris com o polegar. Para seu imenso prazer, Mary parou de tentar abafar seus gritos e gemidos enquanto ele a lambia com força e rápido. Ele esfregava o ponto no alto de sua vagina com movimentos leves. Não era o suficiente para fazê-la gozar, mas ele estava construindo a sensação. Em breve, seria preciso apenas um pouco mais de pressão e ela iria explodir. Ela começou a tremer, sua bunda levantando cada vez mais alto do colchão enquanto os minutos passavam. Ele posicionou o dedo na entrada da vagina e usou a outra mão para puxar para trás o capuz que recobria seu clitóris, sugando o pequeno botão com sua boca.

Ela gemeu no travesseiro quando gozou, todo o seu corpo se debatendo, e ele deslizou o dedo em suas profundezas úmidas. Ela era tão fodidamente apertada. Apesar disso, ela não tentou parar sua invasão, ela cavalgou as ondas de prazer quando ele começou a mover o dedo dentro e fora de seu corpo, cronometrando cada impulso com os movimentos de sua língua. Foi só quando seu orgasmo tinha passado que ela se contorceu e olhou para ele.

-Foi muito... - ela arfava, tentando equilibrar sua respiração. - Estou tão sensível agora.

Ele soltou seu clitóris, mas não parou de acariciar seu interior aveludado, que apertava seu dedo como se fosse um punho. Foda-se, ela era uma linda visão assim mesmo como estava. Seu cabelo emaranhado ao redor dos ombros, suas bochechas coradas e seus

olhos mais escuros do que o habitual. Ela parecia exatamente como uma mulher que havia gozado forte e rápido, despenteada e muito feliz. Ele acrescentou outro dedo ao primeiro, estirando-a mais ainda.

Desta vez, ela ficou tensa com a intrusão.

-Eu preciso que você relaxe para mim, querida. - Ele entrou em sua vagina com golpes curtos, esperando até que ela confiasse nele o suficiente para ir mais fundo. -Assim mesmo. Deixe-me entrar. Boa menina. Assim. - Ele tentou ignorar a tensão que subia por seu pescoço, o lobo não estava contente de ter que ficar à margem. -Eu quero ter certeza que eu não vou machucar você. Você é tão pequena e apertada. Você vai ter que confiar em mim.

-Não está machucando, é apenas... diferente.

Olhando para ela, ele levantou uma sobrancelha. -Diferente?

-Bem, quero dizer, ele se sente um pouco... - ela desviou o olhar, envergonhada.

O seu lado bestial assumiu, o animal dentro dele ultrapassou suas barreiras. Ele enfiou os dedos firmemente dentro dela, rosnando. -Diga-me como se sente.

Flexionando o pulso, ele começou a trabalhar nela com os dedos enquanto levava a outra mão para seu clitóris, usando o dedo indicador para fazer pequenos círculos sobre ele. Mary arqueou as costas, levando-o mais profundo, e empurrou seus quadris contra sua mão.

-Diga-me, Mary, - ele ordenou, continuando a penetrá-la com os dedos, percebendo como eles saíam cada vez mais revestidos de seu calor líquido.

-Cheia... oh céus... tão incrivelmente cheia.

-O que mais? - ele tentou puxar os dedos para trás, para se impedir de ir longe demais, mas ele sabia que era uma batalha perdida. Ele esperou muito tempo por Mary, precisava dela demais para parar.

-Bom... - ela gemeu, empurrando sua vagina na mão dele. -É uma sensação muito boa.

Ele a soltou e afastou-se da cama para tirar as botas e as meias. Suas calças foram destruídas quando ele as rasgou, usando as garras que apareceram no lugar de suas unhas. Ele sofria com a necessidade de enterrar seu pênis tão profundamente dentro de sua companheira e fazê-la uma parte permanente dele. Ele manteve os olhos em Mary o tempo todo, monitorando cada expressão em seu rosto, ciente de que seus olhos estavam brilhando e ela podia ver claramente o lobo dentro dele agora.

Não fuja de mim, pensou. Ele tinha medo que ela fugisse quando olhasse para ele totalmente nu e visse como seu pênis estava duro, erguido em direção ao umbigo. A genética havia feito dele um homem grande - em todos os lugares. Se seu lobo não a aterrorizasse, suas proporções corporais certamente iriam.

Ele ficou surpreso quando ela estendeu os braços abertos, apesar de estar tremendo, e disse: -Venha aqui.

Ela disse essas mesmas duas palavras antes, e então roçou os lábios contra os dele para provar que não tinha medo dele. Uma dor aguda perfurou o centro de seu peito, a magnitude do que estava presenciando era forte o suficiente para trazê-lo de joelhos. Mary - a sua doce, bela companheira - estava oferecendo-se a ele sem reservas, sem medo.

Ela viu o animal que havia no homem – ela o viu - e ela aceitou ambos.

Ele foi ao encontro dela descontroladamente, como uma onda quebrando na areia, dando a ela o que ela havia pedido – sem se esconder, sem fingir ser algo que ele não era. Ela não resistiu quando ele se estabeleceu entre suas pernas, a cabeça bulbosa de seu pênis deslizando contra os lábios vaginais enquanto ele baixava a cabeça para beijá-la.

Seus lábios se encontraram, se separaram e suas línguas se tocaram. Movimentos circulares seguidos por sucção. Ele aprofundou o beijo, mergulhando no calor da sua boca, quando ele agarrou seu pênis e alinhou a ponta na lisa entrada de sua vagina. Quando ele estava no lugar, começou a pressionar, avançando para frente, tomando seu tempo. Para frente e para trás, com investidas curtas. Ela era tão apertada que ele tinha que manter um ritmo constante para não machucar suas paredes internas, ele não podia apenas se afundar dentro dela. O suor escorria pelas costas e seus braços tremiam pelo esforço que fazia para ir devagar.

-Não se segure. Eu não vou quebrar. - Mary agarrou seus bíceps, sua respiração uma carícia quente contra a boca dele. -Eu confio em você. Deixe-se levar.

Ela era corajosa ou completamente tola por ser muito jovem. De qualquer maneira, o lobo ultrapassou completamente a barreira que Emory tinha criado, fazendo-o agir mais como besta do que como homem. Ele empurrou seu membro inteiro dentro dela, rosnando quando se viu abrigado profundamente naquela vagina que o rodeava como veludo ardente. O grito de dor que ela soltou ecoou em seus ouvidos. Apesar de ser o animal quem estava ditando suas ações, ele conseguiu recuperar controle suficiente para se manter quieto, dando a Mary tempo para se acostumar com o tamanho dele. Ela tinha os olhos fechados e seu lábio inferior estava preso entre os dentes.

-Não haverá mais dor, - ele murmurou e depositou beijos sobre seus olhos. -Relaxe para mim, Mary. Deixe-me levá-la de volta para onde nós começamos. Eu quero fazer você se sentir bem.

Ele sentiu os músculos dela se tornarem flexíveis, enquanto tentava relaxar embaixo dele. Baixando a cabeça, ele se ocupou de seus seios, sugando os mamilos, um de cada vez. A respiração ofegante dela disse-lhe que ela gostava de carícias nos seios, assim como a umidade que encharcava seu pênis. Excelente, ele adorava brincar com os seios dela, tanto quanto ela gostava de ter sua boca sobre eles. Ele alternou mordidas suaves com lambidas, girando a língua em torno de suas auréolas. Quando ela começou a balançar seus quadris, ele ergueu a cabeça. Observando seu rosto, ele lentamente se retirou de seu calor, as paredes de sua vagina tão apertadas como uma segunda pele. Para alívio de Emory, o lobo recuou, a longa e solitária espera por sua companheira tinha acabado.

Parando apenas com a cabeça de seu pênis dentro do corpo dela, ele murmurou: -Olhe para mim.

Os olhos dela se abriram, revelando duas escuras piscinas cintilantes.

Então ele se moveu, deslizando lentamente dentro dela - estudando seu rosto, seus olhos e seus lábios entreabertos - empurrando até o final. Uma vez que ele estava enterrado dentro dela, ele ficou lá, estendendo o momento, tentando fazê-lo durar.

-Porra, isso é bom. - Ela realmente era muito boa, tão apertada e quente, molhada e suave. -É como fogo e veludo, olhos de anjo. Quente, suave e doce.

-Isso está realmente acontecendo. - Havia um tom de admiração nas palavras dela. Mary tocou-lhe o peito, os dedos deslizando sobre a clavícula. Ela parou quando alcançou a tatuagem em seu braço, uma representação do seu lobo. Os traços pretos foram cuidadosamente desenhados, quase como um retrato, que se estendia do cotovelo ao ombro.

-Sim, está. - Ele segurou a mão dela e levou-a à boca. Ele correu seus dedos ao longo dos dedos dela, o toque semelhante ao roçar de uma pena.

As sobrancelhas dele franziram quando ela moveu os quadris, levantando-o. O movimento o fez ir mais fundo dentro dela, e ela gemeu alto. Soltando sua mão, ele agarrou a bunda dela. Ele segurou uma nádega em cada mão, guiando-a em um ritmo ao mesmo tempo em que começou a empurrar, lento e constante, forte e profundo. Qualquer dor que ela sentiu havia sumido, sendo substituída por necessidade sexual pura. O cheiro da excitação dela queimava em seu nariz, misturando-se com o cheiro doce que ele sempre associou a ela.

Mary.

Minha companheira.

Seus movimentos se tornaram mais duros e mais rápidos – ele a estava fodendo com seu pênis. As unhas dela perfuraram sua pele, seus gemidos estavam cada vez mais altos. Trazendo a mão entre seus corpos, ele começou a pressionar seu clitóris, ansioso para fazê-la gozar e, assim, solidificar o primeiro estágio do vínculo de sangue.

-Goze para mim. - Ele acelerou o movimento, empurrando nela duramente, se controlando para que eles pudessem gozar juntos. Quando a buceta apertou ao redor dele, ondulando e flexionando, ele se entregou. Ele rugiu quando gozou, mantendo o ritmo até que Mary parou de gemer de prazer e começou a choramingar de dor.

Merda.

A pior parte – a parte que ele preferiu não pensar a respeito - estava agora em cima deles. No momento em que se derramou dentro dela, o processo de acasalamento começou. Ele sentiu a mudança em seu corpo, uma pequena parte do lobo deslizando de sua carne a fundindo-se com ela. Embora ele se sentisse bem, ela sentia dor, e isso era algo que ele tinha jurado que ela não sentiria mais.

-Eu tenho você. Eu estou aqui. - Ele segurou-a enquanto ela se debatia, mantendo-a apertada contra ele quando a primeira etapa do vínculo de sangue começou.

-Dói. Por que dói? - havia tanta confusão, tanta miséria na pergunta. -Eu não posso ver. Oh Deus. Eu não posso ver!

-Eu sei, está tudo bem. Eu estou aqui. Eu não vou soltar você.

Eu nunca vou soltar você.

Não havia nada a fazer a não ser abraçá-la, esperar o fogo terminar de correr por suas veias, formando a primeira marca entre eles, enquanto o lobo aprimorava os sentidos dela, mudando os seus reflexos e percepção. Ele tinha ouvido o quão ruim era - quanta dor estava envolvida. Era a única maneira, mas ele odiava a si mesmo naquele instante para provocar-lhe isso. Não era muito reconfortante saber que a segunda marca não doía tão intensamente, porque ele sabia que a terceira e última doeria demais.

Será que ela estaria disposta a enfrentar essa agonia pela segunda vez? Ele poderia pedir a ela que o fizesse?

O que só durou alguns segundos pareceram horas, o sofrimento de sua companheira era mais do que ele podia suportar. O lobo - bastardo que ele era - não tinha esse sentimento de culpa quando ele voltou para Emory. A besta era a mesma, mas estava diferente, uma parte dele agora estava sintonizada unicamente com Mary. Quando ela caiu debaixo dele, não mais lutando, ele levantou-se e olhou para ela, certificando-se de que não havia sinais externos de machucados. Ela abriu os olhos - olhos que estavam sem brilho por causa da dor - e tentou falar.

-Não, - Ele a silenciou com um beijo. -Descanse.

-Eu estou tão cansada, - ela murmurou. -Por quê?

-Falaremos em breve. Por agora, eu quero que você durma.

Ela não discutiu quando ele puxou as cobertas para cobri-la e se juntou a ela. Ao contrário, ela se virou para ele, descansando a testa contra seu peito enquanto ele embalava seu sono. Ele

permaneceu assim, abraçando-a, acariciando seu cabelo e protegendo-a em seus braços.

A dor foi inevitável, mas havia uma coisa que ele poderia fazer para se redimir. Apoiando o queixo sobre a cabeça dela, ele começou a pensar em todas as maneiras que ele poderia agradar sua companheira. Ele ia fazer o café da manhã e trazer na cama, declarar o seu amor e mostrar a ela o quanto ela significava para ele.

A partir de amanhã.

CAPÍTULO 08

Ava Brisbane amaldiçoou enquanto examinava a geladeira, fazendo um balanço dos itens dentro. Na noite anterior, ela e Diskant haviam se envolvido em sua primeira discussão oficial. Não foi apenas um desentendimento ou bate-boca – foi uma briga de verdade. Quando percebeu que ele havia levantado uma barreira em sua mente – para impedi-la de ter acesso aos seus pensamentos – ela ficou furiosa. Ele tinha jurado que deveriam compartilhar tudo. Que nunca haveria segredos entre eles. Mas depois da sua conversa com o idiota do Craig Newlander, Diskant estava tentando manter algo escondido dela, e saber disso a irritava.

Tomando uma respiração profunda, ela tentou se acalmar. Pelo menos ela sabia a verdade agora. Diskant podia ser um idiota às vezes, mas ele reconhecia quando estava errado. Ele pediu desculpas e contou a ela sobre a bruxa que Craig tinha colocado sobre sua responsabilidade, bem como sobre seus planos de ter Caden transportando-a para Nova Orleans. Era perigoso transportar a mulher - uma mulher que estava prestes a receber poderes monumentais - portanto, ela poderia dar um desconto a Diskant por ter tentado esconder o assunto dela.

Ela franziu o cenho quando ela chegou à prateleira do meio, abriu a caixa de ovos e descobriu que havia apenas dois ovos dentro. Fabuloso. Agora ela teria que caminhar até o supermercado que ficava nas proximidades. Não lhe agradava a ideia de ter que fazer

uma viagem até o supermercado apenas para comprar aquele item em especial, principalmente se considerasse que vivia em uma casa cheia de shifters que os devorariam em segundos. Felizmente, as carnes e vegetais eram entregues a domicílio. Embora a maioria dos hóspedes tivesse partido na noite anterior, ela ainda precisava providenciar comida para aqueles que tinham permanecido. Diskant, Mary, Emory e Trey precisariam de mais do que algumas panquecas para sustentá-los - especialmente Mary.

-Pobre menina, - ela suspirou, olhando para as prateleiras quase vazias na geladeira.

Uma vez que o processo de acasalamento havia começado, Ava queria ter certeza que a mais nova integrante da matilha estava confortável em seu novo lar. Seria bom ter outra mulher por perto para conversar, desabafar. Com sorte Emory aceitaria a oferta de Diskant para ficarem em sua casa, dessa forma, Mary poderia se ajustar melhor a sua nova vida e Emory seria reintegrado à matilha.

-Bom dia, Ava.

Ela olhou para fora da porta da geladeira, surpresa ao ver Trey passeando na cozinha. Ele parecia novamente com o homem que ela havia conhecido, não o indivíduo enlouquecido que só pensava em se vingar dos Pastores que haviam devastado sua matilha. Seu cabelo estava puxado para trás, ele tinha feito a barba e vestia roupas limpas, sem quaisquer rugas ou manchas.

-Ê boa tarde, mais precisamente, - respondeu ela antes de inspecionar o conteúdo da geladeira por uma segunda vez, fazendo uma lista mental de coisas que ela precisava comprar. Felizmente sua

ida ao supermercado não demoraria muito. Fechando a porta, ela enfrentou Trey, que havia tomado um lugar à mesa.

-Onde está o D? - Ele reclinou-se na cadeira, com um sorriso estranho no rosto.

-Ele teve que visitar Kinsley. - Ela não revelou o verdadeiro motivo da visita de Diskant ao Alfa do bando felino. Se Diskant não queria que ela soubesse sobre a bruxa que Craig queria que fosse transportada para New Orleans, talvez ele não quisesse que Trey soubesse também.

-Hmm... - Trey falou divertido. -Qualquer coisa que eu deva saber?

-Eu acho que se Diskant quisesse que você soubesse, ele teria lhe dito.

Para sua surpresa, Trey realmente sorriu. -Quanto mais tempo você passar com D, mais você se tornará igual a ele.

-Isso não é uma coisa ruim. - Pelo menos ela esperava que não fosse. Seu companheiro não era conhecido por ser descontraído ou amigável.

-Nem um pouco.

Algo estava definitivamente estranho, pensou, observando Trey de perto. Ele se parecia com o seu antigo eu, era amável como seu antigo eu, e parecia estar no controle de seu lobo como seu antigo eu. A pergunta era: por quê?

O que aconteceu para trazê-lo de volta dos braços da loucura?

Empurrando as perguntas de lado, ela foi até a gaveta ao lado da pia para conseguir algum dinheiro. Depois que embolsou o dinheiro, ela começou a caminhar para o telefone perto da porta dos fundos. Cada vez que saía, precisava levar um acompanhante, mesmo que fosse a uma loja que ficava a poucas quadras de distância. Apesar de seus argumentos de que queria viver uma vida normal, Diskant se recusava a ceder quando se tratava de sua segurança. Se ela queria liberdade, ela teria que aceitar que nunca iria a qualquer lugar sozinha, mesmo que fosse ao supermercado.

-Indo a algum lugar? - perguntou Trey.

-Eu preciso fazer compras no supermercado, - respondeu ela, levantando o telefone do receptor.

-Vou levá-la, - avisou Trey, enquadrando os ombros, fazendo com que a apertada camiseta de algodão que usava se esticasse sobre o peito.

-Sério? - Ela não podia acreditar no que estava ouvindo. A matilha havia desistido de tentar fazer com que Trey se envolvesse em alguma coisa que não estivesse ligada a matar Pastores. O sorriso dele a confundiu mais do que a confortou, levantando mais questionamentos que ela foi forçada a colocar em banho-maria até que ela pudesse lidar com eles.

-Por que não?

-Ok, então, - respondeu ela, sentindo-se como se estivesse em um episódio de *Além da Imaginação*⁹. -Eu fiz uma lista do que preciso, não é muito. Não deve demorar.

⁹ Além da Imaginação (*The Twilight Zone*), série de televisão americana que apresentava histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror.

Depois de vestir seu casaco, ele acompanhou-a até a garagem, abriu a porta e esperou que ela entrasse. Atravessaram a área vazia em silêncio, aproximando-se da porta que iria levá-los para a rua. Um dos guardas postados na frente da casa começou a caminhar em direção a eles. Normalmente ela teria continuado a andar, sabendo que, de qualquer maneira, quem estivesse de plantão iria segui-la ou enfrentar a ira de Diskant. Só que desta vez, ela reconheceu o membro da matilha.

Querido Deus. Era Zach.

Sua companheira, Katie, havia morrido na explosão há alguns meses. Ava tinha tentado ajudá-lo usando suas habilidades psíquicas, usando também sua recém-adquirida conexão com a matilha para aliviar a dor dele. Embora ele parecesse melhor fisicamente, havia uma frieza nele que ela nunca conseguiu descongelar, um espaço vazio que ela não conseguiu preencher.

Quando ele voltou? Para onde foi quando Diskant lhe permitiu sair de Nova York?

Embora ela estivesse tentada a penetrar na mente de Zach para descobrir as respostas, ela não fez. O homem tinha sofrido o suficiente, não precisava dela invadindo sua privacidade. Vendo-o agora, um pouco melhor do que ele esteve no passado, ela decidiu que poderia controlar sua curiosidade. Quando Diskant chegasse em casa, ela faria essas perguntas a ele.

-Vou levá-la ao supermercado, - Trey hesitou quando ele falou, sabendo sobre a história de Zach, assim como todos. -Estaremos de volta em dez minutos.

Zach olhou para eles, seus olhos azuis escuros revelando nada, e pegou o celular. -Eu vou informar os nossos olhos no céu.

A necessidade de estender a mão para o homem de coração partido - para ver se ele estava realmente bem ou se estava apenas fingindo - era demais. Ava se apressou a descer a rua sem se preocupar em se certificar se Trey a estava seguindo, sabendo que ela poderia causar a Zach mais mal do que bem se cedesse a sua necessidade de invadir a mente dele. Ela sabia que os guardas da matilha plantados nos telhados dos edifícios ao redor estavam assistindo enquanto eles caminhavam pela rua, mantendo um olho sobre eles. O pensamento a deixou com raiva. Desde que os extremistas religiosos que caçavam shifters tinham se mudado para a cidade, ela não poderia sequer ir até ao supermercado sem alguém vigiando. Saber que estava sob vigilância a deixava inquieta, temerosa de cada movimento que pudesse fazer.

-Espere, - Trey gritou, e correu para o lado dela. -Você não deveria ficar sozinha, lembra?

-Como eu poderia esquecer? - Ela olhou para ele e revirou os olhos. -Eu não posso sequer tirar o lixo sem ter alguém vigiando. É como Big Brother, só que não tão divertido. - Ela considerou perguntar sobre Zach, mas decidiu ir por outro caminho. -Então, por que você decidiu vir junto? Eu sei que não é porque você quer ter certeza que comprarei leite com chocolate ou bombons.

Trey pareceu insultado. -Eu tenho que ter uma razão para proteger a companheira do meu Alfa?

Sua curiosidade passou de Zach para o macho ao lado dela. Uma razão para proteger a companheira do seu Alfa? Besteira total e

absoluta. Ele queria alguma coisa, e ele queria muito, a ponto de engolir seu orgulho e procurar por ela para conseguir isso.

O que ele estava planejando?

-Ah, sim, - disse ela lentamente. -Você definitivamente teria que ter uma razão.

-É o que você pensa?

-Exatamente isso.

Trey não olhava para ela enquanto falava, manteve os olhos à frente, sempre em estado de alerta. -Eu tenho algo que eu quero lhe perguntar.

Ela conteve um sorriso quando ela descobriu que ela estava certa. Não era à toa que ele queria acompanhá-la até a loja. -Tudo bem? - Ela olhou para Trey, prestando atenção em seu rosto, que de repente se tornou sério.

-Você se lembra da noite antes de patirmos? Quando a matilha se reuniu no Clube Liminality?

Não era esse tipo de conversa que ela planejava manter. Seu rosto aqueceu. Ela certamente se lembrava daquela noite. Diskant a tinha levado para o banheiro depois que ela o irritou, inclinou-a sobre a pia, espancou-a profundamente e fodeu-a com tanta força que ela não conseguia andar em linha reta depois.

-Sim. - Ela encolheu-se com a forma como a sua voz soou rouca e rapidamente limpou a garganta. -Eu me lembro.

-A mulher com quem você falava – a vampira. - Os olhos de Trey correram para longe dela. -O que você sabe sobre ela?

A pergunta pegou Ava desprevenida. Ela realmente não sabia muito sobre a vampira, só que a bela mulher loira tinha resgatado ela quando Pastores tentaram matá-la. A memória da noite a que Trey estava se referindo era nebulosa, mas podia recordar vividamente sua breve conversa no Club Liminality - quando a vampira tinha compartilhado memórias com ela. A mulher tinha mostrado a Ava de onde ela veio. Descendente de magos, a misteriosa vampira havia dito, e isso era algo que ela ainda achava difícil aceitar, que ficava dando voltas em torno da sua cabeça.

-Não muito. - Quando o rosto dele se transformou em uma carranca, ela esclareceu: -Eu a reconheci. Ela era a mulher que me salvou na noite do atentado. Quando eu a vi no clube eu queria agradecer-lhe. Diskant não nos deu muito tempo para conversar, se você se lembra. Eu só tive a oportunidade de dizer obrigada e adeus. - Ela tentou capturar os olhos de Trey, mas ele não permitiu. -Por que você pergunta?

-Só por curiosidade, - ele respondeu.

Ele está mentindo.

O tempo que passava com Diskant e com a matilha lhe ensinaram a ler mentiras facilmente. A linguagem corporal de Trey e sua resposta evasiva gritavam que ele estava mentindo. Ela se conteve antes de invadir a mente dele e descobrir o que ele estava escondendo. O ex-Alfa havia voltado para o caminho certo e, invadir sua mente poderia causar um retrocesso. Se Trey quisesse que ela soubesse o que ele estava fazendo, ele diria a ela. Respeito era ganho à medida que era dado.

-Você pode me dizer alguma coisa sobre ela? - Trey continuou fugindo do contato visual, olhando para o chão, o céu, os prédios - tudo menos ela. -Eu não pediria se não fosse importante.

-Ela é especial, - respondeu Ava, deixando seu instinto trabalhar com relação à vampira.

-Como assim?

-Eu realmente não posso explicar. Eu só tenho a impressão de que há algo muito grande destinado a ela.

-Isso é tudo o que você sabe? - Ele olhou em sua direção.

-Temo que sim.

Ele não fez mais perguntas, ou seja, o resto de sua caminhada foi feita em silêncio. Quando chegaram ao supermercado, Trey, mais uma vez, abriu a porta como um cavalheiro. Ava entrou e hesitou quando Trey ficou parado na frente da loja. Ela pegou uma pequena cesta de compras retangular e olhou para ele.

-Você vem comigo ou você vai ficar aqui?

A tensão em seus ombros relaxou e ele abriu um sorriso. -Eu vou esperar por você. Eu só faço compras quando realmente preciso.

Homem típico. Ela estudou a fila do caixa e as poucas pessoas que inspecionavam as prateleiras perto do balcão. -Eu já volto. Eu só preciso de um par de coisas.

Ele se encostou na parede, deslizando as mãos nos bolsos de suas calças de couro. -Leve o tempo que precisar.

Ela passou com certa dificuldade por um homem muito gordo que estava em seu caminho, andando rápido, a fim de obter o que ela precisava. Diskant tinha dito que não iria demorar muito, e ele não gostava quando ela saía de casa sem ele. Ela não queria repetir a briga que tiveram na noite anterior. Com um último olhar para Trey, ela desapareceu ao virar na esquina de uma prateleira, indo em busca de uma caixa de ovos e suco de laranja espremido na hora.

Trey manteve um olho em Ava até que ela desapareceu, em seguida, ele se baseou em seu nariz para acompanhar a pequena diabinha através da loja. Embora fosse pequena como um rato, ela tinha o coração e o temperamento de uma leoa. Ela não se deixava intimidar por alguém ou alguma coisa. A fêmea era uma combinação perfeita para D.

Infelizmente, ele não tinha percebido o quão bem ela se ajustava à matilha, até hoje. Seus pensamentos, por muito tempo, estiveram nublados pela dor e pela raiva. Quando ele acordou pela manhã, as lembranças da noite anterior haviam lhe atingido como um trem de carga, arrependimento e vergonha correndo de volta para ele. A forma como ele tratou Sadie era imperdoável. Sua amargura e ressentimento feroz contra o mundo estavam corroendo sua personalidade como um câncer.

Era tempo para que isso mudasse.

Encontrar sua companheira podia fazer um homem querer mudar toda sua vida, levando-o de um extremo para o outro. Sim, ele ainda estava com raiva. Sim, ele ainda queria vingança. Mas, mais do que tudo, ele queria a mulher com quem esteve na noite anterior. A

mulher que ele estava determinado a encontrar, independentemente dos seus pensamentos ou protestos sobre o assunto.

Mais algumas pessoas entraram na loja, forçando-o para longe da parede. Ele deu um passo perto das caixas registadoras e olhou para os corredores, em busca de Ava. Ela não tinha as respostas para suas perguntas, mas ele estava feliz por ter falado com ela. Isso era algo que ele sabia que tinha perdido nas últimas semanas – se relacionar com outras pessoas, conversar sobre coisas que não envolvessem ódio ou raiva.

Um barulho estranho veio da parte de trás da loja, como se alguém tivesse deixado cair algo. Ele levantou a cabeça, farejando o ar.

Então, ele ouviu Ava gritar.

O instinto assumiu, o lobo dentro dele estava totalmente desperto. Ele empurrou de lado as pessoas em seu caminho, passando por elas como um aríete. Em segundos ele estava na parte de trás da loja, perto da mercadoria refrigerada. Um grupo de compradores estava em silêncio, olhando estupidamente para um carrinho de compras virado no chão, com uma caixa de ovos quebrados caída no chão.

-Onde ela está? - ele gritou, erguendo seu nariz, agarrando-se ao cheiro de Ava. Um dos compradores idosos apontou para uma porta, mas a ajuda não foi necessária.

Ele já estava em movimento.

O cheiro de medo o guiou - o medo de Ava - mas ele estava desaparecendo. Provavelmente ela tinha sido nocauteada para

impedir que lutasse. Isso significava que ele tinha que se apressar para conseguir alcançá-la. Ele se perguntou quem seria estúpido o suficiente para foder com Ava. O Villati não viria para ela, pois isso iria arruinar a relação que queriam estabelecer com Diskant. Talvez tenha sido uma disputa territorial entre a matilha e algum bando? Talvez algum dos idiotas pensou que poderia usar Ava para conseguir vantagem? Ele abandonou essa ideia assim que deu outra profunda respirada. Ele não cheirava qualquer shifters nas proximidades.

Merda. Com que diabos ele estava lidando?

Maldito estúpido que ele foi, ele nunca deveria tê-la deixado sozinha. Foi um descuido idiota, um foda-se monumental. Ele nunca se perdoaria se algo acontecesse com a companheira de Diskant - uma mulher que ele falhou em proteger. Quem a capturou a levou pela parte de trás - um caminho que ele agora percorria. Os trabalhadores que transitavam por ali estavam pressionados contra a parede, obviamente aterrorizados com o que eles tinham testemunhado. Trey não lhes deu muita atenção enquanto ele corria para a parte traseira do edifício, que levava à porta de saída, que estava aberta.

Ele encontrou o que estava procurando já alguns metros de distância. Um homem estava colocando Ava dentro da parte de trás de uma van, um homem vestindo um longo sobretudo e usando um fodido Stetson da mesma cor. Um rugido subiu por sua garganta.

Pastores.

Quando eles tinha voltado? Por Diskant ou qualquer um dos outros Alfas não sabia sobre isso?

A chegada deles mudava tudo. A cidade tinha que estar em alerta. Quando Pastores chegavam, nenhum shifter estava a salvo. Embora ele soubesse que eles estavam em guerra, ele não tinha pensado que eles seriam estúpidos o suficiente para retornar após o que tinham feito. As matilhas e os bandos iriam rasgá-los em pedaços com os dentes. Quando acabassem, iriam palitar os dentes com seus ossos.

Trey levantou a mão, acenando freneticamente. Os olhos no céu iriam ver o que estava acontecendo, mas que não iriam conseguir chegar ao local a tempo. Sem pensar nas consequências, começou a correr em direção ao veículo. Ele apontou para o homem com a companheira do Ômega em seus braços, sabendo que tinha que detê-lo. Se o filho da puta conseguisse escapar levando Ava, as chances de resgatá-la com vida eram mínimas. Dois Pastores apareceram, andando ao lado da van. Ele não se intimidou, preparado e pronto para matar, mesmo quando os homens revelaram suas armas e as apontaram em sua direção.

Tentou mover-se usando sua velocidade, para evitar os dardos que voavam em sua direção. A dor aguda no ombro direito o avisou que ele tinha sido atingido, e foi seguido por outro em seu peito - direito sobre o coração. O que quer que estivesse nos dardos agiu rápido. Ele tropeçou a poucos centímetros deles, perdendo totalmente o equilíbrio.

Um dos Pastores se adiantou e Trey colidiu com ele, levando os dois para o chão. Seu braço estava estranhamente pesado quando ele o puxou para trás, apontando para o queixo do bastardo. Uma mão segurou em volta do seu pulso, impedindo o golpe. Ele conseguiu se soltar, um pouco desorientado quando tentou se concentrar em seu

alvo. Mantendo seu agarre firme sobre o Pastor, ele se preparou para acertá-lo novamente, quando sentiu um golpe duro na parte de trás de sua cabeça. Ele aterrissou no concreto, caindo longe do Pastor embaixo dele. O mundo ficou nebuloso, uma nuvem negra invadiu sua visão. Ele tentou se concentrar, levantar a cabeça para ver se Ava estava bem.

-Coloque-o na parte de trás, - alguém ordenou e ele sentiu braços envolverem em torno de seu tórax e pés.

O céu balançou para frente e para trás e desapareceu quando ele foi jogado na parte de trás da van. Ele resmungou quando caiu, ficando cara a cara com uma Ava inconsciente. O interior mal iluminado reforçava a escuridão que caía sobre ele – e contra quem ele estava se esforçando para lutar - apesar de seu melhor esforço para permanecer acordado.

A van baixou quando os Pastores subiram dentro e a porta fechou. Ele queria rosnar para eles, rasgá-los em pedaços com suas garras. Em vez disso, ele murmurou palavras que não faziam sentido, contorcendo-se como uma criança em um cobertor.

-Aplique de novo, - uma voz profunda resmungou. -Nós temos que partir.

Ele sentiu outra picada, desta vez em seu pescoço. Seu lobo uivava enquanto ele cedia às drogas em seu sistema e se rendia ao esquecimento, caindo na escuridão que subiu para pegá-lo. Seu último pensamento foi que a matilha tinha que ser avisada.

Os Pastores estavam de volta à cidade.

CAPÍTULO 09

Mary piscou várias vezes quando ela abriu os olhos, tentando descobrir por que estava tão quente e confortável. Sua cama não era tão suave, e seu cobertor não irradiava calor como um cobertor elétrico. Sua resposta apareceu quando sua visão clareou.

Emory.

Ele estava descansando em frente a ela, com o peito a poucos centímetros de distância. O braço dele estava enrolado em sua cintura, mantendo-a perto. Ele cheirava bem, excitando-a de uma forma que ela começou a sentir necessidade, como se o cheiro dele a despertasse em algum nível primal. Era como se um afrodisíaco tivesse sido injetado em sua carne, desafiando-a a inclinar para a frente e provar um pouco do gosto dele.

-Olá, - ele murmurou com uma voz grossa de sono, puxando-a para fora de suas reflexões sexuais. Uma mecha de cabelo escuro repousava em sua testa, sua aparência tão deliciosa quanto o pecado.

Ela sabia que estava ficando vermelha, podia sentir o rubor aquecendo suas bochechas. Ontem à noite foi possuída por Emory em uma das muitas formas que ela tinha sonhado com ele. Tinha sido explosivo, quente e um pouco assustador. Ela franziu o cenho quando se lembrou do clímax que começou de modo tão vertiginoso, mas rapidamente se transformou em dor. O sexo não era para ser assim. Mesmo com seu conhecimento limitado, ela não era estúpida.

-Na noite passada... - Ela engoliu o pânico, tentando ser honesta. -O que aconteceu entre nós não foi totalmente normal. Outra coisa aconteceu.

-Foi o vínculo de sangue. - Emory se levantou em um cotovelo e afastou a mecha de cabelo de seu rosto. -Não é uma experiência agradável. - Os dedos dele pararam na bochecha dela e ele estreitou os olhos. -Eu deveria ter avisado, mas eu estava com medo que você adiasse as coisas se temesse o que estava por vir. Eu ouvi que é melhor não avisar companheiras humanas, de modo que a expectativa de dor não estrague o primeiro emparelhamento do casal.

Isso não era legal? Ela estreitou os olhos. -Uma omissão da verdade para evitar uma mentira?

Para seu crédito, ele pareceu cheio de remorsos, os olhos escurecendo quando ele suspirou. -Sinto muito, - disse ele, deslizando os dedos ao longo de sua mandíbula, em uma suave carícia. -Eu deveria ter dito.

-Então, isso já acabou? - Embora a memória do que ocorreu havia desaparecido, a lembrança da dor não tinha. Não havia palavras para descrevê-la de forma adequada, não havia maneira de formular com precisão o quão horrível foi o que sentiu.

-Há três estágios, - disse ele devagar, com cautela. -O primeiro foi o estágio físico, quando fizemos amor.

Nesse instante ela entrou em pânico. Sim, ela sentiu quando o membro dele inchou e despejou um líquido quente em seu interior. Como ela pode ter sido tão imprudente? Tão estúpida?

Você não estava pensando claramente, foi por isso.

-Nós não usamos camisinha. - Sua boca abria e fechava enquanto tentava pensar. Um bebê? Agora? Com a forma como as coisas estavam? Era muito perigoso, muito complicado. Não seria justo trazer uma criança para suas vidas.

-Shh. - Ele tomou-lhe a mão. -Gravidez pode ocorrer entre um humano e um shifter, mas é extremamente raro. E você só poderá engravidar, se acontecer, após a fase final do vínculo de sangue.

-Quanto tempo depois poderia acontecer? - Ela começou a pensar sobre as várias maneiras de se proteger de uma gravidez. Ela não teria uma criança para que sofresse o que ela tinha sofrido. Não que ela não quisesse uma família. Ela simplesmente não iria colocar uma criança em perigo. Ela sabia muito bem onde essa estrada levava.

Talvez eles pudessem adiar o vínculo de sangue?

Não, ela imediatamente se corrigiu, ainda assim não será seguro. Emory disse que a gravidez era rara, não que ela não acontecia. Havia outras maneiras de prevenir a concepção. Talvez Emory pudesse usar preservativos até que ela encontrasse uma forma confiável de controle de natalidade.

-Eu estava esperando que fosse o mais rápido possível, - disse Emory com um olhar de dor em seu rosto. -Você não quer ter filhos?

-Não, - ela respondeu sem pensar, perdida em seus pensamentos. E se ela tivesse um filho? E se sua família, de alguma forma, colocasse suas mãos sobre ele e o transformasse em um assassino sem remorsos?

-Por causa do que seu pai é? Por causa do que eles vão ser?

Demorou alguns segundos para que ela compreendesse as palavras e, quando o fez, se sentiu culpada, seu estômago afundando. A miséria no olhar de Emory era culpa dela. A resposta dela pareceu como se estivesse desprezando não apenas ele, mas, também, os filhos que poderiam ter no futuro.

Ela balançou a cabeça, clareando rapidamente seu raciocínio. - Não é isso. Eu adoraria ter filhos com você. - Vendo o olhar de dúvida em seu rosto, ela explicou: -É a minha família. Se tivermos filhos, eles estarão sempre em perigo. Eu não quero nenhum filho meu se tornando como eles. Pensar nisso me deixa doente.

-Eu acho que você subestima o poder da matilha, Mary. - A dor e a dúvida em sua expressão desapareceram, substituídas por um brilho possessivo e letal em seus olhos. -Ninguém vai lhe machucar aqui. Desde o último ataque Diskant mudou tudo. Todos os shifters – sejam gatos, lobos ou as aves de rapina - têm um papel a desempenhar para manter a cidade segura. Temos informantes na polícia, membros de um bando que nos mantêm atualizados sobre alguma coisa estranha acontecendo na área. A cidade de Diskant é a mais segura para viver se você é um shifter. - Ele sorriu. -Ou a fêmea de um shifter.

Ele parou de falar e se sentou, olhando ao redor da sala. Deslizando o lençol de lado, saiu da cama em toda a sua glória nua, os globos de seu traseiro e os músculos em suas coxas flexionados. Ele pegou sua mochila, trouxe-a para a cama e sentou-se ao lado dela.

-Eu tenho que lhe perguntar uma coisa, e eu preciso que você seja honesta comigo.

Droga. Ela nunca foi boa jogadora de poquer. Ela não saberia mentir se ele lhe perguntasse sobre o dinheiro ou o mapa, e ela tinha um bom palpite de que ele ia perguntar sobre ambos.

-Onde você conseguiu o dinheiro?

A primeira pergunta não era difícil de responder. -Herança dos meus pais. Eu tenho uma conta na Flórida de onde retiro rendimentos quando eu preciso.

Ele arqueou uma sobrancelha, abriu o zíper da mochila, vasculhou o conteúdo e tirou um maço de notas. -Eu estou supondo que há vários milhares de dólares aqui. Se você tem uma conta, por que sacou tanto dinheiro?

-Porque eu nunca sabia quando poderia precisar de dinheiro, e eu queria ter certeza que não teria que fazer uma parada no banco. Viver no limite significa que você precisa pensar no futuro. - A questão despertou demônios de seu passado, coisas que ela queria esquecer - viver na miséria, trabalhar para o maior idiota do mundo...

Oh merda!

-O Sr. Montrose, - ela engasgou, sentindo-se doente. -Eles o mataram.

-Quem matou quem, querida? - Emory deixou cair o dinheiro e colocou sua grande palma na coxa dela.

-Meu chefe! - Oh Deus, ele estava morto. Ela sempre suspeitou que o grande idiota morreria na Food Town, mas não pensou que fosse da maneira que aconteceu. -Alguns dos meus parentes distantes entraram na Food Town e atiraram nele. - Sua preocupação

aumentou, assim como seu medo. -Se a polícia vasculhar a cena do crime, podem encontrar vestígios meus. - Ela olhou para Emory, aterrorizada com o perigo que ela trouxe para ele. -Eles podem vir até aqui.

-Tudo isso foi resolvido quando a encontramos. - A postura relaxada de Emory aliviou um pouco de sua tensão. Ninguém podia fingir ficar tão calmo quando o assunto era um assassinato e uma possível investigação policial, a menos que estivesse dizendo a verdade. -Qualquer evidência sua desapareceu. Nós cuidamos disso.

-Isso não vai impedi-los. - Ela estava triste, mas, também, com raiva. Como as baratas sobreviventes de um holocausto nuclear, sua família parecia resistir ao tempo. -Eles vão continuar procurando por mim.

-Não é uma questão de pará-los. - Emory puxou sua mão, fazendo um grande punho. -É uma questão de ensiná-los que não somos pessoas com quem eles querem mexer. Não mais.

-Você vão combatê-los?

-Sim, nós vamos. - Ele não escondeu a verdade. -Aqueles que perderam pessoas mais próximas já começaram a visitar as fazendas onde eles vivem, para que eles saibam que não vamos tolerar mais a sua crueldade. Antes nós os ignorávamos, uma vez que a maioria dos Alfas sentia que era muito arriscado se envolver. Se o mundo descobrisse que nós existimos, as coisas poderiam ficar desagradáveis. Agora, a política mudou. Se a nossa presença for revelada, nós vamos lidar com isso. Diskant tem o apoio de todo Alfa e Ômega de cada matilha e de cada bando nos Estados Unidos. Eles

concordaram que é hora de tomar uma posição. Este problema não vai desaparecer, a menos que cuidemos da situação.

Ela tinha certeza de que, se ela não estivesse sentada, ela teria caído. Seu corpo inteiro estava tremendo, cada batida do seu coração retumbando dentro do peito. -Você está falando sério?

-Completamente, - Ele sorriu, relaxado novamente, seus olhos em sua cor âmbar habitual. -O que significa que você não tem que correr mais. Você está segura. Seu tio fez ameaças porque ele tinha um nível de controle sobre a situação. Ele perdeu isso.

-Eu notei que ele saía da fazenda com mais frequência... - disse ela, pensando em voz alta, -...mas eu não sei por quê.

-É porque ele sabe que o seu pessoal está diminuindo. A última vez que tive notícias, várias das fazendas dos Pastores que foram investigadas estavam vazias e as instalações foram completamente desativadas. Com certeza eles estão escondidos em algum lugar, mas nós vamos encontrá-los eventualmente. Se eles não podem se fixar em um lugar, eles não podem capturar shifters. Eles têm que ser espertos.

-O que mais você quer me perguntar? - Foi difícil não sorrir, agora que ela sabia que tinha algo que ele queria, uma forma de recompensá-lo por salvar sua vida.

Ele hesitou, vincos se formando ao redor da boca, preocupação gravada em suas feições. -Nós vimos o mapa em sua mochila. - Sem olhar para ela, ele tirou-o da mochila. -Existe uma razão para tantas marcas? - Ele não abriu o mapa completamente, deixando-o de modo que somente o grande círculo ao redor de Nova York aparecesse. -

Existe uma razão para isso? - Ele apontou para o círculo, o que ela mesma tinha desenhado.

-Bem, veja... - Ela tentou esconder um sorriso. -Meus pais não me deixaram apenas dinheiro. Eles me deixaram isso também. Se você abri-lo... - ela desdobrou o mapa, -...você vai ver tudo isso.

Seu dedo correu sobre as pequenas estrelas gravadas no papel. Ela parou, esperando que ele olhasse para ela. Quando o fez, ela sorriu.

-É onde os Pastores estão, - disse ela, aliviada que pudesse compartilhar isso com Emory. -Meus pais queriam que eu tivesse isso para que pudesse ficar longe deles. Eles provavelmente sabiam que seriam encontrados e que eu seria levada, então, me deixaram o mapa e dinheiro suficiente para viver uma vida normal quando eu tivesse idade suficiente e uma chance de fugir.

-E isso? - ele indicou o grande círculo ao redor de Nova York.

-Era o próximo lugar aonde eu iria me esconder. Achei que seria mais difícil de me encontrarem em uma cidade grande. - Ela corou e baixou a cabeça. -Eu não sabia que você morava aqui, se é isso que você está pensando.

-Não?

Ela olhou para ele, vendo seu sorriso, e uma risadinha escapou. -Absolutamente não.

Emory dobrou o mapa, os dedos trabalhando automaticamente enquanto ele a encarava. Ela estava prestes a perguntar-lhe o que

estava errado quando ele jogou a mochila para fora da cama, depois jogou o mapa, e se virou para encará-la.

Oh céus.

Seus olhos estavam quase amarelo, deslumbrantes e brilhantes. Seu corpo respondeu de uma forma que ela não esperava, fazendo seus mamilos sensíveis ao ar livre e o lençol debaixo de sua bunda causando atrito. Tinha esquecido completamente que estava nua – e, honestamente, ela não dava muita importância ao fato. Seu olhar deslizou para baixo, percorrendo o tórax de Emory, parando quando alcançou seu pênis. Ele estava completamente ereto, a pele tinha um tom rosa escuro, as veias eram visíveis ao longo do eixo.

-Você gosta do que vê?

Ela acenou para a pergunta, sua vagina ficando molhada e seu clitoris pulsando. A voz dele soava como sedução sexual pura - crua, profunda... animal. A respiração tornou-se difícil quando tudo desapareceu, exceto Emory. O perfume que ela tinha notado antes parecia mais forte, tentando-a a fazer coisas que ela nunca teria considerado no passado. Sua timidez havia fugido pela janela, sendo substituída por luxúria.

O lençol deslizou de seu corpo enquanto ela se arrastava em direção a ele, com as mãos deslizando sobre os contornos firmes de seu peito, as unhas arranhando sua pele quente. Seus olhos continuaram a brilhar, seus lábios cheios pressionados juntos. Ele rosnou quando ele colocou as mãos em sua cintura e levantou-a sobre ele, para que ela montasse suas pernas. Seu pênis roçou a costura de sua bunda, duro, mas suave como cetim. O comprimento

deslizou ao longo do vinco, aventurando ao longo da borda, sem pressionar entre suas bochechas.

Seus lábios se uniram em um movimento semelhante, deslizando de lado a lado antes que ela abrisse a boca e Emory pressionou sua língua dentro. Ela gemeu com a sensação, coberta de cheiros estranhos e sensações. Sua pele estava eletrificada, todo o corpo formigava. As mãos dele deixaram marcas fantasmagóricas quando abandonaram sua cintura e seguraram os seios. Ele acariciou seus dedos calejados sobre seus mamilos e ela se afastou do beijo, arqueando as costas em êxtase. Seus polegares deslizando ao redor dos pontos duros, ao redor e ao redor.

-Isso mesmo. - Emory soou diferente, as palavras saíram rudes. -Assim mesmo. Adoro ver você assim. - Ela gritou quando ele beliscou os botões sensíveis e rodou-os entre os dedos. -Abra os olhos e olhe para mim.

Um brilho dourado encontrou com olhos castanho chocolate quando ela obedeceu, olhando-o nos olhos. Aquela troca de olhar era mais íntima do que o que eles estavam fazendo juntos fisicamente, como se estivessem compartilhando algo muito mais profundo. Ela mordeu o lábio quando ele beliscou seus mamilos novamente, a dor aguda deixando-a mais molhada. Sua vagina começou a contrair. Tocar não era suficiente. Ela o queria dentro dela, senti-lo profundamente enterrado.

Como se tivesse lido sua mente, ele rosnou: -Diga-me o que você quer, Mary.

-Você, - ela respirou ofegante quando ele apertou seus seios.

Ele levou as mãos perversas para baixo, colocando-as nos quadris e levantando-a. A cabeça de seu membro deslizou ao longo do vinco do seu sexo, cutucando seu clitóris. Ela estendeu a mão, segurando-o e guiando-o para seu centro. Ele era grande, grosso e pesado, a pele quente e suave. Ela estava tão molhada que a ponta ampla deslizou para dentro dela com facilidade, esticando-a de maneira perversamente deliciosa. Sem dor ou resistência. Agora o corpo dela o recebia alegremente, levando tudo o que ele tinha para dar e querendo mais.

-Coloque as mãos sobre os meus ombros.

Ela fez o que ele pediu, usando-o como uma âncora enquanto seu pênis entrava nela como um sussurro. Ele invadiu-a centímetro por centímetro, até que ela estava sentada nele plenamente. Não houve desconforto neste momento, apenas sua vagina que continuava a contrair enquanto o rodeava. O pulsar maçante dentro dela não diminuiu, então ela fez algo que lhe pareceu bastante natural. Levantando-se, ela gemeu com a perda de pressão, sentindo-o escorregar de seu corpo. Quando ele estava quase totalmente fora, ela voltou para baixo em um movimento rápido, espetando-se em seu pênis, jogando a cabeça para trás enquanto gritava.

-Mais uma vez. - Emory rosnou, levantando-a e trazendo-a de volta para baixo. -Porra, sim. Exatamente assim, querida. Monte-me.

Subindo ligeiramente sobre os joelhos, ela começou a se mover, montando o comprimento de seu pênis. Ela girou seus quadris enquanto ela descia, esfregando seu clitóris em sua pélvis quando sentiu o peso do seu saco contra sua bunda. Ele ia de encontro aos

movimentos dela, levantando os quadris quando ela começava a viagem de volta para baixo.

-Eu sonhei com a maneira como você se sentiria em torno de meu pau. - Emory a inclinou para frente, lambendo uma linha que ia do arco de seu pescoço até sua orelha. Depois ele soprou, deixando a pele arrepiada. -Você é tão quente e apertada, Mary. Espremendo-me como uma segunda pele. Eu amo a maneira como você se sente, como você está molhada para mim.

A forma explícita como ele falou aumentou o calor na pele dela e fez seu ventre contrair com cada impulso de seu pênis. Ela se equilibrou sobre as mãos e olhou-o nos olhos novamente, reconhecendo o prazer em seu rosto. Desesperado para vê-lo nas garras do desejo, ela se ergueu novamente e se deixou cair, fincando os dedos em seus ombros. Os lábios dele estavam puxados para trás e pode ver os caninos pontiagudos em sua boca, as pontas mais nítidas e mais alongadas do que o habitual.

Morda-o.

Ela não sabia de onde o desejo veio, mas, de repente, ela estava passando a língua pelos dentes dele, depois pela boca e, finalmente, pelo pescoço. A parte carnuda que ficava entre seu ombro e o pescoço parecia que estava lhe acenando, chamando-a de uma forma que ela não entendia. Ela queria marcá-lo, proclamá-lo como dela, de modo que todos saberiam que ele lhe pertencia. Ela precisava saber que ele estava fora do alcance de qualquer outra mulher. Passando a mão na cabeça dele, ela colocou os dedos em seu cabelo, puxando os fios quando ela trouxe sua própria cabeça para baixo.

-Mary, - Emory gemeu, as pontas de seus dedos brutalmente pressionandas na pele dela. -Espere.

Era tarde demais. Ela se recusou a ouvir. Ela lambeu sua pele, deleitando-se com o gosto salgado e com o cheiro da pele tão perto de seu nariz. Quando ela o mordeu, não foi de modo suave, ela aplicou força suficiente para provar o gosto amargo e metálico do sangue em sua língua. A mão na cintura dela mudou-se para seu sexo. Ela engasgou quando ele empurrou as pontas de seus dedos contra seu clitóris, esfregando o cerne sensível em um movimento ritimado.

Era como se chamas se espalhassem por todo o seu corpo, a partir de seus mamilos, passando por seu estômago, chegando ao centro do seu sexo. Ela se moveu contra a mão dele, encontrando apenas o ponto certo, girando os quadris para garantir que o contato continuasse. A largura de seu pênis lhe permitiu atingir um lugar profundo dentro dela que a levou a choramingar, tão bom que ela pensou que não poderia ter maior prazer.

-Solte-se, querida. Goze para mim.

Era como se ela se partisse em um milhão de partículas, seu corpo se debatendo com a intensidade de um orgasmo que transformou seu interior em geléia. Era como se fogo líquido corresse de seu sexo para seu estômago, expandindo para fora. Gritando, ela se contorcia no colo de Emory, os mergulhos de seu pênis e a exploração de seus dedos estendendo seu orgasmo. Nada jamais a fez se sentir tão bem, enviando-a às alturas, como se ela tivesse asas que se estendiam enquanto ela levantava voo.

Ela mal percebeu os dedos de Emory em seu cabelo, apesar dele usar força suficiente para que seu couro cabeludo queimasse,

enquanto trazia sua cabeça para baixo. O prazer virou dor quando os dentes afundaram em seu pescoço, segurando-a no lugar enquanto ele empurrava nela forte e rápido. Uma agonia interminável tomou conta dela rapidamente, puxando-a de um clímax que a fazia flutuar, para uma dor cegante. Seus olhos e ouvidos começaram a queimar, como se um ferro tivesse sido espetado nos orifícios e seus gritos de êxtase transformaram-se em gritos de miserável dor. Seus ossos pareciam que estavam sendo escavados com uma colher, doía mais do que se tivessem sido quebrados. Fogo corria por suas veias, queimando-a de dentro para fora.

A pele de Emory não era mais suave ao toque, parecia áspera e espetava em todos os lugares que a tocavam. Ele não permitiu que ela se afastasse quando ela tentou fazê-lo, segurando-a apertado enquanto ela lutava. Ela entrou em pânico, um alarme bastante conhecido gritando em sua cabeça.

Será que sua vida terminaria assim? Aqui e agora, nos braços de Emory? Teria ele mentido para ela? Isto era alguma forma de punição?

-Pare. Por favor, pare.- Ela odiava mendigar. Isso trazia a sua mente memórias que ela queria esquecer, de coisas que nunca gostaria de testemunhar novamente. Mas ela não se importava, tudo o que queria era pôr fim ao que estava ocorrendo, porque ela sabia que poderia morrer se fosse forçada a suportar muito mais tempo.

-Eu tenho você. - Emory soou tão desolado, tão culpado. -Vai dar tudo certo. Eu prometo. Eu estou aqui, olhos de anjo. Eu estou aqui.

Ela queria dizer-lhe que não queria seu conforto e proximidade, mas a dor roubou suas forças, sua língua estava, de repente, muito pesada e grossa em sua boca. Era como se facas tivessem sido mergulhadas em sua pele, suas lâminas afiadas e implacáveis. Como na noite anterior, cheiros estranhos invadiram seu nariz - madeira, terra, grama, água e pinho. As ondas de calor que corriam através dela se intensificaram, multiplicando-se e disseminando línguas de fogo que pareciam comê-la viva. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, ela não conseguia segurá-las, em seguida, uma sensação estranha a assustou. Algo suave e macio brincava no interior de sua pele, roçando-lhe, como se ele pudesse, de alguma forma, romper a barreira de sua pele.

Peludo.

Então, tudo fez sentido e ela compreendeu o significado do que estava acontecendo. O lobo de Emory, de alguma forma, estava dentro dela, como ele disse que aconteceria, deixando uma marca de si mesmo. O persistente sabor enferrujado em sua boca lhe permitiu juntar as peças. Quando ela mordeu Emory deve ter começado a segunda etapa do vínculo de sangue. Ele disse a ela para esperar, mas ela não quis ouvir. Era culpa dela que ela estava sofrendo, sua miséria era uma consequência de suas próprias ações.

Ela parou de lutar, qualquer força remanescente havia se esgotado. Caindo para frente, ela descansou contra o peito suado de Emory - seu corpo também suado e seu peito ofegante. Tão abruptamente quanto a dor começou, ele tinha ido embora. Ela esperou que a letargia lhe enviasse em um sono profundo, como aconteceu na noite anterior, mas a sensação de exaustão não chegou.

-Acabou, - Emory disse com voz rouca e lentamente retirou seu pênis dela, virando-a, de modo que ela estava aninhada contra os travesseiros, deitada em suas costas.

Ela estava para perguntar o que ele estava fazendo, quando ele tornou suas intenções claras. Ele tomou o mamilo entre os lábios, enviando um tipo diferente, mais bem-vindo, de calor através de seu sangue. A dor foi totalmente esquecida quando ele raspou os dentes contra sua pele, que se sentia viva de novo, sacudindo sua língua contra a carne que tinha presa entre os dentes. Quando ela entrelaçou os dedos em seus cabelos, ele mudou-se para o outro seio, esbanjando seu mamilo dolorido com a mesma atenção.

As mãos dele agarraram seus quadris, segurando-a firme enquanto seu pênis deslizou ao longo de suas dobras e encontrou a entrada para o seu sexo. Um impulso e ele estava completamente dentro dela, tão profundamente que sentia a cabeça do membro cutucar seu colo. A conexão era impossível de ignorar, o vínculo recém criado recaindo sobre ela como raios de sol. Duas pessoas inexplicavelmente se tornando uma, estreitando suas vidas.

Emory levantou a cabeça de seu peito, olhando para ela. Não foram seus olhos brilhantes que a cativaram, mas o que ele era capaz de expressar silenciosamente com uma única expressão. A esperança aqueceu a alma dela, trazendo-a das jaulas das trevas para a luz libertadora. Fazia tanto tempo que ela não tinha alguém sentindo tamanha emoção por ela, que quase tinha esquecido como era fácil de ver se você estivesse olhando para ele, o quão maravilhoso poderia ser tê-lo voltado diretamente para você.

Estendendo a mão, tocou-lhe a face, os dedos tremendo. Ele não precisava dizer as palavras, não quando ele poderia se comunicar desta forma, de uma maneira que balançou a para sua própria alma. Emory podia ser um macho alfa, capaz de rasgar os homens com as próprias mãos se estivesse com raiva, mas ele tinha sentimentos completamente diferentes para ela. E Deus a ajudasse, ela sentia isso também. Ela soube desde o momento que colocou os olhos nele.

Adoração, atração...

Amor.

Emory não podia se mover, não conseguia respirar, não com sua companheira olhando para ele como ela estava fazendo. O que ele sentia por ela aumentava a cada segundo que passava, a segunda marca do vínculo de sangue reafirmando e intensificando a sua conexão. Ele sabia que Mary era sua desde o momento em que se conheceram, por causa do instinto que sua espécie possuía. No entanto, depois de conversar com ela, de passar um tempo com ela, de conhecê-la, ele tinha caído completamente de amor por essa mulher. Enquanto ele era duro, ela era suave. Enquanto ele era forte, ela era gentil. Eles eram uma combinação perfeita, seus traços opostos equilibrando o outro.

-Emory, - ela sussurrou, seus dedos correndo sobre o cabelo dele.

Ele pegou a mão dela, levou-a à boca e deu um beijo na palma. Então ele começou a mover-se, arrastando seu pênis ao longo de suas paredes vaginais e afundando de volta em seu calor a cada retorno. Ela era tão apertada que ele tinha que empurrar o seu caminho dentro dela, tão quente que ele pensou que ela iria queimá-lo vivo.

Com um retorcer de seus quadris, ele conseguiu arrancar dela um choramingando, enquanto seu pênis continuava a golpeá-la. Ele amava os sons que ela fazia, de seus gritos suaves aos seus pesados gemidos e, também, seus gritos estridentes.

O lobo queria que ele a virasse, a prendesse no lugar e a fodesse por trás. Seria o último ato de acasalamento, a maneira preferida que um macho tinha para afirmar seu domínio sobre sua fêmea. Ele lutou contra a vontade, fazendo amor com Mary como ela merecia. Ela tinha feito algo que ele nunca esperou, aceitando duas das fases do vínculo de sangue em menos de vinte e quatro horas. Não era inédito, mas era raro. A dor era muita, o medo muito difícil de superar para muitas mulheres.

Não para a minha mulher, ele pensou com uma enorme onda de orgulho. Minha linda e corajosa companheira.

Quando ela o mordeu, ele tentou se controlar ao máximo para não fazer o mesmo, mas não tinha sido possível, pois a necessidade de possuí-la o dominou, como se fosse um demônio sentado em seu ombro incentivando-o a agir. Ele agiu, apesar de suas reservas, levando-os além da primeira marca e trazendo-a mais fundo em seu mundo. A dor era algo que ele odiava - algo que ele continuava a temer - mas agora que tudo acabou, ele já estava pensando sobre a terceira marca. Quando seu vínculo de sangue fosse concluído, Mary seria mais do que sua companheira. Ela finalmente estaria segura. As mudanças físicas que sofreria por ser acasalada a um shifter garantiriam que ela não seria prejudicada com a mesma facilidade, garantiria também que ela seria capaz de curar até mesmo feridas que matariam uma pessoa normal.

Não pense nisso agora. Ela já teve o suficiente.

Baixando a cabeça, ele capturou sua boca, derramando todas as emoções que sentia naquele beijo e em seus movimentos. Ele segurou o traseiro dela, levantando-a para que o clitóris raspasse em sua pele com cada impulso de seus quadris, cronometrando os movimentos de vai e vem com os de sua língua. Ele se moveu para frente e para trás até que o formigamento, que começou em sua espinha, chegasse às suas bolas. A pressão nelas era muito grande, como se estivessem avisando que bastaria apenas mais um empurrão forte de seu pênis e ele não seria capaz de se segurar.

Afastando os lábios dos dela, ele olhou para sua mulher, continuando a empurrar fundo e rápido. As pupilas dela estavam completamente dilatadas enquanto ele a olhava, exibindo nada mais que dois grandes círculos marrons. Ele alterou a sua posição um pouco, de modo que continuou a ter uma das mãos segurando uma nádega, enquanto a outra mão segurava a cabeceira da cama, mas sempre mantendo a fricção do seu corpo contra o clitóris dela. A mudança de posição conseguiu o que ele queria. Ela colocou as mãos em torno dos braços dele, gemendo quando ele revirou os quadris.

-Você é tão fodidamente perfeita, Mary. Goze duro. Eu quero sentir você quebrar.

Após três golpes duros ela pressionou o rosto na curva do ombro dele, enterrando seus dedos nos musculosos braços. O grito abafado que ela soltou se espalhou pelo quarto, ao mesmo tempo em que sua quente e molhada vagina ondulava em torno do seu pênis, rasgando seu autocontrole. Deixou-se ir, sem reservas, transando com ela com força, como o lobo exigia. Ela não lutou, mordendo o

lábio enquanto sua buceta continuou apertando o pau dele, mandando-o para o precipício.

Ele rosnou quando ele gozou, o punho segurando a cabeceira da cama rachando a madeira, a mão segurando a bunda dela formando garras. Mary estremeceu com cada empurrão de seu pênis, e seus jatos de sêmen jorraram em sua companheira. Ele continuou se movendo, parando apenas quando a sensação de formigamento na espinha desapareceu e Mary relaxou embaixo dele. Devido aos danos que ele causou na cabeceira da cama, ele teve que se livrar das lascas de madeira que entraram em sua mão antes de tocá-la e trazê-la para seu peito.

-Foi incrível, - disse ela com um suspiro, enlaçando os braços ao redor da cintura dele.

-Valeu a espera, - ele murmurou contra o pescoço dela, inundado pela sensação da pele dela contra a dele, do pulsar do coração dela.

Eles estavam cercados de paz. A casa estava em total silêncio enquanto descansavam um contra o outro.

Todos os dias, para o resto de suas vidas, deveriam ser iniciados exatamente assim.

O bater de uma porta no andar de baixo fez os dois se assustarem. A batida foi imediatamente seguida por um rugido gutural, que enviou arrepios elétricos de alarme pela parte de trás do pescoço de Emory.

-Ava!

Emory esperou para ouvir a resposta de Ava. Quando não veio, ele se afastou de Mary, impulsionado pelo pânico na voz de Diskant. O Ômega e sua companheira compartilhavam uma conexão muito próxima, que lhes permitia se comunicarem de uma maneira que a matilha não entendia completamente, mas respeitava. Sabendo disso, não fazia sentido que Diskant estivesse procurando por Ava quando ele poderia usar seu link especial para encontrá-la.

Onde diabos tinha ido Ava? Teria acontecido algo com ela?

Mary sentou-se, observando como Emory andava em um círculo, xingando quando viu que suas calças estavam destruídas.

-O que há de errado?

Ele balançou a cabeça, tentando pensar. -Eu não sei, mas não é bom.

Diskant continuou gritando, e Emory poderia dizer que o Alfa estava correndo de sala em sala chamando o nome de Ava. Os gritos ficaram mais altos, significando que Diskant estava se aproximando. A preocupação logo se transformou em pavor. Diskant estava procurando Ava pela casa toda como se ela fosse uma simples humana e não sua companheira de sangue.

Foda-se.

-Não se assuste, querida. - Emory desistiu de tentar se vestir, caminhando em direção à porta. -Diskant está prestes a fazer uma aparição.

-Ele está vindo aqui? Agora? - Ela se encolheu debaixo das cobertas até que Emory só podia ver seu rosto, a borda do edredom firmemente pressionada contra seu queixo.

Ele não respondeu, parando entre a porta e a cama para ficar em pé entre Mary e seu visitante que se aproximava. O comportamento estranho de D tinha de ser devido ao sumiço de Ava, mas Emory não queria correr nenhum risco com um shifter que, aparentemente, tinha acabado de perder a conexão que o ligava a sua fêmea. Passos pesados subiram os degraus da escada e correram pelo corredor. Em seguida, a porta do quarto se abriu.

Diskant invadiu o cômodo, com olhos selvagens, cabelos emaranhados ao redor de seus ombros e no rosto. Seu lado direito estava sangrando, suas calças de couro rasgadas em alguns lugares. A julgar pela forma como sua roupa estava - revelando a pele coberta de escoriações em carne viva - Diskant provavelmente tinha destruído sua motocicleta, indo de encontro direto ao asfalto.

-Acalme-se, D. - Emory disse suavemente, mantendo a compostura. -Diga-me o que aconteceu.

Os olhos de Diskant mudaram de cor, seu rosto uma mistura de dor e descrença. -Ela estava lá e, em seguida, ela não estava.

-O que quer dizer com ela estava lá e então não estava?

-Ela estava lá e então sumiu! - Diskant trovejou, mãos apertadas, respirando com dificuldade.

-Você precisa se acalmar...

-Se você disser para me acalmar de novo, eu vou rasgar sua maldita garganta. - Os dentes de Diskant se alongaram e seus punhos se abriram no instante em que garras começaram a sair das pontas dos seus dedos.

Merda.

Emory manteve-se distante, mas permitiu que seu lobo tentasse fazer contato com o lobo do Alfa. Com calma, ele estendeu sua mão para Diskant – como se um fio invisível se estendesse dele para alcançar o outro, buscando uma aproximação, tentando fazer suas metades bestiais se comunicarem. Embora Emory não pudesse apelar para os outros animais dentro Diskant - que, como Ômega, poderia se transformar em qualquer das raças shifter - ele poderia se comunicar com o lobo dentro do homem. Como Diskant nasceu dentro da matilha de Trey séculos atrás, havia uma chance de Emory poder usar essa ligação para fazer Diskant ouvir a razão. Os lobos ficavam unidos pela história e pela ascendência, mas as relações criadas na infância – principalmente entre jovens do sexo masculino que cresciam juntos – eram as mais difíceis de quebrar.

Lembre-se de quem você é.

Os olhos de Diskant mudaram de cor - passando de prata para verde e, então, dourado - e Emory soube que o outro lobo estava lhe respondendo, subindo acima dos outros animais para atender ao chamado de Emory.

Graças a Deus.

-Será que Ava tinha algum compromisso marcado para hoje? - ele perguntou suavemente. -Você sabe?

-Não. - A ira no tom de voz de Diskant havia sumido. -Ela deveria estar aqui.

-Eis o que vamos fazer. - Emory teve o cuidado de não fazer parecer que estava dando uma ordem, sabendo que estava lidando com uma situação bastante extrema, enquanto se movia em direção a Diskant e descansava a mão em seu ombro. -Você vai telefonar para os guardas que fazer a segurança do prédio. Se Ava saiu, eles devem tê-la visto, certo?

Para alívio de Emory o olhar de Diskant demonstrava compreensão, ou seja, o homem estava finalmente tomando o controle das criaturas selvagens que queriam atacar primeiro e perguntar mais tarde. -Sim, - disse ele, puxando o seu telefone. -Eles devem tê-la visto. - Ele olhou para a tela do aparelho e amaldiçoou. -A maldita coisa está descarregada! Eu esqueci de carregar antes de sair de casa. Filho da puta!

-Enquanto você vai procurá-los, eu vou me vestir. - Emory apontou o queixo na direção de Mary. -Por que não vamos para a sala e damos a minha companheira um pouco de privacidade?

Diskant olhou para Mary, franzindo a testa quando percebeu onde estava e o que tinha feito. Ele começou a dizer alguma coisa, mas decidiu ficar calado, girou sobre os calcanhares e saiu. Emory não o seguiu imediatamente, esperando até que o Ômega desaparecesse escada abaixo para olhar sua companheira.

Emory caminhou até a cômoda para pegar suas roupas. Ele agarrou uma calça jeans e uma camiseta, vestiu-os e pegou um par de meias.

-Por que você não toma um banho e relaxa? - ele sugeriu enquanto se sentava na beira da cama e puxava suas botas. -Eu vou estar de volta assim que eu puder.

-Por que você não me diz o que está acontecendo em primeiro lugar? - Ela se aproximou, tocando suas costas.

-Eu não tenho certeza. - Ele suspirou, fechando os olhos enquanto os dedos dela deslizavam sobre seu pescoço. -Mas alguma coisa deve ter acontecido com Ava.

-Eu meio que percebi isso. - Ela descansou a mão em seu ombro. -Onde você acha que ela foi? Você acha que ela se machucou?

-Pelo amor de Diskant, espero que não. Se algo acontecer com ela, não há como dizer o que ele vai fazer.

Ela olhou para a porta. -Ele nunca pareceu muito normal para mim.

Ele queria sorrir, mas as circunstâncias o impediram de fazê-lo. Quanto mais pensava sobre isso, mais sua intuição avisava que Ava estava com problemas – e poderia não sobreviver. Se algo acontecesse com a companheira de Diskant, o macho provavelmente não iria resistir. Eles estavam ligados pelo sangue, afinal.

Unidos na vida e na morte...

Como se a matilha já não tivesse sofrido o bastante.

Ele balançou a cabeça para se livrar daquele pensamento. -Eu não vou demorar.

-Eu poderia ir com você. Talvez eu possa ajudar.

Ele virou-se, olhando para a sua companheira. Mesmo agora, ela continuava a surpreendê-lo. Ela tinha passado por tanta coisa, mas continuava a preocupar-se com os outros.

Ele balançou a cabeça. -Eu quero que você fique aqui. Ligações têm de ser feitas e eu preciso descobrir o que está acontecendo. - Quando ela franziu o cenho para ele, ele piscou. -Não se preocupe, querida. Esse é o meu trabalho.

Ele acariciou-lhe a mão, respirando o cheiro dela. Se algo acontecesse com ela, ele ficaria tão louco quanto Diskant. Ela era sua outra metade, a única pessoa que poderia completá-lo. Ele não iria sobreviver se a perdesse - ele não iria querer sobreviver. Ele se levantou da cama, afastando-se de suas mãos. Quando ele saiu do quarto, ele se preparou. Até que a matilha estivesse toda reunida, ele teria que se certificar que Diskant não iria perder a razão outra vez.

Muito mais fácil dizer do que fazer.

CAPÍTULO 10

Diskant Black estava lutando uma batalha perdida. Seus animais estavam inquietos, tentando superar seu lado humano. Eles também sentiram a perda da presença de Ava em sua mente. A ausência era devastadora, fazendo-o acreditar no pior. Mas ele não podia perder tempo se comportando como um gatinho de coração partido, chorando dentro do sapato em vez de tomar o controle. Ele tinha que ser forte, para descobrir o que havia acontecido com sua companheira. Então ele a traria para casa, esquentaria seu lindo traseiro e a acorrentaria na cama.

Ele continuou empurrando seus animais interiores mais forte para dentro - o lobo, o gato e o urso pardo - ouvindo a voz do outro lado do telefone. Houve, finalmente, uma rachadura na armadura que Zach construiu em torno de si mesmo, um pânico em sua voz quando ele transmitiu a notícia. Diskant ouviu as palavras, mas demorou vários segundos para colocá-los juntas. Ava e Trey tinha ido ao supermercado do bairro dez minutos antes. Os homens nos telhados não perceberam que algo estava errado até que fosse tarde demais. Eles não foram capazes de ver qualquer coisa, mas sabiam que alguma coisa tinha acontecido porque a polícia apareceu minutos depois.

Diskant terminou a chamada sem dizer adeus, acessou sua lista telefônica e ligou para Kinsley MacGregor. Ironicamente, ele

tinha acabado de sair de casa do Alfa do bando pantera depois de discutir a segurança na área.

Diskant não queria mudar de casa, mas o que ele queria não importava muito algumas vezes. A localização de sua residência o colocava em perigo, e à matilha também, não importando quantos guardas ele colocasse para vigiar a área. Seu orgulho tinha ganhado a briga contra sua razão, porra.

Kinsley atendeu no segundo toque. -Você não consegue me deixar em paz, não é? O que você quer desta vez? - Seu sotaque escocês era evidente, com a pronúncia estendida das vogais.

-Houve problemas no supermercado do bairro. Trey e Ava entraram, mas não saíram. Eu preciso que você entre em contato com suas fontes no departamento de polícia e descubra o que puder.

-Maldição, - Kinsley murmurou. -Eu cuido disso.

A linha ficou muda e Diskant terminou a chamada, tomando respirações profundas. Ele olhou para cima quando Emory entrou na cozinha. O macho recém-acasalado tinha se vestido. Diskant sentiu o toque de lobo de Emory, podia senti-lo tentando se aproximar do seu próprio lobo. Felizmente Emory havia nascido um Alfa e conseguiu ajudar Diskant a recuperar a razão quando foi preciso. Caso contrário...

Inferno, quem sabe o que poderia ter acontecido.

-Ava e Trey foram até o supermercado do bairro, - disse Diskant, sabendo que Emory conhecia a loja. -Alguma coisa aconteceu enquanto eles estavam lá dentro.

-Trey? - Emory ficou imóvel. -Ele está com ela?

Merda. Em sua preocupação com Ava, Diskant não tinha considerado como Emory reagiria à notícia de que seu irmão poderia estar em perigo. Antes que ele pudesse responder, seu celular tocou, o ruído estridente ecoando dentro da cozinha. Diskant atendeu à chamada e colocou o telefone no ouvido.

-Pode falar.

-A polícia tem um relatório de uma mulher de baixa estatura que foi assaltada em um supermercado, - disse Kinsley, falando rapidamente. -Aparentemente, um homem arrastou-a para os fundos da loja, enquanto outro homem os perseguia. Todo mundo estava com muito medo para segui-los, mas um transeunte relatou ter visto uma van saindo apressada do local.

-O que você não está me dizendo?

-O homem que levou Ava... - Kinsley respirou fundo, -...o gerente disse que ele estava vestido como um cowboy. Esse tipo de vestimenta chama muito a atenção por aqui.

Diskant rosnou, sua temperatura subiu.

Pastores. Aqui. Em sua cidade.

-Convoque os bandos, - ele rosnou. -Diga a eles o que aconteceu e mande-os enviar patrulhas em suas áreas. Os filhos da puta estão de volta à cidade. Temos que alertar a todos.

-Mais alguma coisa?

-Mantenha-me informado de tudo que a polícia encontrar. Precisamos ficar um passo à frente deles.

-Considere feito.

Diskant desligou e começou a percorrer sua agenda telefônica de novo quando ouviu Emory falar. Ele levantou a cabeça, ouvindo a conversa de Emory no telefone fixo.

-Avise à matilha, coloque-os em estado de alerta e traga sua bunda aqui. - Emory devolveu o telefone ao receptor e se virou para Diskant. - Nathan vai entrar em contato com a matilha e depois virá para cá. Você precisa dele agora.

Isso era verdade. Sem Ava, seu controle estava por um fio. Como um Beta, Nathan poderia ajudá-lo a aliviar sua raiva. Ele respirou fundo, ordenando seus pensamentos. Ava não estava morta. Os Pastores não iriam matá-la pois precisavam dela como isca. Ele só tinha que ser paciente. Ava devia estar inconsciente, era a única maneira de romper a sua ligação mental. Quando ela voltasse a si, ele seria capaz de descobrir onde ela estava.

Era só uma questão de tempo.

-Eu trouxe uma coisa, - Emory disse, estendendo o mapa sobre o qual Trey havia lhe falado. -Mary disse que seus pais lhe deram isto para que ela pudesse evitar os locais onde os membros da sua família residiam.

Diskant abriu o mapa, os olhos correndo sobre as áreas demarcadas. Jesus, eles estavam por toda parte. Ele colocou o mapa sobre a mesa da sala de jantar e apontou para uma das marcações. - O que é isso?

-Essas marcas são onde os Pastores moram. Aposto que as outras são onde ficam os armazéns.

Ele congelou, atordoado, enquanto olhava para o mapa. Se o que Emory dizia era verdade, os shifters acabavam de ganhar uma enorme vantagem sobre os caçadores que queriam destruí-los.

-Tem certeza? - Por favor esteja certo.

-Eu tenho.

-Temos que entrar em contato com os Alfas das áreas próximas, - disse Diskant, estudando o mapa enquanto começava a formular um plano. As matilhas poderiam pegar os Pastores desprevenidos, usando o elemento surpresa para destruir suas fazendas e armazéns ao mesmo tempo. Seria preciso muita preparação, mas se funcionasse, iria mudar tudo. -Eles precisam saber o que nós encontramos.

-Concordo, - Emory se inclinou sobre a mesa, estudando o mapa também. -Eu vou pedir a Nathan que faça uma lista com as localizações exatas.

Diskant assentiu. -Precisamos fazer cópias.

-Diga-me o que você está pensando.

Diskant teve que conter as criaturas selvagens dentro dele enquanto ele falava, forçando-os à sua vontade. -Ava está viva. Eu saberia se o pior tivesse acontecido com ela. Isso significa que os Pastores que a levaram querem alguma coisa. Eles vão entrar em contato conosco em breve para negociar os termos. - Ele bateu no papel. -Nós podemos usar isso como vantagem.

-Se você contar aos Pastores que possui isso, eles vão repassar a informação aos demais. Eles vão se mudar para outros lugares e o mapa vai ser inútil.

Inferno. -Não se atacarmos imediatamente. - Diskant desviou seus olhos para longe da mesa e olhou para Emory. -Eu vou entrar em contato com os Alfas em nossa área e instruí-los a preparar seus bandos e matilhas. Eles deverão enviar shifters para investigar e destruir quaisquer comunidades de Pastores que encontrarem. Se atacarmos cada local em quarenta e oito horas, as chances são de que eles não terão tempo para avisar ninguém.

Emory não parecia convencido. -Como você pode ter certeza disso? No minuto em que eles ficarem sabendo o que estamos fazendo eles vão dispersar.

-Não, eles não vão. - Diskant sorriu ameaçadoramente, revelando suas presas, seus animais ansiosos por sangue. Depois que eles encontrassem sua companheira, a guerra começaria. -Porque eles vão estar todos mortos.



Trey recobrou a consciência no instante em que caiu sobre uma superfície dura. Sua cabeça estava rodando, tornando difícil organizar seus pensamentos. Um clique alto ressoou em seus ouvidos e chegou ao seu cérebro mil vezes mais alto. Instintivamente ele respirou fundo. O ar tinha cheiro de terra e umidade, indicando que ele estava no subsolo.

Onde diabos ele estava? Como ele tinha chegado aqui?

Os eventos que o colocaram nessa situação retornaram aos poucos: o supermercado, uma van, Pastores.

Ava.

Ele prendeu a respiração quando ouviu vozes masculinas falando baixo, ouvindo atentamente a conversa.

-Mantenha este enjaulado. Se as coisas não saírem conforme o planejado, vamos precisar dele.

-Nós devemos mantê-lo sedado?

-É provavelmente o melhor. Nós não queremos nenhum problema.

Problemas. Merda.

Ele soltou a respiração que estava segurando, relaxando e puxando novamente o ar. O cheiro de Ava era doce, como canela e açúcar. Ele procurou pela fragrância única, separando o cheiro de água parada, de canos enferrujados, o cheiro almiscarado de sujeira e os aromas individuais dos Pastores na sala. Por um momento, ele pegou um pequeno sopro de que ele estava procurando, mas o cheiro era fraco.

Droga. Será que ele estava pegando o cheiro dela que ficou nas roupas dos Pastores? Ou ela estava em algum lugar por perto?

O arrastar de pés lhe disse que ele não podia abrir os olhos para obter uma visão do local onde estava. Se eles percebessem que ele estava acordado iriam sedá-lo de novo. Isso não podia acontecer. Diskant ficaria louco quando descobrisse que Ava tinha sido

sequestrada. Sua segurança era, agora, responsabilidade de Trey. Não importa o que acontecesse, ele tinha que ter certeza que ela ficaria viva.

Mesmo que isso significasse morrer no processo.

Remorso fluiu através dele, dominando-o com intensidade. Havia uma possibilidade muito real de que ele pudesse morrer, ter sua vida interrompida quando ele finalmente encontrou uma razão para agradecer por cada dia. Imagens de Sadie inundaram sua mente, fazendo surgir um peso esmagador em seu peito. Ele queria encontrá-la, falar com ela e continuar de onde haviam parado. Agora, ele não sabia se seria possível ao menos vê-la novamente.

A raiva rolou por ele, e ele não percebeu que estava rosnando até que ouviu alguém caminhando em sua direção. Trey abriu os olhos e olhou através das barras da jaula onde estava preso, encontrando o olhar de um Pastor com uma arma na mão. Ele rosnou e se preparou para atacar, mas a arma disparou enviando um dardo diretamente para o centro do seu peito.

Ainda tonto e fora de equilíbrio, Trey afundou no chão, balançando a cabeça. Ele tentou manter os olhos abertos, sabendo que não havia tempo a perder. Em vez disso, suas pálpebras se fecharam e seus braços se tornaram pesados.

Pouco antes de se entregar à escuridão, ele se permitiu uma lembrança final da companheira que tinha perdido, mesmo que ela nunca tivesse sido sua realmente. Ela parecia um anjo triste olhando para ele, seus olhos azuis refletindo a miséria que ele lhe causou. Ele desejou poder estar com ela novamente, para que pudesse substituir toda a dor por desejo.

Ele afundou em um vazio escuro, incapaz de lutar contra a droga que corria através de sua corrente sanguínea. Ao mesmo tempo, ele repetia o nome dela em sua mente, como se estivesse se agarrando a uma âncora.

Sadie, Sadie, Sadie...

CAPÍTULO 11

Sadie.

O desespero na voz de Trey interrompeu seu sonho, despertando Sadie de um sono profundo. O sonho parecia tão real - muito real. A maneira como ele dizia o nome dela, como se ele estivesse dizendo adeus, fez seu estômago revirar. Se ele podia alcançá-la enquanto ela dormia, a ligação entre eles era mais forte do que ela pensava. Ele estava em perigo, ela podia sentir isso.

Bendita Deusa.

Ela rolou da cama e correu para seu guarda-roupa. Durante a ausência de Trey ela tinha monitorado um pequeno grupo de Pastores que tinham se mudado para a área. Alguns deles passaram a usar roupas que lhes permitiam se misturar com os moradores da cidade, e estavam morando em casas na área da classe baixa, para passarem despercebido. Mas a maioria dos moradores da cidade não usavam botas de cowboy, e 'sim senhora' e 'não senhora' não eram frases comuns usadas em Nova York.

Pastores podiam ser identificados se você olhasse de perto, mesmo que eles tentassem se esconder entre as massas.

Poderia algum desses grupos ter machucado Trey? Será que o levaram para algum lugar? Será que ele foi tão descuidado a ponto de permitir que colocassem suas mãos sobre ele? Até o momento ela não tinha pensado nesses caçadores fanáticos como uma ameaça

verdadeira. Pensava que eram apenas um grupo isolado que não tinham chances em uma luta direta contra os shifters. Seria suicídio sequer tentar.

Droga. Você tropeçou neles por acidente. Como Trey poderia ter sabido que eles estavam em Nova York?

Por que ela não tinha avisado a ele quando teve a chance? Ele poderia ter dito a Diskant Black para que ele alertasse os shifters sob sua proteção. Por que ela esqueceu de compartilhar algo tão importante?

Porque você estava com raiva, e você fugiu dele como uma amante desprezada.

Seu sangue gelou quando suas presas desceram, roçando seu lábio inferior, um resultado de sua raiva crescente. Se alguém o prejudicasse, pagaria com sangue. Se alguém quisesse infligir danos ao lindo corpo de Trey, seria dela. As palavras dele haviam machucado, doído em seu peito, mas ela não o queria vê-lo morto.

Ela havia acabado de deslizar em um par de calças de couro e colocado um suéter por cima da cabeça, quando um membro de seu clã entrou em seu quarto. Depois de olhar para cima para confirmar a identidade de seu convidado, ela continuou se preparando. Leigh não fez perguntas, ela simplesmente ficou olhando enquanto Sadie se preparava para sair, cumprindo sua rotina habitual: armas presas em suas pernas e o arnês que mantinha sua espada no lugar, em suas costas.

Sadie olhou por um instante para sua irmã de magia, notando que Leigh era muito magra e malditamente pálida. A mais recente

adição ao clã era uma vampira transformada, que ainda lutava contra seu vampirismo, bem como contra seus novos poderes. Leigh era praticamente uma criança, mas pertencia a uma linhagem de magos - algo que ela nem sabia, até que foi transformada. A conversão era um processo difícil, por isso nunca deveria ser forçada, menos ainda em alguém tão jovem de apenas vinte e dois anos que sequer sabia da existência do mundo sobrenatural. Foi por isso que o chefe do clã tinha recebido Leigh em seu coven, dando-lhe um santuário onde ela poderia se sentir segura. Infelizmente, mesmo depois de um ano, ela ainda se recusava a aceitar o que passava ao seu redor.

Ela lutava contra a mudança. Lutava contra sua magia. Lutava contra quem e o que ela tinha se tornado.

Dane-se o maldito que a transformou e a deixou para sobreviver por conta própria. Se algum dia eu encontrá-lo, ele vai ser alimento para os peixes.

-O que há de errado? - A voz de Leigh era tão suave como suas características, as palavras leves como uma pluma. Ela trançou seus longos cabelos escuros em uma trança caída nas costas. O pijama que usava era grande demais para seu corpo, pendurado nela como um saco. Assim, ela parecia uma adolescente em uma festa de pijama. Não uma vampira com o poder de destruir alguém, se ela quisesse.

-Eu tenho que sair, - disse Sadie enquanto colocava sua espada na bainha. -Alguna coisa aconteceu.

-Para o lobisomem? - Quando a cabeça de Sadie levantou, Leigh riu. -Não fique tão chocada. Todos sabem. Em uma casa pequena como esta, os segredos costumam escapular.

-Eu estive em retiro nas cavernas de cura para evitar fofocas. - Sadie resmungou.

-Mas você voltou para casa ontem à noite, com cheiro de lobo, e não foi falar com qualquer um de nós. Não foi difícil somar dois e dois.

Sadie respirou fundo e contou até dez. Viver em uma casa com cinco fêmeas de vampiro, que também eram magas, significava que as línguas não paravam. -Você devia se preocupar consigo mesmo, não comigo, - disse ela, estudando Leigh. Havia círculos escuros sob seus olhos, o brilho saudável que sua pele deveria ter não estava lá. - Passou quanto tempo desde que você comeu?

Os olhos azuis escuros de Leigh se estreitaram e seus lábios apertaram. -Eu estou bem.

-Faz mais de um mês? Você não comeu desde que o clã forçou o alimento em você?

-Eu não quero me alimentar, - ela fez uma careta quando ela disse a palavra. -A menos que seja necessário. Eu posso aguentar por mais algumas semanas.

Pobre criatura.

Leigh passava fome porque o pensamento de ingerir sangue causava nojo nela. Sadie se lembrou de quando eles a trouxeram para sua casa. Leigh estava desesperada para comer coisas normais, mesmo que fossem inúteis para sustentá-la. Depois de algumas semanas, quando a fome não diminuiu, ela entendeu a verdade. Descobrir que teria que tomar sangue, e isso quase a enlouqueceu, e

o clã foi obrigado a usar de força para que ela se alimentasse e sobrevivesse.

De repente, ela teve uma ideia. Leigh teria que se alimentar se tivesse um trabalho a fazer, e sair de casa poderia parecer uma aventura para a menina. -Não se você vai me ajudar.

Como esperava, Leigh se animou. -Sério? Você quer minha ajuda?

-Quero sim.

Sadie foi até seu guarda-roupa e tirou algo que ela nunca deveria ter guardado. Meses atrás, quando Emory e Trey lutaram entre si, Trey tinha esquecido de pegar de volta sua jaqueta. Ela não conseguiu resistir e a pegou para si, quando ninguém estava olhando. Ela a trouxe para casa para que ela pudesse envolver o material em volta dela e fingir que eram os braços de Trey. Em algumas noites, quando a necessidade e o desejo por aquele homem se tornavam insuportáveis, ela vestia a jaqueta e se deitava em sua cama. Abraçava a si mesma e imaginava que o corpo de Trey estava contra o seu, ao invés do couro macio.

-Nós vamos ter que localizar o usuário disto, - disse Sadie. -Eu preciso que você a vista e me leve até ele.

-Ela pertence ao seu lobisomem, não é? - Quando Sadie assentiu, Leigh franziu o cenho. -Eu não tenho certeza de que possa.

-Porque você vai ter que se alimentar antes?

Uma faísca de raiva iluminou os olhos de Leigh. -Porque eu vou ter que beber sangue de outra pessoa? Sim.

-Eu vou ficar lhe devendo. - Sadie ofereceu, tentando apelar para a mulher e não para a menina que continuava a ressentir-se do que lhe aconteceu. -Ele está em perigo. Ajude-me a encontrá-lo.

-Eu pensei que você não queria mais nada com ele.

-Mais fofocas? - perguntou Sadie, não se importando com a forma como a pergunta soou amarga.

-Não, não é fofoca. - O rosto de Leigh recuperou um pouco de cor quando ela corou. -Todo mundo no clã sabe que vampiros não acasalam com shifters. É proibido.

-Eles estão ensinando um monte de besteiras a você, - Sadie estourou, sua paciência se esgotando. -Não é proibido, é apenas perigoso. Colocar um rótulo sobre as coisas faz com que seja mais fácil, mas o clã está tentando enganá-la. Uma vez que você se alimenta de um shifter você não pode se alimentar de qualquer outro. Você se torna dependente do seu sangue - somente do seu sangue. Se você não pode beber dele, você vai morrer de fome.

Os olhos de Leigh brilharam com a informação, como se tivesse recebido um presente enorme. -Então é por isso que evitamos shifters?

-Sim, é exatamente por isso. Nós teríamos que colocar nossas vidas nas mãos de outro, algo que vampiros se recusam a fazer. Não é uma decisão que deva ser tomada com precipitação. Depois de tomar seu sangue, é definitivo. Não há como voltar atrás ou mudar sua mente. Você está presa por toda a eternidade.

-Você fugiu, como todos fizeram, - Leigh sussurrou. -Você sabe sobre o seu companheiro há meses e continua lutando contra o que há entre vocês.

Sadie lutou contra um sorriso. Aparentemente, Leigh finalmente estava crescendo. Meses atrás, ela nunca teria se metido em qualquer assunto. Ela poderia até ter alguma opinião sobre alguma coisa, mas ela nunca teria dito isso. Não em voz alta.

-É complicado.

-Tudo isso é complicado. - Leigh suspirou, baixou a cabeça e sentou-se na cama. -Desde que me converti, o mundo inteiro mudou. Não é fácil.

-Então eu acho que é hora de você usar os poderes que você herdou. Você tem um dom especial, Leigh. Um que nenhum de nós possui. Com ele você pode me ajudar a encontrar Trey. Isso é o que estou lhe pedindo. Ajude-me a encontrá-lo. Acho que ele está em perigo.

-Trey? - Leigh levantou a cabeça. -Esse é o nome dele?

Foi a primeira vez que Sadie tinha mencionado o nome de Trey, desde criança ela e suas irmãs sempre se referiam aos da espécie dele como homens-lobo, lobisomens ou vira-latas. Mas era fácil abrir o coração para Leigh e ser honesta. A menina tinha um coração bondoso.

-Esse é o nome dele.

-Eu nunca vi um shifter antes. - Ela brincou com o edredom, pegando nervosamente fiapos imaginários em sua superfície. -Pode ser emocionante ver um em pessoa.

-Então você precisa trocar de roupa e se alimentar. - Sadie viu o pânico nos olhos de Leigh quando ela olhou para cima, pânico e medo. -Eu vou ajudá-la. Você não tem que fazer isso sozinha. Uma mordida não vai transformar alguém. Se você controlar suas presas como nós lhe ensinamos, seu doador não será prejudicado. É seguro comer quando você precisa, Leigh. Eu juro.

-Eu quero ajudá-la. Eu só não... Eu não quero...

-Eu sei, - disse Sadie suavemente. -E você não vai. Você não vai transformar ninguém.

Leigh assentiu e sentou-se, tentando criar alguma coragem. - Quando precisamos partir?

-Antes que o resto do clã acorde. - Ela olhou ao redor do quarto, certificando-se que ela tinha tudo que precisava. -Você vai precisar vestir as roupas que lhe demos, para que você possa se mover sem ser detectada. - Mesmo sentindo o peito apertado pela culpa, Sadie sabia que tinha que ser completamente honesta. -Você se lembra o que nós conversamos sobre os Pastores?

-Foram eles que o pegaram? - os olhos de Leigh olharam para longe. -Nós estamos indo até eles?

Sadie assentiu. -Eu tenho certeza que eles o pegaram. As coisas podem se tornar perigosas. É bom que você saiba disso logo. Eu preciso da sua ajuda, mas eu não vou mentir para você.

-Por que agora? - O conflito no rosto de Leigh fez aumentar a culpa de Sadie. -Por que você resolveu confiar em mim com algo tão importante?

-Porque você é família, - disse Sadie sem rodeios. -E é hora de você começar a aceitar o que você é e o que você pode fazer. Eu não posso lhe dar de volta o que foi tirado de você, mas eu posso mostrar-lhe que a vida continua.

-Quando você encontrá-lo, o que você vai fazer? Pelo que todo mundo já me disse, shifters não podem sobreviver sem seus companheiros. Ele não vai deixar você partir.

O sorriso que Sadie colocou no rosto era falso, mas ela esperava que Leigh não visse além da fachada. -Nós vamos atravessar essa ponte quando chegarmos a ela. - Ela olhou para o corredor. -Você precisa se apressar. Não temos muito tempo.

Sadie não liberou a respiração que estava segurando até que Leigh se levantou da cama e saiu correndo do quarto. Isso tudo havia se transformado em uma enorme bagunça. Trey sabia o que ela representava para ele - sua companheira. Se ela entrasse no território dos Pastores ele seria capaz de farejá-la. Ela estremeceu com a lembrança de seus braços em volta dela, o toque de seus lábios contra os dela. Essa parte tinha sido gloriosa. A decepção veio depois, quando ele a tratou como nada mais do que uma prostituta, suas palavras colocando-a em seu devido lugar e lembrando-lhe por que eles não poderiam ficar juntos.

Afastando as lembranças, ela trouxe a jaqueta até o nariz e inalou. Como sempre, o cheiro que sentiu era fascinante e debilitante. Ela se permitiu tomar uma respiração mais forte, imaginando como

as coisas seriam se fossem diferentes, mesmo sabendo que não poderia ser.

Baixando a jaqueta, ela tentou se convencer que a única coisa importante era salvar Trey. Depois ela o deixaria sozinho. Ele não devia nada a ela. A relação deles estava condenada desde o início. A fome não era algo que ela estava interessada em experimentar e, caso se acasalasse com Trey, certamente era o que iria acontecer. Ao contrário de Leigh, ela tinha que se alimentar pelo menos uma vez por semana, às vezes, duas vezes. O tempo da fome variava para todos os vampiros. Alguns precisavam se alimentar com mais frequência, outros com menos. Ficar sem alimento por um mês provavelmente iria matá-la - uma morte que tinha a certeza que seria lenta e agonizante.

Por isso ela tinha que manter a cabeça no lugar e fazer o que precisava ser feito antes de prosseguir. Independentemente de se machucar e, apesar de seus sentimentos, ela não poderia ter Trey Veznor.

O preço a pagar era muito alto.

CAPÍTULO 12

Ava acordou com a cabeça latejando e a boca seca. Ela mudou a posição de seu corpo, mas isso só intensificou a batida em sua cabeça. Um cheiro almiscarado invadiu seu nariz, o colchão embaixo dela era irregular e, obviamente, muito velho. Ela tossiu quando respirou fundo – inalando o cheiro que vinha da cama - engasgado com os aromas. Se havia um lado negativo no vínculo de sangue, era a sensibilidade para cheiros ruins.

-Minha Ava? - A voz de Diskant era alta em sua cabeça, seu medo evidente em suas palavras.

Ela conseguiu dirigir seus pensamentos de volta para ele, apesar de sua desorientação. -Eu estou aqui.

-Onde é aqui? - Ele estava à beira de um colapso e ela sabia disso. Lembrou-se de ter sido arrastada para fora da loja, embora tenha tentado lutar. Infelizmente, ela não tinha ideia de onde era estava. Depois que eles a amordaçaram, o mundo ao seu redor se tornou escuro.

-Eu não tenho certeza. Dê-me um segundo.

-Ava... - Ele rosnou, com a intenção de que soasse tão ameaçador telepaticamente como se estivessem cara a cara.

-Não tente me assustar, Neanderthal. Eu não posso lhe dizer onde estou até que eu descubra.

Uma série de maldições correu através de sua mente, mas ela ignorou. Se ela queria sair dessa situação, teria que pensar racionalmente. Como suas mãos estavam amarradas atrás das costas, ela começou a dançar sobre o colchão. Ela permaneceu quieta quando seus pés, finalmente, tocaram o chão. Qualquer um poderia estar por perto, e ela queria ter a chance de alcançar a janela a poucos metros de distância. Luzes brilhavam, indicando que ela não estava longe da civilização. Ela deslizou pelo chão, com passos curtos. Quando chegou à janela, ela empurrou as cortinas usando o queixo e os dentes, até conseguir ver do lado de fora.

Seu coração disparou, ecoando em seus ouvidos. Ela não estava muito longe de casa, apenas alguns quilômetros. Ela podia ver uma parte do letreiro luminoso do supermercado.

-Você não vai acreditar nisso, - pensou ela, achando difícil de acreditar.

-Então me faça crer.

-Estou perto do supermercado. Eu posso ver o letreiro.

Diskant não respondeu por alguns segundos. Então ele perguntou: -Você está vendo a parte da frente ou os fundos do supermercado?

-A parte da frente.

-E Trey?

Ela respirou fundo, preparando-se para uma multiplicidade de odores que atingiriam seu nariz. A espera logo se transformou em desespero quando ela não encontrou o cheiro que ela estava

procurando. Trey não estava no quarto, e ela não conseguiu detectar qualquer aroma que indicasse que ele estava por perto.

-Eu acho que ele não está aqui.

-Eu estou indo até você. Agente firme, querida. Agente firme.

Como os Pastores poderiam ser tão estúpidos? Por que trazê-la aqui? Não fazia qualquer sentido. A sensação de medo começou a tomar conta de seus sentidos e ela inalou novamente. Os Pastores tinham usado uma bomba antes. Será que eles fariam a mesma coisa duas vezes? Ela não conseguiu detectar qualquer cheiro fora do normal, o que não a surpreendeu. Seu senso de cheiro ainda era novo e estranho. Mesmo que houvesse componentes para fabricar uma bomba naquele lugar, ela provavelmente não poderia identificá-los.

Ela tentou bloquear seus pensamentos, para proteger Diskant de seu medo. O Ômega deve ter subido pelas paredes, furioso e irado por sua companheira ter sido sequestrada. Ele a avisou para ficar em casa, mas ela não tinha escutado, pois estava determinada a viver uma vida normal. Sua teimosia voltou e mordeu sua bunda. Ela o conhecia, sabia como ele era possessivo. Ele não iria sobreviver se a perdesse. Ele preferiria morrer.

O pensamento a trouxe de volta à realidade. Ela não permitiria que Diskant se sacrificasse. Mesmo que ele fosse mandão, bruto e arrogante, ela o amava. Tanto que às vezes doía. Eles tinham acabado de começar suas vidas juntos, e havia algo importante que ela tinha que lhe dizer, algo que ela tinha planejado compartilhar assim que ele voltasse da casa de Kinsley.

Seria possível que as coisas terminassem assim?

No instante em que formulou esse pensamento, a porta do quarto se abriu e um homem entrou. Ele era jovem - na casa dos vinte anos - e se vestia como um nova-iorquino normal... exceto pelas botas de caubói e o chapéu Stetson. Ele segurava uma arma na mão. Quando ele a levantou, Ava congelou. Pânico a consumiu, varrendo qualquer pensamento racional.

-Diskant, há um homem aqui com uma arma. Ele está apontando para mim.

-Faça o que ele disser. Nós não estamos longe. Não vai demorar muito tempo para localizar e rastrear o seu cheiro. Eu vou lhe encontrar, minha Ava. - O pensamento de Diskant era um grunhido estável e ela sabia que ele estava à beira do descontrole. -E então, eu vou matá-los.

-O que você quer? - ela perguntou, com a garganta tão seca que sua voz saiu grossa.

O homem não respondeu, avançando um passo de cada vez. Um dardo atingiu seu ombro, seguido de uma pontada afiada de dor. Seus joelhos se dobraram e ela caiu, batendo contra o chão antes que pudesse amortecer o impacto. O homem que atirou nela deslizou a arma em um coldre na cintura, aproximou-se e pegou-a. Ela se esforçou para ficar acordada enquanto era levada de volta para a cama.

-Ele me sedou, - ela conseguiu pensar. -Eu vou adormecer novamente. Eu tenho que lhe contar uma coisa. Você precisa saber...

-Durma, Pinkie. Quando você abrir esses belos olhos azuis, eu estarei aí. Eu prometo.

Apesar da determinação que sentiu na declaração dele, ela também sentiu sua preocupação, seu medo. Sim, ela estava em um local próximo. Mas os Pastores poderiam movê-la enquanto ela estava inconsciente e levá-la para qualquer lugar Diskant não conseguiria encontrá-la. Ela piscou, tentando livrar-se dos efeitos da droga, e conseguiu emitir um último pensamento antes que seus olhos se fechassem.

-Depressa.



-Filho da puta!

A explosão de Diskant pegou de surpresa Emory e o resto dos membros da matilha que estavam reunidos na cozinha do Ômega. Ele estava segurando o balcão, os nós dos dedos brancos, os braços tremendo. Eles estavam todos esperando por suas ordens, conscientes de que ele finalmente havia conseguido estabelecer contato com sua fêmea.

-Ela está perto, em algum lugar perto do supermercado. Ela foi capaz de ver a frente do edifício. Ela acha que Trey não está com ela. - Ele largou o balcão e caminhou até a mesa da cozinha. -Eu quero que cada um de vocês se concentre no cheiro de Ava. - Diskant pegou algumas peças de roupa – todas de Ava - e jogou-as sobre a superfície de madeira da mesa da cozinha. -Temos que nos apressar. Eu não sei quanto tempo eles vão mantê-la nesse lugar.

-Quer que eu entre em contato com as outras matilhas para elaborarmos uma estratégia de ataque aos armazéns? - perguntou

Kinsley, o cabelo escuro despenteado, os olhos verdes como grama brilhando.

Quem o visse poderia pensar que Kinsley estava cauteloso por ser o único felino no recinto, mas Emory sabia que não era assim. Kinsley iria remover a cabeça de qualquer shifter - gato ou lobo - que cruzasse seu caminho. Sua idade e força faziam dele alguém que não deveriam desafiar.

-Se você pretende atacá-los, tem que ser agora, - advertiu Kinsley. -Uma vez que os Pastores descubram sobre o mapa, eles vão se mover para outros locais.

Emory avançou. -Eu vou fazer isso.

Ele já havia dito à matilha que não ficaria longe de sua companheira. Era muito perigoso com os Pastores perambulando por perto e, também, ele não queria prejudicar a sua recente ligação. Mary deveria ficar perto dele para que pudesse unir seus corpos no momento certo. Sua conexão estava se tornando mais forte, tanto que logo ele teria que se afastar dos demais membros da matilha e retornar ao seu quarto. Ele podia ouvir os passos dela no andar de cima, sabia que ela estava ficando ansiosa. Infelizmente, ela não conseguia entender o porquê. Ele não teve uma oportunidade para avisá-la que sua libido estava prestes a disparar através do telhado.

-Nathan, - disse Diskant, ficando totalmente em pé. -Eu quero que você fique com Emory. Pegue a lista que está em meu escritório e o ajude com as ligações. Quanto mais cedo entrarmos em contato com os outros, mais rápido teremos as matilhas preparadas para executar um plano de ataque.

O Beta assentiu. -Quanto tempo nós temos?

-Se quisermos eliminar de vez essa ameaça, precisamos agir essa noite, se possível. Quanto mais tempo demorarmos, mais chances de nosso plano falhar.

-Eu vou começar a fazer as chamadas, - disse Nathan e saiu da cozinha.

-Então, qual é o plano, Ômega? - Kinsley levantou-se de sua cadeira. -O que você quer que façamos?

-Nós vamos nos espalhar e encontrá-la. - Diskant pegou um comunicador e entregou outro a Kinsley. -Eu fico com o lado leste, você vai para oeste. - Ele levantou a cabeça, olhando para a matilha. - Aqueles de vocês no lado esquerdo da sala virão comigo. Aqueles à direita, irão com Kinsley. Ele está no comando. Sigam suas ordens como se fossem minhas.

Alguns membros da matilha não gostaram, ficando inquietos e rosnando, mas, sabiamente, mantiveram suas bocas fechadas. A resposta de Kinsley a esse comportamento foi um sorriso arrogante e ameaçador. Ah, sim, o shifter pantera definitivamente não era alguém a ser desafiado. Mesmo em um dia bom.

-Para aqueles que não estão com seus equipamentos, tratem de se preparar, rápido, - Diskant ordenou, e acariciou as armas debaixo dos seus braços. Em seguida, ele verificou as facas presas em sua cintura. -Saímos em um minuto.

Os poucos membros da matilha que não estavam equipados saíram apressados da cozinha e foram se preparar. Os outros se afastaram, dando-lhes passagem.

-Certifiquem-se de usar suas jaquetas. - Diskant falou enquanto saíam. -Precisamos passar despercebidos. - Ele virou a cabeça e olhou para Kinsley. -Você precisa avisar seus contatos no Departamento de Polícia que algo grande vai acontecer esta noite. Se o Departamento receber uma chamada, eles precisam ser os primeiros a chegar no local.

-Feito, - disse Kinsley e puxou o celular de sua jaqueta.

-Eu quero vê-los mortos, mas não pode parecer um ataque animal, - Diskant avisou. -Se puderem quebrar um pescoço ou dois, fiquem à vontade. Caso contrário, usem as armas à sua disposição. Nós não podemos deixar rastros que tragam a polícia até nós.

-E sobre os armazens? - perguntou Emory, assumindo o papel de seu irmão, lembrando que havia mais em jogo do que apenas a vida de Ava. -Você quer mantê-los intactos? Ou você vai apagar todas as provas que a polícia possa encontrar?

-Merda, eu não tinha pensado nisso. - Diskant franziu o cenho. -Se houver qualquer coisa que possa colocar a matilha em risco, use todos os meios necessários para destruí-la.

-E se houver famílias nos edifícios? - Kinsley perguntou. -O que fazemos então?

-Alerte os bombeiros sobre um incêndio. E tenha certeza de que o alarme de incêndio dispare. Eu não quero pessoas inocentes prejudicadas.

Diskant pegou sua jaqueta que estava no gancho perto da entrada da cozinha. Ele a vestiu respirando profundamente. Emory

sabia o quanto ele devia estar ferido. O quanto o medo podia ser sufocante.

Se as posições fossem inversas e Mary estivesse em apuros...

Ele não queria pensar sobre o que ele faria.

Os membros da matilha voltaram trazendo armas e coldres. Eles rapidamente verificaram a munição e vestiram suas jaquetas. Não havia mais tempo. Cada segundo era crucial.

-É hora de ir. Aqueles que estão comigo, vamos.

Ficaram apenas os que seguiriam com Kinsley. -Aqueles que virão comigo, esperem na garagem. Eu estarei lá em um momento.

Os membros da matilha não discutiram a ordem e fizeram fila para sair da cozinha. Kinsley esperou até que os shifters estivessem fora antes de se aproximar de Emory. Havia um brilho estranho nos olhos do shifter felino.

-Isso parece muito fácil. - Kinsley manteve a voz baixa, para que a conversa ficasse apenas entre os dois. -Alguma coisa está errada.

O cabelo no pescoço de Emory levantou e sua pele arrepiou. - Eu estava pensando a mesma coisa.

Por que os Pastores manteriam Ava tão perto? Foi uma jogada estúpida. E os Pastores não eram conhecidos por sua estupidez.

-Mantenha um olhar atento sobre sua companheira, Emory. Não a deixe fora de sua vista. Quando voltarmos, Diskant terá que aceitar que as coisas precisam mudar. - Kinsley começou a sair.

-Espere, - Emory chamou. -O que você está falando? O que vai ter que mudar?

Kinsley parou e se virou. -Nós vamos conversar mais tarde. Lembre-se do que eu disse e cuide da sua fêmea.

Emory não conseguiu impedir que um rosnado rastejasse para fora de sua garganta. Trey tinha sido sequestrado assim como Ava, e ninguém da matilha havia sido enviado para encontrá-lo. Ava era a prioridade número um de Diskant, mas a vida de seu irmão era igualmente importante.

-Diskant não está pensando em Trey, ele está pensando apenas em Ava. - Desta vez foi Emory que falou em voz baixa, embora não houvesse veneno em seu tom. -Encontre meu irmão e traga-o de volta. Ele é membro da matilha. Ele merece o mesmo respeito.

-Eu não me esqueci do seu irmão. - O sotaque de Kinsley ficou mais evidente, tornando suas palavras profundas. -Eu vou fazer tudo que posso para trazê-lo para casa.

Emory não questionou o Alfa felino, o mais forte e mais temido de sua espécie. Kinsley era um dos shifters mais honrados que ele conhecia.

-Quando você sair, eu vou ligar os alarmes. Eu não vou deixar Mary fora da minha vista.

Kinsley pareceu relaxar um pouco. -Ligue para o maior número de matilhas que você puder. Isso tem que acabar antes que mais pessoas fiquem feridas.

Um barulho na porta chamou a atenção deles. Emory tentou esconder sua surpresa ao ver Mary em pé, vestida com calças de moletom de grandes dimensões e uma de suas camisetas. As roupas escondiam seu pequeno corpo e todas as suas curvas.

-Eu pensei que você estava sozinho, - ela disse suavemente, o rosto tornando-se rosa. -Eu sinto muito.

Kinsley deu uma boa olhada, a partir de sua cabeça, descendo a vista até os dedos dos pés. Ela agarrou a bainha da camisa, trocou os pés e encostou o queixo no peito. Ela sentiu medo como o inferno ao deixar a segurança de seu quarto para trás, mas ela tinha feito, mostrando a Emory ela era mais forte do que aparentava.

Sua pequena e doce fêmea. Tão forte e tão tímida.

-Kinsley, eu quero que você conheça minha companheira. - Emory caminhou até ela e envolveu um braço reconfortante em torno de sua cintura. -Esta é Mary.

Kinsley se aproximou deles com um sorriso no rosto. Fazendo justiça a sua fama de conquistador, ele pegou a mão de Mary e levou-a aos lábios. Ele roçou os lábios contra os nós dos dedos dela e Emory teve que forçar seu lobo de volta, lutando para manter a besta calma dentro dele, enquanto outro homem tocava sua fêmea.

-É um prazer conhecê-la, Mary. - O sotaque escocês de Kinsley ficou mais acentuado, sua voz soando grossa e rouca. Mary não se moveu, sem dúvida encantada com a forma como Kinsley a olhava e falava com ela. Se o cabelo e os olhos verde-escuros do Alfa não fossem suficientes armas sedutoras, Kinsley também tinha um corpo

difícil de ser ignorado por qualquer mulher. Todo mundo sabia que ele era um mulherengo.

Filho da puta.

-É um prazer também, - ela murmurou, seu rosto uma mistura de admiração e curiosidade.

-Mantenha suas mãos e sua boca para si mesmo. - Emory rosnou, não sendo capaz de se controlar por mais tempo. -Ou eu vou arrancá-las e empurrá-las na sua bunda.

Kinsley soltou a mão de Mary, fazendo uma expressão magoada. Emory sabia bem que aquela expressão era puro fingimento. Era um fato conhecido que Kinsley poderia ter qualquer mulher que quisesse. As mulheres no seu bando faziam fila para ter a chance de uma noite em sua cama, na esperança de que, talvez, alguma pudesse chegar ao coração do homem e mantê-lo como seu.

-Tão egoísta com sua boa sorte. Não precisava ser tão grosseiro. Eu só queria cumprimentar a moça corretamente. - Antes que Emory pudesse responder, Kinsley curvou-se e sorriu para Mary. -Sinto muito deixá-la agora, doce Mary, mas eu tenho que ir. Foi um prazer conhecê-la. Talvez da próxima vez, possamos sentar e conversar com calma.

-Vá par o inferno, - Emory rosnou enquanto observava Kinsley sair da cozinha. Sua irritação aumentou quando ouviu risadas de Kinsley, ciente de que o filho da puta arrogante estava rindo dele.

-Isso foi rude. - Mary chamou sua atenção, virando e apontando um dedo em seu peito. -Você não precisava falar com ele desse jeito.

-Sim, precisava, - Emory respondeu suavemente, o lobo ganhando vida na presença de sua companheira. Ele segurou a mão dela e puxou-a para si, deixando-os quadril contra quadril. -Eu não compartilho o que é meu. E você é minha, olhos de anjo. Só minha.

Sua. -Oh, - foi uma exalação suave contra a boca dele, a carícia da respiração dela em sua pele uma tentação que ele não podia resistir. Ele abaixou a cabeça e capturou seus lábios com os dele. Ela suspirou, relaxando em seus braços, colocando as mãos em seus ombros. Quando ela o convidou para assumir o beijo ainda mais, afastando os lábios, ele aceitou com um deslizar suave de sua língua. Mary tinha gosto do creme dental de hortelã misturado com sua doçura natural. Em seguida, outro perfume veio a ele, inundando seu nariz.

Excitação.

Afastando-se, olhou para o rosto corado de Mary. Ele sabia que ela devia estar cansada e faminta depois de completar duas etapas do vínculo de sangue. -O que você gostaria de comer? Eu preparo para você. - Ele passou os dedos pelos cabelos dela, fascinado pelos longos e macios fios que deslizavam sobre a palma da sua mão como seda.

-Você vai cozinhar para mim? - Ela arrastou seus dedos até o peito dele, parando quando ela chegou aos mamilos. Imitando o que ele tinha feito com ela antes, ela girou o dedo em torno da pele sensível.

Sua pequena atrevida sexy. -Claro.

Inclinando a cabeça para o lado, ela olhou para ele através de seus cílios grossos e sussurrou: -E se eu dissesse que não estou com fome de comida?

Seu pênis foi de zero a sessenta, flácido em um segundo e um mastro duro imediatamente. -Eu diria que é melhor você comer enquanto você pode. - Segurando o cabelo em sua nuca, ele puxou a cabeça dela para trás. -Uma vez que eu a leve de volta para cima, nós vamos ficar naquele quarto por bastante tempo.

Ela fechou os olhos e respirou fundo. O cheiro doce de sua vagina se tornou mais forte, afogando-o na fragrância succulenta de Mary. Ele sabia que não era o momento nem o lugar para saciar sua companheira, mas o desejo em seus olhos era quase o suficiente para fazer com que ele a jogasse sobre o ombro e saísse da cozinha para o quarto rápido como um raio.

-Que tal um queijo grelhado com sopa de tomate? - ele perguntou, a voz tensa, seu pênis pulsando miseravelmente.

O desejo nos olhos dela diminuiu e seu estômago roncou. -Isso soa bem, na verdade.

Depois de colocar um beijo em sua testa, ele guiou-a para a mesa. -Sente-se.

-O que aconteceu com Ava? - Ela sentou-se e apoiou os cotovelos sobre a mesa, se contorcendo na cadeira. Ele engoliu um gemido, desejando que ela estivesse em seu colo, as curvas suaves de seu traseiro se contorcendo contra sua ereção inchada, deslizando ao redor e ao redor e, em seguida, para cima e para baixo...

Comida, idiota. Não sexo. É hora de alimentá-la, não transar com ela.

Ele pegou a lata de sopa de uma prateleira ao lado do fogão e pegou a panela sobre o rack pendurado no teto. Ele não podia assustar Mary, então, ele manteve os detalhes importantes para si. - Nós não temos certeza. Diskant acha que sabe onde ela está. A matilha acabou de sair para encontrá-la.

-Isso foi o barulho que eu ouvi? Quantos de vocês estão nisso? Parecia que havia um exército nesse lugar.

-Pouco mais de uma dúzia, eram os que estavam disponíveis no momento, - ele respondeu, tentando manter o foco, amaldiçoando as memórias de sua companheira nua debaixo dele, fazendo-o pensar com a cabeça errada.

-Disponíveis no momento?

O medo em sua voz o fez girar e encará-la. -Na verdade, existem mais integrantes na matilha.

-Mais? - Ela engoliu em seco, os olhos castanhos totalmente abertos e seu rosto tornando-se uma sombra fantasmagórica de branco.

Em três passos, ele estava ao seu lado. Ele se ajoelhou a seus pés. -Você está segura aqui. Se saber que eu morreria por você não é suficiente para tranquilizá-la, saiba que Diskant a colocou sob sua proteção. Ninguém se atreveria a tocá-la. Eles valorizam demais suas vidas, - ele fez uma pausa e acrescentou: -E você faz parte da matilha agora. Minha companheira.

-É tão estranho, - ela murmurou e estendeu a mão, tocando sua bochecha. -Como um sonho que não termina.

Pegando-lhe a mão, ele trouxe os nós dos dedos à boca e roçou os lábios através deles. -Isso parece como um sonho, olhos de anjo?

-Não, - ela ofegou.

Ele cheirou a excitação dela, o aroma viajando do seu nariz direto para o pênis. Fechando os olhos, ele se imaginou jogando-a na mesa, arrancando suas roupas e tomando-a como ele queria. Os seios exuberantes saltariam com cada impulso e os gemidos de prazer iriam encher seus ouvidos. Quando ela estivesse perto do clímax, ele mudaria seus movimentos, movendo-se bem devagar, observando como seu pau deslizava dentro e fora das pregas rosa de sua vagina.

-Bem, olá.

A voz de Nathan não fez nada para saciar a luxúria de Emory, mas Mary era um assunto completamente diferente. Em um segundo o ar tornou-se pesado com a tensão. A fragrância picante da ansiedade feriu seu nariz, seguido pelo cheiro queimado de seu medo. Ele levantou-se e virou-se para cumprimentar o visitante, querendo colocar Mary à vontade.

-Este é Nathan, - disse ele e colocou para trás da orelha uma mecha de cabelo que tinha caído sobre sua têmpora. -Ele é o Beta da matilha. O primeiro no comando depois de Diskant.

-Oi, - Mary sussurrou e apertou o pulso de Emory.

Nathan se aproximou e estendeu a mão. -É maravilhoso conhecê-la finalmente. Emory nos contou muito sobre você.

Lentamente, os dedos de Mary soltaram o braço de Emory. Ela estendeu a mão com um movimento cauteloso, e aceitou o gesto de boas-vindas de Nathan. No momento em que a tocou, Emory soube que Nathan estava absorvendo o medo dela, levando-o para dentro de si. Era seu dom como Beta da matilha, devolver o controle àqueles que estavam furiosos ou sob estresse. Devido ao vínculo de sangue recém-formado, Nathan foi capaz de estabelecer uma conexão com Mary através do lobo de Emory. Embora não tenham chegado ao estágio final, ela tinha o suficiente de seu animal dentro dela para estabelecer um link. Os ombros de Mary relaxaram. Ela levantou a cabeça, dando a Nathan um dos raros sorrisos que apenas Emory recebia.

-Prazer em conhecê-lo.

Nathan balançou a cabeça, soltou sua mão e deu um passo atrás. Então ele se virou para Emory. -Há mais de três dezenas de números. Liguei para metade. Aqueles com os quais não pude entrar em contato, deixei mensagem. Eu só queria avisar que posso cuidar disso. - Ele olhou para Mary, seus olhos revelando um pequeno traço de inveja. -Fique com sua garota e cuide dela.

-Eu vou fazer isso, - respondeu Emory, acariciando a nuca de Mary. -Obrigado.

Outro rápido olhar para a companheira de Emory mostrou o quanto Nathan desejava ter sua própria companheira. -Não há de que.

-Ele é legal, - disse Mary em voz baixa, quando Nathan saiu da cozinha.

Emory achou melhor não dizer que Nathan tinha usado seu dom e influenciado suas emoções. -Estou feliz que você pense assim. Até que possamos nos mudar para nossa própria casa, você vai se encontrar bastante com ele.

-Nossa própria casa? - Os olhos castanhos dela se arregalaram e suas pupilas dilataram.

-O que você pensou? Que ficaríamos aqui para sempre? - Ela deu de ombros e ele riu. -Quando as coisas estiverem resolvidas, eu e você vamos sair pela cidade e procurar um lugar que lhe agrade.

Tudo irá se resolver, ele pensou consigo mesmo. Ele tinha esperança que Diskant encontrasse Ava e a trouxesse para casa em segurança. Se não, a merda ia bater no ventilador e tudo iria se transformar em caos.

Lambendo os lábios de modo nervoso, ela perguntou: -E depois?

-Vamos comprá-lo e nos mudar, é claro.

-É claro. - As palavras dela saíram em um sussurro rouco. Como ela não mais sentia medo, eles estavam de volta à estaca zero. A segunda fase do vínculo de sangue aumentava a sua libido, fazendo com que ela o desejasse de uma forma que provavelmente não compreendia.

Foda-se, ela era tentadora. Muito tentadora.

Ele voltou para o fogão e manteve seus pensamentos para si mesmo. Alimentar primeiro, o resto depois. Porra, se não era difícil se concentrar com ela tão perto, sabendo que ela o queria tanto quanto

ele a queria. Seu desejo era maior que sua preocupação com a matilha. Se ele não tivesse encontrado Mary, ele estaria com eles agora, em busca de Ava. Ele não gostava de sentir-se dividido, querendo ter ido com os outros para ajudar e, ao mesmo tempo, querendo ficar.

-Oi, garotão, - disse Mary baixinho, e Emory virou.

Oscar, o amado vira-lata de Diskant estava parado na porta. O enorme cão era uma mistura, um dos mais feios que a maioria das pessoas já tinha visto, anormalmente grande, com pele grossa e o rosto e orelhas de bulldog. Oscar ficou onde estava, esperando para ver o que Mary pensava dele. Todo mundo na matilha achava estranho que o vira-lata entendesse a palavra 'feio' e ficasse incrivelmente irritado quando as pessoas se referiam a ele dessa forma.

-Você não é uma fofura? - Mary sussurrou e estendeu uma das mãos. -Venha aqui, gracinha.

As orelhas de Oscar levantaram e ele abanou o rabo. Emory quase riu quando o cão trotou em direção a Mary, com a cabeça erguida como um príncipe orgulhoso do caralho.

-O nome dele é Oscar, - disse Emory, observando como o cão era maior que sua companheira. O vira-lata absorveu a atenção dela, lambendo suas mãos enquanto a cauda chicoteava de lado a lado.

-Oscar? Você por acaso é um resmungão? - Mary riu quando Oscar bufou e lambeu-lhe o queixo.

Emory vaiou quando ele queimou o dedo. Ele deixou que Mary e Oscar se conhecessem e voltou sua atenção para o fogão,

certificando-se que não queimar os dedos uma segunda vez. Quando ele finalmente terminou e trouxe a sopa e o sanduíche para a mesa, Oscar deu uma última lambida no rosto de Mary e saiu da cozinha. Ela observou o cão se afastar com um enorme sorriso no rosto.

-Eu sempre quis ter um cachorro. Mas quando era criança nos mudávamos constantemente.

Quando ela olhou para ele, seus olhos estavam felizes e sem medo. Emory sentiu como se pudesse conquistar o mundo. Assim era como ele queria que ela fosse sempre.

-Então nós vamos ter que lhe dar um filhote de cachorro, - ele murmurou, colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. - Assim, você pode ter a experiência completa, do início ao fim.

Ela continuou sorrindo, mas não falou enquanto pegava o guardanapo e o abria sobre seu colo. Mesmo agora, suas maneiras eram impecáveis. Imaginou que ela ficaria horrorizada se visse a matilha reunida no porão em dia de jogo, assistindo futebol enquanto devoravam a comida, segurando tudo com as mãos e lambendo os dedos.

Ela gemeu com a primeira colherada da sopa, lambendo os lábios. Seu pau, que até então estava relaxado, fez uma impressionante reviravolta. Ele se tornou um duro taco de beisebol, o lobo fazendo força para assumir o controle. Não foi fácil manter seu animal recuado, enquanto observava Mary comer sua refeição, colherada após colherada, mordida após mordida. Ela não estava fazendo isso de propósito, estava apenas desfrutando de uma boa refeição. Mas era como se ela estivesse acenando uma bandeira vermelha em seu rosto, desafiando-o a levá-la duro e rápido contra a

parede. Ele tinha sido suave com ela antes, querendo que ela conhecesse uma forma bonita e fazer amor. Só que agora ele não queria fazer amor.

Seu lobo queria foder.

Droga, ele rosnou em sua cabeça. Fique quieto.

Mary terminou seu sanduíche e limpou os cantos de sua boca. Ela havia tomado a maior parte da sopa, restando apenas uma pequena quantidade no fundo do prato. Ele se perguntava quanto tempo ela iria levar para comer o resto, e se ele poderia se controlar até ela ter realmente terminado a refeição. Para sua surpresa, ela deixou cair o guardanapo sobre a mesa, olhou para ele e sorriu.

-Emory?

-Sim? - Ele parecia um homem a beira de um surto, segurando seu controle por um fio muito frágil.

-Você pode me levar lá para cima agora.

A cabeça dele estalou para trás, seus olhos encontrando os dela.

Filho da puta.

Ele estava errado. Ela estava tentando seduzi-lo enquanto comia, as vezes em que havia passado a língua sobre os lábios, ela fez de propósito. Nem um único pedaço de comida que ela tinha tomado tinha sido inocente, ela estava jogando com ele, provocando-o.

Ele derrubou sua cadeira quando a puxou para perto, levantando-a em seus braços. Ela gritou quando ele decolou, evitando os obstáculos no seu caminho enquanto corria para o quarto. Uma

vez que eles chegassem à cama, ele iria se empenhar em devolver cada minuto que ele sofreu, atormentando-a como ela o atormentara, até que ela perdesse a noção de realidade. Ambos precisavam da distração, algo para tirar suas mentes fora da loucura do mundo ao seu redor.

Por um momento, ele se lembrou que precisava religar o alarme. Então Mary riu e passou a mão em seu peito. Para o inferno com isso. Nathan estava em casa e Oscar provavelmente havia retornado ao seu lugar de costume para dormir, sendo assim, a casa estava protegida. Considerando o quanto sua companheira o havia provocado, ela teria sorte se ele conseguisse chegar ao quarto. Depois que terminasse seus assuntos com ela, ele se certificaria de que as coisas estivessem em ordem. Até lá, todo o resto podia esperar.

Ele foi direto para o quarto e fechou a porta com o pé. Então ele caminhou para a cama e a deitou. O cabelo dela estava caído ao redor de seus ombros, grossas mechas loiras, e seus olhos estavam escuros.

-Mary, - ele falou, avançando sobre ela lentamente.

-Hmm? - ela esfregou as pernas juntas e se inclinou para trás, equilibrando seu peso em seus braços.

-Eu vou te comer.

Ele grunhiu em satisfação quando ela sorriu. -Meu próprio lobo mau?

Em um movimento rápido, ele a tinha presa. Ele pegou as mãos dela com apenas uma das suas, e levantou-as acima de sua cabeça, usando seu peso para mantê-la no lugar. Baixando a cabeça, ele fez

uma pausa quando estavam nariz com nariz, seus olhares se encontrando.

-Isso é certo. Seu próprio lobo mau. - Ele passou a língua sobre a boca dela, usando movimentos circulares leves. -Mas há um problema.

-Existe?

-Oh, sim.

Ele pretendia arrancar cada som que pudesse dela, fazê-la pedir e implorar por mais. Olhando nos olhos dela, ele permitiu que o olhar do lobo brilhasse. Ambos a queriam, precisavam dela.

-Mostre-me, - ela sussurrou.

O lobo uivava, sua cabeça girava e ele enfiou a língua em sua boca, provando esse gosto antes de descer e saborear o gosto da parte de baixo do seu corpo. Ela não hesitou, beijou-o de volta, remexendo seus quadris para que ele sentisse sua buceta quente esfregando o comprimento de seu pau.

Perigoso.

Fora de controle.

Totalmente fodidamente perfeito.

Mary Shepherd havia libertado o animal que vivia nele.

CAPÍTULO 13

Em algum lugar no fundo de sua mente, Mary sabia que o que ela estava fazendo era errado. Este não era o momento nem o lugar para explorar seus desejos sexuais. Ava estava em apuros, Diskant estava sofrendo com sua ausência e a matilha estava obviamente instável. Ela deveria estar focada nas coisas importantes e não em seus hormônios em fúria, mas que os céus a ajudassem, ela não podia se conter.

Não quando Emory estava olhando para ela assim.

Suas belas íris marrons haviam se tornado uma sombra gloriosa de âmbar dourado, suas pupilas escuras dilatadas criavam um perfeito contraste. O tic em sua mandíbula era sexy como o inferno. Ela teve que usar todo o seu controle para não pular no colo dele na cozinha e pressionar seus lábios juntos, para provocá-lo com os lábios dela. Seus seios estavam inchados, a dor entre suas pernas aumentava a cada segundo. Se ela fosse feita de sorvete, ela teria derretido no local. Seu corpo parecia tão quente como caramelo líquido, aquecendo de dentro para fora, transformando-a em uma poça rasa de desejo sobre a cama.

-Você quer que eu lhe mostre, hein? - ele perguntou, sua voz grossa e rouca.

Sempre. -Sim, por favor.

Ele levantou e afastou-se da cama enquanto levava suas mãos atrás das costas. Ela assistiu com admiração quando ele puxou a camisa dele, apertando o material entre as omoplatas, e começou a empurrar o material para frente. Sua pele finalmente ficou exposta, cada enlouquecedor centímetro. Deliciosamente definido. Mas não era o abdômem de Emory que ela realmente cobiçava. O que ela precisava estava escondido atrás de algodão e jeans, o que em sua opinião era um verdadeiro crime.

Fios de cabelo escuro cobriram a testa dele quando a camisa deslizou livre. Ele jogou as roupas no chão e olhou para ela, sua íris amarela brilhante. Seu coração acelerou quando ele começou a se dirigir para ela, caminhando de forma irregular. Como ela conseguiu fugir desse homem? Ela devia ser cega ou louca – possivelmente ambos, considerando sua história. E agora? Correr era a última coisa que ela queria. Teriam que levá-la à força se quisessem tirá-la de perto dele.

Ele observou enquanto ela passava os dedos sobre seu peito. A pele dele era sedosa e quente, os músculos duros e, ainda assim, suaves. Ele fechou os olhos, uma expressão de contentamento e necessidade no rosto. -Não pare, - ele murmurou com um grunhido suave. -Eu quero sentir suas mãozinhas suaves por todo o meu corpo.

-Você gosta? - Ela continuou tocando, correndo os dedos ao longo de seus músculos peitorais e depois para seu abdômen. Ela traçou as linhas de seu abdômen, fazendo cócegas em sua pele com as unhas. Os músculos endurecidos sob os dedos delicados.

-Mais do que gosto. - Ele não abriu os olhos, sua respiração estava irregular. -Eu amo isso.

Perdido por um, perdido por mil.

Antes que ela pudesse se deter, abaixou-se e achatou a palma da mão contra a protuberância em sua calça jeans. O esquema rígido de seu pênis a saudou, o comprimento implacável e sólido. Os olhos dele se abriram e se fixaram nos dela. Havia tanto desejo em seu olhar - tanto querer – era como se ele pudesse consumí-la do alto da cabeça até a ponta dos dedos dos pés.

-Você está brincando com fogo, - alertou-a, suas sobrancelhas juntas, sua expressão feroz.

Ela se retorceu contra ele, levantando seus quadris para que sua mão continuasse presa entre o corpo dele e o dela. -Eu pareço que estou com medo de ser queimada?

-Você deveria estar.

Houve aquele olhar de novo, como se ele realmente fosse comê-la viva.

Ele não desviou o olhar quando ele balançou contra ela, moendo seu pênis em sua mão. Ela gemeu e agarrou o comprimento dele. Com um aperto suave, ela correu os dedos para cima, até que ela sentiu a ponta em forma de cogumelo. A atenção dele baixou lentamente de seu rosto e foi para os seios dela. Ele baixou a cabeça e correu o nariz ao longo de sua clavícula. A pele dela formigava, labaredas de fogo correram do seu estômago direto para o meio de suas pernas quando ele começou a morder o caminho entre seus

seios. Seus dentes rasgando a camiseta aqui e ali ao longo do caminho.

-Você tem um cheiro incrível, Mary. Você está excitada, querida?

Ela começou a responder quando as palavras ficaram presas em sua garganta, seu pensamento racional derrotado pelos dedos que avançavam debaixo de sua camiseta. Ela engasgou quando a mão dele deslizou por baixo da cintura de suas calças de moletom e viajaram para baixo. Calor inundou suas bochechas. Estar sem calcinha nunca tinha sido tão embaraçoso - ou tão excitante. Não havia nenhuma barreira entre os dedos de Emory e sua pele. Um toque e ele descobriria exatamente o quanto ela estava excitada.

-Tão suave, - ele sussurrou e acariciou sua fenda. -Tão quente e úmida.

Seu pênis empurrou contra a mão dela, esticando em sua palma. Emory deslizou dois dedos dentro dela, empurrando profundamente. O calor se espalhou a partir de seu estômago e estendeu através de seu peito. Ela deslizou a palma da mão ao longo de seu comprimento, cronometrando o ritmo com as estocadas dos dedos dele em seu interior. Depois de alguns segundos ela abandonou seus esforços e tentou não se concentrar nos dedos provocando seu sexo. Se ele estava tocando diretamente sua pele, era justo que ela pudesse tocá-lo também.

-Mary...

-Espere, - disse ela, surpresa com o quão profunda sua voz havia soado. Ela usou as duas mãos para abrir o jeans de Emory e

empurrar o material para baixo, para que ela pudesse alcançar dentro. Ele prendeu a respiração quando ela colocou a mão entre o jeans e seu membro quente, duro, mas suave ao toque.

Ele assobiou com o contato, empurrando contra a palma da mão dela. O músculo em sua mandíbula se apertou quando ele olhou para ela. -Lembra-se o que eu disse sobre brincar com fogo?

-Sim. - Deus, ela se lembrava. Ela queria se queimar, se desintegrar, virar cinzas em seus braços. -Mostre-me.

Ele se moveu tão rapidamente que ela mal teve tempo de registrar o movimento. Seus lábios capturaram os dela, mergulhando a língua em sua boca de modo agressivo. Desta vez, quando ele enfiou os dedos dentro dela, ele usou força suficiente para levá-la em direção à cabeceira da cama. Ela chorou em seus lábios, balançando contra sua mão quando o polegar roçou seu clitóris. Isto é o que ela queria, o que havia feito com que saísse do quarto e fosse em busca de Emory. Ela estava nervosa em deixar a segurança do quarto, mas sua necessidade dele era maior.

Os dedos dele tocaram em um lugar sensível dentro dela, esfregando com movimentos precisos. Ela se contorceu debaixo dele, ansiando por mais, balançando os quadris de modo que o polegar aplicava cada vez mais pressão sobre seu inchado clitóris. Logo ela iria subir para as estrelas, perdendo toda noção de realidade.

Tudo que ele precisava fazer era continuar tocando-a assim.

-Você gosta disso? - O calor de seu fôlego acariciava os lábios dela. O que ele estava fazendo com ela era tão íntimo, que ela se

mantinha suspensa no limite. -Você é tão doce, Mary. E está tão lisa e pronta para mim.

Sim, ela estava. Foda-se, ela queria isso. Seus braços tremiam, um tremor que percorria seus membros e parecia impossível de parar. Era como se ela tivesse alguma coisa dentro dela, uma entidade que estendia a mão para Emory e pedia que ele lhe desse tudo que tivesse a oferecer.

-Por favor. - O pedido soou tão cru e tão sincero. -Por favor.

-Logo. - Seus dedos criaram um glorioso atrito dentro dela. - Você sente como isso é bom? Você pode pegar o que eu quero lhe dar?

Ela quebrou, fragmentando-se em êxtase puro. Ela esqueceu-se de continuar a acariciá-lo para trazê-lo ao clímax junto com ela. O que ela estava sentindo era tão bom que a consumiu por completo. Seu suspiro não passou os lábios pois foi capturado com a boca dele. Sua língua brincou com a dela, a ponta girando em círculos.

Emory.

Como eu consegui viver tanto tempo sem essa sensação?

Como eu consegui viver tanto tempo sem ele?

-Você é tão bonita. - Ela estremeceu com as palavras, ondulando contra os dedos hábeis que continuavam acariciando seu interior. -E tão malditamente quente.

Ela sentiu a respiração dele contra sua pele, as exalações contra sua garganta abastecendo seu clímax. Quando as ondas de prazer cessaram, ela caiu nos travesseiros. Sua mão permaneceu em seu pau duro, o calor de sua pele penetrando em sua palma.

-Eu avisei, - ele rosnou. -Eu disse que você estava brincando com fogo.

Antes que ela pudesse questioná-lo, ele puxou seu moletom. O material correu por suas coxas e desapareceu. Ela choramingou quando o ar frio roçou os lábios de sua vagina, tão frio contra sua carne sensível e aquecida. Quando Emory colocou as mãos sobre seus joelhos, ela sabia exatamente o que ele pretendia. Ele aplicou pressão suficiente para separar as coxas, deixando-a vulnerável e aberta. Ela abriu as pernas, tremendo debaixo de sua forma muito maior. Tão ansiosa quanto ela estava para sentir a boca dele contra sua pulsante vagina, ela também estava nervosa. Ela ainda era nova nessa coisa de jogos entre amantes, insegura e nervosa.

Emory se inclinou para trás, dando-lhe algum espaço. -Tire a camisa. Eu quero ver você.

A fim de fazer o que ele pediu, ela teve que soltar seu pênis, afastando os dedos daquele comprimento acetinado. Ele viu quando ela puxou a camisa para cima de seu peito e passou-a sobre a cabeça. Ela jogou a camisa no chão e ele simplesmente olhou, seus olhos vagando por seu corpo. O olhar dela também começou a passear pelo corpo dele, até que seus olhos pousaram sobre o pênis inchado. A cabeça larga saía de sua calça jeans, o restante de seu grosso comprimento esforçando-se para se libertar.

Guiada pelo instinto, ela estendeu a mão para puxar as calças dele para baixo. Ele envolveu seus dedos ao redor do pulso dela, parando seu movimento. Erguendo o olhar, ela olhou para ele. Os olhos dele permaneciam brilhantes. O tic em sua mandíbula avisava que ele estava lutando para manter o controle.

-Toque-me novamente e eu não vou durar. Eu quero levar as coisas devagar.

Ele saiu da cama e tirou a roupa, começando com suas botas e depois empurrando sua calça jeans. Cada centímetro de pele que ele revelava a fazia mais úmida, suas coxas grossas com os músculos flexionados, assim como os músculos de seus braços. Ele era a coisa mais impressionante que ela já tinha visto, todos aqueles músculos duros e sua pele bronzeada. Ela estudou a tatuagem em seu braço, observando a maneira como a imagem do lobo parecia vir à vida quando ele ficou livre de suas roupas e caminhou de volta para a cama.

Ela esperava que ele viesse sobre seu corpo, descansando em cima dela como um cobertor. Para sua surpresa, ele abaixou a cabeça em seu tornozelo. Ele lambeu a parte interna da sua perna, mordiscando o seu caminho em direção a seu joelho. As cerdas da barba por fazer causavam cócegas em sua pele e ele esfregou o queixo contra a coxa dela. No momento em que a respiração dele acariciou as dobras de seu sexo, ela se agarrou aos lençóis.

-Foda-se, - Emory rosnou, seus olhos focados nas dobras de seu sexo. -Isto é o que eu quero.

Sua língua saiu, sacudindo para trás e para frente através de seu clitóris. Ela arqueou as costas, arfando de prazer. Ele abandonou o feixe de nervos e passou a língua por baixo dos lábios molhados e inchados, mergulhando em sua fenda. Os grunhidos profundos de Emory, combinados com a ligeira penetração, quase causaram nela outro orgasmo.

Mais. Por favor, mais.

Como se ele pudesse ouvi-la, ele levantou a cabeça e deslizou seu corpo contra o dela. Seus lábios cercaram um mamilo, seus dentes raspando suavemente a pele enquanto ele chupava. Em seguida, mudou-se para o outro seio para fazer o mesmo. Ela sentiu seu duro membro pressionar contra sua coxa, deixando para trás um rastro de umidade. Lembrando a advertência dele sobre ela tocá-lo, ela intencionalmente estendeu a mão para segurar seu pênis. Se o que ele disse fosse verdade, ela estava indo provocá-lo. Ela o queria dentro dela, queria que ficassem tão unidos que chegassem a ser um só.

-Não, você não vai fazer isso. - Emory segurou as mãos dela pelos pulsos e prendeu-as sobre a cabeça dela. Ela encontrou seu olhar sensual, sem medo, quando ele se posicionou sobre ela. -Eu estou no comando, olhos de anjo. Não você.

Ela não discutiu, não quando ela sentiu a cabeça do seu pênis contra sua fenda. Ele penetrou-a superficialmente, dando mergulhos rasos com a ponta. Ela queria poder grunhir para ele. Quem precisava de sexo suave e fácil? Duro e rápido lhe convinha muito bem. Seu corpo inteiro estava em chamas e pronto para gozar. O primeiro orgasmo foi um aperitivo. Agora ela estava pronta para o prato principal.

-Pare de me provocar, - ela protestou, embora sua voz saísse rouca e ridiculamente fraca.

-Eu não estou provocando você, Mary. - Ele descansou sua testa contra a dela, seus olhos amarelo-ouro encontrando os dela. -Eu só estou construindo o calor. Você pode sentir isso? Não é bom queimar?

Com um grito suave, ela envolveu suas pernas ao redor da cintura dele e empurrou seus quadris em direção ao seu. Ele deslizou mais fundo dentro dela, sua espessura dilatando-a, o atrito e a pressão exatamente o que ela queria. Por um momento, ela se perguntou se ele iria continuar da forma lenta como havia feito até agora. Em vez disso, ele deu a ela o que ela pediu, espetando seu pênis em seu interior - uma vez, duas vezes, e uma terceira vez.

Estrelas passaram diante de seus olhos e a sala ficou fora de foco. Seus músculos tremiam, espinhos de fogo se espalharam de sua vagina através de seu corpo. Ela gozou duro, seu corpo inteiro tremendo com a liberação. Seus gritos eram altos dentro do quarto, ecoando como uma sirene em seus ouvidos. Emory sustentou as sensações, empurrando dentro dela, não mais cuidadoso ou lento, mas determinado e rápido.

Quando seu mundo parou de girar, ela olhou para Emory, chocada ao descobrir que ele ainda estava duro dentro dela. O sorriso que ele lhe deu era selvagem, como se o lobo dentro dele tivesse acabado de sair para brincar.

-É a minha vez, - ele sussurrou, lentamente balançando os quadris.

Com um suspiro, ela relaxou.

Quem diabos era ela para discutir?

Sua companheira era um diabinho, sem dúvida. Emory queria levar as coisas devagar, para desfrutar deste momento com sua companheira. O que ele não esperava era a ligação entre eles ou suas

crescentes necessidades sexuais. Agora que ela gozou pela segunda vez, ele estava indo para tomá-la exatamente como ela queria.

Ele soltou as mãos e afastou-se um pouco. Deslizando os braços sob os joelhos dela, ele inclinou-a e seu pênis a encheu completamente. Ela gemeu e fechou os olhos, arqueando para ajudar cada vez que ele bombeava dentro da sua vagina. Porra, ela era linda. Tão quente que o fez querer uivar. Suas bolas batiam nas nádegas dela, o saco sensível amortecido pelos globos macios.

A conexão entre eles estava aberta, permitindo-lhe sentir o seu desejo. Apesar de ter gozado duas vezes, ela ainda queria mais.

Ela ainda o queria.

Ele rosnou, estalando os dentes. Seus dedos se transformaram em garras, as pontas raspando sua pele enquanto ele a fodia a um ritmo constante. Olhando para baixo, ele viu seu membro entrado e saindo do interior dela, duro e brilhando por causa da umidade que revestia sua pele. Ele não estava mentindo quando disse que se ela o tocasse ela não iria durar. Quando estava tão próximo de sua companheira, tudo no que podia pensar era no quão selvagem ela poderia se tornar na cama, no quão molhada ele poderia fazê-la ficar.

Mais duro, seu lobo rosnou. Marque-a com o nosso cheiro. Advirta aos outros para ficarem o inferno longe dela.

Ele soltou uma de suas pernas e colocou os dedos sobre o clitóris, trabalhando com movimentos circulares. Mary fechou os olhos e gritou, contorcendo-se contra ele. Ele queria estar dentro dela, sentir sua vagina apertando-o como um punho enquanto ele lançava

sua semente dentro dela. Não demoraria muito, precisava apenas de mais alguns toques e o ângulo certo de seu pênis.

-É isso que você precisa? - ele perguntou, ofegante como se estivesse contendo sua própria liberação.

-Sim, - ela mal respirava. -Deus, sim.

Ele se moveu mais rápido, dentro e fora de seu corpo, os dedos puxando seu clitóris. Sua vagina apertou forte o membro dele. A base de sua espinha começou a formigar, um tiro de eletricidade correu através de seus músculos. Ele estava tão perto, balançando na borda do penhasco. O suor cobria suas costas e peito, resfriando o fogo sob sua pele. Só mais alguns segundos e ele não seria capaz de parar. Ela estava tão molhada que seus dedos facilmente friccionavam o pequeno botão na parte superior do seu sexo, esfregando freneticamente.

Goze, querida. Goze.

No instante em que ele sentiu sua buceta apertar seu pau ainda mais, e ouviu Mary gritar, ele se deixou ir. Ele jogou a cabeça para trás, gritando enquanto gozava, flutuando no prazer do clímax. Ele continuou levando-a rápido e profundo, gemendo com as ondas ao redor de seu pênis. A pressão no seu saco desapareceu, as rajadas de sua semente estavam enchendo sua companheira. Uma e outra vez ele continuou empurrando dentro dela. Um tremor o percorreu, viajando da cabeça aos dedos dos pés.

Ela o acolheu quando ele abaixou sua perna, esperando-o de braços abertos. Ele entrou em seu abraço, descansando a cabeça em seu peito. O coração dela batia contra seu ouvido, a respiração dela

estava rápida e áspera. Ambas as partes dele - o homem e o lobo - suspiraram de satisfação. A tensão causada pelos eventos do dia havia desaparecido. Ele sentiu os dedos de sua fêmea pentear seu cabelo, seu toque suave e macio.

-Isso foi bom, - ela sussurrou, soando bastante contente.

-Bom? - ele sorriu e esfregou sua bochecha contra o peito dela.

-Eu acho que posso fazer melhor que isso.

Os dedos dela pararam de se mover. -Melhor?

-Oh, sim. - Ele poderia fazer melhor – fodidamente muito melhor. Isso tinha sido apenas uma rapidinha. Ele iria fazer com que a próxima sessão durasse por horas. -Descanse enquanto pode. Tenho planos para você.

Ele ouviu a risadinha dela, o som inocente e feminino. Ele nunca desistiria do que tinha aqui. Ele destruiria qualquer um ou qualquer coisa que tentasse tirar Mary dele. Mary era a pessoa mais importante na sua vida e ela sempre seria.

Somente a morte poderia afastá-lo da mulher destinada a ser sua.

CAPÍTULO 14

-Eu vou pelos fundos enquanto você vigia a parte da frente. Se alguém sair do prédio, prenda-o, - disse Diskant para Kinsley e acenou para os membros da matilha que o acompanhavam, dizendo para que entrassem. Ele olhou para o envelhecido prédio de apartamentos, sabendo que sua companheira estava lá dentro.

-É isso aí, - respondeu Kinsley, movendo-se para trás. -Vocês ouviram o que ele disse. Sigam-me.

O restante do bando seguiu o Alfa felino, um passo atrás dele.

A parte de trás do pescoço de Diskant arrepiou. Seus sentidos estavam em alerta máximo. Não havia nenhum sinal de Trey - nem mesmo uma sugestão de seu cheiro - e Ava estava muito perto de casa, em um local que não foi difícil de encontrar. Na verdade, se ele tivesse ido direto para o supermercado onde a sequestraram, ele poderia tê-la rastreado até aqui. Ele amaldiçoou-se por não acompanhá-la, por ter enviado outra pessoa para cuidar dela, por tê-la deixado sozinha, por ela ter sentido medo durante o sequestro. Os animais mais poderosos dentro dele estavam enfurecidos - o lobo rosnava querendo vingança, o urso-pardo estendeu suas garras, a pantera mostrava os dentes.

Não aconteceria de novo.

Ele cheirou o ar enquanto se dirigia para o prédio, olhando de um lado para o outro, e pegou os cheiros de três homens. Eles tinham

estado na vizinhança recentemente, mas como o cheiro estava fraco, ele tinha certeza de que eles já haviam partido. Nada fazia sentido. Por que trazer Ava aqui apenas para abandoná-la? Por que não trazer Trey? Se os Pastores tiveram o trabalho de sequestrar os dois, porque eles não estavam juntos?

Memórias do passado voltaram a sua mente - os corpos de seus companheiros de matilha que haviam morrido meses antes, alguns deles literalmente haviam explodido em pedaços - e ele limpou o nariz antes de inalar mais uma vez. Mesmo sabendo que não seria capaz de sentir o cheiro dos componentes de uma bomba, ele resolveu tentar. Tudo o que conseguiu capturar foi o cheiro normal que impregnava o ar de Nova York, além do cheiro de uma lixeira que estava perto e o de um animal que tinha morrido nos últimos dias.

Algo estava definitivamente errado.

Ele parou os homens que o acompanhavam levantando uma mão enquanto a outra ia para a maçaneta da porta. -Fiquem aqui. Mantenham-se atentos.

Vários dos shifters rosnaram o seu descontentamento, querendo segui-lo, mas eles obedeceram ao comando. Se houvesse perigo dentro - ou pior, um dispositivo que poderia explodir todo o lugar - ele queria ter certeza de que a matilha sobreviveria. Outra perda como a que haviam sofrido poderia, não apenas enfraquecê-los, mas, possivelmente, iria forçá-los a sair e procurar outro Alfa para proteção. Sem falar que eles teriam que encontrar um novo Ômega para manter as coisas funcionando sem problemas na cidade.

Merda.

Não havia qualquer pessoa dentro do edifício, apenas as paredes com a pintura descascada, as escadas cobertas de poeira e muito lixo deixado por aqueles que haviam utilizado o local para se refugiar no passado. Ele agradeceu por ter genes shifter enquanto subia as escadas, seus passos abençoadamente silenciosos, permitindo-lhe mover-se sem ser percebido. A sensação de mal-estar continuava em seu estômago, uma voz irritante dentro de sua cabeça avisando-o que nem tudo era o que parecia.

O cheiro de Ava ficou mais forte enquanto ele continuava subindo, fazendo seu coração acelerar. Sua mulher estava em perigo e agora estava ao seu alcance. Instintos possessivos e protetores assumiram o controle, fazendo com que os dedos formigassem enquanto suas unhas cresciam como garras.

Se houvesse algum dos sequestradores com sua companheira, ele poderia se considerar morto.

Inalando profundamente, ele capturou o cheiro de Ava, esperando poder determinar se ela estava ferida. Se havia algum ferimento, era mínimo, uma vez que ele não conseguiu detectar o aroma enferrujado de sangue. Dos cheiros que ele tinha identificado mais cedo - dos homens que estiveram recentemente naquele lugar - apenas um permanecia. No entanto, esse cheiro estava desaparecendo, dizendo-lhe que as pessoas responsáveis pelo sequestro de sua companheira haviam sumido.

Com um forte chute ele conseguiu arrancar um pedaço da porta, e pela abertura que se criou ele conseguiu ver a borda de uma cama. Ele permitiu que o lobo assumisse, sentindo-o escovar o

interior de sua pele. Seus dentes cresceram, tornando-se afiados e mortais.

Com outro chute, ele derrubou totalmente a porta.

O movimento da porta fez com que uma nuvem de pó se levantasse e corresse pelo ar. Seu olhar voou para Ava, sua forma pequena descansava em um colchão sujo jogado sobre uma cama de metal. A julgar pela ferrugem que recobria a cabeceira e os pés da cama, ela havia sido abandonada ali na mesma época em que o prédio havia sido desocupado.

-Ava, - ele sussurrou e correu para ela.

Ele rosnou quando ele se ajoelhou, finalmente cheirando uma pitada de seu sangue, vendo os rasgos circulares em seu suéter. Embora não tivesse certeza, ele tinha o pressentimento de que as marcas foram causadas por ela ter levado um tiro com dardos de algum tipo. Havia também um pequeno hematoma circular no pescoço, a pele começava a cicatrizar. Ela não se mexeu quando ele acariciou o local. Felizmente seu peito subia e descia, os movimentos eram constantes e suaves. Aparentemente, o sedativo ainda estava trabalhando em seu sistema, ou seja, os Pastores haviam lhe injetado algo muito forte.

O peso que havia sobre seus ombros desapareceu. Ava estava aqui, e ela estava segura.

Obrigado Cristo.

Ele forçou suas garras a recuarem quando a rodou sobre o estômago para desamarrar as cordas que prendiam suas mãos nas

costas. Em seguida, ele levantou-a e trouxe o corpo minúsculo para junto do seu peito. -Vamos sair daqui, Pinkie.

Desta vez, ele não hesitou ou procedeu com cautela. Ele correu para a escada e desceu. Nesse momento seu alarme interno era praticamente uma sirene estridente. Algo não estava errado, estava totalmente fodido. Qualquer que fosse o plano do Pastores, não era coisa boa. Quanto mais cedo ele voltasse para a matilha, mais cedo ele poderia descobrir o que estava acontecendo. A ameaça não era visível, mas ele podia sentir a sua presença. Todos os seus sentidos estavam em alerta. A estranha sucessão de eventos foi muito bem organizada, ele estava diante de um plano muito bem elaborado.

E de alguma forma - por alguma razão que ainda desconhecia - ele, Ava e Trey eram parte disso.



Nathan desligou o celular e jogou-o sobre a mesa de Diskant. Todas as chamadas foram feitas, os Alfas que habitavam as áreas mais próximas aos Pastores foram avisados sobre suas localizações. Se as matilhas pretendiam se mover contra os seus inimigos, eles agora tinham uma informação para pegá-los de surpresa. Até que Diskant voltasse, ele tinha feito tudo o que podia como o Beta da matilha.

O som de um riso feminino flutuou para o escritório vindo de um quarto no andar de cima, lembrando a Nathan que ele não estava sozinho. Embora ele estivesse acostumado a casais emparelhados, por causa de Diskant e Ava, o acasalamento de Emory e Mary era recente

– e ele não podia ignorar que invejava o homem por ter encontrado sua fêmea destinada. Com cento e trinta anos, ele não era tão velho quanto Diskant ou Emory, mas já experimentava a necessidade de encontrar sua companheira, o desejo de encontrar a única pessoa que iria completá-lo.

Quanto tempo ele teria que esperar? Uma década? Um século?

Sua vida?

Ele esfregou as mãos sobre o rosto. Ficar pensando sobre o que ele não tinha só iria deixá-lo frustrado e mal humorado. A matilha não precisava dessa merda agora. Talvez fosse hora de aceitar a oferta de uma das fêmeas shifter de uma noite de sexo sem compromisso - sexo que saciaria sua fome bestial e lhe daria alguns meses de paz. Abaixando suas mãos, ele sorriu. Andrea tinha ficado chateada como o inferno quando Caden lhe dissera não. Ela provavelmente adoraria ter a chance de mostrar ao ser humano o que ele estava perdendo. Qual a melhor maneira de alardear sua proeza sexual do que uma noite na cama do Beta?

Um barulho indicou que a porta que dava para a garagem foi aberta. Ele virou o pescoço, esperando uma boa notícia, e seu olfato o deixou alerta. Lentamente, ele levantou-se, forçando seu lobo a permanecer em silêncio em vez de exibir um rosnado baixo de advertência. O cheiro não era familiar, mas ele sabia que o intruso - não, ele se corrigiu quando pegou dois outros cheiros – os intrusos eram humanos.

Com um movimento calmo ele abriu a gaveta da mesa contendo uma arma. Ele puxou a trava de segurança e deu a volta na mesa,

andando em direção à porta. Vozes sussurradas tornaram-se mais altas e ele ouviu passos que se aproximavam.

-Eu vou lá em cima. Fique aqui. - uma profunda voz masculina deu a ordem.

Nathan quase rosnou novamente. Mary e Emory não sabiam que tinham companhia.

Merda.

O ranger das escadas quando alguém começou a subir colocou Nathan em movimento. Emory precisava ser avisado que havia uma ameaça para sua companheira. Permanecer em silêncio até que uma oportunidade surgisse não era uma opção.

-Yooohoo, - ele disse suavemente, recebendo a atenção de dois homens ao pé da escada.

Eles se voltaram, seus corpos totalmente de frente, alvos fáceis. Dois tiros e estavam mortos, as balas perfuraram seus peitos. Embora a arma tivesse um silenciador, o som de seus corpos caindo ecoou na casa tranquila. Nathan correu para as escadas gritando, rezando para que não fosse tarde.

-Emory! Você tem companhia! Tire o seu traseiro daí!

Ele sentiu um aperto em seu ombro, deixando-o atordoado, antes de ouvir o poof da arma, obviamente, equipada com um silenciador. Ele tropeçou quando a bala passou por ele e cravou nas escadas, estilhaçando a madeira. O sangue jorrou da ferida e não parou, derramando sobre sua camisa. Ele olhou para o dano,

observando a dor que irradiava através de seu abdômem, a queimadura se espalhando através de seus músculos.

Prata. Foda-se.

Quando ele girou para olhar os Pastores que estavam caídos a seus pés, ele viu a arma apontada para ele. O homem que Nathan havia acertado com um tiro no peito não estava morto, embora não fosse demorar. Ele fez uma careta quando puxou o gatilho, deixando claro o esforço que estava fazendo, e por pouco o tiro que disparou não foi fatal.

Luzes explodiram atrás dos olhos de Nathan, cegando-o quando uma dor aguda explodiu em sua têmpora. Ele curvou-se mais com a dor, tentando manter o foco. O mundo girou, o chão girou embaixo dele. Umidade quente escorria do lado do seu rosto, sangue quente e pulsante que escorria da ferida. Ele tentou levantar a mão para avaliar os danos, ficando com raiva quando seu braço não obedeceu. As luzes começaram a enfraquecer quando a escuridão tomou conta.

Nathan teria rido se a situação não estivesse tão fodida. Ele havia sido baleado várias vezes nos últimos meses – todas elas por Pastores - ao defender as fêmeas que pertenciam a outros homens. Quando ele desabou sobre os degraus duros embaixo dele, achou irônico o fato de que há poucos minutos estivera entretido pensando em sua própria companheira e agora estava morrendo por defender a companheira de outro homem.

A vida é uma cadela e então você morre.

Ele gemeu, lutando uma batalha que não podia ganhar. Antes de mergulhar de cabeça na escuridão, ele rezou para que Emory

tivesse recebido seu aviso a tempo e fosse capaz de proteger Mary. No mínimo, se este era o fim da linha, Nathan queria a satisfação de saber que o seu sacrifício não foi em vão.

CAPÍTULO 15

Mary suspirou quando ela foi jogada ao chão, aterrissando com um baque quando o traseiro encontrou o chão duro. Emory não foi para junto dela, ficou ocupando o espaço do outro lado da cama, de frente para a porta. Ela tinha ouvido o grito furioso de Nathan, sabia que algo estava errado, mas ela não teve tempo para compreender qualquer coisa. No momento em que ele gritou, Emory tinha se afastado dela, empurrando-a da cama e para fora do colchão.

-Abaixe-se. - As palavras não passavam de grunhidos. Emory não soava como um homem, sua voz estava muito grossa. -Não importa o que aconteça, não se mova.

A porta se abriu e o coração dela caiu para seu estômago. Ela reconheceu o homem de pé na frente dela. Ele não só tinha arruinado sua vida, mas ele arruinou todas as esperanças e sonhos que um dia ela teve. Mesmo agora, ele parecia maior do que realmente era, mais monstro do que um homem. Ele ergueu a mão e apontou uma arma para Emory.

Como é que ele me encontrou? O que eu faço?

-Parece que eu cheguei na hora certa. Eu vim para resgatar minha sobrinha.- Elijah falou com aquele tom de voz que Mary odiava, calmo e sereno, mas que no fundo era apenas aparência. Ela tinha sido vítima desse tom em mais de uma ocasião, mesmo depois de ter batido nela pela primeira vez. No início, sempre que o ouvia

falar com esse tom, por alguma razão, ela se enchia de esperança de que ele estivesse mudando, que talvez ele, finalmente, tivesse compreendido que o que estava fazendo era errado, só para descobrir que ele parecia gostar de mostrar primeiro uma face boa para, então, revelar sua natureza sádica.

-Minha companheira, - Emory enfatizou a palavra, rosnando quando ele bloqueou o caminho para ela. -E ela não vai a lugar nenhum com você. Você está no meu domínio agora. As regras mudaram. Você não vai se safar por ter invadido minha casa.

Os lábios de Elijah torceram em uma careta. -Vamos ver sobre isso.

Emory correu para a porta, mas não alcançou seu destino, ficando na metade do caminho. O rugido estridente de tiros que Mary esperava não aconteceu. Em vez disso, ela ouviu dois sons abafados. Elijah puxou o gatilho duas vezes e por duas vezes acertou o corpo de Emory. Então, como se estivesse assistindo a um filme, ele ficou de joelhos e caiu de bruços. Um ruído alto atravessou o ar, zumbindo em seus ouvidos. Somente quando Elijah contornou o corpo de Emory – deitado sobre uma mancha vermelha que se espalhava pelo chão - que ela percebeu que estava gritando.

Uma camisa – uma camisa de Emory – foi jogada em seu rosto. -Levante-se e vista-se. Você deveria ter vergonha de si mesmo, compartilhando a cama com um deles como se fosse uma prostituta comum. Você deve ser grata por seus pais não estarem vivos para vê-la agora e descobrirem o que você se tornou.

Ela balançou a cabeça, querendo acordar, pensando que tinha que ser um sonho ruim. Emory não estava morto. A arma não estava

apontada para seu rosto. Ela acordaria e estaria sã e salva na cama. Pesadelos como esse eram comuns. Ela só tinha que acordar.

Droga, acorde!

-Não me faça falar de novo.

Não era um sonho. Ela olhou para a arma e, então, para o rosto de seu tio. De alguma forma ela conseguiu manipular seus dedos trêmulos e vestir a camisa de Emory. Seus pensamentos estavam uma bagunça, rodando em sua cabeça juntos com o medo e a descrença.

-Por quê? - Uma pergunta estúpida, com certeza. Por que eles faziam essas coisas?

Ela sabia a resposta, da mesma forma que soube todas as vezes quando ela tinha sido abusada e desprezada. Seus parentes acreditavam que estavam fazendo a coisa certa. Eles tentaram fazê-la acreditar nisso também, usando inclusive a força física, na esperança de enfiar essas ideias dementes em sua cabeça.

-Levante-se. Eu não quero matar você neste antro de depravação, mas eu vou. Deus me perdoe por querer enterrá-la corretamente, com um culto para encomendar sua alma. É um esforço inútil, mas você é da família, não importam os seus pecados.

-Nós precisamos fazer uma coisa primeiro, antes de partir. - Ela não soube como, mas conseguiu pensar com um pouco de clareza, e sabia que tinha que ganhar tempo. Talvez fosse porque estivesse acostumada a funcionar sob pressão, ou talvez fosse porque ela não queria deixar Emory para trás. De qualquer maneira, se ela ia morrer, seria feito do seu modo - sob seus termos.

-Não. Se você atrasar nossa partida não terei escolha a não ser puxar o gatilho.

Ele puxou o braço dela, ajudando-a quando ela se levantou. Seus olhos pousaram em Emory. Algo profundo dentro dela sabia que ele ainda não estava morto. Ela sabia se ele estivesse. Mas isso não queria dizer que ele não precisava de ajuda. Quando ela tentou ir em direção a ele, Elijah colocou o cano da arma contra a parte de trás de sua cabeça.

-Eu vou matar você, - alertou.

Ela sabia que ele faria, e ele não sentiria qualquer remorso. Aos olhos dele, ela estava perdida. Não havia redenção. Quando uma pessoa aceitava um shifter em sua vida, ou pior, em sua cama, ela perdia qualquer possibilidade de salvação. Enterrá-la após encomendar sua alma era apenas uma maneira doentia de Elijah mostrar à comunidade que estava fazendo a coisa certa, mesmo que isso significasse matar um dos membros de sua própria família.

Permanecendo firme, ela manteve o tom de voz calmo, determinada a não demonstrar medo ou fraqueza. -Você vai querer pegar o mapa antes de ir. Se continuar nas mãos deles, você está fodido.

Ela tropeçou quando ele bateu na parte traseira de sua cabeça, fazendo seu cabelo cair no rosto dela, forçando-a a seguir em frente ou cair. -Você vai me mostrar o devido respeito. Não pense que porque você dormiu com um demônio do inferno pode esquecer o que eu lhe ensinei. Agora ande.

Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas quando se afastou de Emory. Deixá-lo a fez sentir mais do que uma dor emocional, ela também sentiu dor física. Tudo dentro dela gritava para que desse a volta, para que se colocasse entre seu companheiro e o homem segurando a arma. Havia apenas uma coisa a fazer, uma maneira de retardar Elijah no andar de baixo. Nathan tinha conseguido avisá-los, então, talvez ele tivesse conseguido avisar os outros membros da matilha sobre a invasão.

Ela só tinha que ganhar mais tempo.

-O mapa deve estar no escritório no andar de baixo, - ela disse enquanto saía do quarto. -Nele estão marcadas todas as suas localizações. Vocês não estão a salvo.

-Do que você está falando? - Elijah guiou-a em direção a um conjunto de escadas, empurrando-a para ir mais rápido com a arma que agora estava pressionado contra a parte inferior das costas dela.

-Mamãe e papai o deixaram para mim, - ela sussurrou, olhando com horror para o corpo de Nathan caído no meio da escada. Alguns degraus mais abaixo havia dois homens também caídos, seus peitos cobertos de sangue. Ambos estavam mortos, mas um morreu com os olhos abertos - seu olhar dirigido a Nathan - com uma arma na mão.

-Abençoe-os, Pai. - Elijah murmurou. Ela sentiu o golpe do cano da arma em sua espinha. -Você tem trinta segundos para fazer o que eu digo. Nem mais, nem menos. Desça as escadas e vire à direita. Vamos embora.

Trinta segundos? O tio dela começou a sussurrar o Salmo 23, acreditando que estava enviando seus companheiros para o outro lado com seus melhores desejos.

Melhor falar rápido então.

-Mamãe e papai me deram um mapa com a localização de todas as comunidades de Pastores nos Estados Unidos. Incluindo a sua. - ela disse rapidamente. -Emory o pegou depois que eu cheguei.

Ele parou no meio da oração, estreitando os olhos, sua mandíbula sombreada apertando com raiva. -Você está mentindo.

-Por que eu faria isso? - Ela colocou a questão com cautela, tentando parecer inocente. -Você já está aqui. Eu vou morrer. Mentir não vai me ajudar.

-Você pode estar tentando atrasar sua morte, - disse ele, sem rodeios.

Merda. -Ou eu poderia estar tentando salvar a vida de pessoas inocentes, incluindo crianças. - Ela prendeu a respiração, esperando para ver se ele acreditaria no que ela disse.

-Leve-me até isso. - Mais uma vez ele espetou suas costas com o cano da arma. -Você vai viver por mais alguns minutos.

Dizer que ela não sabia onde estava o mapa não iria funcionar. Havia uma ponta de impaciência e preocupação na voz dele. Ele devia saber que a matilha estava retornando e ele não poderia permanecer na casa de Diskant por muito tempo. Seu estômago revirou com o pensamento. Ele estava por trás do sumiço de Ava. Elijah tinha que ser o responsável.

O que será que ele fez com ela?

Engolindo várias vezes para combater o sabor amargo da bÍlis em sua garganta, ela caminhou para a esquerda. Ela não sabia para onde estava indo, mas qualquer lugar seria melhor do que aquele para onde Elijah queria levá-la. Sair da casa era perigoso, então isso significava que a cozinha estava fora dos limites. Ela atravessou um cômodo grande, agindo como se ela soubesse para onde estava indo, quando ela viu outro quarto a sua direita. A iluminação estava fraca mas ela podia ver várias cadeiras na frente do que parecia ser uma mesa.

Um escritório? Por favor, Deus, permita que seja um escritório. Seria preciso mais do que um minuto para procurar em todas as gavetas. Se ela pudesse apenas manter seu tio distraído...

-Seu tempo está quase esgotado. Pegue o mapa. - Ela percebeu que ele não a seguiu para dentro do escritório quando deixou de sentir a pressão do cano da arma em suas costas. Então ele começou a contar. -Trinta, vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete...

Tudo o que ela podia fazer era fingir que realmente estava procurando por algo. Ela correu para um dos armários contra a parede e começou a procurar através de alguns arquivos, o tempo todo ouvindo enquanto ele contava. Quando a contagem chegou a vinte, o coração dela acelerou. Quando chegou a dez, ela pensou que poderia desmaiar. Os papéis deslizavam através de seus dedos dormentes e inúteis. Acabou. Ela ia morrer. Pelo menos ela teve a oportunidade de conhecer Emory e conhecer a sensação de ser amada.

Choque a fez levantar a cabeça. Fora da casa o som de horríveis rosnados se tornaram mais altos, como se um pit bull estivesse no meio de uma luta por sua vida. Em poucos segundos, ela ouviu os homens gritando. A estátua na parte superior de uma estante chamou sua atenção, a grande forma de vidro de um lobo com o tamanho perfeito para encaixar em sua mão. Ela a alcançou, sabendo exatamente qual seria seu último ato.

-Descanse em paz, - disse Elijah suavemente. -Deus salve a sua alma.

Ela virou-se com a estátua na mão ao mesmo tempo em que levantava o braço, e gritou quando algo bateu em seu ombro esquerdo. Ela encontrou os olhos de Elijah e jogou o objeto para ele, incapaz de fazer mais nada. Ele apontou a arma para a cabeça dela, quando Mary ouviu um baixo e ameaçador rosnado, e viu um borrão escuro atrás do homem. Ela começou a cair, mas conseguiu se segurar na estante para manter o equilíbrio, e viu quando Oscar atacou Elijah. O cão saltou sobre as costas do homem e agarrou a parte de trás do seu pescoço com sua grande mandíbula. Seu tio gritou quando ele caiu de joelhos. Oscar rosnou, mexendo a cabeça de um lado para o outro. O sangue escorria das feridas causadas pelos ferozes caninos do animal, espirrando no chão quando Elijah caiu.

O som seguinte pareceu o de uma porta sendo derrubada. Mary prendeu a respiração, na tentativa de continuar ouvindo os rosnados. Passos pesados se aproximaram e ouviu alguém amaldiçoar. O cão soltou sua presa, olhou para o lado e rosnou para alguém que Mary não conseguiu ver quem era. Desta vez não houve um som abafado. O tiro soou alto, ecoando pela casa. Oscar gritou quando ele foi atingido

no peito e caiu. Então ela ouviu a pobre criatura se lamentando miseravelmente, um som estridente e horrível.

Não, Oscar. Não. Não. Não.

Mexa-se. Alguém tem uma arma. Mexa-se.

Ela sabia que deixou um rastro de sangue quando se arrastou para detrás da mesa, mas ela não se importava. Se quem tinha atirado no cão queria pegá-la, ela não ia ser uma presa fácil. Eles teriam que encontrá-la. Ela empurrou a cadeira e se escondeu debaixo da grande estrutura, tentando não chorar ou fazer qualquer ruído. Cobrindo a boca com a mão, ela esperou, os segundos passando de modo dolorosamente lento.

-Querido Senhor! - alguém murmurou e parou perto. -Ele está muito ferido. Coloque o seu casaco em volta de seu pescoço. Temos que parar o sangramento.

-Nós temos que tirá-lo daqui, - disse outro homem. -Não há muito tempo.

-E sobre a garota? - A voz soava tensa, como se o homem estivesse levantando algo muito pesado.

Um grunhido, em seguida, o outro homem respondeu: -É melhor deixar para outro dia.

Sons de passos se afastando, depois o silêncio. Além dos rosnandos ocorrendo fora da casa, Mary não sabia o que estava acontecendo. Ela queria desesperadamente correr ao encontro de Emory para ver se ele tinha sobrevivido, mas ela estava congelada no lugar. Quando ela ouviu o som de um clic alto acompanhado por um

rosnado enfurecido, ela inclinou-se sobre os joelhos e apoiou a testa nas mãos, balançando para frente e para trás. O pânico a fez sentir náuseas, uma sensação familiar de medo correu através do seu corpo.

E se os shifters decidiram que ela não valia a pena? E se Diskant e Emory não puderam ser capazes de protegê-la como tinham prometido? Será que a matilha iria matá-la rapidamente? Ou será que eles a fariam sofrer pelas mortes que seus parentes causaram?

O barulho chegou mais perto e cada vez mais perto. Quando a porta do escritório fechou com uma forte batida, ela pulou. Seu pulso batia em seus ouvidos tão alto que ela não conseguia ouvir mais nada. Então, ela sentiu algo olhando para ela. Tudo o que podia fazer era esperar e aceitar o que lhe estava reservado, não importando o que fosse. Ela sabia que deveria ter fugido. Tudo o que ela tocava acabava destruído, envenenado por sua presença.

O baixo gemido que ela ouviu foi inesperado, assim como foi o golpe quente de uma língua contra seu braço. Ela encolheu-se no início, com muito medo de olhar, quando ela sentiu novamente o mesmo golpe quente - desta vez sobre os nós dos dedos. Ela cuidadosamente levantou a cabeça, olhando por cima de seus joelhos. Sua respiração ficou presa quando se encontrou com dois focos brilhantes de cor âmbar - olhos coloridos - olhos que ela conhecia muito bem. Ele era enorme em sua forma de lobo, muito maior do que Oscar ou qualquer outro cão. A atenção dela voou para o peito, onde ela sabia que balas o havia atingido. As feridas ainda estavam lá, o sangue escorrendo dos buracos.

-Emory?

Ele choramingou novamente, se aproximando, e ela teve sua resposta.

As lágrimas que ela até então estivera segurando começaram a derramar, turvando sua visão e fazendo seus olhos arderem. Ela estendeu a mão para ele, reconhecendo-o, mesmo sem entender como aquilo acontecia. Envolvendo seus braços ao redor do pescoço dele e pressionou o rosto. Ela não ia perguntar como ele tinha sobrevivido, ela apenas agradeceu por ter uma segunda chance. Como se sentisse o quanto ela estava angustiada, ele levantou um pouco a cabeça, o calor de sua respiração soprando no ouvido dela.

-Não vá, - ela implorou quando ele afastou-se de seu abraço, ficando totalmente fora dos braços dela. O medo e a tensão que ela sentia a deixaram um pouco tonta. -Por favor, não vá.

A resposta dele foi uma lambida rápida de seu rosto, seu nariz frio roçando contra a pele dela. Ele não foi muito longe, parando alguns metros de distância e baixando a cabeça. Ela não se assustou quando testemunhou ele mudar de forma. Na verdade, ficou preocupada porque parecia doloroso. Os ossos dele mudavam de forma a medida que sua pele ia esticando, revelando a carne bronzeada que ela estava tão ansioso para tocar. Ele pareceu encolher e esticar em certos lugares, gemendo e choramingando durante todo o processo.

Ela descansou a cabeça contra os braços e fechou os olhos, odiando ser a causa de sua dor, incapaz de vê-lo terminar.



A mudança nunca tinha sido tão malditamente difícil. Emory queria fazer de modo rápido e poupar Mary do horror de vê-lo mudar de forma, pelo menos nesse início de seu acasalamento. Ele pensou em levá-la para algum lugar especial, como o chalé que Ava tinha no Tennessee. Lá, ele e Mary fariam amor sob o sol da tarde, até esgotarem suas forças. Somente depois ele iria apresentá-la ao seu outro lado, que ansiava por ela tanto quanto o homem fazia. Infelizmente, a prata dentro de seu corpo diminuiu sua velocidade de transformação, fazendo a mudança dolorosa e constrangedora. Ele tentou abafar ao máximo seus lamentos, não querendo que ela o ouvisse. Para seu alívio, ela colocou a cabeça contra os joelhos, dando-lhe a dignidade de acabar a transformação em particular.

Ela não olhou para cima quando ele se aproximou. Seu terror saia dela em ondas, o cheiro acre de seu medo era tão forte que ele mal podia suportar. Ele já estava no limite, mais animal do que humano. Se alguma coisa podia disparar o gatilho era o estresse de sua mulher.

-Está tudo bem, querida, - ele disse baixinho e colocou a mão na parte de trás da cabeça dela. O tremor que ele sentiu sair do corpo dela e fez querer rasgar algo.

Como Elijah.

O filho da puta tinha entrado na casa de Diskant. Emory não sabia como o bastardo conseguiu a proeza. Entrar no quartel general de uma matilha era algo bastante estúpido de se fazer. Algo que as pessoas que pensam em um nível lógico nunca sequer considerariam. Saber que os Pastores estiveram aqui, e quase mataram sua companheira, mudou sua perspectiva de tantas maneiras. Ele

prometeu a Mary que se mudariam para sua própria casa, mas isso poderia levar algum tempo. Até que essa merda fosse resolvida, a matilha deveria estar constantemente em alerta. Os protocolos de segurança passariam a ser a regra, não uma exceção.

O suspiro que passou por seus lábios quando inspecionou o ombro dela o fez ranger os dentes. Ela tinha levado um tiro. Sua companheira havia levado um maldito tiro. A bala tinha atravessado, a carne estava exposta e vermelha, mas não era fatal. Por já ter passado por dois dos estágios do vínculo de sangue, ela iria curar mais rápido, mas, ainda assim, deveria estar doendo.

Outros membros da matilha deveriam estar machucados também. Era preciso avaliar a situação. Descobrir o que estava acontecendo.

-Mary, - ele tentou falar em voz baixa, preocupado que pudesse assustá-la. -Eu preciso ver como está Nathan.

A cabeça dela levantou e ela se lançou sobre ele, envolvendo os braços em volta de seu pescoço, segurando firme. -Não saia. Não é seguro.

-Eles se foram. - Mesmo que o movimento repentino dela agravasse ainda mais seus ferimentos, ele não permitiu que ela se afastasse. Logo Doc estaria de volta e iria remover as balas. Ele queria rosnar, seu lobo exigia que os inimigos pagassem com suas vidas. -Eu os vi saindo quando cheguei lá embaixo.

-Você viu? - Quando ela se afastou seus olhos estavam arregalados. -Tem certeza?

Ele tinha a fodida certeza. Se não fosse por sua profunda necessidade de encontrar Mary, ele os teria matado, um a um, deixando seu tio para o final.

Respirando fundo, ele respondeu: -Sim, eu tenho certeza. A única razão pela qual eu não os segui é que você é mais importante. Eu tinha que ver você em primeiro lugar.

Era como se um interruptor tivesse sido ligado no cérebro dela, aumentando sua sensação de medo. Mary passou as mãos sobre o peito dele, inspecionando suas feridas com dedos trementes. -E quanto a você? Como você está aqui? Eu o vi atirar em você. Eu sei que vi.

-Eu estou bem. Eu vou curar. - Ele agarrou os pulsos dela, acalmando os movimentos de suas mãos. -Mas Nathan não está.

A porta se abriu e ele ficou em pé, pronto para atacar, quando viu o rosto carrancudo de Nathan. Apesar de um corte fino em sua testa e uma grande mancha de sangue por cima do ombro, o Beta parecia bem.

-Não se preocupe comigo. - Nathan moveu a cabeça de um lado para o outro, estalando seu pescoço e fazendo uma careta. Ele levou a mão à cabeça, tocando a área ferida que tinha começado a melhorar. -Os bastardos me acertaram. Mas eu já suportei coisa pior.

-Pior? Há algo pior do que isso? O que você é, um shifters ou o super-homem? - Mary perguntou com uma risada estrangulada. O som enviou arrepios ao longo da espinha de Emory, advertindo-o que ela estava perto de perder o controle que lhe restava. Ela sofreu tanto em sua vida e, agora, teve que enfrentar toda essa situação. Não era à

toa que ela estava, finalmente, perto de perder o controle com tanta pressão.

A tensão nos nervos dele só piorou. Até que ele soubesse o que estava acontecendo do lado de fora, ele não poderia garantir a ela que aquele lugar era seguro, demoraria muito para que ela recuperasse a confiança que a porra dos parentes dela haviam destruído hoje.

-Oh merda. Oscar, - disse Nathan, sua voz carregada de tristeza enquanto se ajoelhava perto da porta. -Porra, isso vai quebrar o coração de Diskant.

Ou irritá-lo mais do que ele já estava.

Emory estendeu a mão para Mary. Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito do animal de Diskant, já falecido. O pobre cão havia partido. Ele soube no momento em que viu o buraco no peito do cão. Um shifter poderia sobreviver a um ferimento grave - até mesmo ao disparo de uma arma a queima-roupa - mas um animal normal não podia. Eles curavam muito devagar, perdiam muito sangue em segundos.

-Ele me salvou, - disse ela suavemente, sua voz pesada com novas lágrimas. -Oscar deteve Elijah.

-Então, não há número suficiente de bifes e ossos esperando por ele para onde ele foi, - ele murmurou, seu coração batendo forte dentro do peito. Ela tinha chegado tão perto de ser morta. Ele não conseguiu protegê-la.

O rugido furioso de Diskant ecoou pela casa e Emory fechou os olhos, lutando contra o desejo de seu lobo de responder ao grito de guerra do Alfa. Quando ele desceu as escadas correndo para

encontrar Mary, ele ouviu a luta que acontecia do lado de fora e soube que os outros membros da matilha haviam retornado. Sangue seria derramado – haveria uma carnificina – em retaliação pelo ataque daquele dia. A guerra estava declarada e não havia como voltar atrás.

-Deixe-me vê-lo, - Diskant soava tão devastado como Emory esperava que ele estivesse. O Ômega tinha o cachorro há vários anos, ele o recolheu quando era apenas um filhote. -Bom Deus, - Diskant sussurrou, a voz trêmula. -Sinto muito, rapaz.

Ignorando a dor de seus ferimentos, Emory levantou Mary e a embalou contra seu peito. Em vez de enfrentar a matilha, ela virou a cabeça e fechou os olhos. Ele caminhou ao redor da mesa. Os membros da matilha estavam reunidos atrás de Nathan. Emory procurou o rosto de seu irmão, esperando vê-lo mas, de alguma forma, sabendo que não faria.

-Onde está Trey?

-Ele não estava com Ava. - Diskant apareceu na sua frente, transportando Ava em seus braços. Emory não tinha certeza se o homem estava tremendo de raiva ou tristeza. -O cheiro dele não estava no prédio também. Eles o levaram para outro local. Eu sabia que algo estava errado no minuto em que a encontrei. Os filhos da puta queriam desviar a nossa atenção.

-Nós temos que encontrá-lo.

A matilha rosnou concordando, deixando claro que estavam prontos para lutar ao lado de Emory. Quanto mais tempo os Pastores ficassem com Trey, menores seriam as chances da matilha encontrá-

lo com vida. Considerando-se o que tinha acontecido, o tempo estava correndo. E estava correndo rápido.

Diskant rosnou e se virou. -Kinsley, você vai ter que convocar os bandos.

Kinsley atravessou a barreira de shifters no seu caminho. A raiva do Alfa era palpável, incitando os shifters mais próximos, eletrizando o ar. -Quais as providências?

-Eu quero pelo menos um deles aqui para que possamos procurar Trey, - disse Diskant, abaixando a cabeça e olhando para Ava. -Nós vamos ter que colocar a cidade em uma estrita vigilância até eu decidir o que fazer. Diga a todos que é melhor se mudarem para suas habitações de segurança. Eles precisam estabelecer uma escala de vigilância. Toda a área deve ser vigiada.

-Entendido, - Kinsley olhou por cima de Mary e seus lábios se apertaram. Com um movimento duro, ele abriu seu telefone e marchou.

-Todos vocês foram feridos, - Diskant não fez uma pergunta, ele fez uma declaração. -Qual é o dano?

-Nada que não cicatrize. - Emory olhou para sua companheira, irritado por ela ter sido prejudicada e por ele não ter sido capaz de protegê-la. -Doc precisa dar uma olhada no ombro dela. - Levantando a cabeça, ele apontou o queixo em direção a Nathan. -Nós também precisamos dele para remover algumas balas de prata das nossas bundas.

-As minhas passaram de raspão. Nós tivemos sorte. - Nathan esfregou suavemente sua têmpora. -Se os bastardos não fossem atiradores tão ruins, estaríamos todos mortos.

-Eles estavam com pressa por isso foram desleixados. - Emory rosnou, sentindo a profunda queimadura no peito lembrando-o da merda do tiro que tinha levado de Elijah. Se Emory não tivesse se movido quando seu instinto ordenou, dando um mergulho rápido para a direita, as balas o teriam matado. Apenas um par de centímetros e o Pastor teria acertado no coração.

-Eu não estou surpreso. - Diskant olhou para Mary, em seguida, para Emory. -Ava era o chamariz perfeito já que eles queriam uma chance de entrar na casa. Eles não teriam outra oportunidade, então, era entrar, fazer o serviço e sair.

-O que eles querem com Trey? - O grunhido de Emory fez com que Mary choramingasse. Ele baixou a voz e esfregou o queixo no topo da cabeça dela. -Ele estava apenas no lugar errado, na hora errada? Ou há algo que não sabemos?

-Pode ser que eles o tenham levado apenas como garantia no caso de um ataque nosso, - Nathan pensou, balançando a cabeça. - Não podemos assumir que eles saibam quem ele é. Como houve uma mudança de Alfa, pode ser que eles acreditem que o antigo Alfa morreu na explosão de alguns meses atrás.

Doc chegou e seguiu diretamente para Emory. -Discuta sobre isso enquanto eu atendo sua fêmea. Essa bala poderia ter feito algum dano que não estamos conscientes. Eu só saberei com certeza depois de examiná-la.

-Leve-a para o quarto de hóspedes no porão e deixe-a confortável, - disse Diskant, mudando Ava de posição em seus braços quando ela soltou um leve gemido. -Eu vou providenciar para que todos os quartos no andar de cima sejam restaurados, mas eu não os quero ocupados até que tenhamos guardas colocados em todas as escadas de incêndio. Quando os bandos chegarem, podemos começar a tentar rastrear Trey.

Os dois lados de Emory estavam em conflito. Uma metade dele queria encontrar seu irmão, a outra metade exigia que ele ficasse e cuidasse de sua companheira. Merda, isso era mais difícil do que ele pensava. Desde que Mary entrou em sua vida, nada mais era preto e branco. Tudo existia em tons de cinza.

-Mostre o caminho, - ele disse a Doc, apontando a saída do escritório.

Doc girou e começou a caminhada para o porão. Emory o seguiu, sentindo-se como se estivesse preso em areia movediça e afundando mais e mais a cada minuto que passava. Algo lhe dizia que ele não podia sair para procurar seu irmão, que era melhor deixar que os outros cuidassem desse assunto. Mas ele não podia. Trey estava vivo e ele jamais pararia de procurá-lo.

Ele não podia abandonar seu irmão.

Quando Doc entrou no quarto de hóspedes situado ao lado da área de entretenimento, Emory rapidamente caminhou até a cama, empurrando seus demônios pessoais de lado. Mary gemeu. Sua dor era evidente quando ele a abaixou para o colchão, a camiseta encharcada de sangue. Emory ficou horrorizado, experimentando uma vergonha profunda e angustiante.

Como ele poderia estar pensando em nada além de Mary quando ela estava ferida? Que tipo de companheiro ele era?

-Emory. - Mary pegou a mão dele, com os olhos cheios de dor.

-Estou aqui. - Ele tomou-lhe a mão e se ajoelhou ao lado da cama. -Eu não vou a lugar nenhum.

E ele não ia a lugar nenhum. Trey era um membro da matilha e já havia sido a porra do Alfa – o que significava que eles fariam qualquer coisa para encontrá-lo e trazê-lo de volta em segurança. Ele tinha que confiar em seus irmãos de matilha para encontrar seu irmão de sangue. Mary era muito importante. Sua vida não teria qualquer significado sem ela.

Ela apertou a mão dele quando Doc informou que teria que cortar a camiseta e saiu do quarto para pegar sua maleta. As vozes dos outros membros da matilha o tranquilizaram. Diskant tinha colocado Ava no sofá, onde ela estava recuperando lentamente a consciência. Diskant recusou-se a sair do seu lado, mas ele já estava dando ordens à matilha, dizendo-lhes quais áreas deveriam ser vasculhadas. Eles tinham esperança de que os Pastores tivessem decidido bater em retirada, com medo de permanecerem onde estavam após a revolta que haviam causado. Se fosse assim, havia uma chance de que eles deixassem Trey para trás.

Foda-se, ele queria acreditar nisso. Que os Pastores tinham partido. Que a cidade era segura para sua companheira. Que seu irmão voltaria são e salvo.

-Eu preciso lhe contar uma coisa.

Emory aproximou-se de Mary, sentando na bairrada da cama. - Eu estou ouvindo.

Ela começou a falar e parou. -Eu disse a eles sobre o mapa, - ela disse finalmente, desviando o olhar para longe dele, como se estivesse com medo de encará-lo quando ele entendesse o que ela estava dizendo. -Eu não queria, mas eu pensei que poderia ganhar tempo.

Merda. -É por isso que você estava no escritório?

-Sim, - ela sussurrou.

-Vai dar tudo certo. - Foi uma resposta automática, uma maneira de tentar consolar sua companheira, mas ele não acreditava totalmente em suas palavras. -Eu disse que não iria a lugar nenhum e isso é verdade. Mas eu preciso sair agora, antes que Doc volte, porque preciso falar com a matilha.

Ela ainda não conseguia encará-lo. -Eu entendo.

-Mary. - Ele soltou a mão dela, pegou seu queixo entre os dedos e obrigou-a a olhar para ele. Grande erro. Seus olhos estavam vermelhos e com lágrimas que desceriam a qualquer momento. -Você fez a coisa certa, - disse ele, querendo de algum modo aliviar o medo que ela estava sentindo. -Se você não os tivesse atrasado, eu não teria sido capaz de alcançá-la.

Se ela acreditava nele ou não, esse não era o melhor momento para discutir a questão. Ela não tentou impedi-lo quando ele se afastou, mas ele podia sentir o peso do olhar dela, enquanto se levantava e caminhava em direção à porta. Era preciso refazer o plano de ataque. Se Elijah sabia sobre o mapa, ele deve ter alertado os

outros Pastores e, agora, eles deveriam estar fazendo os preparativos para se mudarem. Precisavam entrar em contato novamente com as outras matilhas para quem Nathan ligou mais cedo e avisá-los para agirem imediatamente, enquanto ainda tinham alguma vantagem.

Acalme-se, nós ainda temos algum tempo. Isto é o que importa.

Pelo menos, essa era a esperança.

CAPÍTULO 16

-Lá. - Leigh se remexeu no banco da frente do Camaro de Sadie, esfregando o casaco na mão e apontando para um grande armazém do outro lado da rua. Sadie a olhou com o canto do olho. Leigh não estava mais tão pálida depois de ter tomado uma pequena quantidade de sangue de um estranho que encontraram quando saíram de casa, mas ela ainda não parecia saudável. A menina precisava se alimentar, precisava de muito mais do que os dois goles que ela se permitiu beber.

Mas esse não era o momento para pensar nisso. Foco.

Respirando fundo, ela olhou para o prédio. -Tem certeza?

-Positivo. A ligação é forte. Ele está aqui.

Sadie olhou para os homens na frente do armazém: três no total. Não seria difícil passar por eles. O problema é que não sabia quantos mais havia no interior do prédio. Certamente que devia haver mais Pastores naquele lugar, apesar de não saber ao certo quantos. Eliminar os guardas na entrada não seria problema, mas era preciso fazê-lo sem alarde. Eles não poderiam gritar e avisar aos outros que havia invasores na área.

-Você vai precisar usar um feitiço, - disse Sadie, olhando para Leigh, que estava se contorcendo desconfortavelmente. -Nós não podemos deixá-los ver os nossos verdadeiros rostos. É muito perigoso.

-Eu só fiz feitiços algumas vezes. - Leigh confessou nervosamente. -E se eu errar?

Nervosismo de principiante, nada poderia ser pior. -Você vai ficar bem. Fixe uma imagem em sua mente, se concentre no feitiço e vai funcionar. Não se preocupe.

-Fácil para você dizer. - Leigh suspirou e estendeu a mão para o quebra sol acima de sua cabeça. Uma luz se acendeu, permitindo que a vampira visse seu rosto. Diferente do que dizia a maioria das lendas, vampiros podiam ver seu reflexo. Grande porcaria. -Aqui vai.

A mudança no rosto de Leigh aconteceu de modo lento, a cor do cabelo passou de castanho para loiro. Sadie conteve um sorriso quando o nariz de Leigh mudou, seus lábios carnudos se tornaram finos e os olhos dela mudaram de azul para marrom. Quando ela terminou e olhou para Sadie, essa deu um leve sorriso ao invés de parabenizá-la. Não havia necessidade de comemorar. Leigh teria que aprender a apreciar suas habilidades e aceitá-las.

-Minha vez. - Sadie murmurou.

Anos de prática significavam que ela não precisava de um espelho. Ela evocou sua magia, imaginando-se com um rosto mais comprido, cabelos escuros e olhos castanhos. Sentiu a energia da magia correr através dela, mudando suas características. Ela soube quando o feitiço foi concluído porque deixou de sentir a magia a percorrendo.

-Tem certeza de que podemos fazer isso? - Leigh se contorcia no banco, ficando inquieta de repente.

-Absolutamente.

Leigh parou de se mover, olhou para ela e sorriu. -Então me diga o que você quer que eu faça.

Sadie ajustou as armas sob os braços, balançando a cabeça quando ela confirmou que tudo estava onde deveria estar. -Eu quero que você se aproxime deles. Aparente estar confusa e nervosa, como se estivesse perdida. Enquanto eles estão distraídos com você, eu vou por trás e os derrubo. Nós vamos ter que mover seus corpos para o beco antes de ir para dentro.

-Então o quê? - Leigh parecia animada. Quando Sadie olhou para a jovem viu que ela estava ansiosa.

Obrigado Deusa. Excitação sempre era melhor que medo.

-Eu não tenho certeza. - Esse era o problema. Ela não sabia exatamente com o que estavam lidando. -Evoque o véu da invisibilidade. Eu vou fazer o mesmo. Temos de agir em silêncio e de forma eficiente. Quanto mais tempo permanecermos dentro maior será o risco que corremos. Eu quero que você fique escondida. Se as coisas ficarem fora de controle, preciso que você retorne ao coven e diga a eles o que aconteceu.

-Você quer que eu a abandone aqui? - Leigh parecia e soava chocada.

-Eu quero que você avise ao coven. Eles precisam saber. Se alguma coisa me acontecer eles vão ter que encontrar alguém para assumir as minhas funções.

-Você está disposta a arriscar sua vida por ele?

A pergunta inocente de Leigh fez Sadie se contorcer. Vampiros não se apaixonavam por shifters. No entanto, aqui estava ela, pronta para colocar sua vida em risco. Uma vez que o coven descobrisse o que ela estava disposta a fazer, ela provavelmente iria ser renegada. Eles iriam destituí-la de suas responsabilidades e, se não a expulsassem, seria apenas porque precisariam de sua força física para protegê-los.

Isso não soava patético? O coven possuía uma magia poderosa, mas a maioria das mulheres não sabiam lutar, no máximo elas puxavam os cabelos ou davam tapas de mão aberta na tentativa de se defenderem.

Mariquinhas.

-Se for preciso, - ela confessou, as palavras soando mais suaves do que ela pretendia, espendo seus sentimentos. Surpreendentemente, ela se sentiu bem ao dizê-lo em voz alta e parar de fingir. -Eu não vou deixá-lo aqui.

-Eu entendo, - a jovem vampira abaixou a cabeça. -Eu estava apaixonada antes de ser transformada. Eu não queria abandoná-lo, mas eu não tive escolha. Se você tem a chance de ser feliz, você deve agarrá-la.

Sadie franziu a testa e olhou para a jovem frágil ao lado dela. Não admira que ela fosse tão fechada e estivesse sempre com esse olhar de tristeza. -Você nunca mencionou isso.

Leigh deu de ombros, mas Sadie percebeu que as lembranças ainda a faziam sofrer. -Ele estava fora de minhas mãos. Ficar

pensando sobre o que poderia ter acontecido não faria com que as coisas fossem diferentes.

-Eu sinto muito. - As palavras eram sinceras, mas não amenizavam a dor, Sadie sabia. Leigh estava certa. A menos que ela mudasse o humano que amava, eles nunca poderiam estar juntos. E, considerando que Leigh experimentou apenas as piores partes ao ser transformada de mortal para vampiro - a sede de sangue, o incontrolável desejo sexual e a força da magia - Sadie tinha certeza que a jovem não causaria a mesma dor em alguém que significava tanto para ela.

Leigh olhou para fora da janela, terminando a conversa com seu jeito calmo de sempre. Novamente Sadie se lembrou da maneira horrível que aconteceu a transformação da menina, sem que ela tivesse escolhido. Havia sido algo semelhante a um estupro. De fato, alguns membros do coven suspeitavam que talvez Leigh tivesse sido agredida dessa maneira, mas ela mantinha a verdade para si mesmo. Ninguém a culpava.

Sadie segurou a maçaneta da porta. -Você está pronta?

Respirando fundo, Leigh assentiu e abriu a porta.

Elas saíram do carro em silêncio. Depois que Sadie pegou sua espada e a colocou na bainha em suas costas, ela imediatamente evocou o véu da invisibilidade. O carro estava estacionado longe o suficiente para que os homens não as vissem chegando. Ela reconheceu alguns dos pastores - eram os mesmos homens que tentaram se misturar com a população do bairro, usando bonés de beisebol, calça jeans e tênis. Fazendo como ela havia instruído, Leigh se aproximou deles como uma menina aterrorizada, torcendo as mãos

e olhando de um lado para outro. Quando os homens a notaram, eles colocaram as mãos dentro de seus casacos, segurando suas armas.

Por favor, faça-os acreditarem nela, Sadie pensou consigo mesma. Tanta coisa dependia dessa abordagem.

Um dos homens se adiantou. -Pare aí mesmo.

Leigh obedeceu, seu rosto revelando seu medo. Ela encolheu os ombros, mordendo o lábio, e manteve as mãos na frente dela. Sua pequena estatura a fazia parecer quase infantil. -Eu realmente sinto muito incomodá-los. Eu esperava que vocês pudessem me ajudar.

O homem hesitou e, lentamente, tirou a mão de dentro do casaco. -Qual é o problema, senhora?

-Estou visitando a área para um projeto de pesquisa mas fiquei totalmente perdida. - Ela olhou ao redor, movendo-se cautelosamente enquanto olhava para os três homens. Ela riu, aparentando nervosismo. -Essa foi provavelmente uma coisa estúpida de dizer, certo? Eu só quero voltar para o meu hotel.

E mais fácil do que parecia, os homens compraram a história. Eles largaram suas armas e se aproximaram.

Idiotas.

-Qual hotel?

Assim que o homem fez a pergunta, Sadie apareceu atrás do que estava mais à direita. Não havia tempo para pegar sua espada. Ela teria que eliminá-los à moda antiga. Ela quebrou o pescoço do primeiro antes dele sequer saber o que o atingiu. O segundo também foi descartado rapidamente. O terceiro, percebendo que tinha sido

enganado, tentou gritar por ajuda. Sadie correu na direção dele, sabendo que se ele gritasse iria alertar os outros, quando Leigh ergueu o braço e sussurrou algo.

O poder surgiu no ar, atingindo Sadie como um soco. Ela sabia que a magia de Leigh era forte para certas coisas, como localizar alguém usando um objeto que pertencia a essa pessoa - mas ela ficou surpresa ao descobrir o quanto sua magia era forte e como ela tinha mantido isso escondido do coven.

-O que eu disser, você fará, - disse Leigh, as palavras apoiadas por forte magia. -Não fale.

O homem tentou gritar, mas nada saiu. Recuperando-se do choque, Sadie se colocou atrás dele, agarrou seu pescoço e o quebrou, rápido como um piscar de olhos. Ele caiu de bruços no chão. Ela virou-se para Leigh, imaginando que outras coisas a pequena menina estava escondendo.

-Onde você aprendeu isso?

-Boa pergunta. - Leigh se esquivou da pergunta, acenando com a mão para os homens na terra. -Não precisamos movê-los?

-Essa conversa não acabou, - disse Sadie e agarrou os braços de dois dos homens, começando a arrastá-los para o beco. -Você não pode esconder tamanho poder. O coven precisa saber.

-O coven sabe o suficiente, - retrucou Leigh, fazendo Sadie se surpreender mais uma vez, enquanto agarrava o braço do último homem. Leigh seguiu Sadie na escuridão, sem dizer mais nada, os lábios apertados. Elas jogaram os Pastores em um beco ao lado do

armazem, em uma área que estava tão escura que ninguém poderia vê-los.

Três já foram. Quantos mais haveriam?

-E agora? - Leigh tremeu e colocou os braços em torno de si mesmo. Não havia mais raiva, não havia mais ansiedade - não havia mais emoção.

Sadie estudou sua companheira, concentrando-se em sua postura. Não havia nenhum traço de desafio. Talvez Leigh não estivesse plenamente consciente do poder que ela tinha. Era a única explicação. Ela sofreu muito no ano passado, e ela deixou claro que aprender sobre os seus dons não era uma prioridade. Apesar de que poderia ler os pensamentos de Leigh se quisesse, o coven tinha uma regra rigorosa contra isso. Privacidade era algo que todos eles valorizavam e respeitavam.

-Se você quiser, pode voltar, - disse Sadie lentamente, lendo a linguagem corporal de Leigh, procurando alguma pista. A menina já tinha feito o suficiente. Ela tinha encontrado Trey, o que era mais do que Sadie poderia pedir.

-Eu estou bem. - Leigh deixou cair os braços e balançou os ombros, como se estivesse se livrando do peso da morte daqueles homens. -Diga-me o que fazer.

-Nós vamos teletransportar para a escada de incêndio no último andar, depois vamos começar a descer. Mantenha o seu véu no lugar quando chegarmos lá dentro. Eu não tenho certeza de com quantos deles nós estaremos lidando.

-Tudo bem.

Levou apenas um segundo para elas se teletransportarem para a escada de incêndio que Sadie mencionou. Sadie olhou para dentro do prédio através do vidro da janela e viu que o caminho estava livre no interior do edifício. Uma vez dentro, ela usou sua audição para filtrar os sons e se deixar guiar até Trey. Leigh apareceu ao lado dela.

-Ele está abaixo de nós, - Leigh sussurrou. -Se este lugar tem um porão, eu aposto que ele está lá.

-Então fique por perto. - Sadie puxou sua espada, certificando-se que seu véu estava sólido. -Lembre-se do que eu disse. Se as coisas complicarem, saia daqui. É sua responsabilidade avisar o coven.

-Tudo bem. - A resposta de Leigh veio por trás dela e Sadie soube o exato momento em que a vampira tinha evocado seu próprio véu. Elas estavam prontas.

Havia um par de guardas ao longo do caminho, perto das janelas. Sadie derrubou-os antes que se dessem conta do que estava acontecendo, e ficou agradecida quando Leigh os agarrou antes que seus corpos caíssem no chão. Elas seguiram descendo, andar por andar. No passado, o prédio deve ter sido utilizado como uma fábrica, talvez de roupas. Não era comum que esse tipo de armazém antigo possuísse porão, mas esse tinha.

Quando chegaram ao térreo, Sadie ouviu vozes. -Está na hora, - ela se comunicou com Leigh telepaticamente. -Lembre-se do que eu disse.

Quando virou a esquina, Sadie hesitou. Havia cinco deles, todos armados. O véu não iria se manter por muito tempo à medida

que ela começasse a gastar energia lutando contra eles. Talvez ela pudesse derrubar três antes que a vissem.

-Nós devemos voltar e pedir ajuda ao coven.- Leigh sussurrou em sua mente. -Há muitos deles.

-Nós não podemos. - Sadie queria gritar de frustração. Suas irmãs de magia jamais a ajudariam a salvar um shifter. Elas provavelmente iriam rir na cara dela. -Se acontecer alguma coisa, saia daqui, Leigh. Isso não é um pedido.

Sem outra escolha, Sadie avançou e apertou os dedos ao redor do punho de sua espada. Os dois primeiros Pastores caíram rápido, sua lâmina deslizou facilmente através da carne e ossos de seus pescoços, separando as cabeças de seus corpos. No entanto, quando os Pastores puxaram suas armas e um deles acidentalmente esbarrou nela, o véu desapareceu. Três a um? Não eram exatamente uma disputa justa, mas ela já enfrentou pior. A questão era não saber quantos mais viriam do porão. Havia um pequeno exército lá embaixo?

Preparando-se para o que estava por vir, Sadie tomou uma posição de combate para enfrentar seus adversários.

Era hora de descobrir.

Quando eles começaram a disparar, ela se moveu, confiando em seus instintos para guiá-la. Apesar de um impulso rápido para o homem mais próximo, indo direto no coração dele, ela conseguiu ouviu a saraivada de balas que vieram em sua direção. Então ela sentiu a queimação quando os projeteis atravessaram sua pele e carne e se alojaram em seu torax. Ela forçou a dor de lado, indo direto para

o próximo alvo. Outro golpe limpo e a cabeça do homem foi removida, mas, durante seu ataque, ela foi baleado novamente, e novamente.

Deusa, me ajude.

Girando nos calcanhares, ela virou. Escutou o som de passos que vinham da direção da escada que ficava atrás da porta que os homens estavam protegendo.

Trey estava lá embaixo. Esperando por ela.

Reunindo o máximo de força que podia, ela foi para seu último ataque. O sujeito era igualmente hábil em combate, batendo em seu corpo e enviando-a para o chão, fazendo com que a espada escorregasse de seus dedos. Ela cerrou o punho e deu um soco no nariz dele. O sangue jorrou, escorrendo em direção à boca dele. A sede de sangue acendeu, seu lado mais obscuro ganhando vida. Em situações normais ela nunca apelaria para seu lado vampiro, sua espada era mais que suficiente, mas na situação em que se encontrava – ela havia perdido muito sangue – não podia se dar ao luxo de ser exigente.

-Bastardo, - ela rangeu os dentes, agarrou sua camisa e o puxou em sua direção. Sem hesitar, ela cravou os dentes na garganta dele. Bebeu profundamente até que ouviu a porta ser aberta.

A cavalaria havia chegado.

Jogando o homem inconsciente de lado, ela se esforçou para ficar em pé. Ela pegou sua espada, com os dedos tremendo. Estes Pastores que chegaram estavam em seus trajes normais, impressionantes com seus chapéus Stetsons, sobretudos e botas. Ela olhou para os canos das armas dos homens apontados para ela. A dor

em seu peito só piorava, as balas estavam profundamente enterradas e ela podia senti-las se movendo cada vez que respirava. O espasmo que ela sentiu no coração não era uma boa notícia. Levar um tiro não era necessariamente uma sentença de morte. Ela sempre poderia fazer uso das piscinas de cura que seu coven tinha criado para acelerar o processo. Mas uma ferida tão perto do coração, como a que ela sabia que tinha, poderia destruí-la.

-Acabou, - pensou Leigh freneticamente. -Nós temos que ir. Você não pode fazer isso sozinha.

Talvez Leigh tivesse razão, talvez não. -Eu não tenho outra escolha.

Outra bala a atingiu direto em sua coxa. Sadie cambaleou, tentando permanecer de pé. A espada estava tão pesada - muito fodidamente pesada. Ela sabia que estava perdendo sangue. Com cada batida agonizante de seu coração, ela estava perdendo o que era essencial para a sua espécie, a mesma coisa que eles precisavam para viver.

Ele pretendia seguir adiante quando ouviu Leigh sussurrando. Aquela menina tola tinha que sair enquanto ainda podia. Um tiro acertou a outra perna de Sadie e ela caiu. O chão foi implacável quando impactou contra seu corpo, tornando mais difícil ainda respirar.

-O que eu disser, você fará, - disse Leigh suavemente. Sadie engasgou quando a magia fluiu de Leigh e bateu nela uma segunda vez, respondendo ao chamado de Leigh como um membro do coven, auxiliando-a a conduzir o feitiço que ela estava evocando. -Você não vai respirar. Você não consegue respirar.

Sadie observava, aturdida, enquanto os homens largavam suas armas e arranhavam suas gargantas. Seus olhos estavam arregalados de medo, suas boca abrindo e fechando. Mas não saía nenhum som, nem poderia sair.

Não, eles não podiam gritar porque não conseguiam tomar fôlego suficiente para formular palavras.

Bendita seja, Leigh era mais poderosa do que jamais teria imaginado. Se ela soubesse, antes de planejar essa missão, o quanto a garota era forte, as coisas poderiam ter sido muito mais fáceis.

Por que ela não me contou? Por que ela escondeu algo assim do covenant?

Os Pastores caíram no chão se contorcendo como se estivessem sufocando. Sadie começou a levantar, se apoiando em suas mãos e joelhos. Mover-se fazia com que sentisse mais que dor - era agonizante. Ela conseguiu segurar sua espada, mas precisou de várias tentativas para colocá-la em sua bainha. Ela não se preocupou em limpar o sangue da lâmina. Se a espada estivesse arruinada, ela daria um jeito de obter outra. Agora ela tinha que encontrar Trey, libertá-lo e voltar para as cavernas onde ficavam as piscinas de cura.

-Deixe-me ajudar.

Leigh colocou o braço em volta da cintura de Sadie, sustentando-a quando ela ficou em pé. Suas pernas tremiam e os tiros que levou queimavam como um filho da puta. Olhando para baixo, viu sangue cobrindo o peito. A perda de sangue era outra coisa à qual um vampiro poderia sobreviver, mas se ela perdesse muito,

poderia entrar em coma e só acordaria quando se alimentasse o suficiente para repor a quantidade de sangue perdida.

-Pode haver mais deles, - Sadie chiou, inclinando-se em Leigh e odiando-se por isso. -Não é seguro para você ir lá em baixo.

-Estou em melhor forma do que você, - respondeu Leigh, seus lábios curvando-se em um pequeno sorriso. -Você pode precisar de mim.

-Por quê? - Tantas perguntas em uma só palavra, mas Sadie sabia Leigh entenderia.

-Eu não gosto de usar a magia. - Leigh suportou todo o peso de Sadie quando começaram a descer as escadas. -Eu só quero ser normal. Usar a magia faz com que me lembre que não sou mais normal.

Como um vampiro, Leigh nunca seria normal. Ela passou por muitas mudanças. Sua vida era totalmente diferente. As peças do quebra-cabeça começaram a encaixar, permitindo que Sadie tirasse algumas conclusões. -E você está com medo de que seu poder atraia a atenção dos outros?

-E não atrairá?

Sim. Se o coven descobrisse do que a magia de Leigh era capaz, eles iriam tirar proveito de sua habilidade. Cada membro do clã tinha uma função, designada conforme os dons mágicos que ele possuía.

-Eu não vou dizer-lhes sobre Trey se você não contar a eles sobre mim. - A voz de Leigh interrompeu seus pensamentos. - Fechado?

-Fechado, - Sadie levantou a cabeça e olhou para o poderosa vampira. -Mas nós vamos conversar sobre o que você pode fazer. Você precisa de alguém para ajudá-la a entender a magia dentro de você.

Leigh assentiu e baixou os olhos, olhando para as escadas e observando seus pés. -Vai ser bom ter alguém com quem conversar.

Quando elas chegaram ao porão, Sadie ficou aliviada ao descobrir que todos os homens que estavam no prédio tinham ido para o andar de cima tentar detê-la. Ela não tinha forças para lutar contra qualquer outra pessoa. Inferno, ela não conseguia nem andar. Um par de passos e ela viu uma jaula. Trey estava lá dentro, deitado de lado. Ela teria corrido para ele se tivesse sido capaz, teria afastado as barras de prata daquela prisão atroz que o mantinha preso. Infelizmente, ela precisou da ajuda de Leigh para chegar até ele.

-Segure-se nas grades, - disse Leigh enquanto a ajudava a manter o equilíbrio. -Eu vou abrir a jaula.

Sadie se perguntou que outro truque Leigh tinha na manga e gemeu quando ela viu uma chave pendurada na parede oposta. Os Pastores eram tão inteligentes para algumas coisas, mas tão estúpidos para outras. Leigh pegou a chave, empurrou-a na fechadura e abriu a porta. Trey não se mexeu, continuou deitado no chão frio.

Leigh se ajoelhou sobre ele, tocando seu ombro. -Ele parece bem. Eu não vejo quaisquer ferimentos. Mas caramba, ele é enorme. Eu nunca vi ninguém como ele. - Ela olhou para Sadie, seu olhar indo para cima e para baixo do corpo cheio de balas. -Eu não posso carregá-lo sozinha. Ele não é apenas grande, ele deve ser pesado

também, muito grande e muito pesado para eu carregar. Você vai ter que me ajudar.

Sadie cambaleou quando ela se moveu, tentando entrar na jaula. Incapaz de ir mais adiante, ela ficou de joelhos e engatinhou na direção dele. Seus batimentos cardíacos estavam mais lentos, um aviso de que se a bala alojada em seu peito permanecesse onde estava por muito mais tempo, ela não sairia do prédio com vida.

Levantando uma mão trêmula, ela tocou o cabelo dele. Os fios eram tão macios, tão escuros contra sua pele.

-Eu não posso, - ela sussurrou, olhando para o shifter que ela queria tanto que doía. -Uma das balas atingiu o meu coração. - Levantando os olhos, ela encontrou o olhar preocupado de Leigh. - Quanta energia você tem?

-Não o suficiente para alimentar você, - Leigh confessou com um suspiro. -Eu deveria ter tomado mais sangue esta noite. Eu não imaginei que fosse precisar de uma reserva.

Sadie tocou o braço de Leigh, na tentativa de transmitir uma sensação de conforto. -Está tudo bem. Você fez o que podia. Obrigada.

-Você precisa se alimentar dele. - Leigh parecia determinada, sua postura reta, firme como aço. Ela afastou o cabelo de Trey, permitindo uma visão completa do seu pescoço. -O sangue dele é mais forte que o meu. Se você beber o quanto precisa, podemos levá-lo para o carro. Vou deixá-lo em casa e depois levo você para as piscinas de cura.

-Não é tão simples assim, - ela retrucou, seus caninos alongados e o nariz queimando, ambos atraídos pela veia pulsante de Trey. Remorso a assaltou. O tom que usara com a menina foi muito duro. Se não fosse por Leigh, Trey ainda estaria preso, os Pastores a teriam matado e quem sabe que outras coisas horríveis teriam acontecido.

-Por que não? - Leigh inclinou a cabeça para o lado, falando em voz baixa. -Ele é seu e você é dele. Você estava disposta a morrer por ele. Qual a pior coisa que poderia acontecer além disso?

A fome de sangue?

Deusa, o pensamento aumentou sua dor. Essa era uma das três formas que um vampiro poderia morrer - a forma mais dolorosa que se possa imaginar. E isso só acontecia quando um vampiro era estúpido o suficiente para acasalar com um shifter. Seu corpo iria enfraquecer lentamente, fazendo com que a aparência frágil de Leigh se visse bastante bem comparada a como ela estaria. Ela morreria lentamente, de dentro para fora, até que não houvesse mais vida. A maioria dos vampiros enlouquecia antes de morrer, a sede de sangue transformava-os em criaturas irracionais.

-Você vai morrer de qualquer forma. - Leigh informou secamente. -Você está muito fraca para me ajudar a tirá-lo daqui. Se você não beber dele, nada que você tenha feito terá sido válido. Pode ser que ele consiga escapar, pode ser que não. Não sabemos se mais Pastores aparecerão. Você realmente quer deixá-lo aqui, sem proteção? Você quer correr o risco?

-Maldita seja, Leigh. - Seus olhos ardiam com lágrimas. -Não. É. Tão. Simples.

Trey havia deixado claro que ele detestava o que ela era. Um vampiro, um parasita. Sim, ele provavelmente iria transar com ela e deixá-la beber dele, mas não haveria emoção. Nenhum amor para sustentá-los. Ela estava totalmente condenada, presa entre a cruz e a espada.

-Então eu vou torná-lo simples.

Leigh esticou a mão na direção das costas de Sadie e tirou a espada. Antes que Sadie pudesse argumentar, Leigh pressionou a lâmina contra a garganta de Trey. Foi um corte fino, mas o sangue fluiu de sua pele. A fome de Sadie bateu forte nela. Seu corpo precisava de sangue – na verdade ele exigia – e esse era o homem cujo gosto ela desejava provar a muito tempo e com quem ela tinha sonhos molhados.

-Beba, - Leigh pediu. -Pegue o que você precisa para que possamos ir.

Sadie tentou lutar para conter a luxúria furiosa correndo por ela. O cheiro de Trey era delicioso, um cheiro amadeirado que chamava por ela. Em seu estado atual, ela temia tomar muito. Felizmente Trey não era humano. Ele recuperaria o sangue que ela tirara dele em apenas um dia, só teria que descansar algumas horas. Ela poderia beber o suficiente, não apenas para se curar, mas para levá-lo para casa em segurança. Talvez houvesse algo que o coven pudesse fazer para ajudá-la, para fazer a fome de sangue menos dolorosa. Talvez seu destino não fosse apenas desgraça e tristeza.

Pare de pensar ou você não será capaz de fazer isso.

Resignada com seu destino, ela abaixou a cabeça e lambeu a língua sobre a pele dele, limpando o fluido vermelho que havia subido para a superfície. Ela não conseguiu suprimir um gemido de prazer. Salgado e masculino, o sangue dele não era um chamado, era um coro celestial. Ela não queria demonstrar seu prazer na frente de Leigh, mas ela podia sentir uma onda de umidade entre suas pernas e seu ventre convulsionar.

Será que ela gozaria quando realmente provasse o gosto dele? Será que ela algum dia iria se alimentar de Trey como ela fantasiou? Suas presas pulsavam, seu estômago apertava pela necessidade. Orando à Deusa para que ela não fizesse papel de tola, ela abriu a boca e desceu em direção à jugular de Trey.

Com um pop suave, seus dentes se afundaram na carne quente. O sangue dele - quente, picante e doce - entrou em sua boca. Ele gemeu em êxtase, mesmo inconsciente ele sentiu a luxúria que a mordida dela provocava, embora ele não estivesse plenamente consciente do que estava acontecendo. O primeiro gole foi o mais divino, espalhando-se através dela como um incêndio florestal, enviando uma descarga elétrica por sua coluna vertebral. Sua fraqueza começou a desaparecer, sendo substituída por sua força habitual. Um mortal nunca poderia ter esse efeito sobre ela, nem qualquer outra criatura poderia. O sangue dele devolvendo a vida ao corpo dela era tão bom, tão certo.

Não havia nenhuma preocupação para o futuro.

Havia apenas o aqui. O agora.

Apenas Trey.

CAPÍTULO 17

-Fodidos Pastores. - Nathan resmungou enquanto inspecionava sua cabeça. A pele estava formigando, sinal de que a cura estava a caminho. Seus dedos correram ao longo da cicatriz, não era muito profunda, no entanto, era de assustar. Só mais alguns centímetros e ele teria sido um caso perdido. Ele teve muita sorte.

Afastando-se do espelho do banheiro, ele apagou a luz. Os membros da matilha que não estavam fora procurando por Trey tinham se espalhado por toda a casa, alguns deles cuidando da segurança do lado de fora. Alguns membros de um bando tinha chegado mais cedo e permaneceram na cozinha, prontos para auxiliarem nas buscas se fosse necessário. A princípio os felinos não queriam ajudar, mas Kinsley não era o tipo que aceitava um não como resposta. Um comportamento típico para os gatos, pelo que Nathan já havia percebido. Ao contrário dos lobos, que viviam juntos, shifters felinos preferiam preservar sua independência e privacidade.

Malditos bichanos.

Ele saiu do banheiro, procurando ser o mais silencioso possível, e viu quando Emory entrou no quarto onde Mary estava descansando. Nathan passou a mão em seu rosto. A companheira de Emory estava dormindo graças à ajuda de um sedativo que Doc insistiu para que ela tomasse. Ela estava tentando esconder o que realmente sentia, mas todos podiam farejar seu medo e sua dor. Tendo nascido e crescido em uma matilha onde todos se amavam e se respeitavam,

Nathan não compreendia como um membro da família podia ser capaz de trair e tentar matar um dos seus. Mas a família dela não demonstrava qualquer remorso e continuava considerando os shifters como demônios.

Malditos Pastores.

Quando ele passou pela sala de entretenimento, ele olhou para Diskant. Ava estava em seus braços, coberta por um ededrom. Os membros da matilha ocupavam todos os assentos vazios na sala e estavam em silêncio, embora alguns acenassem para ele quando o viram e outros apenas olharam em sua direção. Depois de toda a emoção daquele dia, e de contar o que se lembrava sobre seu sequestro, a aparência de Ava indicava que ela havia conseguido dormir.

Todos, ao que parecia, estavam com os nervos à flor da pele.

Ele precisava de um pouco de ar fresco.

Ele saiu pela garagem e foi para a área pavimentada na lateral do antigo quartel de bombeiros que agora era uma casa. Finalmente sozinho, ele fechou os olhos e ergueu o queixo, respirando fundo.

As matilhas que partiram para atacar as comunidades onde os Pastores viviam entrariam em contato, avisando-os de sua vitória ou derrota. Pouco tempo depois de terem sido informados sobre o sequestro de Ava e do ataque à casa de Diskant, os demais Alfas lançaram uma ofensiva em todo os Estados Unidos. Se eles tivessem êxito com o que haviam planejado, os Pastores teriam de deixar Nova York. O ataque dos shifters iria devastá-los. Os que conseguissem escapar teriam de se reagrupar e encontrar um lugar seguro para se

esconderem. Isso, por sua vez, daria a Diskant mais tempo para se preparar caso eles decidissem voltar algum dia.

Uma brisa fresca deslizou em seu rosto. O amanhecer viria em menos de uma hora, acordando o mundo. Por mais que os Pastores tentassem destruir os shifters, eles nunca teriam sucesso pois os shifters sempre iriam se reerguer, assim como era certo que sempre haveria um amanhecer. O nascer do sol era um lembrete de que a vida não parava por mais que houvesse mortes, ela continuava seguindo, só que com jogadores diferentes.

Ele deu um passo e depois outro, outro. Ele não tinha certeza de onde estava indo. Ele só continuou andando, acenando quando via um guarda ao longe, andando sem rumo enquanto passeava de um lado para o outro. O ronronar de um motor chamou sua atenção. Quando ele levantou a cabeça, viu um Camaro negro descendo pela rua. O veículo diminuía a velocidade à medida que se aproximava, as janelas escuras tornavam impossível ver quem estava dentro. Ele parou de andar ao mesmo tempo em que o veículo parou ao lado do meio-fio, seus instintos protetores em alerta, seu lobo totalmente desperto.

O motor do carro continuava funcionando. A porta do lado do motorista se abriu e uma mulher de aparência frágil, com longos cabelos castanhos, saiu. Algo dentro de Nathan balançou, criando uma agitação em seu peito. Ela abriu a porta do lado do passageiro e entrou no carro. Quando ela reapareceu, estava ajudando um homem a sair.

Putá merda!

Trey!

Ele correu em direção ao carro antes mesmo de perceber que estava se movendo. Trey estava cambaleando, sua cabeça caída para o lado, apoiada no peito da mulher. A mulher conseguiu mantê-lo de pé, embora começasse a dar sinais que fraquejava embaixo do corpo muito maior que o seu. Antes que ela caísse junto com ele, Nathan o pegou.

-Sadie? - A fala de Trey estava arrastada, como se estivesse bêbado.

A fêmea tinha fechado a porta do passageiro e começou a correr para o lado do motorista quando Nathan saltou e agarrou seu antebraço. Um simples toque, pele contra pele, e o lobo dele saltou para a frente, muito vivo e consciente. Seu coração disparou, o sangue em suas veias corria desenfreado. Mais cedo ele havia rezado para que esse dia chegasse, ele desejou com tanta força e, aparentemente, alguém achou por bem atender o seu pedido.

-O que você está fazendo? - A morena segurou a respiração, seus lindos olhos azuis assustados, como se ela sentisse a conexão entre eles também. Ela se afastou, tentando puxar seu braço. -Solte-me!

Ela era louca se achava que iria fugir. De jeito nenhum. Não quando ele finalmente a encontrou. Ele recebeu uma segunda chance – uma oportunidade para transformar sua quase curta vida - ele não iria desperdiçá-la. Primeiro ele tinha que saber o nome dela, saber a identidade da mulher destinada a se tornar sua companheira. E ela era sua companheira. Ele tinha ouvido os rumores, a forma como os machos se sentiam quando encontravam a fêmea destinada para ele. A sensação era diferente de tudo que havia sentido antes, uma coisa

imediate e inabalável. Os músculos de seu corpo ficavam tensos, seu pau ficava tão duro como um barra de ferro. O cheiro dela era como nenhum outro, chamando-o em um nível primitivo, trazendo seu lobo para a vida.

-Quem é você?

Ela olhou para a mão dele, tentando libertar-se. -Isso não é da sua conta.

-Eu não vou deixar você ir até me dizer. - Ele segurava Trey pendurado em seu outro braço enquanto mantinha um aperto firme no pulso dela. Sua pele era suave, seus ossos pequenos e delicados.

-Depressa, Leigh. - uma voz feminina chamou de dentro do carro. -Precisamos ir. Eu não posso esperar mais.

Ele se inclinou sobre o carro e olhou para dentro, surpreendendo-se com o que viu . Era a vampira que tinha salvado Ava quando os Pastores atacaram o Dougan Bar. Ela tinha salvado a companheira do seu Ômega colocando sua própria vida em perigo. Só que ela não parecia tão intimidadora ou letal como ele se lembrava. Sua pele estava muito pálida e ela estava sangrando por todo o lugar. O assento de couro preto estava manchado de vermelho.

-Eu tenho que ir. - Leigh estava implorando, girando o pulso preso na mão dele.

-Onde você a está levando? - Ele tinha que saber. Se ele permitisse que sua fêmea partisse - se ele pudesse encontrar forças para fazê-lo - ele tinha que saber onde encontrá-la. Seu lobo sentiu-se traído e gritou, lutando pelo controle. Nathan precisou utilizar seus

dons de Beta para combater a raiva do animal e acalmá-lo. Ele sabia que suas íris estavam mudando de cor, tornando-se douradas.

O rosto de Leigh empalideceu ainda mais quando ela olhou para ele. Foi então que ele soube que ela não estava familiarizada com a forma como os shifters lobos se comportavam, como eles mudavam fisicamente quando seus animais assumiam o controle.

-Eu não posso lhe dizer isso.

-Se você quer ir embora... - ele disse em voz baixa, -...você vai ter que me dizer.

-Você não entende. Não há tempo para isso. Sadie pediu minha ajuda para encontrá-lo, - ela olhou para o outro braço dele - para Trey - mostrando uma incrível quantidade de coragem. -Nós conseguimos libertá-lo, mas ela foi ferida. É uma ferida mortal se não tratada. Eu tenho que ir. Ela só vai buscar a cura depois de ter certeza que eu estou em um lugar seguro. - Olhando Nathan diretamente nos olhos, ela praticamente implorou para que ele a deixasse ir antes que algo horrível acontecesse. -Nós o salvamos, trouxemos ele de volta. Fizemos-lhe um favor. É sua vez de retribuir.

-Leigh, - ele murmurou, inalando seu perfume.

Ela era tão doce, tão linda que ele não conseguia desviar os olhos dela. Ele queria fazer perguntas, saber quem e o que ela era. Sadie era um vampiro, por isso, havia grandes chances de Leigh também ser vampiro. Embora a maioria dos shifters os odiassem porque eram bebedores de sangue, ele sentiu seu pau pulsar com o pensamento, imaginando os dentes dela afundando em sua pele. Ele queria que ela o mordesse - uma e outra vez.

Ela parecia realmente aflita quando olhou por cima do ombro para o carro. -Agora que você sabe o meu nome, por favor, posso ir?

-Só se você prometer voltar. Eu quero a sua palavra.

Os olhos azuis dela se arregalaram e sua pequena boca caiu aberta. -Você quer o quê?

-Eu quero que você prometa que vai voltar. Assim poderemos terminar esta conversa. - Ele não podia acreditar que ele ia deixá-la partir. Algo lhe dizia para não fazê-lo, que era um erro. Mas a voz mais forte – sua consciência humana – sabia que ela iria odiá-lo se ele deixasse sua amiga morrer. -Dê-me sua palavra, Leigh.

-Eu não posso fazer isso! - Ela não tentou se afastar agora, ela puxou o braço dela com força. Ele franziu o cenho para o quão fraca ela era. Se ela fosse um vampiro, ela teria, no mínimo, conseguido afrouxar o aperto dele.

-Você pode e vai. - Ele não a soltaria até que ela promettesse. Não havia nenhuma garantia de que ela voltaria, mas a julgar por suas ações, empenhar a palavra significava muito para ela. Provavelmente ela não iria quebrar uma promessa. Pelo menos, ele esperava que ela não fizesse.

Ela parou de lutar e pareceu estar pensando a respeito. -Ok, tudo bem, - disse ela depois de um momento, balançando a cabeça. - Eu prometo retornar dentro de ... três meses. Tudo bem? Você tem a minha palavra.

Três meses? Ela era louca?

-Isso não vai funcionar, diabinha. - Ele balançou a cabeça, sentindo um sorriso puxando seus lábios. Sim, ele definitivamente estava acasalado. Quando grandes machos começavam a usar palavras doces e carinhosas sem se envergonharem de fazê-lo, eles estavam perdidos.

-Você não deu um prazo. Você me pediu para voltar em uma data posterior. - Ela se ergueu, encarando-o, desafiando-o a dizer que não era verdade. -Eu já fiz isso. Eu dei a minha palavra. Deixe ir. Agora.

Ele abriu a boca para argumentar quando Trey escorregou, forçando-o a soltar o pequeno pulso feminino. A agonia de ser baleado foi nada em comparação com a miséria que sentiu quando ele a soltou, perdendo o contato com a pele delicada. Ele passou os braços em volta da cintura de Trey, forçando o homem a ficar de pé.

-Obrigada, - ela murmurou e correu para o carro.

-Três meses, - ele gritou, o coração disparado, o lobo dentro dele exigindo que ele a capturasse de volta. -Se você me fizer esperar mais que isso, eu vou encontrá-la e amaciar a sua bunda.

-Três meses, - ela repetiu, gritando as palavras de volta. Ela olhou para ele enquanto entrava no veículo. -E você não ousaria.

Depois que ela fechou a porta, ele ouviu as travas serem acionadas. Girando para o banco de trás, Leigh encarou a mulher que estava deitada e fez um gesto com as mãos. Em um flash, a vampira amiga de Leigh desapareceu. Ela estava lá e, um segundo depois, ela sumiu.

Puta merda.

Ele observou enquanto Leigh colocava o carro em marcha. Com as mãos no volante, ela virou a cabeça. Seus olhares se encontraram e ficaram se encarando por alguns segundos. Ele imaginou todas as coisas que pretendia dizer e fazer com ela. Todas as formas que ele lhe daria prazer. Se a pele dela era muito pálida, eles seriam um contraste de cores. As imagens foram interrompidas quando Leigh desviou seu olhar, afastou o carro do meio-fio e partiu.

Alguns membros da matilha apareceram no canto oposto do prédio, levantando suas narinas e inalando. Estreitando os olhos, os outros shifters correram em sua direção. Zach foi o primeiro a alcançá-los e envolveu um dos braços de Trey ao redor de seu pescoço. Depois que Trey estava firme, Zach correu na direção da garagem. Era evidente que Trey tinha sido ferido e que algo estava errado com ele, mas Nathan não podia se mover, permanecendo ancorado no lugar.

Finalmente aconteceu. Ele tinha encontrado sua companheira. A imagem dela estava gravada em seu cérebro: sua aparência tão delicada, seu corpo tão frágil. Por que ela estava tão magra? Ela estava doente? Havia algo de errado com ela? Ele não sabia, mas ele pretendia descobrir.

Três malditos meses.

Três meses era muito tempo para esperar. Ele conhecia o cheiro dela, ele tinha memorizado. Quando seus dons não fossem mais tão necessários à matilha, ele iria começar a procurar na cidade. Uma missão tola, ele sabia. Ela poderia muito bem residir fora da cidade, até mesmo em outro estado. De qualquer forma, se não desse

resultado, ao menos ajudaria a passar o tempo até que eles se reencontrassem.

-Leigh, - ele murmurou, sentindo como a pronúncia do nome vibrava em sua língua, imediatamente querendo dizê-lo novamente. Tinha sido um inferno de uma noite, por isso ele achava que era bastante justo que as coisas comesçassem a melhorar. Pedi e recebereis. Uma companheira - sua companheira - havia aparecido em sua vida no momento em que seu mundo parecia que estava desmoronando. Quem teria imaginado que algo assim fosse possível?

Certamente, não ele.

CAPÍTULO 18

Emory ficou observando Mary enquanto ela dormia, encantado com a tranquilidade de seu rosto. Foi-se o medo e a ansiedade, sendo substituídos pelo mundo dos sonhos. Ele queria permanecer ao seu lado, mas ele tinha outras coisas para se preocupar - outras pessoas com quem se preocupar.

Trey estava de volta, mas seu irmão estava confuso e desorientado. Desde que recobrou totalmente a consciência, seu irmão vinha agindo de modo muito mal-humorado. Curiosamente, Nathan estava agindo da mesma forma. O Beta se recusou a dar detalhes sobre como seu irmão reapareceu, dizendo apenas que uma mulher desconhecida deixou Trey na entrada da casa e, imediatamente, partiu. Nenhum dos dois homens queria falar sobre o que realmente aconteceu, esquivando-se das perguntas com respostas vagas, o que significava que ambos tinham algo a esconder. Diskant havia convocado uma reunião e todos esperavam que o Alfa e Ômega da matilha usasse sua autoridade para conseguir as respostas que eles julgavam importantes. Emory podia ouvir a matilha falando baixinho no andar de cima, esperando a reunião começar. Ele virou a mão e deslizou os dedos sobre a bochecha de Mary. Ela não se mexeu, apenas continuou respirando lenta e uniformemente.

Ele se levantou da cadeira e caminhou até a porta. Antes de sair, escreveu um bilhete, para o caso dela acordar antes dele voltar. Como a segunda etapa do vínculo de sangue havia sido concluída, ele

seria capaz de sentir se ela acordasse e ficasse assustada por estar sozinha. Ele tinha esperança de que ela soubesse que estava segura e confiasse que a promessa que ele fez de mantê-la a salvo não eram apenas palavras ditas para que ela se acalmasse. Se não, ele teria que encontrar alguma maneira de convencê-la de que o que havia ocorrido horas antes nunca aconteceria novamente.

Era melhor Diskant ter descoberto um modo de consertar essa merda.

Quando ele subiu as escadas, se deparou com vários membros da matilha diante dele. Muitos dos homens tinham trazido suas companheiras, e algumas das mulheres estavam com crianças pequenas em seus braços. Emory abriu caminho através deles até que conseguiu enxergar Diskant e Ava em pé no centro da cozinha. Eles estavam cercados pelos shifters. Trey estava ao lado do casal e parecia malditamente mais calmo. Kinsley estava logo atrás de Diskant, seu olhar esmeralda correndo sobre todos que estavam na sala.

No momento que Diskant percebeu a presença de Emory, ele começou a falar. -Vamos começar. Eu gostaria de agradecer a todos por terem vindo. Eu sei que muita coisa aconteceu nos últimos meses e eu aprecio o apoio que vocês me deram. Eu fiz o meu melhor para o bem da matilha, mesmo que os fatos recentes dizem o contrário.

Diskant abaixou a cabeça e respirou fundo antes de erguer o queixo e olhar a cada shifter ao seu redor. -Infelizmente, depois de pensar muito sobre o assunto, percebo que ser seu Alfa poderia potencialmente causar mais mal do que bem. É muito perigoso ter um líder que é, ao mesmo tempo, Alfa e Ômega, especialmente agora que

os Pastores se tornaram uma ameaça terrível. Se alguma coisa me acontecer, os machos lutariam pela liderança, e nosso inimigo se aproveitaria disso para nos destruir, um por um. Por essa razão, decidi renunciar.

Sussurros alarmados ecoaram pelo corredor. Ava olhou para Diskant, tocou em seu braço e lhe ofereceu um sorriso tímido. Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios para um beijo rápido. Quando ele a soltou, ela se aproximou, ficando ao lado dele. Ele moveu o braço para circular a cintura dela, mas seu olhar continuava preso nos shifters, não em sua companheira.

-Informo a todos que tenho a honra de restabelecer o status de Alfa da matilha para Trey Veznor, - disse Diskant. -A partir de agora.

-O quê? - Trey estalou e baixou os braços que estavam cruzados sobre o peito.

-Esta é sua matilha, - explicou Diskant. -Sempre foi. Quando assumi o cargo, eu nunca quis que isso fosse permanente. Eu sabia que você, mais cedo ou mais tarde, conseguiria reorganizar sua mente. Minha posição era apenas temporária.

Emory sabia que Trey queria dizer alguma coisa – talvez recusar a autoridade que lhe era devolvida – mas seu irmão permaneceu calado. Diskant tinha acabado de honrá-lo e homenageá-lo de uma forma grandiosa. Ao devolver sua autoridade, Diskant tinha efetivamente mostrado a todos os shifters na sala que ele confiava em Trey com a vida dele e a de sua companheira Ava. Recusar o que Diskant lhe oferecia causaria discórdia entre os membros da matilha e, provavelmente, haveria mais derramamento de sangue quando os machos comessem a fazer fila para lutar pela posição de Alfa.

-Fazer excursões em busca das comunidades onde vivem os Pastores não é mais uma opção, - acrescentou Diskant calmamente. - A matilha precisa de você aqui. Precisamos de você aqui. Uma vez que eu terminar de explicar as razões de minha decisão, você vai entender. Mas primeiro eu preciso saber se você aceita. Você vai assumir a matilha? Você vai guiá-los e torná-los a sua primeira prioridade acima de tudo?

Trey abriu a boca, seus olhos mudando de cor, tornando-se dourados. Por um momento Emory sentiu um lampejo de raiva - bem como outra emoção que não podia descrever - irradiando do homem. Era como se seu irmão estivesse atordoado e trancado nas garras de algum tipo de dor. Os shifters ao seu redor começaram a rosnar, agitados pela resposta do Alfa. Então Emory viu Nathan. O Beta caminhou através da cozinha e tomou seu lugar ao lado de Trey, colocando a mão no ombro dele.

-Lide com sua merda pessoal mais tarde, - Nathan sussurrou. - Não estrague tudo.

A tensão no ar evaporou e os olhos de Trey retornaram a sua cor normal. Ele olhou para Diskant e deu-lhe um aceno lento. -Eu aceito, - ele respondeu com a voz rouca, como se ele tivesse atravessado o deserto e precisasse desesperadamente de um copo de água.

Lentamente, os shifters se acalmaram. Em seguida, eles começaram a andar, empurrando Diskant e Ava para o lado enquanto parabenizavam Trey pela sua volta à liderança da matilha, dando-lhe palavras de encorajamento e sorrisos aliviados. Emory franziu o cenho enquanto observava, notando a maneira como os ombros de

Trey afundavam e seus olhos perdiam o brilho. Embora Trey respondesse de modo agradável a cada pessoa que se aproximava, Emory poderia dizer que seu coração não estava feliz. Este deveria ser um momento de celebração, de felicidade. Então, por que Trey se sentia como se o mundo ao seu redor estivesse ruindo e se transformando em cinzas?

Diskant relaxou e apertou o braço que estava em volta da cintura de Ava. -Se você não se importa... - disse Diskant para Trey, - ...eu gostaria de continuar.

-Já que você pediu tão bem, eu vou permitir isso. Mas quando terminar, você e eu vamos ter uma conversinha. Diga a Ava que não espere. Nossa conversa vai demorar. - Trey soou tão confiante como sempre fez, como se ele nunca tivesse deixado de ser o Alfa da matilha.

Diskant sorriu. -Eu meio que já esperava por isso.

-Escutem, - Trey gritou. -O Ômega não acabou de falar.

-Devido aos recentes acontecimentos, eu decidi que não é mais seguro permanecer morando na cidade, - disse Diskant, os olhos encarando os shifters que o observavam. -Eu já adquiri uma propriedade que não fica muito longe e vou me mudar nos próximos dias.

-Você vai nos deixar aqui para limpar sua bagunça? - um membro da matilha rosnou.

-Eu vou continuar fazendo o meu trabalho, mas eu não posso arriscar a segurança da minha companheira. - Emory podia ver que Diskant estava tentando manter a calma, mesmo que seus olhos

brilhassem dourado de raiva. -Minha prioridade é com a segurança e o bem-estar dela.

-Então é por isso que ele deixou o cargo, - alguém murmurou.

Diskant começou a dar um passo para a frente, com os punhos fechados, quando um homem e sua mulher, que segurava uma criança no colo, colocou-se na sua frente. -E quanto a nós? O que quer que façamos?

A raiva deixou o Ômega enquanto olhava para a família. -Eu gostaria de sugerir que vocês também saíssem da cidade.

-É tudo o que você pode oferecer? - o homem falou mas não fez contato direto com os olhos de Diskant, tentando ser o mais respeitoso possível.

-Eu ainda sou o Ômega da cidade. Isso não mudou. Estou me mudando, não abandonando vocês. E eu também vou levar um casal da matilha comigo, se eles aceitarem o conviter.- Diskant olhou para Emory. -Ava e sua mulher se tornaram boas amigas. Ela quer que você e Mary venham morar conosco. A casa é mais do que suficientemente grande e a propriedade é segura. Sua companheira estará a salvo.

Emory foi tomado de surpresa pela oferta. Dois machos Alfa sob o mesmo teto? Será que eles não iriam se matar? Talvez Diskant não tivesse revelado tudo sobre a decisão que havia tomado. Emory não acreditava que ele faria tal oferta sem considerar suas naturezas. Ou talvez Ava realmente quisesse Mary por perto. Todo mundo sabia que as fêmeas shifters nunca tentaram ser amigas dela. Apesar de ser a companheira de Diskant, ela ainda era humana.

Emory olhou para Ava, que era tão pequena comparada a seu companheiro. Quando ela viu que ele a observava, ela começou a se remexer. O jeito que ela baixou a mão e a colocou sobre seu abdômen liso disse-lhe tudo o que ele precisava saber.

Oh inferno.

-Você está certo. Minha companheira me disse esta manhã. - Diskant puxou Ava para mais perto. -Esse é o meu anúncio final. A matilha vai continuar a crescer e prosperar. Em poucos meses, minha companheira e eu daremos nossa contribuição para aumentar a matilha. Ava está grávida.

Mais rumores se ouviram, desta vez animados. Os homens e mulheres cercaram Diskant e Ava e começaram a felicitá-los. Um nascimento na matilha sempre era recebido com grande felicidade. Ava corou quando as mulheres começaram a demonstrar preocupação com ela - algo que Emory tinha certeza nunca havia acontecido antes. Mas agora ela estava carregando uma criança shifter, e os corações gelados das mulheres da matilha pareciam que estavam derretendo. Mas onde é que isso deixava Mary? Ela ainda precisava de apoio e compreensão.

-Se Mary concordar, eu vou aceitar de bom grado a sua oferta, - Emory falou para a multidão e encontrou o olhar de Diskant.

Ava empurrou de lado as mulheres e correu para Emory, um brilho rosa suave em seu rosto. -Você vai? Sêrio? - ela perguntou, enquanto segurava com força as mãos dele. -Eu realmente gostaria de ter outra mulher por perto para isso. Há tanta coisa para planejar e eu não sei o que fazer. Eu não quero ficar sozinha.

Emory sorriu e retribuiu o aperto em suas mãos. -Tenho certeza de que Mary vai se sentir da mesma maneira.

De repente, a sala ficou em silêncio. Todos os shifters pararam de falar e toda a atenção na sala mudou de Diskant e Ava para a pessoa que estava indo em direção a Emory. Ele não podia acreditar que ele tinha perdido sua conexão, e só podia atribuir esse fato a todas as notícias que acabara de receber. Liberando Ava, ele virou-se.

Mary tinha conseguido encontrar um par de calças de moletom e as estava vestindo junto com a camiseta que Emory lhe dera. Seus enormes olhos azuis estavam sombreados pela dor, seu cabelo loiro estava solto ao redor de seus ombros. Uma pequena mancha de sangue aparecia no tecido da camisa, sobre a área que estava enfaixada em seu ombro. Ela parecia tão calma - muito fodidamente calma. Algo estava errado, ele simplesmente não sabia o que era. Ele conseguia ler as emoções dela, mas não era tristeza ou medo o que ela sentia, ela estava desesperada e ele não conseguia entender o porquê.

Finalmente, ela falou. -Meu nome é Mary Shepherd.

Rosnados se seguiram ao anúncio, os membros da matilha que há alguns segundos estavam muito felizes, tornaram-se hostis. Vários dos shifters mulheres se moveram em direção a ela quando ela deu um passo para a frente, mostrando os dentes, respondendo aos rosnados com outro rosnado.

Droga. A atitude inocente de Mary foi uma exibição de agressão, mesmo que ela não estivesse ciente do perigo por trás daquela ação. Os machos da matilha não atacariam, mas as mulheres o fariam.

-Se vocês querem me matar... - Mary anunciou, mantendo a cabeça erguida, -...agora é a sua chance.

Porra, sua fêmea era fodidamente corajosa, tanto como era tola.

Emory rosnou e começou a andar para Mary, mas Ava o empurrou para o lado. Ele perdeu um pouco do equilíbrio, mas antes que pudesse chegar a sua fêmea a pequena loira se colocou ao lado de Mary. Ava pegou a mão de Mary e enfrentou a multidão furiosa.

-Não se atrevam a ameaçar a madrinha do meu filho, - Ava rosnou para as fêmeas que continuavam avançando, suas íris mudando de cor.

-Sua o quê? - Mary engasgou e tentou se afastar.

-Agora não. - Ava cochichou sob sua respiração. -Nós vamos discutir os detalhes mais tarde. Eu estou apenas começando. Alguém tem que colocá-las em seu lugar. - Quando Mary parou de falar, Ava atacou novamente. -Mary é a companheira de Emory, um membro da nossa matilha. Sua lealdade a nós foi provado em muitas ocasiões. Na verdade, ela salvou a nossa espécie e colocou sua própria vida em risco ao fazer isso.

Ava deu a Mary um pequeno sorriso e disse: -Alguém percorreu um longo caminho para ver você. - Olhando por cima do ombro de Mary em direção a Diskant, Ava falou. -Será que você poderia chamá-los?

Diskant assentiu e acenou para Kinsley, que abriu a porta para a garagem e recuou. Emory ficou observando enquanto membros de um bando entrava - tigres. Eles eram, obviamente, shifters de fora da cidade, e seu porte indicavam que eram bastante prósperos, embora

estivessem vestidos casualmente com jeans e camisetas – ao invés dos costumeiros couro e seda – percebia-se que suas roupas eram bastante caras. Um grande homem - o Alfa - adiantou-se e ficou de lado. Ele era quase tão grande quanto Diskant, mas seu cabelo era de um tom castanho avermelhado e estava cortado curto. Então Emory viu a menina atrás dele.

Ela era uma coisa pequena, e devia ter a mesma idade de Mary. Seu cabelo cor de bronze era longo e tinha mechas pretas nas laterais. Quando ela levantou a cabeça, seu olhar dourado foi direto para Mary. As duas se encararam por alguns segundos, como se elas estivessem se comunicando em silêncio.

Em seguida, a menina se aproximou, seus passos cautelosos. – Mary, - ela disse suavemente.

Se não fosse por Ava, Mary teria entrado em colapso. Emory correu para sua companheira, colocou seu braço ao redor de sua cintura e estava decidido a levá-la de volta para o quarto, quando Mary o interrompeu. Ela estendeu a mão, o braço tremendo.

-Dara, - ela murmurou. -Você conseguiu voltar para casa.

Dara começou a chorar e segurou a mão de Mary. Emory deixou Mary ir e as mulheres envolveram seus braços em volta uma da outra, chorando em soluços de cortar o coração. Foi então que Emory entendeu quem era a garota.

O shifter que Mary salvou quando fugiu do inferno onde vivia. A mulher que Mary recusou-se a matar para provar a sua família que não era uma traidora.

As duas tinham atravessado o inferno e sobrevivido, formando uma conexão que somente elas poderiam entender completamente. E, aparentemente, as mulheres tinham conseguido causar uma forte impressão nos outros shifters. Alguns membros da matilha estavam resmungando em desaprovação, e continuavam a encarar Mary com ódio, fazendo com o Alfa tigre se movesse para perto das duas.

-Prestem atenção no que digo, - disse o homem, com a voz ameaçadora, as palavras vibrando quando seu lado shifter assumiu. - Meu nome é Harrison Garner, e Mary Shepherd está sob a proteção de meu Bando. Ela se tornou uma de nós quando salvou a vida da minha filha. Se vocês não a querem aqui, façam suas intenções claras. Ela é mais que bem-vinda em nossa casa. Teremos muito prazer em levá-la conosco.

Mais resmungos vieram dos membros da matilha, bem como dos membros do Bando, que cercaram Mary de forma protetora. Dara e Mary foram separadas, um macho havia puxado Dara para trás de suas costas e Emory correu para o lado de sua mulher. Para surpresa de Emory, Kinsley havia desaparecido no ar. Kinsley nunca havia se ausentado quando surgia uma situação de conflito. Por que ele partiu justo quando o Bando visitante precisava de seu apoio?

-Silêncio! - Trey rosnou, sua voz profunda quando ele se virou para a matilha. -Mary Shepherd é a companheira do meu irmão. Isso faz dela a minha cunhada. A cunhada do seu Alfa. - Trey não precisava gritar mais, sua conexão recém-estabelecida com a matilha fazia com que todos lhe prestassem atenção. -Se algum de vocês tem um problema com isso, arrumem suas coisas e saiam da minha cidade. Uma pessoa não escolhe o seu sangue, mas ele pode escolher a sua família. Mary escolheu a sua família - a nossa família. - Trey

virou e olhou para Mary com olhos intensamente brilhantes. -Não é verdade?

Os olhos de Mary se arregalaram e ela olhou ao redor da sala. O medo voltou, o cheiro dele fedendo na área ao seu redor. -Eu... eu...

-Deem as boas-vindas a ela. - Trey ordenou suavemente. - Mostrem-lhe o respeito que é devido. Ela salvou uma menina shifter que sequer conhecia, e ela poderia ter morrido por isso. Ela abandonou sua família porque ela não é como eles. Não a julguem pelo que eles fizeram. Senão vocês não estarão sendo melhores do que aqueles que ela deixou para trás.

A ameaça de violência pairava no ar, uma combinação de raiva que vinha dos felinos e de desejo de vingança que vinha dos lobos. Emory preparou-se para atacar qualquer um que ofendesse Mary, seus músculos tensos, a batida do seu coração ecoando em seus ouvidos. As fêmeas da matilha se aproximaram primeiro, seus ombros rígidos, revelando que elas não estavam totalmente satisfeitas com a situação, mas que também não estavam dispostas a contestar a autoridade do seu Alfa. Uma a uma, elas acenaram para cumprimentar Mary, dando as boas-vindas à matilha e se afastando.

Diskant assumiu a liderança quando chegou o momento dos homens fazerem o mesmo, só que ele não acenou para Mary. O Ômega puxou-a para seus braços e a abraçou. Curvando-se, ele sussurrou algo em seu ouvido. Seja o que foi que ele disse, os lábios de Mary curvaram-se em um pequeno sorriso. Então Diskant se afastou e permitiu que os outros membros da matilha a cumprimentassem corretamente. Os homens não foram tão duros, alguns até sorriram. No momento em que eles terminaram, o Alfa do

Bando - Harrison - parecia mais calmo e Mary tinha parado de tremer.

-Com essa questão resolvida, eu estou perguntando se algum de vocês quer desafiar a minha posição na matilha, - Trey anunciou, trazendo a atenção de todos de volta para ele. -As mudanças têm que acontecer, então eu preciso saber se vocês vão me obedecer ou se vão me dar trabalho. Se alguém quiser tentar a sorte, que o diga agora. Eu não vou tolerar qualquer merda mais tarde.

Emory olhou ao redor. Ninguém se mexeu, estavam todos olhando fixamente para Trey. Em seguida, eles viraram suas cabeças de lado, exibindo os pescoços, um sinal de submissão e respeito. Trey não sorriu ou acenou, esperando até que todos tivessem a oportunidade de expressar sua decisão.

-Acho que vocês deviam fazer como Diskant, - disse Trey. - Aqueles que vivem longe da área da matilha, dentro da cidade, precisam começar a pensar em se mudar. Aqueles que vivem na periferia, precisam reforçar a segurança em seus lares. Os Pastores não vão parar com os ataques. Estaremos seguros se ficarmos juntos. Nós vamos ter que organizar um sistema de segurança o mais rápido possível.

Ele olhou para Diskant e esperou que o Ômega confirmasse que podia continuar. -Esta manhã nós recebemos informações de que nosso ataque às comunidades onde os Pastores se reuniam foi apenas moderadamente bem sucedida. Mais de uma dúzia de locais foram destruídos. Muitos conseguiram fugir, mas os nossos inimigos sofreram um golpe devastador. Eles vão precisar de tempo para se reorganizar e elaborar novos planos. Durante esse tempo, eu quero

que nós façamos o mesmo. Eu espero que todos vocês trabalhem juntos para que possamos fazer funcionar um sistema de segurança capaz de proteger nossa área. Para aqueles de vocês que sentem que o perigo é muito grande, eu vou entrar em contato com outras matilhas e tentar conseguir que vocês sejam aceitos.

Trey ficou com sua postura totalmente ereta, olhando para todos ao seu redor. -Eu não vou mentir. Ficar aqui vai colocar vocês e aqueles que vocês amam em perigo. Não é um tempo seguro para ser um shifter. Ninguém vai julgar os que decidirem partir. Tudo o que podemos fazer é nos preparar para uma batalha. - Trey olhou para Diskant. -Este não é trabalho para apenas um homem, é um esforço de grupo. Ou vocês estão dentro ou caiam fora. A escolha é de vocês.

-Estou dentro, - Diskant respondeu com um traço de humor.

-Eu também, - disse Nathan e deu um passo ao lado de Trey.

Muitos dos membros da matilha demonstraram seu apoio, apesar de Emory notar que alguns haviam saído pela porta da garagem, incluindo o homem que, juntamente com sua esposa e filho, havia questionado Diskant antes. A maioria dos que partiram eram homens acasalados que tinham filhos. Ele não os culpava por terem partido, pois estavam apenas tentando proteger suas famílias. E Trey estava certo, ninguém iria julgá-los.

Emory inclinou-se e sussurrou no ouvido de Mary: -O que é que vai ser, querida?

Ela levantou a cabeça, franzindo a testa quando seu olhar encontrou o dele. -Você está me deixando tomar a decisão?

-Ava quer que você seja a madrinha de seu filho. Diskant quer que você esteja lá para apoiar sua companheira. E eu quero você de qualquer maneira que eu possa tê-la. - Ele correu os dedos por seu braço até chegar a sua mão. Entrelaçando os dedos juntos, ele murmurou: -Você teve pessoas lhe dizendo o que fazer toda a sua vida. Eu não vou fazer o mesmo. Se você me quer - se você quer viver comigo - é uma decisão que só cabe a você.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e baixou a cabeça. Ele sabia que ela estava pensando sobre as coisas, tentando decidir. Não poderia ser fácil, não com tudo o que ela tinha passado. Mas se eles queriam realmente ficar juntos, teriam que apagar o passado.

Sem ódio. Sem remorso. Sem medo.

Mary afastou-se um pouco dele, dando um passo hesitante para frente. A matilha ficou em silêncio, olhando para ela, esperando para ouvir o que ela tinha a dizer. Embora Emory tenha sussurrado no ouvido de Mary, ele sabia que todos tinham escutado quando ele falou com sua companheira. Agora, eles estavam ansiosos pela decisão dela. Será que ela partiria? Será que ela ficaria? Ou será que ela simplesmente diria um monte de desaforos e mostraria o dedo do meio aos que a destratarem?

Ele observou quando Mary endireitou seus ombros e ergueu a cabeça. Embora ele não pudesse ver seu rosto, o jeito Diskant sorriu disse-lhe que ela não estava recuando diante da matilha.

-Nós vamos ficar também. Se não gostam de mim, problema de vocês. Eu sobrevivi a coisas piores.

Ela virou-se e estendeu a mão, esperando que ele aceitasse a escolha que ela tinha feito. Emory agarrou seus dedos e se aproximou, estreitando-a contra seu peito. Ele sabia que estava sorrindo como um idiota, o orgulho que ele sentia era uma sensação esmagadoramente irresistível. Com uma risada, ele contemplou os olhares chocados de seus companheiros de matilha.

-Você ouviram a dama, - ele abraçou Mary mais apertado, desejando que pudesse mantê-la tão perto para sempre. Levantando a cabeça, olhou para Trey.

Uma vez eles haviam querido morder a garganta um do outro, a necessidade de dominar e controlar correndo em suas veias. Emory nunca acreditou que ele pudesse estar sob a autoridade de seu irmão. Era muito difícil conter a sua natureza, manter seu lobo sob controle. Mas não agora. Sua raiva tinha sido vencida pelo amor, sua besta estava finalmente satisfeita em seguir o caminho que ele tinha escolhido. A partir deste momento ele poderia viver a vida que ele queria. Ele poderia voltar a se relacionar com Trey da mesma maneira de quando eram mais jovens. Ele era forte o suficiente para não mostrar a sua emoção, mas ele sabia que Mary sentiu isso quando ela se apertou contra ele.

-Nós não vamos a lugar nenhum, - ele finalmente disse, cimentando a sua decisão diante da matilha. -Esta é a nossa casa. Nós não vamos embora.

Mary podia ouvir o orgulho na voz de Emory. Os braços em volta dela afrouxaram apenas o suficiente para permitir que ela respirasse normalmente. Ela ainda estava sem poder acreditar. Quando ela acordou sozinha e saiu para procurar Emory, ficou

surpresa ao ver que quase todos os shifters estavam na residência. Considerando que ela havia contado a seus parentes sobre o mapa que indicava a localização de todas as comunidades de Pastores antes que a matilha pudesse organizar um ataque, ela não tinha certeza se eles estavam lá para se vingar dela ou de Emory. Interromper a reunião antes que eles pudessem prejudicar o homem que amava pareceu uma boa ideia na hora.

Ela nunca pensou que sua ação levaria a isso.

-Mary, - Emory respirou contra seu ouvido.

Ele era tão quente e cheirava tão maravilhoso. -Hmm?

-Você precisa voltar para o nosso quarto para que Doc a examine. Seu ombro está sangrando.

Foi então que ela sentiu a umidade em sua camiseta. Ela se afastou e olhou para baixo. A camiseta tinha uma pequena mancha vermelha. Estranhamente, o ombro não doía tanto quanto ela imaginava que deveria. Quando ela se mexeu um pouco, sentiu uma pontada leve de dor. Não uma dor profunda, nenhuma queimadura agonizante.

-E quanto a Dara? - Ela estava tão animada por ver a jovem cuja vida ela ajudou a salvar. Queria ter uma oportunidade de conversar com ela. -Ela veio até aqui para me ver.

-O Bando vai precisar descansar antes de voltar, e eu tenho certeza que eles vão querer visitar parentes que vivem nas proximidades, - disse Emory. -Eu vou providenciar para que vocês conversem antes de ela partir.

Ava aproximou-se e estendeu a mão. -Eu vou com você. Nós precisamos conversar.

Apesar de não querer sair de perto de Emory, ela sabia que não podia ficar ali se seu ombro estava sangrando. Relutante, ela colocou a mão na de Ava. A pequena mulher puxou-a através da multidão e levou-a de volta para o porão. Os que permaneceram no andar de cima retomaram a conversação. Mary franziu a testa quando percebeu que, apesar de estar se afastando, o som das vozes continuava a chegar a seus ouvidos. Ela era capaz de, inclusive, entender o que estavam dizendo, só precisava se concentrar um pouco. Ela não sabia por que ela não tinha notado isso antes.

Quando estavam dentro do quarto que havia no porão, Ava soltou a mão de Mary e fechou a porta.

-Você não precisa de Doc para curar seu ferimento, você sabe, - disse Ava, olhando Mary diretamente nos olhos. -Se você finalizar o vínculo de sangue com Emory, você vai sarar e estar como nova em poucas horas.

-Era sobre isso que você queria falar? Meu vínculo de sangue com Emory?

-Também. - Ava confessou. -Mas, principalmente, eu queria lhe dizer que o que aconteceu não é culpa sua.

Mary suspirou e se sentou na beirada da cama. -Você leu minha mente de novo, não é?

-Não, mas eu estive na sua cabeça antes. Eu tenho uma boa ideia do que você está pensando. A verdade é que Diskant fodeu as coisas, não você. Se alguém deve assumir a culpa, é ele. - Quando

Mary levantou a cabeça, surpresa com a declaração, Ava riu. -Ele não é perfeito. Seu orgulho muitas vezes comanda as ações dele. Mas quando ele comete um erro, ele também trata de consertá-lo.

Ava foi até a cama e sentou no espaço ao lado de Mary. -Sua família só conseguiu chegar até você porque Diskant acreditava cegamente que ele poderia manter a casa segura. Kinsley vem advertindo-o há tempos que é muito perigoso viver dentro da cidade, mas Diskant não quis ouvir. Agora, o cabeça-dura é todo ouvidos. Ele sabe que não pode mais ficar aqui. Ele aceitou. Eu só espero que você possa perdôá-lo por colocar você em perigo. Essa não era a sua intenção.

-Você quer que eu o perdoe? Não deveria ser o contrário? - Mary não podia acreditar no que estava ouvindo. -Eu sou a única que trouxe o meu tio aqui. Foi minha culpa. Elijah veio atrás de mim.

-Não se esqueça que ele também veio atrás de mim e de Trey, - Ava brincou. -Seu tio teria vindo aqui de qualquer maneira, ele só precisava de uma oportunidade. Você não deve se culpar pelo que as outras pessoas fazem. Você não é a sua família.

Os olhos de Mary desceram para a barriga de Ava. Não havia nenhum sinal do seu estado, mas provavelmente não iria demorar muito para aparecer. Logo seu abdômem iria aumentar pela vida crescendo dentro dela, aos trancos e barrancos. Um nó se formou na garganta de Mary. A gravidez de Ava não teria importado aos Pastores. Eles provavelmente a forçariam a entregar sua criança e fariam com ela todo o tipo de coisas horríveis, se eles tivessem a chance.

-Talvez eu tenha tomado a decisão errada, - Mary murmurou. - Talvez eu não deva ficar. Não é seguro para você, - ela levantou a cabeça e olhou para Ava. -Não é seguro para o seu bebê.

Para seu espanto, Ava sorriu. -Você está dizendo um monte de besteiras.

Ava se levantou da cama, foi até a cômoda na parede e tirou alguma coisa. Somente quando ela virou-se foi que Mary viu a pequena caixa de joias que ela tinha na mão. Parecia bastante resistente, feita de algum tipo de metal. Ava sentou-se novamente e entregou-a para Mary.

Mary pegou a caixa e a estudou. Percebeu que o metal utilizado era aço inoxidável. Abrindo a tampa arredondada, decorada com desenhos filigree¹⁰, ela olhou para dentro. A caixa estava vazia, o interior coberto com um tecido vermelho acetinado.

-Aperte, - disse Ava. -Sinta como é sólida.

Mary fez o que ela disse, apertando os dedos ao redor do metal frio. -É pesado, - ela concordou, sem saber o que Ava estava tentando demonstrar.

Ava estendeu a mão e Mary entregou a caixa de volta. Assim que Ava a teve em sua mão, ela flexionou os dedos. O metal começou a encolher, quebrando sob a tensão de aperto de Ava. Os olhos de Mary se arregalaram e sua boca abriu. Ela não teria acreditado no que Ava estava fazendo se ela não estivesse vendo com seus próprios olhos. Ava estava amassando aço como se fosse um marshmallow,

¹⁰ Filigrana (também menos comumente escrito filagree, filigrann ou filigrene) é um tipo delicado de trabalho feito em objetos de metal, geralmente de ouro e prata, utilizando pequenas gemas, contas ou fios torcidos, ou uma combinação de todos, dispostos em motivos artísticos.

transformando a linda caixa em metal retorcido. Quando ela terminou, ela jogou o objeto esmagado sobre a cama.

-Eu não sou tão fraca quanto eu aparento, e nem você. Se você concluir o vínculo de sangue com Emory, você ficará chocada com o que você será capaz de fazer, e isso vai além da força física e da longevidade. - Ava exalou baixinho e disse: -Mas não é isso que eu queria falar com você. Sou um membro da matilha, mas eu não sou um deles. Eu nunca vou ser. Eu conheço apenas outra humana que está vinculada por sangue com um shifter, mas assim que a matilha foi atacada, ela se mudou com seu companheiro para um lugar mais seguro.

Os olhos de Ava estavam cheios de esperança quando ela olhou para cima e encarou Mary. -Eu sei que não é justo da minha parte pedir isso, mas eu vou pedir mesmo assim, porque eu quero o melhor para a criança que eu estou gerando. Eu preciso saber que, não importa o que aconteça, ela vai ser cuidada. É por isso que eu a nomeei como sua madrinha na frente da matilha. Se você concluir o vínculo de sangue com Emory e concordar em se mudar conosco para fora da cidade, nós vamos ter um lugar seguro para chamar de lar. Nós poderemos cuidar dela juntos. Ela será capaz de compreender ambos os mundos aos quais ela pertence.

Um sorriso puxou os cantos da boca de Mary. -Ela?

-Só um palpite. - Ava tocou seu abdômen. -Eu gostaria de ter uma menina.

-Você falou sobre isso com Diskant? - Deus, Mary esperava que ela estivesse errada. Diskant era muito possessivo e protetor. Aquele

homem enorme não deixaria uma filha fora de sua vista nenhum segundo.

-Claro que não, - Ava bufou de indignação. -Estou guardando esse pouco de informação para o momento certo. Além disso, eu odiaria dar-lhe a notícia e depois descobrir que estava enganada. Portanto, manteremos isso entre nós.

-Tudo bem, - disse Mary em voz baixa, observando Ava, vendo-a de uma forma totalmente diferente. Apesar de terem seguido caminhos diferentes, muitos aspectos de suas vidas eram os mesmos. Se ela concluísse o acasalamento com Emory e aceitasse o vínculo de sangue, ela poderia ser a próxima a começar uma família.

A casa. Um marido. Crianças.

Emory queria ter filhos. A dor em seus olhos quando Mary tinha dito que ela queria esperar era algo que ela nunca esqueceria. Ela era a única mulher que poderia dar isso a ele. E mais importante, com a ajuda de Ava, ela não teria que passar por isso sozinha. Pela primeira vez em sua vida, ela poderia ter uma amizade verdadeira. Ela nunca tinha sido amiga de ninguém enquanto morava na fazenda de seu tio.

-Você realmente quer que eu seja a madrinha? - Por que doía tanto perguntar? E por que Mary se sentia à beira das lágrimas?

-Sim, eu quero. - Ava colocou a mão em cima da mão de Mary.

-Tem certeza? - ela engoliu o nó que travava sua garganta, forçando seus olhos lacrimejantes a não derramarem uma lágrima sequer.

-Eu tenho, - Ava confirmou com um sorriso. -Eu sei que você é uma boa pessoa. Eu soube na primeira vez que nos encontramos.

Mary riu. Era fácil adivinhar como Ava tinha chegado a essa conclusão. -Porque você leu minha mente?

-Não.

-Não?

-Alguém que passou por tudo que você passou e ainda continua se preocupando com os outros, certamente tem um coração generoso.

A observação a fez desconfortável. Era tão fácil assim ler sua personalidade? -Eu não tenho tanta certeza sobre isso.

-Bem, eu tenho, - Ava rebateu. Para uma mulher tão pequena, ela certamente era muito teimosa e determinada. -Então, você vai?

-Vou o quê?

-Ser a madrinha do meu filho.

O que Ava estava pedindo era uma enorme responsabilidade, cuidar de uma criança, protegendo um inocente. Mas essa não seria uma criança normal. O bebê de Ava seria o filho ou a filha de um dos mais poderosos shifters que Mary já havia encontrado, um homem que a assustava como o inferno, mesmo quando ele tentava deixá-la à vontade. Independentemente desse fato, um desejo de aceitar a oferta de Ava a invadiu. Se ela ia ser uma parte da vida de Emory - uma parte de seu mundo - ela teria que começar a pensar nas pessoas que eram importantes para ele.

Ela tentou pensar nas palavras certas para mostrar a Ava o quanto estava emocionada por esse gesto de confiança. -Eu ficaria honrada.

-Então, eu tenho um pequeno favor a pedir.

Mary usou sua mão livre para esfregar a testa. O que ia ser dessa vez? Será que uma madrinha tinha que lutar para garantir o seu status? -O que é?

-Quando Emory e Doc chegarem aqui, eu quero que você coloque o Doc para fora do quarto e cuide de seu ombro por conta própria.

-Essa é a sua condição? - Mary ficou espantada ao descobrir que a perspectiva de concluir o vínculo de sangue não a assustava. - Você quer que eu termine o vínculo de sangue com Emory para me testar ou algo assim?

Ava sorriu e inclinou a cabeça para o lado. -Ou algo assim.

Mary não conseguiu impedir o rubor que manchava suas bochechas. -E quanto à matilha? Todo mundo está lá em cima. Eles vão nos ouvir. Eles saberão o que estamos fazendo.

-Você realmente se importa? - perguntou Ava, olhando para ela incisivamente. -Você se importa que as pessoas saibam o quanto você é carinhosa com o homem a quem está destinada?

Será que ela se importava? Será que importava que todo mundo soubesse o que Emory e ela faziam? Ela disse que não ia partir. Ela fez suas intenções claras para a matilha. Eles tinham que saber que ela e Emory estavam envolvidos em uma relação sexual.

Considerando o que Ava tinha dito, shifters não tinha inibições ou qualquer modéstia. Emory era um homem de sangue quente com um sex appeal que nenhuma mulher poderia resistir.

Uma onda de ciúme a atingiu, batendo-a com força e rápido. Na matilha havia muitas mulheres também. Qualquer uma delas gostaria muito de estar em seu lugar. E nenhuma delas se encomodaria de ser fodida por Emory dentro de um banheiro, contra a porta, com uma fila de pessoas esperando do lado de fora. Pensar nisso a deixou com raiva, o monstro verde do ciúme residindo dentro dela. Ela definitivamente queria que todas as fêmeas shifters solteiras soubessem que seu homem estava fora do mercado.

Emory era dela. Seu lugar era ao lado dela. Ela não estava desistindo dele.

A matilha podia beijar sua bunda.

-Não, - ela disse com firmeza. -Eu não me importo.

-Estou feliz em ouvir isso, porque é hora de assumir as rédeas da sua vida e pegar o que é seu.-

Assim que Ava ficou de pé, Mary ouviu Emory e Doc se aproximando, apesar de falarem baixo, ela podia ouvir suas vozes. Mary levantou-se da cama e caminhou até a porta, abriu-a totalmente e esperou por Emory e Doc. Então ela viu os homens com suas cabeças curvadas, falando baixinho um com o outro enquanto se aproximavam.

Bastou olhar para Emory e seu peito apertou. Ele era tão forte e perigoso. Se ele quisesse, poderia matar alguém com as próprias mãos. No entanto, quando ele estava com ela, era incrivelmente

gentil, tão cuidadoso. Desde a primeira vez que se encontraram, ela instintivamente soube que estava segura com ele. Havia algo nele que a chamava, como se eles estivessem conectados, como se fossem as duas metades que se completavam.

Ela sabia, sem dúvida, que ele faria qualquer coisa em seu poder para que ela fosse feliz. Seus filhos, quando os tivesse, cresceriam cercados de amor e carinho. Sim, haveria perigo. Mas não era assim que as coisas funcionavam? Nada era perfeito. As pessoas deviam viver suas vidas junto daqueles que amavam, aproveitando cada momento precioso. Não havia garantias na vida, apenas possibilidades.

-Doc? - disse Mary, o seu pulso acelerou, a boca secou. Ela podia fazer isso. Para o inferno com Doc e o que a matilha pensava dela. Se ela queria recuperar o controle sobre sua vida, agora era a hora de começar.

-Sim? - Doc parou na porta, uma expressão perplexa no rosto.

Mary caminhou até Emory e agarrou sua camisa. Ele franziu a testa, mas a seguiu, entrando no quarto. Uma vez que ele estava dentro, ela soltou a camisa de Emory e enxotou Ava e Doc, acenando-lhes com a mão firme, até que eles estavam fora do quarto. Ava estava sorrindo como o gato Cheshire¹¹, enquanto o médico parecia totalmente confuso.

-Obrigada por ter vindo, - disse ela com um sorriso, -Mas nós não precisamos de você.



¹¹ Personagem da história *Alice no País das Maravilhas*.

Antes que alguém pudesse questioná-la, ela respirou fundo para conservar sua coragem e fechou a porta.

CAPÍTULO 19

Emory estava prestes a questionar Mary sobre o que ela estava fazendo quando ela estendeu a mão para a bainha de sua camiseta e puxou-a sobre a cabeça. Como ela não usava sutiã por causa do curativo que Doc havia feito anteriormente em seu ombro, seus seios ficaram totalmente expostos. Os montes eram cheios e pálidos, seus mamilos duros com um tom rosa suave. Ele sabia que se desse a eles a devida atenção, poderia fazê-los ficarem de uma cor mais escura.

O pensamento o fez duro como uma rocha.

-O que você está fazendo? - a garganta dele estava tão contraída, tornando-se quase tão apertada quanto o jeans que envolvia seu pênis. Era difícil pensar claramente quando tudo que ele queria fazer era levar sua companheira para o chão e foder com ela longo, profundo e duro.

Mary agarrou desfez o laço do moletom. -O que lhe parece?

No instante em que ela deixou a roupa de algodão deslizar por sua cintura e pernas e cair no chão, a seus pés, ele soube que sua companheira estava excitada. Ela não usava calcinha e seu cheiro correu para ele, agitando seu lobo, ligando um interruptor dentro dele. Ele mordeu a parte de dentro de sua bochecha, tentando fazer a coisa certa, tentando pensar com a cabeça e não com seu pênis.

-Seu ombro...

Ela chutou a calça com seus pés e caminhou até ele. -Não importa.

Ele queria discutir, ele realmente queria. Ou pelo menos foi o que disse a si mesmo, quando Mary se aproximou, cuidadosamente colocou os braços ao redor do pescoço dele e ficou na ponta dos pés para beijá-lo. Ela era tão suave em comparação a ele, tão pequena. Ele passou os braços em volta da cintura dela, instruído que se aproximasse mais. Ela obedeceu de boa vontade, pressionando seu corpo contra o dele, os seios raspando contra seu peito.

-Você está me matando, - ele sussurrou contra os lábios dela, encontrando seus olhos. As pupilas dela estavam dilatadas, seus longos cílios desceram lentamente quando ela olhou para o peito dele. -Quero tanto você que até sinto dor.

Ela agarrou seus ombros, arrastando as unhas ao longo de sua camisa. -Não há necessidade de sentir dor. Eu estou aqui. Eu quero você também.

Eles estavam tão próximos que ele podia sentir o cheiro metálico do sangue dela. Através de sua conexão recém-construída ele também podia sentir seu desconforto. Ambos compartilhavam as emoções um do outro agora, através do lobo que residia dentro de cada um deles. Enquanto ele estava preocupado com o bem-estar dela, ela estava ansiosa para estar nos braços dele, seu desejo aumentando a cada instante. Não havia medo da parte dela, nem dúvidas.

-Você está ferida.

Quando ele tentou se afastar, ela recusou-se a deixá-lo ir. - Então faça com que eu melhore. - Ela não desviou o olhar, seus olhos castanhos determinados, sua intenção se fazendo bastante clara em suas palavras. -Leve a dor embora e a substitua por algo melhor. Eu sei que você pode.

As palavras dela bateram direto em seu cérebro, deixando-o tonto. -Se você está dizendo o que eu acho que você está, é melhor ter certeza disso.

-Eu quero que você termine o que começou. Faça amor comigo. Dê o passo final, - ela esfregou os lábios contra os dele e se afastou. - Eu preciso saber que nada vai ficar entre nós, que você nunca vai me deixar ir.

-Nunca, - ele prometeu, tremendo de emoção pura. Ele nunca a deixaria ir. Mesmo que ela decidisse abandoná-lo. Ele não poderia existir sem ela. -Você é minha. Você foi minha desde o momento que nos conhecemos.

Memórias do passado apareceram na mente dele, de Mary na lanchonete, jovem, doce e cheia de vida. Naquela época, ela ficava nervosa quando estava com ele, dirigindo olhares discretos em sua direção quando ela achava que ele não estava olhando. Agora ela estava mais segura de si mesmo, mais confiante. Ela não desviou o olhar, encontrando o dele com olhos cheios de paixão e certeza. As atrocidades que ela tinha sofrido apenas a fortaleceram e fizeram com que ela chegasse a esse precioso momento em suas vidas.

Ele os aproximou totalmente, colocando seus lábios nos dela. O beijo tinha a intenção de ser doce e suave, mas tornou-se duro e exigente, a língua dele tomou posse da sua boca quando ela se abriu

para ele. A verdade o atingiu - um golpe certo em seu coração. Ele poderia tê-la perdido. Se o tio dela tivesse conseguido concretizar seu plano, este momento agora nunca teria se tornado realidade.

Ele separou suas bocas para dizer a ela como se sentia, para que ela tivesse certeza da decisão que havia tomado. -Eu te amo, você sabe.

-Eu sei, - ela o presenteou com o sorriso que ele adorava, seu rosto ruborizado. -Eu também te amo.

Ele esperou por essas palavras durante muito tempo, mas ele tinha que ter certeza de que ela as dizia por que as sentia, e não porque eles estavam vinculados. Por mais que ele odiasse fazer isso, ele bloqueou seu vínculo com o lobo, empurrando-o para as profundezas de seu interior, embora fosse difícil reprimi-lo. Ele não queria nenhuma influência sobre ela ou seus sentimentos. Ele tinha que saber que ela dizia o que estava em seu próprio coração, e não o que as emoções dele refletiam sobre ela.

-Diga-me de novo.

O que começou como uma expressão de espanto no rosto dela se transformou em um olhar de compreensão. Ele sabia que estava vulnerável a esta mulher. Ela podia aceitá-lo ou rejeitá-lo. A escolha seria inteiramente dela.

Diga-me de novo, ele pensou consigo mesmo, os segundos passando como horas. Diga que você me ama. Mostre-me que você quer isso.

Aproximando-se, ela sussurrou: -Eu te amo, - então ela roçou os lábios contra a bochecha dele. -Eu te amo. - A pele dele formigou

quando ela respirou suavemente contra ela, percorrendo um caminho até sua orelha para repetir: -Eu te amo.

-Estou feliz em ouvir isso. Mais do que você pode imaginar, - a voz dele falhou, mas ele não deu a mínima. Ele poderia demonstrar sua vulnerabilidade diante de Mary. Ele não tinha em que fingir que ela não o afetava, que ela não tinha o poder de deixá-lo de joelhos. - Segure-se.

Ele levou as mãos aos quadris dela, segurando-a contra ele, sentindo a intrincada estrutura dos ossos sob seus dedos. Consciente de quão frágil ela era, ele baixou aquelas mãos até que segurou sua bunda. Os globos carnudos cabendo perfeitamente em suas mãos, permitindo-lhe levantá-la com facilidade. Ela gemeu quando sentiu o membro dele contra sua vagina, e envolveu as pernas ao redor de sua cintura enquanto passava os braços ao redor do pescoço dele.

Lembrando que o ombro dela estava ferido, ele a levou para a cama e colocou-a em cima dos lençóis amassados. Descendo sobre ela, ele beliscou seu lábio inferior. Ela gemeu e empurrou os quadris contra os dele, o calor de sua vagina era evidente, mesmo através de seus jeans. Ele deixou de lutar pelo controle, permitindo que seu lobo retornasse. A conexão entre eles acendeu, a luxúria dela correndo dentro dele.

-Mais, - ela implorou e arqueou as costas, esfregando seus mamilos contra o peito dele.

Quando ele tentou se afastar para tirar a camisa, ela gemeu e o segurou firme. Ele rosnou baixo em sua garganta, forçando as mãos dela para longe de seu pescoço e segurando-as no alto da cabeça dela. Então, ele olhou para ela. Até este momento ele sempre tinha sido

gentil e cuidadoso. Se ela começasse a desafiá-lo, iria descobrir exatamente do que ele era capaz.

-Cuidado, meu amor, - alertou-a, seu peito arfando, suas bolas apertadas e prontas para estourar. -Você não quer me fazer perder o controle.

Algo perigoso brilhou nos olhos dela. -Na verdade, eu quero.

Mesmo com as mãos presas por cima dela, ela foi capaz de levantar a cabeça. Ele assobiou quando ela o mordeu no peito, apenas uma polegada ou menos acima do seu mamilo. Ela não foi gentil, seus dentes cravaram na pele dele, apesar dela ter mordido por cima da camisa. Ele jogou a cabeça para trás, silenciando um uivo vitorioso de aprovação.

Foi uma mordida rápida e logo ela o soltou. -Pare de se esconder. Eu sei que você está tentando se controlar.

Era verdade. Ele estava lutando para manter seu controle. Mas, por um motivo muito bom. -Eu não quero assustá-la. - E essa era a verdade. As coisas estavam indo tão bem. Um movimento errado e ela poderia fugir dele. Ele não estava disposto a correr o risco.

-Você não vai fugir de mim, não é? - ela perguntou em tom de zombaria. -Você é o único que está com medo, não eu.

Seu lobo imediatamente aceitou o desafio. Seu sangue correu quente e a temperatura do quarto parecia ar de inverno em sua pele. Será que ela estava dizendo a verdade? Ela estava realmente preparada para conhecê-lo de corpo e alma? Só havia uma maneira de saber com certeza, e seria concluindo o vínculo de sangue. Ambos teriam que descobrir juntos.

Ele soltou as mãos de sua companheira e rasgou a camisa de seu corpo, o som de tecido rasgado ecoou dentro do quarto. Mary não vacilou, permanecendo na mesma posição que ele a tinha deixado, observando seus movimentos quando ele jogou a roupa despedaçada para o lado.

-Você me quer? - ele perguntou, seu pênis pulsando e seu coração disparado.

Seus olhares se encontraram e ela não desviou o dela. -Sim.

Monte-a. Mostre-lhe o quão bom será o sexo entre vocês.

Ele não foi gentil quando deixou de olhá-la para baixar a cabeça e capturar um de seus mamilos com a boca, permitindo que os dentes arranhassem sua pele enquanto ele sugava. Ela choramingou com o contato e ele sentiu dedos delicados em seus cabelos, puxando os fios. Encorajado, ele soltou o mamilo e agarrou o outro, com a mesma intensidade.

-Sim, - ela gemeu, balançando os quadris, as pernas ainda enroscadas ao redor de sua cintura. -Você inteiro, Emory. Eu quero tudo de você. Não se segure.

O cheiro dela chegou até ele, o escorregadio calor entre suas pernas o chamava. Ele queria lambe aquele mel, saborear sua excitação e sentir a essência dela revestindo sua língua. Ela desenrolou as pernas no instante em que ele começou a se mover para baixo, em direção ao triângulo de cachos loiros. Ele deu pequenas mordiscadas aqui e ali ao longo do caminho. Cada uma forte o suficiente para deixar uma marca rosa circular, mas sem romper a pele. Quando ele chegou ao seu destino, tudo o que ele

podia reconhecer era o cheiro de Mary. A fragrância inebriante de sua buceta dominou seu nariz e seus sentidos.

-Olhe para mim. Eu quero que você me veja lhe dando prazer.

Ela tremeu quando se levantou apoiada nos cotovelos, mas fez o que ele pediu, os olhos castanhos mais escuros do que o habitual. Quando teve certeza de que ela não iria desviar o olhar, ele examinou seu prêmio.

-Você está tão molhada, Mary, - ele murmurou e usou seus ombros para empurrar suas coxas mais abertas, revelando as dobras brilhantes. Seu clitóris estava inchado e exposto, os lábios de sua buceta também estavam inchados e rosa. Ele acariciou as coxas dela, antecipando o prazer que viria, sabendo que ambos estavam no limite.

-Para você, - disse ela e engasgou quando ele soprou uma corrente de ar contra seu clitóris.

Decidindo que já havia adiado o suficiente, ele abaixou a cabeça e separou suas dobras com a língua. Em seguida, ele lambeu para cima, saboreando-a o quanto quis, até que deslizou ao longo de suas dobras vaginais e alcançou seu clitóris. Olhando para cima, viu que ela continuava a observá-lo. O tom vermelho em suas bochechas indicava que ela estava com vergonha, mas ele não ia parar por isso. Ela disse que queria tudo dele e era exatamente isso que ela iria ter.

Era exatamente isso que ele queria dar a ela.

Ele tomou a pérola redonda em sua boca e chupou, olhando para ela o tempo todo, esfregando a língua ao longo do tecido sensível enquanto colocava a mão na entrada de sua vagina. Ela mordeu o

lábio, esforçando-se para continuar se equilibrando com os braços. Quando ele começou a deslizar dois dedos dentro dela, as paredes da sua vagina flexionaram e os apertaram com força.

Agora, querida.

Ele não teve que falar em voz alta, apenas continuou tocando-a até que ela atingiu o limite. Enquanto ele trabalhava sua vagina com os dedos, ele continuou sacudindo a língua sobre o clitóris. Uma onda quente de líquido revestiu seus dedos e facilitou que ele continuasse abrindo caminho. Ela jogou a cabeça para trás enquanto gritava. Sua vagina puxava os dedos dele para dentro dela, mantendo-os em um aperto suave enquanto ela gozava. Suas coxas tremiam de cada lado dos ombros dele, os músculos esticados. Ele não parou de alimentar seu orgasmo até que ela afundou de volta contra os travesseiros, seu peito subindo e descendo enquanto ela ofegava.

Ele saiu da cama e tirou a calça jeans, libertando seu pênis, e retirando as botas também. O animal dentro dele queria sentir essas mesmas ondas de fogo ao redor de seu pau, sentí-la gozar com ele enterrado dentro dela. Mary levantou a cabeça e o viu chutando a calça jeans e as meias para longe. Ele não estava preparado para o que aconteceu em seguida: ela começou a engatinhar na direção dele, usando suas mãos e joelhos.

-Sua vez, - ela ronronou e colocou os dedos ao redor da base de seu pênis, apertando enquanto ela os deslizava para cima, para a coroa. Um pouco de semem escapou da estreita fenda na cabeça, escorrendo como um cordão cintilante. Ele não ia questionar o que ela estava fazendo, de jeito nenhum, não quando sua fêmea parecia que queria devorá-lo inteiro.

Ele esperou para ver o que ela iria fazer em seguida.

No início, ela apenas o acariciou, se familiarizando com aquela parte do seu corpo. Cada vez que deslizava para cima, ela aumentava a pressão, e seu pênis ficava cada vez mais grosso, sendo impossível para ela envolver os dedos completamente em volta dele. Lentamente, ela baixou a cabeça e lambeu a fenda, recolhendo uma brilhante pérola de sêmen que estava no topo. Ele pensou que ia gozar quando a viu fechar os olhos como se estivesse saboreando seu gosto.

Foda-se.

Antes que ele pudesse dizer a ela para levá-lo entre seus lábios em forma de coração e chupá-lo, ela já estava fazendo. A boca dela era quente e úmida, a sensação boa para caralho e, por isso, ele não pode se impedir de bombear os quadris. Ela começou usando a língua para acariciar a parte inferior da cabeça, sincronizando o movimento com o deslizar de sua mão.

Ele gemeu, entrelaçando os dedos no cabelo dela. -Isso é tão bom, caralho, querida. Chupe-me mais forte. Leve-me profundamente.

O gemido que saiu dos lábio de Mary vibrou na parte de baixo de seu pênis, a cabeça dela balançava enquanto ela tentava levá-lo mais profundamente ao mesmo tempo em que o sugava mais forte com sua boca. Ele cerrou os dentes, determinado a manter o controle em vez de foder a boca dela como ele desejava. Esse momento era da sua companheira, para ela descobrir o que gostava. Mesmo que isso o matasse, ele a deixaria tomar o tempo necessário para despertar sua própria sexualidade.

Ela continuou a lambar e chupar e ele afastou o cabelo do rosto dela para poder assistir. Alguns dos fios loiros continuaram caídos, passando por suas bochechas e ficando retidos em seus ombros nus. Olhando para baixo, ao longo das costas dela, ele se concentrou em suas nádegas. Um dia, ele planejava colocá-la de quatro e fodê-la por trás. Ele traçou as curvas de sua coluna com os polegares, atento a cada pequena ondulação.

No momento em que Mary se afastou, um belo brilho de suor cobriu sua pele. Levou toda a sua força de vontade não gozar dentro daquela boca quente, dar a ela o que ele tinha certeza que ela queria receber. Ela colocou as mãos sobre as coxas dele e moveu-se para cima, usando o corpo dele para se equilibrar enquanto levantava de seus joelhos. Quando ele encontrou os olhos dela, ele viu dúvida e preocupação.

Os dedos que ele ainda mantinha no cabelo dela se fecharam em um punho apertado enquanto ele gentilmente forçava a cabeça dela para trás. -Você acabou comigo, - ele passou o braço livre em volta da cintura dela e se inclinou para um beijo.

Ela relaxou, amolecida contra ele enquanto seus lábios se tocavam. As línguas se encontravam, duelavam e se reconheciam, uma à outra. Ele provou o gosto de si mesmo nela, e assumiu que Mary também provava a si mesmo nele. Saber disso fez com que a jaula onde seu lobo era mantido se abrisse de vez, e o animal assumiu o controle. Ele tinha que concluir o vínculo de sangue agora. Uma vez que fizesse isso, sua companheira seria sua para sempre.

Ele levantou Mary pela cintura e subiu na cama. Ela não o soltou, apenas manobrou as pernas de modo que, quando ele desceu

em cima dela, seus quadris descansavam entre suas coxas abertas. Ele se deleitou com a imagem do cabelo loiro contra os travesseiros brancos, a forma como o olhar dela vagava sobre a face dele. Quando aqueles lindos olhos castanhos encontraram os seus, foi como se o mundo parasse. Ele ergueu a mão e acariciou sua bochecha. Ela inclinou-se para o toque, um pequeno sorriso aparecendo em seu rosto.

-Você tem certeza que quer isso? - ele não tinha certeza de que poderia parar mesmo que ela lhe pedisse, mas ele faria seu melhor para respeitar a escolha dela.

Ela fechou os olhos, acariciando a mão dele. -Sim.

Ele suspirou em alívio. O lobo não queria esperar. Ele queria Mary - agora. Ele deslizou a mão entre seus corpos, para verificar o quanto ela estava pronta, encontrando sua entrada mais molhada do que nunca. Grunhindo sua satisfação, ele agarrou seu pau e guiou a cabeça para a entrada, passando a coroa ao longo de sua fenda. Ela estava tão lisa que ele atravessou facilmente, o calor escaldante de seu sexo sugando-o para dentro. Polegada por polegada, ele deslizou para dentro, abrindo a carne macia com a dureza de seu membro até que ele estava totalmente dentro dela. Algo dentro dele mudou, a tensão que por tanto tempo pesou sobre seus ombros, de repente, sumiu.

Ele não estava sonhando ou alucinando. Ele estava com Mary Shepherd. Ela não tinha medo do que ele era. Ela o desejava tanto quanto ele a desejava.

Finalmente chegou a hora.

Não havia como voltar atrás.

Mary abafou um gemido enquanto seu corpo se acostumava a Emory, sentindo-o enterrado tão profundamente que ela não tinha certeza se podia se mover. Ela dirigiu seu quadril para cima, surpresa por desejar que ele se enterrasse ainda mais. Ele era tão grande e grosso, e o atrito era deliciosamente enlouquecedor. Ela deixou escapar um pequeno grito quando ele cutucou um lugar dentro dela que era muito sensível.

-Aqui. Bem aqui, - disse Emory e lentamente se afastou, arrastando seu pênis ao longo desse lugar, enviando ondas de eletricidade por todo o corpo dela.

Ela tentou trazê-lo de volta, inquieta com a perda. Ele manteve uma boa parte de seu eixo dentro dela, balançando os quadris. Então, quando ele fez o caminho de volta para dentro, ele girou os quadris de modo que pudesse tocar aquele ponto novamente. Só que ele conseguiu mais. A maneira como ele tinha girado também fez com que esfregasse seu clitóris.

-Oh... - ela suspirou, envolvendo os dedos ao redor dos bíceps dele.

Emory levantou a cabeça, os fios escuros de seu cabelo caindo pela testa. Seus olhos tinham mudado de cor novamente, tornando-se tão dourados que eram hipnotizantes. Ela sentiu uma sensação estranha, como se o lobo que vivia dentro de Emory estivesse se comunicando com ela.

-Você gosta disso? - ele perguntou, suas íris brilhando, contrastando muito bem com a sombra da barba que cobria o queixo.

-Sim, - ela respondeu, sem fôlego pelo que ele a fazia sentir.

Ele continuou olhando para ela quando começou a se mover, deslizando para dentro e para fora do pequeno corpo, certificando-se de que estava acariciando seu clitóris cada vez que se movia. Quando ele colocou uma mão sobre a nádega direita dela, guiando-a para ir de encontro a seus movimentos, ela começou a subir para atender seus impulsos. Ela começou a sentir uma pontada de dor em seu ombro machucado, uma dor que ia aumentando juntamente com os impulsos. Felizmente o prazer que sentia era mais intenso, dando-lhe alguma coisa para se agarrar. Se o que Ava tinha dito era verdade, a lesão logo seria uma memória distante de qualquer maneira.

Emory parecia estar memorizando seus traços, observando-a de perto. Seus impulsos se tornaram mais fortes, empurrando-a para os travesseiros. Ela tentou manter o ritmo, buscando apoio na mão que continuava em sua bunda. Cada vez que ele se afastava, ela se sentia vazia, da mesma maneira que seu corpo parecia incendiar quando ele voltava. O calor começou concentrado em sua barriga e se espalhou. Ela reconheceu a sensação de formigamento em seus músculos, sabendo que estava chegando cada vez mais perto da felicidade que apenas Emory poderia lhe proporcionar.

-Termine, - ela não parava de se mover, contorcendo-se debaixo dele. -Faça o vínculo. Faça-me sua.

O tic em sua mandíbula foi um sinal de que ele pretendia dar o que ela pedia. Ela se preparou para a dor, lembrando-se muito bem o que sentiu nas outras etapas do vínculo de sangue. Ele levou a mão entre eles, usando seus dedos hábeis para estimular o clitóris. Em poucos segundos ela explodiu, perdendo todo o controle. Desta vez,

seu grito de liberação foi uma mistura de êxtase e dor, criado tanto pelo orgasmo correndo através de seu corpo como pelo lobo de Emory que parecia deslizar sob sua pele.

Ignorando a dor que a fazia sentir como se houvesse ferro derretido em seu ombro, ela levantou a cabeça e pressionou a testa no peito dele. Mesmo nesse momento, ela se preocupava se todas essas sensações estranhas não seriam capazes de fazê-la mudar, embora Emory tivesse lhe garantido que isso não iria acontecer. Sentia-se quente e fria ao mesmo tempo, sua pele estava fria mas, em suas veias, seu sangue parecia ferver. Ela começou a sentir diferentes cheiros ao mesmo tempo, mas todos familiares: múltiplos aromas de deserto e chuvas, e cheiro de lobo. Seu corpo todo ardia, como se agulhas invisíveis estivessem perfurando sua pele. Ela fechou os olhos, a dor dominou todo seu corpo, e ela sentiu quando as lágrimas começaram a descer por suas bochechas.

Emory sussurrou com voz rouca: -Está quase acabando, - mas já era tarde.

Em um instante - como se uma luz tivesse acendido e destruído a escuridão - as sensações e cheiros desapareceram. A dor desapareceu, trocada por outra coisa. Uma luxúria primal que nunca tinha sentido antes surgiu através dela. Ela não queria Emory doce e suave. Ela queria que ele a levasse duro e áspero, usando toda a força que até esse momento ele mantinha escondida.

Ela não entendia por que sentia vontade de provocá-lo. Tudo que ela sabia era que precisava ficar em suas mãos e joelhos e tentá-lo, para conseguir que ele finalmente fizesse o que tanto desejava. Não era uma conexão telepática. Pelo contrário, era como se ela pudesse

sentir o que ele precisava sem que ele falasse, era como se ela fosse guiada por um instinto que não possuía anteriormente. Não demorou muito para ficar em posição, sua bunda acenando para ele quando ela virou de frente para a parede, com as mãos apoiadas no lençol.

O rosnado dele arrepiou toda sua pele, aumentando sua excitação. -Foda-se, sim, - ele rosnou.

Quando ele a tocou, ela fez algo que não entendia, começou a lutar com ele. Contorcendo-se e contorcendo-se, tentando sair de seu alcance. Ele, por sua vez, bateu na bunda dela, rosnando mais profundo e colocando a mão na parte de trás de seu pescoço.

-Oh não, você não vai. Você é minha, Mary. Diga-me que você é minha. Diga-me que você pertence a mim.

Em sua cabeça ela gritou o que ele queria ouvir, entretanto, ela ficou chocada quando se ouviu retrucar: -Não.

Ele estalou a língua, aplicando pressão em seu pescoço, forçando a cabeça dela mais ainda nos travesseiros. -Isso não vai acontecer. Se você quer isso... - ele pressionou seu pênis contra ela, esfregando o comprimento duro de carne quente contra sua vagina - ...você vai se render a mim. Agora, olhos de anjo.

Ela estava em conflito consigo mesmo. Ela queria dizer as palavras, mas quando abria a boca, elas não saíam. Confusa e frustrada, ela finalmente conseguiu dizer: -Ajude-me.

-Você nunca vai mudar, mas você tem uma parte do meu lobo dentro de você, - disse ele, mantendo-a presa no lugar. -Ele está lutando por controle. Você tem que se entregar para mim. Diga-me o

que eu preciso ouvir. Force a besta em você para o seu devido lugar. Diga-me quem é que manda.

Ela queria gritar, mas não podia. O corpo dela ainda lutava, continuando a se contorcer debaixo de Emory. -V-você, - ela gaguejou, forçando a palavra a passar por seus lábios. Quando conseguiu pronunciar a palavra, percebeu que a luta dentro dela havia cessado e que já conseguia falar normalmente. -Você está no comando. Eu pertenço a você.

-Isso mesmo, - ele soltou o pescoço dela e passou a mão para baixo seguindo a curva de sua coluna vertebral. -Você pertence a mim.

Desta vez, quando ele se moveu atrás dela, colocou seu pau diante da entrada de sua vagina e empurrou dentro, forçando-a a levar tudo dele. Estrelas piscaram diante dos olhos dela e seu corpo parou de lutar. Ela afundou nos travesseiros porque seus braços não tinham forças para sustentá-la. Cada vez que ele impulsionava para frente e suas peles se chocavam, ela se aproximava mais do ponto de perder totalmente o controle. Quando ele passou os braços ao redor da cintura dela, trazendo-a de encontro ao seu peito, ela foi por vontade própria. Os joelhos dele estavam entre as pernas dela, mantendo-as abertas.

Uma mão dele segurava um seio enquanto a outra deslizou até sua vagina. Ele espalhou a nata que escorria de sua entrada para o clitóris, esfregando até que o pequeno botão ficou duro. Ela não achava que fosse possível chegar ao clímax novamente, mas ela estava errada. Seu corpo estremeceu, seus mamilos se tornaram mais duros e doloridos, devido ao ar frio que soprava contra eles.

-Mais um, - Emory ordenou. -Dê-me mais um, Mary.

Ela se concentrou nas sensações que a dominavam, eram intensas e animais. O pênis dele brincava com ela, deslizando dentro e fora, esticando-a cada vez que a invadia. Logo os pequenos choques em seu clitóris se intensificaram, viajando para se juntar ao calor em seu abdômen.

-Emory, - ela gemeu, concentrando-se em como era bom o que ela estava sentindo, em como seria incrível quando ela gozasse com ele assim, entrando nela por trás. Ondas de fogo atravessaram o corpo dela e ela agarrou a mão que ele usava para apertar seu seio. Ela arqueou as costas e empurrou contra ele, presa em um turbilhão de sensações que pareciam levá-la através do teto e além.

Os lábios dele roçaram seu ombro. Então, ela sentiu uma queimadura afiada quando ele afundou os dentes em sua pele. Seu pênis empurrando dentro dela, jatos quentes de sêmen banhando seu ventre. Pequenas descargas correram pelos braços dela quando ele gritou, o som abafado pela pele dela presa contra a sua boca. Ele não parou de se mover, impulsionando seus quadris enquanto seu pênis ficava duro outra vez dentro dela e disparava outro jato quente. Ela não soltou a mão dele, tentando recuperar o fôlego quando ele reduziu a velocidade e finalmente parou.

Quando ele tirou os dentes do ombro dela, ela fez uma careta. Ele murmurou um pedido de desculpas e começou a lambe-la sobre a pele, cicatrizando as perfurações doloridas com sua saliva.

Ela estava cansada demais para se mover quando ele virou seus corpos de modo que ela descansou a cabeça sobre o travesseiro enquanto seu corpo ficava de lado. Ele posicionou-se atrás dela,

puxando-a para seus braços. Ela sorriu e levou a mão dele à boca para um beijo rápido. Se pudesse escolher como seria seu futuro, ela queria que a cada dia ela tivesse momentos como esse. Ela saberia valorizar cada momento, pois entendia que foi muita sorte ter uma segunda oportunidade. Um forte cansaço minava o que restava de suas forças, e ela sentiu suas pálpebras pesadas.

-Algum arrependimento? - Emory perguntou contra o topo de sua cabeça.

Ela tinha um monte de arrependimentos, mas nenhum era sobre o que eles haviam feito. As escolhas que ela tinha feito não poderiam ser mudadas. Tudo o que ela podia fazer era aprender com seus erros. E ela tinha a intenção de aproveitar cada minuto com o homem com quem compartilhava a cama. Um homem que pertencia a ela tanto quanto ela lhe pertencia. Uma sensação de paz caiu sobre ela no momento em que tomou consciência de que nunca mais estaria sozinha.

Ela bocejou, piscando, tentando permanecer acordada. -Só o de ter demorado tanto tempo para chegar aqui.

-Eu te amo, - ele sussurrou.

Mesmo a emoção de ouvir novamente essas palavras não foi suficiente para impedi-la de se entregar ao sono. Ainda assim, ela conseguiu dar voz a seus sentimentos antes de fechar os olhos.

-Eu te amo.

EPÍLOGO

Uma semana depois

-Posso abrir meus olhos agora? - perguntou Mary.

Uma carranca apareceu em seu belo rosto quando suas sombrancelhas se uniram. Emory reprimiu um sorriso, segurando um pequeno pacote que se contorcia em seus braços. Ela queixou-se quando ele a fez fechar os olhos antes de irem para dentro do celeiro que ficava na parte de trás da propriedade de Diskant, e impaciente tentou utilizar o vínculo para descobrir do que se tratava.

Ele tentou parecer irritado com a intromissão, embora estivesse se divertindo com a situação. -Tudo bem, senhora impaciente. Vá em frente e abra os olhos.

A carranca em seu rosto foi substituída por um sorriso quando viu o filhote de cachorro que ele trazia nos braços. -Sério? Ele é tão adorável. Ele é meu? - ela falou eufórica e estendeu a mão para pegar o cão que ainda estava se contorcendo.

-Ele é todo seu, meu amor.

Emory entregou o cachorro, aliviado por ter feito a escolha certa. Quando sua companheira havia dito que queria um cachorro,

ele não tinha certeza de que raça ela queria. Pessoalmente, ele não gostava da ideia de ter um animal pequeno. Ele queria um animal que pudesse protegê-la, um que fosse grande e forte. A casa que Diskant comprou ficava dentro de uma propriedade de cinco hectares – protegida por guardas, câmeras e cercas. Havia muito espaço para um cão de grande porte, a área arborizada era perfeita para que ele pudesse se exercitar. Considerando que ele também precisava garantir a segurança de Ava – que estava grávida – ele decidiu comprar um animal que pudesse proteger a família - um Boxer¹². Diskant ainda lamentava a morte de Oscar, mas Emory esperava que ele e Ava pudessem vir a amar o cão de pelo castanho claro e olhos também castanhos e curiosos.

-Vamos. - Ele sorriu quando o cachorro lambeu o rosto de Mary e choramingou. -Ele já ficou muito tempo trancado aqui. Vamos levá-lo lá para fora.

-Coitadinho, - ela murmurou em um sussurro baixo e o seguiu. -Mantido em um celeiro escuro. Não se preocupe, eu vou cuidar de você. Você é um filhotinho de cachorro muito doce.

A luz do sol os atingiu, mas não aliviou o ar frio do inverno. Mary tentou aproximar mais o filhotinho do seu peito, mas ele lutou para se libertar. Ela soltou um suspiro e o colocou para baixo. O cachorro correu imediatamente, farejando tudo que encontrou em seu caminho. Determinado a não deixar sua mulher com as mãos vazias, Emory se aproximou e a pegou nos braços. Ela suspirou e se apoiou nele.



-Tem certeza que Ava e Diskant não vão se importar? - ela perguntou em voz baixa.

-Esta é a nossa casa também, - ele lembrou. -E não, eles não vão se importar. Eu perguntei.

-Nós nos encontramos tão pouco com eles. - Mary aconchegou-se mais perto, apoiando as mãos nos quadris dele. -A casa é tão grande.

Isso não era um exagero.

Quando Diskant havia dito a Emory sobre a fazenda, ele comentou que era grande. Emory imaginou que devia ter um celeiro e, talvez, uma casa recém-reformada. Ele jamais teria imaginado que a casa para onde ele havia se mudado com sua companheira havia apenas uma semana foi construída recentemente e era enorme, com mais de dois mil metros quadrados de área construída. Havia tantos quartos que Ava estava reclamando sobre ter que mobiliar a todos, desejando um espaço menor. Para manter a privacidade, Diskant tinha colocado a maior distância possível entre os casais, dando a Emory muito tempo sozinho com sua companheira. A cozinha, os quartos de hóspedes e a sala de entretenimento estavam localizados perto do centro da casa, enquanto os quartos que eles ocupavam ficavam mais na periferia da casa.

-Você está dizendo que está ficando cansada da minha companhia? - Ele deslizou a mão para baixo até que a palma repousou na parte inferior das costas dela, bem próxima a sua bunda.

-Não. - Ela se contorceu contra ele e ele rosnou. -Eu estou apenas fazendo uma observação.

-Eu sugiro que nós aproveitemos nosso isolamento enquanto dure. Diskant pretende convidar Doc para morar aqui, pelo menos até que Ava tenha o bebê.

Na verdade, Diskant já tinha abordado o médico da matilha e feito a proposta. Doc recusou e insistiu para Diskant pedir que uma das parteiras da matilha se mudasse para a casa e acompanhasse sua companheira durante a gravidez.

-Ele está apenas preocupado com Ava. É natural. - Ela se moveu para o lado e olhou para o cachorro, que estava atacando um galho de árvore. -Então, como vamos chamá-lo?

-Isso é com você. - Ele tentou colocar o queixo sobre a cabeça dela, mas ela continuava se movendo para observar o cachorro.

-Que tal Rocky?

-Rocky? - ele riu, divertindo-se com a sua escolha.

-Pense nisso. Um Boxer¹³ chamado Rocky. É perfeito.

Ele levantou a cabeça quando um formigamento percorreu a parte de trás do seu pescoço, seus olhos correndo ao redor da área. Desde o dia do ataque, Diskant havia contratado shifters solteiros de fora do estado para fazer a segurança da sua casa. A matilha precisava de cada membro na cidade para manter as coisas em ordem, sem se preocupar com o Ômega e sua companheira. Emory sabia que não havia nenhuma maneira que alguém poderia violar o perímetro. Detectores de movimento foram instalados ao redor dos

¹³ Boxeador / Pugilista

limites da propriedade, bem como havia câmeras que eram monitoradas por guardas no prédio de segurança que ficava perto dos portões da frente.

-Emory? Você está bem? - O tom de voz preocupado de Mary trouxe sua atenção de volta para ela. Ele deu-lhe um sorriso encorajador, esperando que ela não tivesse percebido sua reação.

-Eu estou bem. Eu só estava pensando que está muito frio para ficar aqui fora. Devemos pegar Rocky e voltar para a casa. Eu posso acender a lareira na sala, se quiser. Podemos até mesmo assistir a um filme.

-Sério? - ela não parecia convencida. -E sobre a matilha? Eu pensei que você estava ajudando Trey a administrar as coisas.

-Vamos Rocky, - ele a soltou e deu um passo para trás. -Vamos conversar quando chegarmos lá dentro.

Ele a conhecia tão bem que Emory estava ciente que ela estava tentada a discutir. Felizmente ela fez o que ele pediu e correu para pegar o cachorro e seu ramo, que estava sendo mastigado. Ele respirou fundo e tentou não pensar em seu irmão. Sua esperança de ter um relacionamento real com seu irmão não estava funcionando como o planejado. Trey estava muito agitado, muito fodidamente de pavio curto. No início Emory tinha atribuído o comportamento de Trey ao fato de ter voltado a ser o Alfa. Infelizmente, como o passar dos dias, ficou claro que outra coisa o estava incomodando.

Emory rangeu os dentes.

Alguma coisa estava acontecendo com Nathan também. Era como se o Alfa e o Beta compartilhassem algum tipo de segredo que

não queriam que a matilha descobrisse. Com os Pastores batendo à sua porta, não era muito inteligente andar sempre irritado. Um movimento errado e Trey seria desafiado como Alfa, algo que poderia matá-lo se ele enfrentasse o adversário errado. Apesar de que seu irmão era bastante forte e capaz, havia sempre alguém mais jovem que estava ansioso por poder.

-Peguei, - Mary pegou o filhote, deixando o galho no chão. -Você está pronto para ir para dentro? Eu vou arrumar para você uma boa cama quente. Então nós vamos encontrar algo bom para você comer. Aposto que você gostaria disso, não é?

-Na verdade, eu já providenciei tudo. - Ele afastou suas preocupações assim que olhou novamente para ela, o cabelo loiro balançando ao redor dos ombros enquanto ela caminhava com o filhote no colo, seu rosto finalmente começando a preencher uma vez que ela estava comendo melhor.

-Você é cheio de surpresas, não é?

Ele esperou até que ela estivesse perto o suficiente e puxou-a para si, parando de apertá-la apenas porque o cachorro estava preso entre eles. -Olhos do anjo, você não tem ideia das surpresas que tenho reservadas para você. - Ele deslizou os dedos pelos cabelos até que a palma da mão descansou contra sua garganta. -Por que não deixamos a lareira e o filme para outro dia? Eu posso aquecê-la e entretê-la sem eles.

Desta vez, quando ela sorriu seus olhos mudaram de cor. O castanho se transformou em um ouro brilhante, combinando com sua pele clara. A primeira vez que ela viu seus olhos mudarem de cor, ela ficou fascinada. Ele disse a ela que era devido à grande emoção e

excitação, e que esse era o único indício de que ela havia feito um vínculo de sangue com um shifter. Ela não acreditou que ele havia demonstrado a ela o que estava dizendo ali mesmo, em frente ao espelho do banheiro, fodendo-a por trás enquanto eles observavam a si mesmos refletidos. A cor dourada não desapareceu, tornando-se mais forte à medida que se aproximava o clímax.

-O que você tem em mente? - ela perguntou com um murmúrio sensual baixo.

A calça jeans dele tornou-se desconfortável, seu membro tão duro e inchado que pressionava contra o tecido. Mary não precisava lhe dizer o que estava se sentindo, ele podia cheirar no ar. O casaco que ela vestia o impedia de ver seus seios, mas ele sabia que os mamilos dela estavam duros, prontos para serem provocados por sua boca e dedos.

-Vamos entrar e eu vou lhe mostrar. - Colocando a mão na parte inferior das costas dela, ele a impulsionou para andar. -Está começando a esfriar aqui fora.

-Isso é estranho. - Ela olhou para ele através de seus longos cílios, os olhos ainda com aquele tom dourado. -Eu acho que está bastante quente.

A sensação de estar sendo observado retornou. Ele não respondeu à provocação de Mary, apenas continuou conduzindo-a para casa. Ele não diminuiu o passo nem olhou para trás enquanto cruzava a distância do celeiro até a casa. Talvez ele estivesse preocupado com nada. Estar em uma casa com um Ômega e sua fêmea grávida era suficiente para abalar os nervos de qualquer um. Mary não percebeu a mudança em seu humor, tão entretida que

estava com o filhote. E ele estava grato por isso. Ele não queria que ela se preocupasse, não agora que ela estava começando uma nova vida em sua nova casa. Ela parecia feliz, as cicatrizes de seu passado ainda estavam marcadas em seu corpo mas, lentamente, desapareciam de sua mente.

Ele abriu a porta de tela que conduzia para fora da área da enorme piscina. Depois que eles passaram, ele fechou-a e colocou a trava. As luzes da casa os acolheram, brilhantes, alegres, serenas. Ele tentou não se concentrar no mal-estar que corria através de seu corpo, e se esforçou para sorrir quando Rocky puxou uma mecha de cabelo de Mary entre os dentes e ela riu.

Se de fato eles estavam sendo observados, os filhos da puta eram espertos o suficiente para fazê-lo à distância. Nenhum deles poderiam impedi-los de manter vigília – nem a matilha, nem o Ômega e nem mesmo a polícia. Mesmo se ele pedisse a Kinsley para usar seus contatos na polícia e investigar, eles iriam lhe pedir detalhes. As sensações que ele sentia não eram uma prova sólida de nada.

Eles atravessaram portas de vidro duplas que levavam para a cozinha. Uma vez lá dentro, ele fechou as portas e ligou o alarme. Um assobio alto ecoou no espaço aberto. Ele se virou para olhar para fora das portas de vidro, imaginando quem poderia estar lá fora. Os Pastores certamente haviam fugido e estavam escondidos.

Então, quem diabos estava vigiando eles?

O som da risada de Mary fez com que ele desviasse os olhos da porta. Ela estava ajoelhada no chão brincando com seu presente. O cachorro lambeu o queixo dela e ela abaixou a cabeça para esfregar o rosto contra seu focinho. O coração dele se apertou, tão cheio de

emoção que ele teve que se beliscar para recordar que não estava sonhando. Isso era real. Esta era sua vida agora.

Ele finalmente havia encontrado Mary, marcou-a e a fez dele.

Ele iria protegê-la. Ninguém jamais a machucaria novamente.

Ninguém.

Depois de um último olhar para fora, ele sorriu para sua companheira e entrou na cozinha.



-Put a sem vergonha, - Nathaniel Shepherd cuspiu e baixou os binóculos.

Ele e os poucos integrantes de sua família que haviam sobrevivido estavam vigiando sua prima que havia se convertido em uma puta. Como eles eram apenas uns poucos, tudo que podiam fazer era observar. Por enquanto. Mas as coisas iriam mudar. Mary pagaria por matar seu pai - seu próprio tio - e trair seu próprio sangue.

-Não é seguro ficar aqui, - Daniel advertiu. -Você já viu o que precisava. Temos que partir.

Ele precisava enterrar seu pai, que morreu há dois dias.

Elijah Shepherd foi um fiel temente durante toda sua vida, combatendo o bom combate até que o Senhor chamou-o de volta para casa. O ódio era um pecado, mas ele não podia deixar de sentir raiva

e ressentimento. Seu pai era um seguidor das leis divinas, ele acreditava que era possível salvar a alma daqueles que eles capturavam para que tivessem uma chance de ir para o céu. Nathaniel não tinha tanta certeza. Eles haviam tentado resgatar Mary do pecado e mostrar-lhe por que era tão importante que não se desviasse do caminho da justiça, e olha o que eles haviam recebido em troca.

-Você recebeu alguma notícia dos outros que conseguiram escapar com vida? - perguntou Nathaniel, tentando controlar seu temperamento. -Eles encontraram um lugar seguro para se estabelecer?

-A maioria continua escondida por causa do ataque, mas uma boa notícia virá. Acredite no poder da oração, irmão, - disse Daniel, colocando uma mão no ombro de Nathaniel. -Acredito que vá demorar ainda algumas semanas antes de sabermos quantos sobreviveram, mas os que já estão em um lugar seguro estão esperando por nós. Recebi uma mensagem de que eles estão reunindo no Texas.

Naquele momento, tudo que ele queria era sair do seu esconderijo entre as árvores e invadir a casa que ficava a quilômetros de distância - um que ele não podia ver bem sem os binóculos na mão. Mas tudo que ele fez foi acenar com a cabeça. Daniel não compartilhava de suas opiniões ou pontos de vista. O jovem era de uma família de Pastores da Geórgia, e suas crenças eram tão antiquadas quanto as de Elijah. Se ele quisesse buscar a justiça pela morte de seu pai, ele teria que convencer os outros que era hora de uma mudança.

Nathaniel olhou para a casa ao longe, fazendo um juramento de que em breve ele estaria de volta. Mary podia desfrutar de sua vida agora, mas em algum momento no futuro ela iria pagar. Ela pediria perdão antes que ele purificasse e libertasse sua alma atormentada. Havia tantos planos para fazer. Tantas pessoas para convencer a segui-lo no caminho que ele pretendia trilhar.

-Vamos, - disse ele e em silêncio começou a longa descida do morro onde se encontrava para se reunir com o resto de seus irmãos.

A guerra estava longe de terminar.

Sua missão tinha apenas começado.



Pégasus *Lançamentos*





Aviso Um

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidades de redes sociais, principamnete facebook.

Quer baixar os livros do PL ? Entre no grupo de pate-papo, entre no forum ou blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL, ou envie por email a quem pedir

Postagens de livros no fascebook pode acarretar problemas ao PL !

Ajude-nos a preservar o grupo !

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela informe que leu os arquivos no idioma original, mas por favor, evite tocar no nome do PL para autoras e editoras!

Ajude-nos a preservar o seu grupo de romance!

A equipe PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com Comunidades/Foruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a digulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta(o)